Nora Roberts

escrevendo como

J.D. ROBB



# Natal MORTAL

# Natal Mortal

J. D. ROBB

SÉRIE MORTAL

*Nudez Mortal*

*Glória Mortal*

*Eternidade Mortal*

*Êxtase Mortal*

*Cerimônia Mortal*

*Vingança Mortal*

*Natal Mortal*

*Conspiração Mortal*

*Lealdade Mortal*

*Testemunha Mortal*

Nora Roberts

escrevendo como

j. d. robb

# Natal Mortal

2ª EDIÇÃO

*Tradução* Renato Motta

BERTRAND BRASIL

*Copyright*© 1998 *by* Nora Roberts

Título original: *Holiday in Death*

Capa: Leonardo Carvalho

Editoração: DFL

2007 Impresso no Brasil *Printed in Brazil*

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros - RJ

R545n Robb.J. D., 1950-
Natal mortal/Nora Roberts escrevendo como J. D. Robb;
tradução Renato Motta. — Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
392p.

Tradução de: Holday in death
1. Romance americano. I. Morta, Renato. II. Titulo.

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171–1º andar - São Cristovão
20921-380 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (0XX21) 2585-2070 – Fax: (0XX21) 2585-2087

*Que fera grosseira, quando finalmente é chegada a*
*Sua hora, se arrasta até Belém para nascer?*

— YEATS

*Ninguém atira em Papai Noel.*

— ALFRED EMANUEL SMITH

**CAPÍTULO UM**

Ela sonhava com a morte.

A luz vermelha com aparência de suja que vinha do anúncio em néon pulsava de encontro à janela empoeirada como um coração zangado. Seus reflexos transformavam as poças de sangue que brilhavam no chão de claro em escuro, claro em escuro, fazendo o aposento imundo surgir em nítidos contrastes para então mergulhá-lo novamente nas sombras.

Ela se encolheu no canto, uma menina magrinha com cabelos castanhos muito embaraçados e olhos imensos da cor do uísque que ele bebia quando conseguia algum dinheiro. A dor e o choque haviam feito seus olhos ficarem vidrados e sem vida, enquanto a sua pele adquiriu um tom acinzentado típico dos cadáveres. A menina olhava, hipnotizada pela luz piscante e pela forma com que ela rebatia nas paredes, no chão... sobre o corpo dele.

Ele, esparramado ali no piso arranhado, parecendo nadar no próprio sangue.

Pequenos sons primais retumbavam na garganta dela.

E em sua mão uma faca estava ensangüentada até o cabo.

Ele estava morto. Ela sabia que ele estava morto. Dava para sentir o cheiro forte e quente, o fedor do sangue que continuava a escorrer e enchia o ar abafado. Ela era uma criança, apenas uma criança, mas a porção animal dentro dela reconhecia o cheiro e, ao mesmo tempo, se regozijava com ele.

Sentia uma dor indescritível no lugar em que ele lhe quebrara o osso do braço. O espaço entre suas pernas ardia e um líquido escorria ali de dentro, devido ao último estupro que sofrerá. Nem todo o sangue espalhado à sua volta era dele.

Mas ele estava morto. Tudo acabara. Ela estava salva.

Então ele moveu a cabeça lentamente, como a de uma marionete, e a dor dela se transformou em terror.

Os olhos dele se fixaram nos dela, que tentou balbuciar algo e arrastou o corpo mais para trás, encolhendo-se no canto para onde se arrastara, tentando escapar dele. E então a boca morta abriu um sorriso.

*Você jamais vai se livrar de mim, garotinha. Sou uma parte de você. Sempre serei. Estarei dentro de você. Para sempre. E agora papai vai ter que castigá-la mais uma vez.*

Ele ergueu o corpo e ficou de quatro no chão. O sangue vinha em gotas grossas que faziam barulho ao pingar do rosto e das costas, formando um filete repulsivo que escorria dos ferimentos e lhe descia pelos braços. Quando conseguiu se colocar em pé e começou a cambalear na direção da menina, deixando um rastro vermelho no chão, ela gritou.

E ao gritar, acordou.

Eve cobriu o rosto com as mãos e em seguida apertou uma delas de encontro à boca para abafar os gritos desesperados que teimavam em lhe sair garganta afora como quentes cacos de vidro. Sua respiração ficou tão pesada que a cada expiração ela franzia o cenho com a dor que lhe atravessava o peito.

O medo a envolveu e lançou um bafo gelado que lhe desceu espinha abaixo, mas ela o dominou. Já não era mais uma criança indefesa e sim uma mulher adulta, uma policial que devia proteger e defender, mesmo quando a vítima era ela própria.

Já não estava sozinha em um horrível quarto de hotel, mas em sua própria casa. A casa de Roarke... Roarke.

Ao se concentrar nele, só de pensar em seu nome, ela começou a se acalmar.

Decidira dormir na poltrona reclinável do escritório de sua casa porque ele estava fora do planeta. Ela jamais conseguia repousar direito na cama de casal, a não ser que ele estivesse ao seu lado. Os pesadelos aconteciam raramente, quase nunca na verdade, quando ele dormia ao seu lado. Mas voltavam com freqüência quando ele não estava.

Ela odiava essa área de fraqueza e dependência em sua vida, e esse ódio era quase tão grande quanto o amor que desenvolvera por Roarke.

Virando-se na poltrona, buscou conforto pegando o gato cinza e gordo que estava encolhido ao seu lado, olhando para ela naquele instante com olhos estreitos e bicolores. Galahad já se acostumara aos pesadelos e parecia não se importar de ser acordado por eles às quatro da manhã.

— Desculpe — sussurrou ela, esfregando o rosto em seu pêlo macio. — Sou uma idiota mesmo. Ele morreu e nunca mais vai voltar. Os mortos não voltam. — Suspirou e olhou para o breu. — Eu devia saber disso.

Ela convivia com a morte, trabalhava com ela, rodeava seu mundo com ela, dia após dia, noite após noite. Em pleno mês de dezembro do ano 2058, as armas já haviam sido banidas e a ciência aprendera a prolongar a vida muito além dos cem anos.

O homem, porém, ainda não deixara de matar seu semelhante.

O trabalho dela era ficar ao lado dos mortos.

Em vez de se arriscar a ter outro pesadelo, Eve preferiu se levantar da poltrona e ordenou às luzes que se acendessem. Suas pernas já estavam mais firmes e seu pulso quase voltara ao normal. A dor de cabeça enjoada que sempre surgia depois de pesadelos como aquele ia acabar cedendo, lembrou a si mesma.

Na esperança de um desjejum antecipado, Galahad pulou da poltrona junto com a dona e se entrelaçou por suas pernas enquanto ela seguia em direção à cozinha.

— Primeiro eu, meu chapa — avisou Eve, programando o AutoChef para que ele preparasse o café automaticamente, enquanto ela colocava uma tigela de comida para gato no chão. O animal atacou o alimento com muita energia, como se aquela fosse a sua última refeição, e a deixou olhando pensativa pela janela.

A vista dali era uma imensa extensão de gramado, em vez da rua, e não havia tráfego aéreo. Era como se ela estivesse sozinha na cidade. Privacidade e quietude eram dádivas que um homem com a fortuna de Roarke podia comprar com facilidade. Ela sabia, no entanto, que além dos lindos canteiros, do outro lado do alto muro de pedra, a vida corria. E a morte a seguia de forma implacável.

Aquele era o seu mundo, pensou naquele momento, enquanto sorvia o café forte de boa qualidade e massageava o local de uma contusão recente que sofrerá no ombro e ainda causava certa rigidez. Assassinatos mesquinhos, grandes esquemas, acordos desonestos e gritos de desespero. Ela conhecia mais sobre essas coisas do que sobre o colorido carrossel de dinheiro e poder que girava em torno do seu marido.

Em momentos como aquele, em que se via sozinha e com o astral em baixa, ela se perguntava como foi que eles acabaram ficando juntos — a policial que era um exemplo de retidão, uma devota firme das linhas definidas pela lei e o seu exuberante irlandês que se enrascara nessas mesmas linhas e as ultrapassara durante toda a sua vida.

Um assassinato provocara o primeiro contato entre eles. Os dois eram almas perdidas seguindo rotas diferentes para sobreviver; porém, a despeito da lógica e do bom senso, haviam encontrado uma a outra.

— Nossa, eu estou com saudades dele. Isso é ridículo. — Aborrecida consigo mesma, saiu da janela pensando em tomar uma ducha e se vestir. A luz do *tele-link* começou a piscar, indicando uma chamada que estava sendo feita naquele exato momento, mas o aparelho não emitiu som algum. Sem dúvida a respeito de quem poderia estar chamando àquela hora, Eve atendeu a ligação e desbloqueou a tecla *mute*.

O rosto de Roarke apareceu na tela. E que rosto, pensou ela, observando uma de suas sobrancelhas se erguer. Ele era poeticamente belo, com cabelos negros que lhe emolduravam o rosto, pendendo, pesados e lisos, quase até a altura do ombro. Sua boca era sagaz, perfeitamente esculpida, e as maçãs do rosto fortes sob os olhos muito azuis.

Mesmo depois de quase um ano, a simples imagem daquele rosto fazia o seu sangue acelerar.

— Querida Eve... — Sua voz era suave como uísque irlandês. — Por que não está dormindo?

— Porque estou acordada.

Ela sabia o que ele vira em seu rosto ao analisá-lo. Ela não conseguia esconder quase nada de Roarke. Ele certamente já notara as olheiras de uma noite maldormida e a palidez do seu rosto. Sentindo-se desconfortável, ela encolheu os ombros e passou a mão pelos cabelos curtos e despenteados.

— Vou para a Central de Polícia mais cedo hoje — informou ela. — Tenho muita papelada para organizar.

Ele reparara em mais coisas do que ela supunha. Ao olhar para ela notara a sua força, a sua coragem e a sua dor. Vira também na estrutura firme do seu corpo, na boca com lábios carnudos e nos olhos fixos cor de conhaque um tipo de beleza que ela obviamente não reconhecia em si mesma. E como também notou o ar de cansaço que a envolvia, ele mudou de planos.

— Volto para casa hoje à noite.

— Pensei que você fosse ficar mais um ou dois dias aí em cima.

— Volto para casa hoje à noite — repetiu ele, sorrindo para ela. — Estou com saudades, tenente.

— É?... — Embora considerasse uma tolice completa o calorzi-nho que sentiu ao ouvir isso, ela devolveu-lhe o sorriso. — Talvez eu consiga algum tempo para ficarmos juntos quando você voltar.

— Pois faça isso.

— Foi por esse motivo que você ligou? Para me avisar que ia voltar antes do previsto?

Na verdade ele pretendia deixar uma mensagem para ela avisando-a de que ainda ia demorar mais um ou dois dias, para em seguida tentar convencê-la a se juntar a ele a fim de passarem o fim de semana no Olympus Resort. Mas simplesmente sorriu para ela, completando:

— Só queria informar à minha esposa sobre meus planos de viagem. Volte para a cama, Eve.

— Sim, talvez eu faça isso. — Ambos, porém, sabiam que tal coisa não aconteceria. — Vejo você logo mais à noite. E... Roarke?

— Sim?

— Eu também estou com saudades. — Ela ainda precisava respirar fundo antes de dizer coisas como aquela. Desligou e ficou com a imagem do sorriso dele na mente. Sentindo-se mais firme, levou o café com ela enquanto se preparava para mais um dia de trabalho.

Eve não saiu exatamente de mansinho, mas tentou não fazer ruídos. Ainda não eram nem cinco da manhã, mas ela sabia que Summerset estava por ali, em algum lugar. Preferia, sempre que possível, evitar o mordomo sargentão que trabalhava na casa. Talvez não existisse termo melhor para descrever o homem que sabia de tudo o que acontecia na residência, cuidava de tudo e metia o nariz comprido o tempo todo em todas as coisas que Eve considerava assuntos pessoais.

Desde que o último caso que ela resolvera os colocara mais próximos do que qualquer um dos dois gostaria, Eve suspeitava que ele a estava evitando tanto quanto ela a ele, e isso já estava acontecendo havia duas semanas.

Lembrando toda a história, esfregou a mão de forma distraída em um ponto logo abaixo do ombro. O lugar ainda incomodava um pouco de manhã ou depois de um longo dia de trabalho. Receber um golpe com a carga máxima da própria arma era uma experiência que não pretendia repetir nesta nem em qualquer outra vida. Pior do que isso foi a forma com que Summerset enfiara remédios por sua goela abaixo, quando ela ainda estava fraca demais para dar um chute no traseiro dele.

Eve fechou a porta atrás de si, respirou fundo, inalando o ar frio de dezembro, e em seguida praguejou com violência.

Ela havia deixado seu carro em frente à escadaria de entrada da casa, pois sabia que isso deixava Summerset profundamente irritado. Ele, por sua vez, o levara para a garagem porque sabia que isso a deixava revoltada. Resmungando por não ter se lembrado de trazer o controle remoto para abrir a porta da garagem e mandar vir o carro, Eve caminhou em volta da casa, com as botas esmagando a grama congelada. As pontas das suas orelhas lhe provocavam fisgadas de frio e o nariz começou a escorrer.

Eve trincou os dentes com força e digitou o código no painel da porta com os dedos sem luvas, conseguindo então entrar na garagem limpíssima e maravilhosamente aquecida.

Havia dois níveis com veículos reluzentes, bicicletas motorizadas, motos aéreas e até mesmo um helicóptero muito pequeno para dois passageiros. Seu veículo verde-ervilha mais parecia um vira-latas pulguento no meio de galgos bem cuidados. Pelo menos era novo, lembrou a si mesma, enquanto se instalava por trás do volante. Além disso, tudo nele funcionava direito.

O motor deu partida como que por mágica. O som era suave e estável. Ao seu comando de voz, o calor começou a sair com suavidade através das grades frontais. O painel se acendeu, indicando a inspeção eletrônica de rotina, e em seguida uma voz suave comunicou a ela que todos os sistemas estavam operando bem.

Ela não contaria a ninguém nem sob tortura, mas a verdade é que sentia falta dos caprichos e ranhetices do seu antigo carro.

Em velocidade baixa, saiu da garagem e seguiu pela alameda em curva, na direção dos portões

de ferro. Eles se abriram para ela de par em par, de forma suave e silenciosa.

As ruas naquele bairro exclusivo eram limpas e sossegadas. As árvores do grande parque estavam cobertas por uma fina camada de gelo brilhante, como uma malha de diamantes. Por trás das sombras, traficantes de drogas químicas e violentos cobradores de dívidas deviam estar encerrando os trabalhos da noite, mas naquela vizinhança havia apenas prédios de pedra, avenidas largas e a quietude que precede o amanhecer.

Ela já estava vários quarteirões longe de casa quando o primeiro anúncio luminoso surgiu, lançando luzes brilhantes e movimentos na noite. Papai Noel, com as bochechas vermelhas e um sorriso largo demais, o que imediatamente a fez imaginar um elfo gigantesco com overdose de Zeus, seguia pelo céu, atrás de suas renas, soltando *ho-ho-hos* escandalosos, ao mesmo tempo que avisava a população sobre quantos dias faltavam para o Natal.

— Sei, sei, já ouvi, seu gordo sem-vergonha — disse e franziu o cenho, parada em um sinal vermelho. Jamais, em toda a sua vida, precisara se preocupar com as festas de fim de ano. Até agora. Nos anos anteriores, tudo o que tinha a fazer era encontrar qualquer coi-sinha ridícula para Mavis e algo comestível para Feeney.

Não havia mais ninguém em sua vida para quem embrulhar presentes.

Agora, que diabos ela poderia comprar para um homem que não apenas tinha todas as coisas, como também era dono da maioria das fábricas e montadoras que as produziam? Para uma mulher que preferia receber um soco a tirar uma tarde para compras, aquilo era um sério dilema.

O Natal, decidiu ela, enquanto Papai Noel continuava a apregoar a variedade de lojas e opções dos shoppings aéreos da *BigApple*, era um saco!

Mesmo assim, seu ânimo melhorou um pouco logo que ela alcançou o tráfego previsivelmente lento da Broadway. Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, a festa parecia eterna ali. As passarelas rolantes estavam lotadas de pedestres, muitos deles bêbados, drogados ou ambos. Carrocinhas flutuantes que vendiam comida pareciam tremular no ar gelado em meio à fumaça de churrasquinhos diversos. Quando um ambulante conseguia um ponto naquela área, segurava-o com unhas e dentes.

Ela abriu a janela do carro um pouquinho e sentiu o aroma das castanhas cozidas, dos cachorros-quentes de carne de soja, de fumaça e da multidão de pessoas. Alguém repetia uma ladainha a respeito do fim do mundo que se aproximava. Um taxista apertava a buzina com força, colocando-se muitos decibéis acima das leis antipoluição sonora, enquanto os pedestres se despejavam sobre a pista diante dos faróis do seu carro.

Acima do nível da rua, os primeiros ônibus aéreos e alguns dirigíveis de propaganda anunciavam as muitas atrações da cidade.

Eve reparou o momento exato em que uma briga feroz teve início entre duas mulheres. Eram acompanhantes autorizadas, avaliou ela. Este era um eufemismo para o termo *prostitutas* e elas precisavam defender o seu território com a mesma ferocidade dos vendedores de comidas e bebidas. Eve pensou em dar uma parada e separá-las, mas a lourinha derrubou a ruiva alta com um soco e saiu correndo como um coelho assustado, misturando-se com a multidão.

Muito bem, aprovou Eve, quando viu a ruiva novamente em pé, balançando a cabeça ainda meio atordoada, enquanto despejava criativas obscenidades.

Tudo aquilo, pensou Eve com afeição, era Nova York.

Saiu do fluxo principal e virou, com certa tristeza, na relativa calma da Sétima Avenida, para seguir rumo ao centro. Ela precisava voltar à ação, pensou. As semanas em que ficara parada, recuperando-se, deixaram-na irritada e sentindo-se inútil. Fraca. Ela dispensara a última semana de licença médica e insistira em passar pelo exame que a liberaria para trabalhar.

Passou por pouco nos testes e tinha consciência disso.

O fato, porém, é que passara e estava de volta ao trabalho. Agora só faltava convencer o comandante a tirá-la de trás da mesa e enviá-la novamente para as ruas. Aí, então, seria uma mulher feliz.

Quando uma mensagem de rádio chegou, ela tentou não prestar atenção. Afinal, seu turno só ia começar oficialmente dali a três horas.

*Atenção unidades que estejam nas imediações: um código 1222 foi registrado na Sétima Avenida, número 6.843, apartamento 18-B. Ainda não há confirmação da ocorrência. Procurar o morador do apartamento 2-A. Atenção todas as unidades nas imediações da...*

Eve atendeu antes mesmo de a emergência repetir o chamado.

— Emergência, aqui é a tenente Eve Dallas. Estou a dois minutos do local da ocorrência e respondendo ao chamado.

*Positivo, tenente Eve Dallas. Favor reportar-se assim que chegar ao local.*

— Afirmativo. Câmbio final.

Ela parou junto ao meio-fio e deu uma olhada no prédio acinzentado, todo revestido de aço. Algumas janelas estavam acesas, mas ela notou que o décimo oitavo andar estava todo às escuras. Código 1222 significava denúncia anônima relatando briga doméstica.

Eve saiu do carro e apalpou a lateral da cintura, por instinto, para se certificar de que a arma estava ali. Não se importava de enfrentar problemas logo cedo, mas não havia um policial sequer, vivo ou morto, que não detestasse resolver rixas domésticas.

Nada agradava mais a um marido, mulher ou companheiro do mesmo sexo do que cair de pau em cima de um policial, um pobre coitado que chegava em sua casa só para tentar impedi-los de se matarem um ao outro por causa do dinheiro do aluguel, por exemplo.

O fato de ela se oferecer como voluntária para resolver uma encrenca como aquela era reflexo da sua insatisfação com o trabalho burocrático que vinha realizando.

Eve subiu com agilidade o pequeno lance de escadas e tocou no apartamento 2-A.

Exibiu seu distintivo quando um homem a atendeu, falando pela fresta da porta, e quase o esfregou nos olhos miúdos que apareceram quando ele a abriu.

— Algum problema por aqui? — perguntou ela.

— Não sei. A polícia ligou para cá. Sou o síndico, mas não sei de nada.

— Dá para notar. — Ele fedia a roupa suja e, inexplicavelmente, queijo. — O senhor poderia me levar até o apartamento 18-B?

— Para quê? Vocês da polícia têm um cartão mestre para abrir portas, não têm?

— Temos. Tudo bem. — Eve deu uma olhada nele rapidamente: baixinho, magricela, fedorento e apavorado. — Que tal me dar pelo menos algumas dicas a respeito dos ocupantes do apartamento?

— Mora apenas uma pessoa lá. Mulher, solteira. Divorciada ou algo assim. Discreta, está sempre na dela.

— São todas assim — murmurou Eve. — Sabe o nome da moradora?

— Marianna Hawley. Tem uns trinta, trinta e cinco anos. Muito bonita. Mora aqui há uns seis anos. Nunca deu problemas. Escute, eu não ouvi nada, não vi nada, não sei de nada. São cinco e meia da manhã, droga. Se ela quebrou alguma coisa do apartamento, quero ser informado. Se não quebrou, o que ela fez não é da minha conta.

— Certo... — Eve nem teve tempo de dizer alguma coisa para a porta que se fechou na sua cara. — Volte para a sua toca, seu cara de fuinha. — Eve mexeu os ombros, exercitando-os ligeiramente, e atravessou o corredor na direção do elevador. Assim que entrou, pegou o comunicador. — Aqui é a tenente Eve Dallas. Cheguei ao local da ocorrência na Sétima Avenida. O síndico do prédio é um mané e já tirou o corpo fora. Torno a ligar assim que interrogar Marianna Hawlev, residente do apartamento 18-B.

*Precisa de reforço, tenente?*

— No momento não. Dallas desligando.

Enfiando o comunicador no bolso de trás da calça, saiu no décimo oitavo andar. Com uma rápida olhada para o alto, reparou que as câmeras de segurança estavam no lugar e funcionando. O corredor parecia silencioso como uma igreja. Pelo tipo de decoração e pela localização do prédio, deduziu que a maioria dos moradores trabalhava em escritórios e pertencia à classe média. Poucos deles iriam se levantar da cama antes das sete da manhã. Tomariam o seu desjejum às pressas e sairiam correndo para pegar o primeiro ônibus aéreo ou o primeiro vagão de metrô em que conseguissem entrar. Os mais afortunados simplesmente se conectariam com o escritório para trabalhar a partir de casa mesmo.

Algumas mulheres levariam as crianças para a escola. Outras se despediriam do marido com um beijo e ficariam à espera do amante.

Vidas comuns em um lugar comum.

Passou-lhe pela cabeça que havia grandes possibilidades de Roarke ser o dono do prédio inteiro, mas não elaborou a idéia, pois já estava diante do apartamento 18-B.

A luz de segurança estava verde. Desativada. Por instinto, saiu da frente da porta e esticou o braço para apertar a campainha. Não ouviu o som abafado que esperava e percebeu que o apartamento devia ser à prova de som. O que acontecia lá dentro ninguém ficava sabendo do lado de fora. Levemente irritada, pegou o seu cartão mestre e digitou um código para destrancar a fechadura eletrônica.

Antes de entrar, gritou bem alto para alertar quem estivesse em casa. Nada pior, pensou, do que acordar alguém e vê-lo aparecer diante dela, assustado e com uma faca de cozinha ou uma arma de atordoar caseira.

— Sra. Hawley? Aqui é a polícia! Alguém ligou informando sobre problemas neste local. Acenda as luzes! — ordenou, e as lâmpadas da sala de estar iluminaram todo o aposento.

O ambiente era bonito e discreto. Cores suaves, estilo simples. No telão estava passando um filme antigo. Duas pessoas incrívelmente atraentes rolavam nuas sobre uma cama coberta com pétalas de rosa, gemendo de forma teatral.

Havia uma *bonbonnière* sobre a mesa, diante do sofá verdeacinzentado. Estava cheia até a boca com jujubas açucaradas. Castiçais prateados com velas vermelhas de várias alturas, todas acesas, estavam ao lado das balas, formando um belo conjunto.

A sala toda cheirava a amora e pinho.

Eve notou de onde vinha o cheiro. Um lindo pinheirinho estava tombado de lado, diante da janela. Suas luzinhas piscantes e os rostinhos de anjo que serviam de enfeite estavam esmagados, e alguns galhos haviam sido quebrados.

Pelo menos uma dúzia de caixas embrulhadas para presente estavam igualmente amassadas sob a árvore.

Eve pegou a arma e circulou pela sala, devagar.

Não havia outros sinais de violência, pelo menos ali. O casal na tela alcançara o clímax ao mesmo tempo, lançando gemidos guturais animalescos. Eve passou direto pelo telão onde eles estavam e parou para escutar com toda a atenção.

Ouviu música. Calma, alegre, monótona. Não identificou o nome da canção, mas sabia que era uma das insidiosas musiquinhas de Natal que tocavam em toda parte nas últimas semanas de dezembro.

Levantou a arma na direção de um corredor curto. Duas portas apenas, ambas abertas. Em um dos cômodos, viu uma pia, um vaso sanitário e a borda de uma banheira, todos em louça branca muito brilhante. Mantendo as costas grudadas na parede, deslizou devagar rumo à segunda porta, onde a música continuava a tocar sem parar.

Foi quando sentiu o cheiro de morte recente. Um aroma amargo e levemente adocicado. Escancarando a porta, viu de onde vinha.

Entrou no quarto balançando o corpo para a direita e para a esquerda, com os olhos abertos e os ouvidos atentos. Sabia, porém, que estava sozinha com o que restara de Marianna Hawley. Mesmo assim, verificou o closet, olhou atrás das cortinas e saiu do quarto para fazer uma busca pelo resto do apartamento antes de baixar a guarda.

Só então se aproximou da cama.

O síndico do 2-A tinha razão, pensou. A mulher era muito atraente. Não deslumbrante, de parar o tráfego, mas tinha belas feições, cabelos castanho-claros e olhos verde-escuros. A morte ainda não tivera tempo de lhe roubar a beleza.

Seus olhos estavam surpresos, esbugalhados, como era comum em mortes violentas. Seu rosto pálido estava cuidadosamente maquiado com cores suaves. Seus cílios estavam pintados e a boca exibia tonalidade vermelho-cereja. Um ornamento estava preso ao seu cabelo, logo acima da orelha direita — uma árvorezinha brilhante com um pássaro emplumado dourado, pousado em um dos seus galhos.

Estava nua, a não ser pelo broche e pelo festão prateado artisticamente enrolado ao redor do seu corpo. Eve perguntou a si mesma, ao analisar a marca roxa em volta do pescoço, se o festão fora usado para estrangulá-la.

Havia outras marcas roxas nos pulsos e nos tornozelos, indicando que a vítima provavelmente fora amarrada e tivera algum tempo para se debater antes da morte.

Na caixa de som instalada ao lado da cama, um cantor continuava a entoar a musiquinha, desejando a todos um feliz Natal.

Dando um suspiro, Eve pegou o comunicador.

— Emergência, aqui fala a tenente Eve Dallas. Temos um caso de homicídio.

— Que jeito terrível de começar o dia! — A policial Peabody disfarçou um bocejo e analisou a vítima com olhos atentos e muita perícia. Apesar de ainda ser terrivelmente cedo, o uniforme de Peabody estava impecável, muito bem passado, e seus cabelos castanhos cortados bem curtos e retos estavam todos espantosamente no lugar.

A única coisa que indicava que ela fora rudemente arrancada da cama era o vinco do travesseiro na bochecha esquerda.

— Que jeito terrível de acabar o dia — murmurou Eve. — O exame preliminar determinou que a morte ocorrera exatamente à meia-noite. — Moveu-se para o lado, a fim de deixar a equipe de legistas verificar os dados. — Tudo indica que a causa da morte foi estrangulamento. A ausência de outros ferimentos nos leva a crer que a vítima não começou a lutar para se defender até estar bem amarrada.

Com cuidado, Eve levantou o tornozelo esquerdo da morta e examinou a pele lacerada.

— Lesões vaginais e anais indicam que ela foi violentada sexualmente antes de ser morta. O apartamento é à prova de som. Ela deve ter se esgoelado.

— Mas eu não vi nenhum sinal de entrada forçada nem de luta na sala de estar, exceto pela árvore de Natal tombada. Ela parece ter deixado o assassino entrar deliberadamente.

Eve concordou, lançando um olhar de aprovação para Peabody.

— Bom olho o seu. Vá procurar o homem do apartamento 2-A, Peabody, e recolha os discos com as gravações do sistema de segurança deste andar. Vamos ver quem veio visitá-la.

— Agora mesmo!

— Coloque dois guardas para interrogar os vizinhos — acrescentou Eve enquanto se encaminhava para o *tele-link* ao lado da cama. — E alguém, por favor, quer desligar essa droga de musiquinha?

— Parece-me que o seu espírito de Natal já está desligado, senhora! — Peabody apertou o botão do som com força, usando um dedo protegido por spray selante.

— Acho o Natal um pé no saco! Vocês já acabaram aqui? — quis saber ela, dirigindo-se à equipe de legistas. — Vamos virar o corpo antes de ensacá-lo.

O sangue descera para a parte de trás do corpo e se acomodara nas nádegas, conferindo-lhes

um tom doentio de vermelho. A bexiga e os intestinos haviam se esvaziado com os estertores. Através da camada selante que cobria suas mãos, Eve sentiu a textura típica de boneco de cera que se instalara na pele.

— Isso aqui parece bem recente — murmurou. — Peabody, grave esta imagem antes de descer. — Eve analisou a brilhante tatuagem na omoplata direita da vítima, enquanto Peabody chegava a câmera bem perto para gravá-la com detalhes.

— Meu Verdadeiro Amor. — Peabody apertou os lábios ao ler a mensagem com tinta vermelha tatuada em letras que pareciam ter sido feitas à mão sobre a pele muito branca.

— Acho que é uma tatuagem temporária. — Eve se inclinou mais, até o nariz quase encostar no ombro e cheirou o local. — Foi aplicada há bem pouco tempo. Vamos verificar que salão ela freqüentava.

— Uma perdiz numa pereira.

— O quê? — Eve se empertigou e levantou uma sobrancelha ao olhar para sua auxiliar.

— No cabelo da vítima, o prendedor colocado ali. No primeiro dia de Natal... — cantarolou Peabody e, ao perceber que Eve continuava sem expressão alguma no rosto, informou: — É uma velha canção de Natal, tenente. O nome é "Os Doze Dias do Natal". O autor envia ao seu verdadeiro amor um presente para cada dia, começando com uma perdiz numa pereira.

— Mas para que diabos alguém vai se interessar por um presente desses? O que se faz com uma perdiz numa pereira? Que presente idiota! — Uma terrível suspeita, porém, já se instalara em seu estômago. — Vamos torcer para que esta aqui seja o único amor verdadeiro do assassino. Entregue-me essas gravações e depois pode ensacá-la — ordenou e então foi novamente até o *tele-link* ao lado da cama.

Enquanto o corpo era removido, Eve ordenou que aparecessem na tela todas as transmissões feitas e recebidas pelo aparelho nas últimas vinte e quatro horas.

A primeira fora feita daquele aparelho mesmo, logo depois das seis da tarde do dia anterior — um papo alegre entre a vítima e a sua mãe. Ao ouvir a conversa e analisar o rosto sorridente da mãe, Eve pensou como aquela mulher iria reagir ao receber a notícia de que a filha estava morta.

A única outra transmissão viera de fora. Um sujeito boa-pinta, avaliou Eve, olhando para o rosto que surgira na tela. Trinta e poucos anos, sorriso fácil, olhos castanhos sensíveis e profundos. Jerry foi como a vítima o chamou. Ou simplesmente Jer. Muitas insinuações e trocadilhos de cunho sexual entre eles. Um amante talvez. Quem sabe o seu verdadeiro amor?

Eve removeu o disco, lacrou-o e o guardou na bolsa. Localizou a agenda eletrônica de Marianna, seu te*le-link* portátil e um caderninho de endereços guardado na escrivaninha que ficava embaixo da janela. Uma olhada entre os nomes anotados levou-a a um certo Jeremy

Vandoren... o tal Jerry.

Sozinha no local do crime, Eve tornou a olhar para a cama. Os lençóis sujos e manchados de sangue estavam embolados ao pé do móvel. As roupas que haviam sido retiradas da vítima com tanto cuidado estavam largadas no chão para serem recolhidas pelo pessoal da perícia. O apartamento estava em silêncio total.

Ela deixou o assassino entrar, avaliou Eve. Abriu a porta para ele. Será que ela fora para o quarto com ele por livre e espontânea vontade ou ele a subjugara a fim de conseguir isso? O relatório do exame toxicológico iria revelar se havia alguma substância ilegal em sua corrente sangüínea.

Depois que já estavam no quarto, ele a amarrou. Os pés e as mãos, provavelmente prendendo as cordas nos quatro pilares não muito altos da cama, deixando-a com os braços e as pernas abertos, como se fosse um banquete.

Só então ele retalhara as suas roupas. Com todo o cuidado, sem pressa. O ritual não ocorrera sob a ação de fúria, nem fora um impulso de carência desesperada. Foi calculado, planejado e executado de forma ordenada. Então ele a estuprou e sodomizou, porque podia fazê-lo. Tinha todo o poder nas mãos.

Ela provavelmente lutara contra aquilo, gritara e implorara. Ele curtiu tudo, porque se alimentava com esse tipo de coisa. Estupra-dores geramente eram assim, pensou, inspirando várias vezes com força para evitar ue a mente vagasse em direção ao próprio pai.

Quando acabou de atacá-la, ele a estrangulara, observando com toda a atenção os seus olhos saltarem das órbitas. Então ele penteara os seus cabelos, pintara o seu rosto e a enfeitara com o alegre fes-tão natalino prateado. Será que ele trouxera o prendedor de cabelo com ele ou a peça pertencia a ela? Será que a tatuagem fora feita anteriormente a mando dela, por diversão, ou o assassino lhe enfeitara o corpo pessoalmente?

Caminhou até o banheiro junto ao quarto. Os azulejos brancos brilhavam como gelo e dava para sentir no ar um leve cheiro de desinfetante.

Ele se limpara ali depois que acabou, decidiu Eve. Provavelmente tomara até um banho, talvez até mesmo se enfeitara, para em seguida limpar o chão todo e deixar o lugar sem vestígio algum.

De qualquer modo, ela mandaria os peritos examinarem tudo. Um único pêlo pubiano já serviria para incriminá-lo.

A vítima tinha uma mãe que a amava, refletiu Eve. Uma mãe que ria com ela, fazia planos para as férias e falava de biscoitos caseiros.

— Senhora? Tenente?

Eve olhou para trás, por sobre o ombro, e viu Peabody parada no meio do corredor.

— O que foi?

— Já peguei os discos da segurança. Dois policiais já começaram a interrogar os vizinhos.

— Muito bem. — Eve passou as mãos sobre o rosto. — Vamos acabar de lacrar o local e levar tudo para a central. Preciso informar à mãe da vítima. — Colocou a bolsa no ombro e pegou o kit de serviço, completando: — Você tem razão, Peabody. Que jeito terrível de começar o dia!

## CAPÍTULO DOIS

Já localizou o número do *tele-link*do namorado dela? — Sim, senhora. Jeremy Vandoren. Mora na Segunda Avenida e trabalha como analista financeiro na firma Foster, Bride & Rumsey, em Wall Street. — Peabody olhou para o notebook enquanto transmitia o resto das informações. — Divorciado, atualmente solteiro, trinta e seis anos. Um espécime muito atraente do sexo masculino. Senhora.

— Hummm. — Eve colocou um dos discos da segurança para reproduzir no computador de sua mesa. — Vamos averiguar se esse atraente espécime masculino fez uma visitinha à namorada na noite passada.

— Aceita um pouco de café, tenente?

— O quê?

— Aceita um pouco de café?

— Se quer tomar café, Peabody, é só dizer — resmungou Eve, estreitando os olhos enquanto olhava o vídeo.

Pelas costas de Eve, Peabody girou os olhos de irritação e disse:

— Tenente, eu quero tomar café.

— Ora, sirva-se logo... e já que você vai pegar café aproveite e traga um para mim também. Veja só, vítima entrando em casa às dezesseis e quarenta e cinco. Pausar disco! — ordenou Eve, para poder dar uma boa olhada em Marianna Hawley.

Muito arrumada, bonita, jovem, os cabelos castanhos brilhantes cobertos por uma boina vermelha que combinava perfeitamente com o casaco também vermelho e o brilho das botas elegantes e caras.

— Ela voltava das compras — comentou Peabody, colocando a caneca de café ao lado do cotovelo de Eve.

— Isso mesmo. E fez compras na Bloomingdales. Continuar o vídeo! — disse Eve, com a voz um pouco mais alta, observando Marianna trocar as sacolas de mão e procurar pelo cartão-chave. Sua boca se movia, percebeu Eve. Falava sozinha. Não, notou em seguida, Marianna estava cantando. Nesse momento a mulher jogou os cabelos para trás, trocou as sacolas de mão mais uma vez, entrou em casa e fechou a porta.

A luz vermelha de segurança acima do portal imediatamente se acendeu, trancando a porta.

Conforme o disco continuava a passar em velocidade acelerada, Eve viu outros vizinhos entrando e saindo, alguns sozinhos, outros acompanhados. Vidas comuns que seguiam em

frente.

— Ela ficou em casa na hora do jantar — afirmou Eve, olhando agora para dentro do apartamento através da porta, com os olhos da imaginação.

Conseguia ver Marianna movimentando-se despreocupada por entre os cômodos, usando a calça simples azul-marinho e o suéter branco que mais tarde seria cortado e arrancado do seu corpo.

*Deve estar ligando o telão para não se sentir muito sozinha. Agora abre o closet, pendura o casaco vermelho, guarda a boina em uma prateleira e as botas na sapateira. Em seguida guarda as sacolas de compras.*

Era uma mulher organizada que gostava de coisas bonitas e se preparava para uma noite sossegada em casa.

— Preparou uma sopa exatamente às sete horas, de acordo com os registros do AutoChef. — Eve tamborilava sobre a mesa com as unhas curtas e sem pintura enquanto continuava a observar o corredor do andar. — Sua mãe ligou, e depois ela ligou para o namorado.

Enquanto remontava na cabeça a seqüência dos acontecimentos e o tempo que cada um levara, viu as portas do elevador se abrirem. Suas sobrancelhas se ergueram tanto, que quase sumiram por trás das pontas de franja do cabelo.

— Ora, ora. Ho-ho-ho! O que temos aqui?

— Papai Noel! — Sorrindo, Peabody se inclinou para a frente na direção da tela, por trás de Eve. — E está trazendo um presente.

O homem com roupa vermelha e barba muito branca trazia consigo uma caixa imensa embrulhada em papel prateado e arrematada com um elaborado laço dourado e verde.

— Parar! Pausa! Ampliar do setor dez até o cinqüenta em trinta por cento!

A tela se moveu. A seção que Eve determinara se separou da tela principal e se ampliou em primeiro plano. Espetada bem no centro do laço chamativo estava um prendedor de cabelo comprido com um pássaro emplumado dourado pousado sobre uma árvore prateada.

— Que filho-da-mãe! Veja só que filho-da-mãe, esse enfeite é o troço que estava preso no cabelo dela.

— Mas... ele é o Papai Noel!

— Ei, se liga, Peabody. Continue a passar em câmera lenta. Ele está se encaminhando para a porta dela — murmurou Eve, acompanhando a sorridente figura que levava o pacote brilhante até ela chegar diante da porta do apartamento de Marianna. Apertou a campainha com o dedo

enluvado, esperou um segundo e então jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. Quase no mesmo instante, Marianna abriu a porta, com o rosto radiante e os olhos brilhando de alegria.

Ajeitou o cabelo para trás da orelha com uma das mãos e deu um passo para o lado, escancarando a porta por completo em um convite.

Papai Noel virou a cabeça rapidamente para o lado e olhou direto para a câmera de segurança. Lançou um generoso sorriso e piscou um olho.

— Congelar a imagem! Que safado. Um canalha metido a esperto. Imprimir essa imagem congelada! — ordenou à máquina enquanto estudava o rosto redondo, as bochechas muito vermelhas e os olhos brilhantes, profundos e azuis. — Ele sabia que assistiríamos à gravação dos discos de segurança e o veríamos. Está curtindo com a nossa cara.

— Mas ele está vestido com a fantasia de Papai Noel. — Peabody se espantou e ficou com o queixo caído diante da imagem. — Isso é horrível. Isso está... muito errado.

— O que está errado? Você acha que tudo seria mais apropriado se ele estivesse vestido com fantasia de Diabo?

— Sim... não. — Peabody encolheu os ombros e girou o pé, sem graça. — É que isso é simplesmente... Puxa é realmente um ato doentio.

— E também um ato muito esperto. — Com os olhos sem expressão, Eve esperou até a imagem acabar de ser impressa. — Quem é que tem coragem de bater a porta na cara de Papai Noel? Continuar gravação!

A porta foi fechada atrás deles e o corredor permaneceu vazio.

O relógio que corria na base da tela marcava vinte e uma horas e trinta e três minutos.

Então ele não tivera pressa, refletiu Eve. Levou quase duas horas e meia. A corda com que a amarrara e as outras coisas que poderia ter precisado deviam estar dentro do presente grande e enfeitado.

Às onze horas, um casal saiu do elevador rindo muito; os dois pareciam meio altos por efeito de bebida e seguiram de braços dados, passando direto pela porta de Marianna sem saber o que ocorria do lado de dentro.

Medo e dor.

Morte.

A porta tornou a se abrir à meia-noite e meia. O homem com a fantasia vermelha saiu, ainda carregando a caixa de presente prateada e exibindo um sorriso largo, quase feroz, por entre as

bochechas vermelhas. Novamente olhou direto para a câmera, mas agora um ar de loucura brilhava em seus olhos.

Seguiu dançando por toda a extensão do corredor, até alcançar o elevador.

— Fazer cópia do disco do arquivo Hawley. Caso número 25176-H. Quantos dias de Natal você disse mesmo que eram, Peabody? Na canção?

— Doze. — Peabody tentou aliviar sua garganta seca e dolorida com café. — Doze dias.

— Então é melhor descobrirmos se Marianna Hawley era o único verdadeiro amor desse Papai Noel ou se havia outras onze — disse Eve e se levantou da cadeira. — Vamos conversar com o namorado dela.

Jeremy Vandoren trabalhava em uma pequena baia entre inúmeras outras tantas que pareciam uma colméia. Seu cubículo tinha uma estação de trabalho grande o bastante apenas para acomodar o computador, um fone de comunicação e uma cadeira de três pés com rodas. Presos nas pequenas paredes estavam gráficos da Bolsa de Valores, uma programação de teatro, um cartão de Natal que mostrava uma mulher de seios fartos vestindo apenas flocos de neve estrategicamente colocados e uma fotografia de Marianna Hawley.

Ele mal levantou os olhos ao perceber que Eve entrara em seu espaço; levantou uma das mãos para fazê-la esperar e continuou a trabalhar freneticamente no teclado do computador usando dedos ágeis ao mesmo tempo que falava sem parar a um microfone preso à cabeça.

— A Comstat está a 5.8; a Kenmart caiu três pontos e três quartos. Não, as Indústrias Roarke acabam de dar um salto de seis pontos. Os analistas apostam que vão subir mais dois até o final do pregão.

Eve levantou uma sobrancelha e enfiou as duas mãos nos bolsos das calças. Ela estava ali parada, esperando para conversar sobre um assassinato enquanto, naquele mesmo instante, Roarke ganhava milhões.

Era meio esquisito.

— Fechado! — Vandoren apertou uma tecla e uma série de números e símbolos misteriosos subiu pela tela. Ela o deixou brincando ali por mais uns trinta segundos, e então pegou o distintivo e o colocou diante do rosto dele.

Ele piscou duas vezes e só então se virou e focou os olhos no rosto dela.

— Já entendi. Está definido, então. Com certeza. Obrigado. — despediu-se ele pelo microfone. — Com um sorriso intrigado, ligeiramente nervoso nos cantos da boca, Vandoren arrancou o fone da cabeça e o colocou sobre a mesa. — Ahn... o que posso fazer pela senhora, tenente?

— Você é Jeremy Vandoren?

— Sou. — Seus olhos castanhos passaram por ela, seguiram em frente, analisando Peabody, e então voltaram para o rosto de Eve. — Estou em apuros?

— O senhor fez algo ilegal, sr. Vandoren?

— Não que eu me lembre. — Tentou sorrir novamente, formando uma covinha no canto da boca. — Será que aquele chocolate que eu roubei do armazém quando tinha oito anos voltou para assombrar a minha vida?

— O senhor conhece Marianna Hawley?

— Marianna? Claro. Não me diga que foi ela que roubou chocolates de alguma loja. — Então, de forma abrupta, como uma luz que se apaga, o sorriso desapareceu. — O que foi? Aconteceu alguma coisa? Ela está bem?

De repente ele já se levantara da cadeira e lançava os olhos por cima dos outros cubículos em volta, como se esperasse vê-la chegando.

— Sr. Vandoren, eu sinto muito. — Eve jamais conseguira encontrar um jeito suave de dar uma notícia como aquela, por isso falou de forma direta: — A srta. Hawley está morta.

— Não, não... claro que não — garantiu ele, tornando a focar os olhos castanhos em Eve. — Não está não! Isso é um absurdo! Conversei com ela ontem à noite. Vamos nos encontrar para jantar hoje, às sete horas. Ela estava ótima. Deve ter havido algum engano.

— Não é engano, senhor. Sinto muito — repetiu Eve, enquanto ele continuava a olhar para ela fixamente. — Marianna Hawley foi assassinada na noite passada, em seu apartamento.

— Marianna? Assassinada? — Continuou a balançar a cabeça lentamente, com incredulidade, como se aquelas duas palavras tivessem sido ditas em outro idioma. — Isso é definitivamente um engano. Um engano. — Virou-se, transtornado, e tateou entre os papéis da sua mesa em busca do *tele-link.* — Vou ligar para ela agora mesmo, ela está no trabalho.

— Sr. Vandoren. — Eve colocou a mão com firmeza sobre o ombro dele e o obrigou a se sentar. Como não havia lugar onde ela também pudesse se sentar diante dele, contentou-se em apoiar o quadril na mesa para que seus rostos ficassem quase no mesmo nível. — Escute... Ela já foi identificada pelas digitais e pelo DNA. Eu gostaria que o senhor me acompanhasse agora para fazer o reconhecimento do corpo.

— Reconhecimento do corpo... — Ele se levantou da cadeira, como que impulsionado por uma mola, e seu cotovelo esbarrou de leve no ombro de Eve, provocando-lhe uma fisgada no local ainda dolorido. — Sim, eu vou acompanhar a senhora sim, pode ter certeza que vou! Porque não é ela. Não é Marianna!

O necrotério não era um lugar festivo. O fato de alguém muito otimista ou dotado de um macabro senso de humor ter espalhado um fino festão dourado e cheio de falhas só servia para acrescentar um ar de deboche diante da morte.

Eve ficou do lado de fora da sala, observando a cena através do vidro, como já fizera tantas vezes. E sentiu, como sentira outras vezes, o duro golpe provocado pelo choque que atingiu o rapaz ao seu lado no instante em que ele viu Marianna Hawley deitada sobre uma mesa fria do outro lado do vidro.

O lençol que a cobria até o queixo certamente fora jogado às pressas sobre o seu corpo para esconder dos amigos, da família e dos entes queridos a patética nudez dos mortos, as marcas da incisão em Y da autópsia e a etiqueta pendurada no dedão que dava ao corpo um nome e um número.

— Não. — Sentindo-se impotente, Vandoren pressionou o vidro com as duas mãos espalmadas. — Não, não, não pode ser. Marianna!

Com carinho e cuidado, Eve pousou a mão em seu ombro. Ele tremia violentamente por dentro; as mãos sobre o vidro haviam se fechado com força e davam uma série de pancadinhas na superfície gelada.

— Simplesmente acene com a cabeça para a frente, caso tenha certeza de que se trata de Marianna Hawley — pediu Eve.

Ele acenou e, então, começou a chorar.

— Peabody, procure uma sala vazia para nós e pegue um pouco d'água para ele. — Enquanto falava, Eve se viu abraçada pelo rapaz, seus braços colocando-se em torno dela e seu rosto largando-se sobre o seu ombro. O corpo dele estava curvado para a frente, totalmente apoiado no dela e pressionando-o com o peso da sua dor.

Ela o deixou se apoiar nela, fazendo um sinal para que o técnico por trás do vidro acionasse a tela de privacidade que faria desaparecerem as imagens do outro lado.

— Vamos, Jerry, venha comigo agora. — Eve manteve um braço em torno dele, dando-lhe apoio e imaginando que preferia enfrentar uma arma de atordoar em força máxima a lidar com o sentimento de luto. Não havia consolo par os que eram deixados para trás. Nenhuma mágica nem cura. Mesmo assim ela murmurava alguma coisa para ele, enquanto o carregava ao longo do corredor de paredes azulejadas até o local onde Peabody aguardava.

— Podemos usar esta sala aqui — avisou Peabody baixinho. — Vou pegar a água.

— Vamos nos sentar um pouco, sr. Vandoren. — Depois de ajudá-lo a se sentar em uma cadeira, Eve pegou um lenço no bolso da jaqueta e o colocou entre as mãos dele. — Meus pêsames — disse ela, como sempre fazia. E sentiu a inadequação das palavras, como sempre sentia.

— Marianna. Por que alguém iria atacar Marianna? Por quê?!

— O meu trabalho é descobrir isso. E vou fazê-lo.

Algo no tom das palavras de Eve o fez levantar a cabeça na direção dela. Os olhos dele estavam muito vermelhos e desolados. Com evidente esforço, obrigou-se a respirar fundo, antes de afirmar:

— Eu... Ela era tão especial. — Enfiou a mão no fundo do bolso e tirou lá de dentro uma caixinha de veludo. — Eu ia oferecer isto a ela hoje à noite. Havia planejado esperar até a véspera de Natal, porque Marianna adorava essa data, mas não consegui esperar. Não dava mais para esperar.

Suas mãos tremiam muito no momento em que abriu a caixinha para mostrar a Eve o lindo diamante brilhante e muito bem lapidado sobre um anel de noivado.

— Eu ia propor casamento a ela hoje à noite, e ela aceitaria. Nós nos amávamos. O que aconteceu foi... — Com todo o cuidado, tornou a fechar a caixa com a jóia e a recolocou no bolso. — Foi um caso de roubo?

— Acreditamos que não. Há quanto tempo a conhecia?

— Seis meses, quase sete. — Olhou para Peabody assim que ela entrou, estendendo-lhe um copo d'água. — Obrigado... — Ele pegou o copo, mas não bebeu. — Foram os seis meses mais felizes da minha vida.

— Como vocês se conheceram?

— Através da Íntimo e Pessoal. Trata-se de uma agência de encontros.

— O senhor utiliza os serviços de uma agência de encontros? — perguntou Peabody, sem conseguir disfarçar a surpresa.

— Foi um impulso — confirmou ele, encolhendo os ombros e soltando um suspiro. — Passo a maior parte do tempo no trabalho e não tenho muita chance de sair. Divorciei-me há dois anos e acho que me tornei mais nervoso com as mulheres a partir daí. A verdade é que nenhuma das mulheres que conheci desde o divórcio... nenhuma delas me provocou aquele "clique". Certa noite eu vi o anúncio da agência de encontros e pensei: O que custa tentar? Mal não vai fazer.

Nesse momento, ele bebeu um pouco d'água, apenas um gole que fez a sua garganta se aliviar.

— Marianna foi a terceira das primeiras cinco escolhas que o sistema apresentou. Eu saí com as duas primeiras. Tomamos alguns drinques, mas ficou apenas nisso. Não encontrei nada nelas. Quando conheci Marianna, porém, encontrei tudo.

Ele fechou os olhos e lutou para manter o controle.

— Ela é tão... maravilhosa — continuou. — Tem tanta energia e entusiasmo. Adorava o trabalho, o seu apartamento, e se empolgava muito com o grupo de teatro que freqüentava. Ela faz teatro amador, às vezes.

Eve reparou no jeito com que ele alternava o verbo no tempo passado e no tempo presente, indo e voltando. Sua mente estava tentando se acostumar com a realidade, mas ainda não estava pronta de todo para isso. — E então vocês começaram a sair juntos — acrescentou Eve, incentivando-o a falar.

— Sim. Combinamos de nos encontrar para alguns drinques, apenas drinques, para nos conhecermos melhor. Acabamos indo jantar, continuamos juntos e depois emendamos com um café, já quase de manhã. Falamos muito, durante muitas horas. Nenhum de nós reparou em mais ninguém durante toda a noite. Tudo se resumia a nós dois, apenas nós dois.

— E ela se sentia do mesmo modo que você?

— Sim. Mas resolvemos ir devagar. Mais alguns jantares, idas ao teatro. Nós adorávamos teatro. Começamos a passar as tardes de sábado juntos. Íamos a uma matinê, a um museu ou simplesmente dávamos uma caminhada. Fomos até a cidadezinha em que ela nasceu para eu conhecer a sua família. No feriado de Quatro de Julho ela conheceu a minha, pois a levei até lá. Minha mãe nos preparou um jantar.

Seus olhos saíram de foco e se fixaram em algum ponto distante e indeterminado que só ele conseguia ver.

— Ela não estava saindo com mais ninguém durante esse período?

— Não. Havíamos feito um trato a respeito disso.

— Sabe dizer se alguém a estava importunando, um ex-namorado, um antigo amante? O ex-marido?

— Não, tenho certeza de que ela teria me contado se isso estivesse acontecendo. Conversávamos a respeito de tudo, o tempo todo. Não tínhamos segredos um com o outro. — Seus olhos pareceram clarear um pouco e o tom castanho deles se tornou duro como cristal. — Por que a senhora perguntou isso? Ela? Marianna... o assassino a... Deus do céu! — Largada sobre o joelho, sua mão formou uma bola, com os punhos bem fechados. — Ele a estuprou antes, não foi? O canalha filho-da-puta a estuprou. Eu devia estar com ela naquele momento. — Atirou o copo descartável longe com fúria, fazendo com que a água se espalhasse pelo chão, e então se levantou subitamente. — Eu deveria estar com ela naquele momento. Nada disso jamais teria acontecido se eu estivesse com ela.

— E onde você estava, Jerry?

— O quê?!

— Onde estava ontem, entre nove e meia e meia-noite?

— Acho que eu... — Parou de falar, levantando a mão em um gesto impotente e fechando os olhos em seguida. Por três vezes inalou e exalou, de forma compassada. Então tornou a abrir os olhos, que continuavam límpidos. — Está certo. A senhora precisa se certificar de que não fui eu, para poder então descobrir quem foi. Tudo bem. É por ela.

— Exato. — Observando-o com atenção, Eve sentiu uma nova onda de pena dele. — Como você diz, é por ela.

— Eu estava em casa, no meu apartamento. Trabalhei um pouco, fiz algumas ligações pelo *tele-link*, e então fiz algumas compras de Natal online. Tornei a confirmar as reservas para o jantar de hoje à noite porque estava nervoso. Queria... — pigarreou para limpar a garganta. — Eu queria que fosse uma noite perfeita. Depois liguei para a minha mãe. — Levantando as mãos, esfregou-as com força sobre o rosto. — Precisava contar as novidades para alguém. Minha mãe adorou a notícia e ficou feliz, muito empolgada. Ela era louca por Marianna. Creio que já devia passar de dez e meia a essa altura. A senhora pode verificar os registros do meu *tele-link*, mexer no meu computador, qualquer coisa que precise investigar.

— Certo, Jerry.

— Tenente, a senhora já... A família dela, eles já sabem?

— Sim, eu falei com os pais dela.

— Preciso ligar para eles. Provavelmente vão querer que ela vá para casa. — Seus olhos tornaram a ficar rasos d'água e transbordaram, mas ele continuou a olhar fixamente para Eve enquanto as lágrimas lhe desciam pelo rosto. — Vou levá-la para casa.

— Vou providenciar para que ela seja liberada o mais depressa possível. Quer que entremos em contato com mais alguém?

— Não. Tenho que dar a notícia aos meus pais. Preciso ir. — Ele se virou em direção à porta e pediu, sem olhar para trás: — Encontre quem fez isso, tenente. Descubra quem a atacou dessa forma.

— Farei isso. Ahn, Jerry, uma última pergunta.

— Diga. — Acabou de enxugar o rosto com as mãos e se virou na direção de Eve.

— Marianna tinha uma tatuagem?

— Marianna? — Ele deu uma risada curta que mais pareceu um soluço lhe arranhando a garganta. — Não. Ela era do tipo conservadora. Não usava nem mesmo tatuagens temporárias.

— Tem certeza disso?

— Éramos amantes, tenente. Estávamos apaixonados. Eu conhecia bem o corpo dela. Conhecia também a sua mente e o seu coração.

— OK. Obrigada. — Esperou até que ele saísse, e não disse nada enquanto não ouviu a fechadura se fechar com um clique suave atrás dele. — Quais são as suas impressões, Peabody?

— O pobrezinho está com o coração em frangalhos.

— Concordo. Só que tem gente que mata a pessoa que ama. Mesmo com os registros do *tele-link, o* álibi dele não é dos melhores.

— Ele não se parece nem um pouco com Papai Noel.

Eve sorriu de leve.

— Pois eu garanto, Peabody, que a pessoa que a matou também não vai se parecer com o bom velhinho. Se fosse esse o caso, garanto que ele não ficaria tão feliz em posar para a câmera. Enchimentos na barriga, lentes de contato, maquiagem, barba e peruca. Coloque tudo isso e qualquer um vai se parecer com Papai Noel. — Não foi ele, avaliou Eve. No momento, porém, ela só podia contar com a intuição. — Vamos verificar o lugar onde ela trabalhava para encontrar os seus amigos e possíveis inimigos.

*** * ***

Amigos, pensou Eve mais tarde, eram o que Marianna parecia possuir em grande quantidade. Inimigos, pelo visto, nenhum.

A imagem que começou a aparecer era a de uma mulher feliz, extrovertida, que gostava do trabalho e era muito chegada à família, embora curtisse o ritmo e a agitação da cidade grande.

Tinha um grupo fechado de amigas, um fraco por compras e um profundo amor pelo teatro. De acordo com todas as fontes pesquisadas, tinha um relacionamento estável, exclusivo e feliz com Jeremy Vandoren.

*Estava dançando no ar de tanta felicidade.*

*Todos que a conheciam a adoravam.*

*Tinha um coração aberto e confiante.*

Enquanto dirigia de volta para casa, Eve deixou que as declarações dos amigos e colegas ecoassem em sua cabeça. Ninguém via defeito algum em Marianna. Nenhuma das pessoas fizera um comentário irônico ou insinuara alegria pela perda, como algumas vezes acontecia

com os vivos em relação aos mortos.

No entanto, alguém não concordava com nada daquilo, alguém que a matara de forma fria e calculada, muito cuidado e, se o brilho nos olhos do assassino servia de indicação, uma espécie de alegria também.

*Meu Verdadeiro Amor.*

Sim... pelo visto, alguém a amara tanto que a matara. Eve sabia que aquele tipo de amor existia, crescia e se inflamava, até supurar. Ela mesma já recebera aquele tipo de sentimento de alguém, essa emoção quente e distorcida. E sobrevivera àquilo, lembrou a si mesma, ligando o *tele-link.*

— Já terminou o relatório do exame toxicológico de Marianna Hawley, Dickie?

O rosto com ar sofrido do chefe do laboratório, tão familiar a Eve, encheu a tela.

— Você sabe como as coisas ficam congestionadas por aqui na época das festas de fim de ano, Eve. Todo mundo se atropelando de um lado para outro, inclusive os técnicos, que ficam perambulando por aí com essa história de Natal e Chanuká, em vez de trabalhar.

— Sei, estou morrendo de pena de você, Dickie. Agora eu quero o relatório.

— E eu quero férias! — Resmungando, ele se virou de lado e digitou algo no computador. — Ela tomou um tranqüilizante. Remédio meio fraco, desses que são vendidos sem receita. Considerando o seu peso, a dose não fez mais do que deixá-la meio grogue por dez ou quinze minutos.

— Tempo suficiente. — Murmurou Eve.

— Tudo indica que a droga foi injetada por uma seringa de pressão, na parte superior do braço direito. Provavelmente ela sentiu como se tivesse tomado meia dúzia de comprimidos de Zombie. O resultado foi tonteira, desorientação, possível perda temporária da consciência e fraqueza muscular.

— Certo. Algum vestígio de sêmen?

— Não, nem um soldadinho sequer. Ou ele usou camisinha, ou o espermicida dela matou todos. Precisamos de outros exames para determinar com certeza. O corpo foi coberto por um spray desinfetante. Há traços da substância em sua vagina também, o que ajudaria a matar alguns dos soldadinhos. Não havia nada do lado de fora. Ah, e tem mais um detalhe... A maquiagem dela não foi feita com os produtos encontrados em sua casa. Ainda não estamos com o resultado final, mas o laudo preliminar indica que são produtos feitos unicamente com ingredientes naturais, o que significa que custam uma nota preta. É bem provável que o assassino tenha levado a maquiagem com ele ao entrar no apartamento.

— Consiga as marcas desses produtos para mim o mais depressa que puder. Essa é uma boa pista. Bom trabalho, Dickie.

— Sim, sim. Boas festas para você...

— O mesmo para você, Cabeção — murmurou ela depois de desligar. Mexendo os ombros para aliviar a tensão que se instalara neles, seguiu em frente e entrou pelos portões de ferro de sua casa.

Dava para ver as luzes das janelas brilhando através da escura noite de inverno — janelas altas, em arco, ladeadas por torres grandes e pequenas — e também a escadaria em curva do primeiro andar.

Lar, pensou ela. Aquele lugar se tornara o seu lar por causa do homem que era dono de tudo aquilo. O homem que a amava. O homem que colocara uma aliança no seu dedo — como Jeremy pretendia fazer com Marianna.

Girando a aliança com o polegar, ela estacionou o carro diante da porta principal.

Ela era tudo para ele, foi o que Jerry dissera. Menos de um ano atrás, ela não teria compreendido essa expressão. Agora compreendia.

Continuou sentada no carro por um instante, e então passou as duas mãos pelo cabelo já muito embaraçado. A dor do rapaz a comovera. Aquilo era um erro: não ajudaria em nada, e talvez até atrapalhasse as investigações. Eve precisava deixar a emoção de lado, bloquear da sua lembrança a devastação emocional que sentira por Jerry quando ele desmoronou em seus braços.

O amor nem sempre vencia, lembrou a si mesma. A justiça, porém, poderia vencer, se ela fosse boa o bastante.

Saltou do carro, deixou-o no mesmo lugar em que estacionara e começou a subir os degraus da escadaria da frente. No minuto em que entrou, tirou o casaco de couro e o pendurou de forma displicente no elegante pilar do primeiro degrau da escada em curva.

Summerset surgiu das sombras e ficou parado, muito alto e magro, com os olhos escuros e um ar de desaprovação no rosto pálido.

— Tenente... — cumprimentou ele.

— Deixe meu carro exatamente onde eu o estacionei — avisou Eve e subiu as escadas.

Ele fungou bem alto, fazendo com que uma grande quantidade de ar fosse sugada por suas narinas, antes de dizer:

— A senhora recebeu várias mensagens.

— Isso pode esperar. — Continuou subindo os degraus e arquitetou uma fantasia onde entravam uma chuveirada bem quente, um cálice de vinho e um cochilo de dez minutos.

O mordomo tornou a chamar por ela, em voz alta, mas Eve se recusou a responder.

— Não enche — disse baixinho, com ar distraído, e então abriu a porta do quarto.

Tudo o que parecia murcho dentro de Eve floresceu de repente.

Roarke estava em pé no closet, sem camisa, com os maravilhosos músculos das costas largas flexionando-se com sutileza enquanto procurava por uma camisa limpa. Ele se virou, e a imagem do seu rosto másculo atingiu-a em cheio. A boca curva de poeta sorriu e os olhos azuis em tom muito forte se iluminaram quando ele lançou para trás a juba gloriosa de cabelos muito pretos.

— Olá, tenente.

— Eu achava que você só iria chegar em casa daqui a umas duas horas.

Ele largou de lado a camisa que pegara. Ela não andava dormindo bem, reparou. Dava para ver pela fadiga e pelas sombras sob os olhos.

— A viagem foi bem rápida, sem incidentes.

— Foi mesmo. — Nesse instante ela já estava indo na direção dele, movendo-se depressa, tão rápido que não deu para perceber a súbita reação de surpresa e a imensa expressão de satisfação em seus olhos. Os braços dele já estavam abertos para recebê-la quando ela chegou diante dele.

Eve mergulhou fundo em seu perfume, percorreu-lhe as costas com as mãos firmes e então enterrou o rosto entre os cabelos dele, soltando um longo e solitário suspiro.

— Você estava realmente com saudades — murmurou ele.

— Fique parado aqui só por um minuto, está bem?

— O tempo que você quiser.

O corpo dela encaixava no dele; de algum modo eles se completavam, como duas peças de um quebra-cabeça que se moldam e ajustam uma à outra, formando uma imagem única. Naquele instante lembrou como Jeremy Vandoren mostrara a ela o anel que comprara e a cintilante promessa que havia nele.

— Eu amo você. — Foi um choque sentir as lágrimas presas na garganta, e ela teve de fazer um grande esforço para engoli-las de volta. — Sinto muito não lhe dizer isso mais vezes.

Ele percebeu que ela prendia o choro. Sua mão subiu lentamente pelas costas dela até a nuca e massagearam levemente o ponto de tensão que sentiu ali.

— O que aconteceu, Eve?

— Depois eu conto. — Sentindo-se mais forte, ela se afastou e emoldurou o rosto dele com as mãos. — Estou tão contente por ver você. E tão contente por você estar em casa. — Os lábios dela se curvaram em um sorriso e, ao mesmo tempo, inclinou a cabeça e beijou-o.

Eve sentiu um calor, uma sensação de boas-vindas e o constante clima de paixão entre eles, que jamais parecia ser saciado. Por tudo isso, sentindo-se protegida por tais sentimentos, ela conseguiu afastar da mente todo o resto por algum tempo.

— Você estava trocando de roupa? — perguntou ela, sussurrando junto aos lábios dele.

— Estava, mas... Hummm. Faça mais um pouquinho disso — pediu ele e mordeu de leve o lábio inferior dela, até senti-la estremecer.

— Pois eu acho que mudar de roupa é uma perda de tempo. — Para provar seu ponto de vista, deixou a mão escorregar entre os dois e começou a abrir as calças dele.

— Você está com toda a razão. — Abrindo a fivela do coldre que ela usava na lateral do tórax, jogou-o longe. — Adoro desarmar você, tenente.

Em um movimento ágil, que fez a sobrancelha dele se erguer de surpresa, ela girou o corpo e o pressionou de encontro à porta do closet, afirmando:

— Não preciso de uma arma para subjugar você, meu chapa.

— Então prove o que diz.

Ele já estava totalmente excitado quando a mão dela envolveu-lhe o membro. O azul dos seus olhos adquiriu um tom mais profundo, e luzes perigosas começaram a dançar dentro deles.

— Você não anda usando as suas luvas.

Ela sorriu e começou a deslizar os dedos gelados para a frente e para trás por todo o comprimento dele.

— Isso é uma reclamação?

— Não, de jeito nenhum. — A respiração dele estava entrecortada. De todas as mulheres que conhecera, ela era a única que o deixara sem fôlego com tão pouco esforço. Deslizou as mãos ao longo do corpo dela, até cobrir-lhe os seios, e em seguida passou a ponta dos polegares de leve sobre os mamilos para só então lhe abrir os botões da blusa.

Ele a queria por baixo dele.

— Venha para a cama — convidou-a.

— Tem algo errado em ficarmos aqui? — Ela abaixou a cabeça e mordeu-lhe o ombro. — Tem algo errado em fazermos agora?

— Por mim, não há nada errado. — Dessa vez ele se moveu mais depressa, colocando o pé atrás do dela e fazendo com que Eve perdesse o equilíbrio; então os dois tombaram no chão. — Só que sou eu que vou subjugar você e não o contrário.

Sua boca sugou-lhe um dos seios com sofreguidão. As palavras dela ficaram presas em sua garganta, imagens explodiram em seu cérebro e seus quadris se arquearam, buscando-o.

Como percebia com freqüência, ele a conhecia melhor do que ela mesma. Naquele instante ela precisava se aquecer, carecia de um fluxo potente de calor onde pudesse afogar o que estava pertur-bando-a por dentro. Calor era algo que ele podia lhe fornecer, e ofereceria esse prazer em grandes ondas, para ambos usufruírem.

Eve era magra. O peso que perdeu durante o período de recuperação do ataque que sofrerá fazia falta à sua silhueta e ela precisava recuperar cada grama. Porém, ele sabia que ela não desejava gestos suaves naquele momento. Então, excitou-a de forma implacável e incessante, até deixá-la sem ar, com o coração martelando contra a boca errante e as mãos ávidas.

Ela se contorcia por baixo dele, as mãos agarrando-o pelos cabeimenso diamante em forma de gota que ele lhe dera mergulhado no profundo vale entre os montes que ele explorava com os lábios.

Roarke começou a lambê-la devagar e foi descendo pelo tórax, sobre as costelas, sobre a barriga firme e reta, cravando os dentes nos quadris, fazendo-a corcovear. Arriou-lhe ainda mais as calças, expondo os suaves pêlos encaracolados entre as coxas.

Quando tornou a alcançá-la, agora com a língua, acariciando-a e penetrando-a, o orgasmo dela veio como a força de um raio. Seu sangue circulava rápido, provocando um leve suor na pele, como que orvalho. Ela estava com metade do corpo dentro do closet, impregnada pelo perfume dele e presa em sua glória.

Sentiu os dedos dele apertando-lhe os quadris com força, elevando o seu corpo e parecendo invadi-lo. Seus gemidos fracos ecoaram no quarto quando ele começou a excitá-la novamente. Sentiu como se estivesse em pleno vôo e nada mais lhe restava senão a necessidade urgente de se mesclar em um só corpo com ele.

Ela se lançou para a frente, buscando-o, sussurrando o seu nome, ofegante, enquanto as suas mãos ágeis deslizavam dos seus ombros e apertavam-lhe as costas, ao mesmo tempo que as pernas se elevavam para enganchá-lo pela cintura.

Roarke deslizou lentamente para dentro dela, em um golpear suave. O corpo dele estremeceu uma vez, quando ela apertou com força seu membro, aprisionando-o ao mesmo tempo que se sentia igualmente prisioneira. Roarke abocanhou os lábios de Eve com sofreguidão, alimentando-se, enquanto ela movimentava os quadris para cima e para baixo, estimulando-o.

Continuaram naquele ritmo rápido e feroz, com os olhos fixos um no outro. Para a frente, para trás e novamente para a frente, um respirando o ar do outro. Cada vez mais colados, sentindo o ritmo molhado de carne se esfregando em carne.

Eve notou o instante em que os olhos dele pareceram ficar opacos, pouco antes de ele golpeá-la por dentro uma última vez, com a força de um aríete, fazendo-a entrar em erupção e se desfazer por baixo dele. Quando ele abaixou a cabeça e apertou o rosto de encontro à sua garganta, ela mergulhou de cabeça entre os seus cabelos, inspirando mais uma vez o seu cheiro viril.

— É bom estar em casa — murmurou ele.

Ela tomou a sua ducha, o cálice de vinho, e então lançou-se ao que considerava a última fase da decadência total: jantar na cama em companhia do marido.

— Conte-me tudo — pediu ele depois de esperar que ela acabasse de comer e relaxasse um pouco. Servindo-lhe mais um cálice de vinho, ele percebeu o instante em que as sombras voltaram aos seus olhos.

— Não quero trazer o meu trabalho para dentro de casa.

— Por que não? — Ele sorriu e completou o próprio cálice. — Eu faço isso.

— Com você é diferente.

— Querida Eve. — Ele passou o dedo indicador pela covinha que havia em seu queixo. — Nós dois nos definimos pelo trabalho que realizamos. Você não quer nem pode deixar a sua vida do lado de fora, como eu também não posso, porque o nosso trabalho está dentro de nós.

Ela se recostou nos travesseiros, olhou para cima, pela clarabóia de vidro por onde se via o escuro céu de inverno... E contou tudo a ele.

— Foi cruel — disse ela quando terminou o relato. — A questão, porém, não é essa. Já vi coisas ainda mais cruéis. Ela era uma jovem inocente... Tive essa impressão ao ver a decoração de sua casa, o seu jeito de caminhar, o seu rosto. Não sei explicar, mas havia um ar de inocência nela. Sei que o problema também não é esse. A inocência muitas vezes é destruída. Sei bem como é isso... não ser mais inocente; eu nem me lembro de ter sido inocente algum dia. Mas sei o que significa ser destruída.

Praguejando baixinho, ela colocou o vinho de lado.

— Eve. — Ele a tomou pela mão e esperou até que ela virasse os olhos para ele. — Um estupro seguido de assassinato talvez não seja a melhor maneira de você retomar o seu trabalho.

— Eu sei que poderia ter passado o caso para alguém. — Sentia vergonha por admitir isso, tanto que tornou a desviar o olhar. — Se eu soubesse, acho que nem mesmo teria respondido ao chamado.

— De qualquer modo, você ainda pode entregar o caso para outro investigador da sua divisão. Ninguém a culparia por isso.

— Eu me culparia. Agora eu já a vi. Agora eu a conheci. — Eve fechou os olhos, mas só por um instante. — Ela agora é uma das minhas mortas. Não posso virar-lhe as costas.

Eve pressionou as têmporas por entre os cabelos e se ordenou disciplina e foco, antes de continuar:

— Ela pareceu tão surpresa e feliz ao abrir a porta. Como uma criança numa situação dessas. Puxa vida, que legal, um presente! Entende o que eu quero dizer?

— Sim.

— E o jeito com que o canalha olhou para a câmera antes de entrar no apartamento. O sorriso largo, a piscadela de cumplicidade. E depois na saída, executando uma pequena dança da vitória rumo ao elevador.

Seus olhos soltaram fagulhas quando ela descreveu a cena e o corpo se empinou, colocando-se reto e alerta sobre a cama. Já não eram apenas os olhos de uma policial agora, pensou Roarke, mas os de um anjo vingador.

— Não havia compaixão, só prazer em estado puro — acrescentou. Tornou a fechar os olhos, trazendo a imagem de volta de forma clara e, quando tornou a abri-los, o fogo aumentara e se mantivera estável, ardendo sem parar. — Fiquei enojada com aquilo.

Aborrecida consigo mesma, tornou a pegar o cálice de vinho e tomou mais um gole.

— Tive que dar a notícia aos pais dela. Tive que olhar para os despedaçar, tentando entender o porquê de o seu mundo ter desabado à sua volta. Ela era uma mulher simpática, uma pessoa boa e simples que estava feliz com a sua vida, prestes a ficar noiva, e abriu a porta para alguém que é o símbolo da inocência. E agora está morta.

Como Roarke a conhecia bem, tomou-lhe a mão e abriu o punho que ela cerrara, dizendo:

— Você não é uma policial de menos valor pelo fato de se comover com isso.

— Muitas das vítimas nos comovem demais, e a distância que devemos manter acaba desaparecendo. Às vezes eu sinto como se estivesse chegando a um limite, sem ser mais capaz de ver outra pessoa morta na minha frente.

— E já passou pela sua cabeça tirar uma licença do trabalho? — Quando as sobrancelhas dela se uniram em uma expressão de estranheza, ele simplesmente sorriu. — Não, é claro que não. Você vai elucidar esse caso e também o próximo, porque esse é o seu trabalho. Essa é quem você é.

— Talvez eu enfrente outra vítima mais cedo do que gostaria. — Enlaçando os dedos entre os dele, perguntou: — Será que ela era a única, Roarke? O amor verdadeiro dele? Ou existem mais onze pela frente?

## CAPÍTULO TRÊS

Eve circulou pelo andar de estacionamento do shopping aéreo mais uma vez e rangeu os dentes. — Por que todas essas pessoas não estão no trabalho? Por que não têm vida própria, em outro lugar?

— Para muitos — disse Peabody, com ar solene —, fazer compras é viver.

— Sei, sei... — Eve passou por uma área onde os carros pareciam estar empilhados, como fichas de pôquer, seis veículos em cada coluna. — Danem-se eles! — Dando um soco no volante, passou por entre os veículos empilhados nas estreitas ranhuras, quase arranhando a pintura do próprio carro ao passar a milímetros deles, o que fez Peabody fechar os olhos com força. — Não consigo entender. As pessoas podem comprar tudo o que quiserem pela tela de um computador, na paz e na comodidade de seus lares. Por que vir até aqui?

— Fazer compras pela Internet não dá a mesma emoção. — Peabody se apoiou no painel no momento em que Eve freou o carro abruptamente na pista reservada para os bombeiros, bem na porta da Bloomingdale's. — Comprar em casa não nos dá a chance de usarmos os cinco sentidos, nem os cotovelos para tentar abrir passagem no meio do povo. Não é nenhuma aventura comprar coisas pela Internet.

Soltando uma risada de escárnio, Eve ligou o sinaleiro do carro, onde se lia a expressão *a serviço* e saltou. Imediatamente seus tímpanos foram quase perfurados pelo som estridente de uma música. Canções de Natal poluíam o ar, a todo o volume. Eve imaginou que as pessoas corri am para entrar o mais depressa possível nas lojas, em meio a empurrões e prontas para comprar qualquer coisa só para poderem escapar do barulho ali de fora.

Embora a temperatura no ambiente controlado por computador estivesse em agradáveis vinte e dois graus, levíssimos flocos de neve sintética circulavam pelo ar, sob a enorme abóbada. As vitrines da loja de departamentos estavam cheias de andróides fantasiados. Papais Noéis e duendes trabalhavam com afinco em uma oficina. Renas voavam ou dançavam sobre telhados, enquanto crianças louras com rostos angelicais abriam presentes embrulhados com papéis coloridos.

Dentro de outra vitrine, um adolescente vestido na última moda, com macacão colante preto e camisão xadrez, executava manobras radicais no novo skate aéreo Flyer 6000, o objeto de desejo dos jovens para aquele fim de ano. Ao apertar de um botão localizado ao lado da vitrine, o rapazinho começava a declamar, com uma voz muito empolgada, as vantagens e opções do skate, bem como seu preço e onde encontrá-lo na loja.

— Adoraria testar um desses — comentou Peabody baixinho, enquanto seguia Eve em direção à porta principal da loja.

— Você não acha que já está meio grandinha para brinquedos desse tipo?

— Não é um brinquedo, é uma aventura — explicou Peabody, recitando o slogan do produto.

— Vamos resolver logo o que viemos fazer aqui. Detesto esses lugares.

As portas se abriram com suavidade e uma voz animada as recebeu, garantindo:

*Seja bem-vindo à Bloomingdale's. Para nós, você é o cliente mais importante.*

Dentro da loja a música continuava a tocar, mas em um volume mais baixo. O burburinho das vozes, porém, aumentou muitos decibéis, com dezenas de pessoas falando ao mesmo tempo, em uma cacofonia que aumentava cada vez mais até ecoar no teto, onde anjos voavam em círculos graciosos.

Era um templo construído para o consumo, com mercadorias espalhadas de forma tentadora por doze andares muito bem iluminados.

Andróides e modelos vivos passeavam por entre a multidão exibindo roupas e acessórios, além dos estilos mais variados e modernos em termos de modelagem de corpo e cabelos, serviços que podiam ser conseguidos nos salões de beleza. Um mapa eletrônico logo na entrada guiava os clientes da loja para onde os seus corações indicassem.

Salas especiais preparadas para receber crianças, animais de estimação e idosos ficavam localizadas, de forma conveniente, no andar principal, para as pessoas que não estavam dispostas a fazer compras com Júnior, Rex ou o vovô nos calcanhares.

Carrinhos elétricos para transportar clientes, suas compras ou ambos estavam disponíveis para aluguel durante o dia todo ou sendo cobrado por hora.

Um andróide com cabelos que mais pareciam cobras coloridas feitas de cordas, parecendo a Medusa, aproximou-se delas com uma pequena garrafa de cristal.

— Mantenha esse troço longe de mim! — exigiu Eve.

— Eu gostaria de experimentar um pouco. — Mais cordata, Peabody virou o pescoço meio de lado para que o andróide pudesse lançar um pouco do spray de perfume ao lado de sua garganta.

— Essa fragrância chama-se "Pode Vir" — informou o andróide com voz aveludada. — Use-o e prepare-se para ser assediada.

— Hummm. — Peabody virou o pescoço na direção de Eve. — O que acha do aroma, tenente?

Eve inspirou com força e balançou a cabeça, sentenciando:

— Não combina com você.

— Eu posso fazer com que combine — resmungou Peabody, seguindo a sua superior.

— Vamos tentar manter o foco no trabalho — ralhou Eve, pegando Peabody pelo braço ao ver que ela pararáa diante de um balcão de cosméticos, onde uma mulher estava tendo a cabeça completamente pintada de dourado a partir do pescoço.

— Vamos até o departamento masculino para ver quem atendeu Marianna Hawley anteontem. Ela usou o cartão de crédito; portanto, eles poderiam ter conseguido o endereço dela.

— Acho que eu conseguiria terminar de fazer minhas compras de Natal em vinte minutos.

— Terminar? — Eve olhou para trás no momento em que pisou na passarela que as levaria ao andar de cima.

— Claro. Tem só algumas coisinhas que falta comprar. — Peabody apertou os lábios e, em seguida, mordeu a bochecha para segurar um sorriso. — Você ainda nem começou as suas compras de Natal, não é?

— Ando pensando no assunto.

— O que vai dar para Roarke?

— Ando pensando no assunto — repetiu Eve, enfiando as mãos nos bolsos do casaco de couro.

— Eles têm roupas fantásticas aqui — informou Peabody, acenando com a cabeça para os andróides que se movimentavam atrás da vitrine, quando elas subiram na passarela que passava diante da seção de esporte fino.

— Ele já tem um closet do tamanho do estado do Maine lotado de roupas.

— Você alguma vez lhe comprou alguma peça de vestuário?

Eve curvou os ombros em posição defensiva, mas reagiu esticando a espinha enquanto respondia:

— Não sou mãe dele.

Peabody parou ao lado de um andróide que envergava uma camisa de seda em tom prateado fosco e calças pretas de couro.

— Roarke ia ficar muito bem com uma roupa dessas. — Tocou o tecido da manga para avaliá-lo. — É claro que um cara como Roarke fica bem usando qualquer coisa. — Deu um olhar sugestivo e balançou as sobrancelhas. — Os homens adoram quando uma mulher lhes compra roupas.

— Não sei comprar roupas para alguém que não seja eu. Aliás, mal sei comprar para mim

mesma. — Ao se ver tentando imaginar o rosto de Roarke e o seu corpo no lugar do corpo do andróide, bufou com força, informando: — Não estamos aqui para fazer compras, Peabody.

Com a cara amarrada, seguiu com passos firmes até o primeiro caixa na saída da loja e balançou o distintivo da polícia bem debaixo do seu nariz.

Ele pigarreou e atirou os cabelos pretos e muito compridos para trás dos ombros, perguntando:

— Posso fazer algo para ajudá-la, policial?

— Tenente. Vocês receberam uma cliente aqui há dois dias. Seu nome é Marianna Hawley. Quero saber quem a atendeu.

— Creio que posso verificar isso para a senhora. — Em seguida, mexendo os olhos dourados, no tom da moda, de um lado para o outro, pediu: — Tenente, será que a senhora se incomodaria de guardar a sua identificação e, quem sabe, fechar o casaco para esconder a arma? Creio que nossos clientes se sentiriam mais à vontade.

Sem dizer nada, Eve guardou no bolso o distintivo que a identificava e fechou o casaco para esconder o coldre lateral.

— Marianna Hawley — continuou ele, visivelmente aliviado. — A senhora saberia me informar se as compras que essa cliente fez foram pagas em dinheiro, cartão de crédito ou contas exclusivas da nossa loja?

— Cartão de crédito. Sei também que ela adquiriu duas camisas masculinas... uma de seda e uma de algodão... uma suéter de caxemira e um paletó.

— Sim. — Ele parou de procurar na lista do computador. — Eu me lembro dela. Fui eu mesmo que a atendi. Uma morena atraente, com cerca de trinta anos. Estava escolhendo presentes para o namorado. Ahn... — Fechou os olhos, tentando se lembrar. — Camisas número 3, mangas de comprimento médio, suéter e paletó tamanho 42.

— Boa memória — comentou Eve.

— Esse é o meu trabalho — explicou ele, abrindo os olhos e sorrindo. — Lembrar-me dos clientes, seus gostos e necessidades. A srta. Hawley tinha excelente gosto por sinal, e se preocupou em trazer um holograma na carteira com a imagem do namorado, para que pudéssemos programar as cores que combinavam melhor com ele.

— E ela fez compras com mais alguém além de você?

— Neste departamento não. Eu lhe ofereci o meu tempo e a minha atenção com exclusividade.

— Você tem o endereço dela na ficha de clientes?

— Sim, claro. Lembro que cheguei a perguntar-lhe se queria que entregássemos tudo em domicílio, mas ela disse que queria levar as sacolas pessoalmente. Riu e comentou que carregar as compras fazia parte da diversão. Parece que ficou muito satisfeita com o nosso atendimento. — De repente seus olhos se turvaram. — Ela fez alguma reclamação?

— Não. — Eve olhou para o balconista fixamente e sentiu que estava perdendo tempo ali. — Ela não fez nenhuma reclamação. Você por acaso não reparou se havia alguém perto dela durante as compras? Alguém que tenha falado com ela ou tenha ficado observando-a de longe?

— Não. Se bem que estávamos muito ocupados para reparar essas coisas. Espero que ela não tenha sido abordada por alguém desagradável no estacionamento. Tivemos alguns casos desse tipo nas últimas semanas. Não sei o que há de errado com as pessoas. Afinal, é Natal.

— É. Vocês vendem fantasias de Papai Noel?

— Fantasias de Papai Noel? — Ele piscou, tentando entender. — Sim, mas isso só está disponível na sessão de acessórios e novidades para festas. Sexto andar.

— Obrigada. Peabody, vá verificar lá — ordenou Eve, já se virando para ir embora. — Consiga o nome e o endereço de todo mundo que comprou ou alugou uma fantasia dessa nos últimos trinta dias. Vou até a joalheria para ver se alguém reconhece o prendedor de cabelo. Encontreme lá.

— Sim, senhora.

Como conhecia a sua auxiliar, Eve a segurou pelo braço em um gesto de advertência e acrescentou:

— Quinze minutos. Se levar mais tempo, rebaixo você para o posto de segurança de shopping.

Peabody deu de ombros assim que Eve saiu, a passos largos, e resmungou:

— Ela é tão durona.

Ser obrigada a abrir caminho por meio de cotoveladas até o balcão principal do terceiro andar não ajudou muito a levantar o astral de Eve. Por baixo do vidro havia uma infinidade de acessórios para o corpo, desde simples brincos até piercings de mamilo. Ouro, prata, pedras coloridas, formas elaboradas, texturas variadas, tudo estava exposto e chamava a atenção.

Roarke vivia comprando brincos e outros enfeites para Eve. Ela não compreendia a finalidade daquilo. Com ar distraído, passou os dedos pelo diamante sob a blusa. Roarke parecia apreciar quando ela usava as coisas que ele escolhia exclusivamente para ela.

Como já estava ficando sem paciência e foi solenemente ignorada pelos balconistas, Eve

simplesmente se debruçou sobre o balcão, agarrou um atendente pela gola e o puxou.

— Madame! — Chocado, o rapaz a censurou com olhos azuis extremamente irritados.

— Madame não. Tenente! — corrigiu ela, exibindo o distintivo com a mão livre. — Agora eu vou conseguir um minutinho do seu tempo?— Claro! — Ele se mostrou mais simpático e ajeitou a estreita gravata prateada. — Em que lhe posso ser útil?

— Vocês vendem objetos como este por aqui? — Abrindo a bolsa, pegou o prendedor de cabelos que estava no plástico lacrado.

— Não me parece um produto nosso. — Inclinou-se para a frente, até ficar com os olhos no mesmo nível do objeto. — Lindo trabalho. Muito delicado. — Tornou a esticar as costas. — Não poderemos aceitar isso como troca, a não ser que a senhora tenha a nota de compra. Não reconheço este prendedor como um dos itens do nosso catálogo.

— Não estou querendo trocá-lo. Tem alguma idéia de onde ele possa ter vindo?

— Creio que de uma loja especializada. O trabalho de ourivesaria é magnífico. Existem seis joalheiros aqui no shopping. Talvez um deles reconheça esta peça.

— Ótimo! — Colocando a jóia novamente na bolsa, Eve expirou com força.

— Há algo mais que eu possa fazer pela senhora?

Eve mudou o peso do corpo de um pé para outro e olhou com atenção para o balcão cheio de lindos produtos em exposição. Um colar com três correntes enfeitadas com pedras coloridas do tamanho de um polegar atraiu a sua atenção. Era ridiculamente escandaloso, quase brega. E era a cara de Mavis.

— Aquilo — disse ela, apontando para o colar.

— Ah, a senhora está interessada em um dos nossos ornamentos Heathen para o colo. Uma peça única, muito...

— Não estou interessada nem quero saber detalhes. Simplesmente vou levá-lo. Embrulhe para presente, e ande logo com isso!

— Entendo. — O rapaz só não soltou uma gargalhada por causa do bom treinamento que recebera. — Como vai fazer o pagamento, senhora?

Peabody chegou bem na hora em que Eve estava recebendo uma sacola colorida, vermelha e prateada.

— Você fez compras! — exclamou Peabody, com ar acusador.

— Não, não, nada disso — reagiu Eve. — Adquiri um objeto. Isso é outra coisa muito diferente. O prendedor não veio daqui. O rapaz parecia entender do riscado e foi muito categórico. Não quero mais perder tempo nesta loja.

— Pelo jeito, o seu tempo não foi perdido — murmurou Peabody.

— Vamos pesquisar o prendedor pelo computador. Vou ver se Feeney tem tempo para rastreá-lo.

— O que comprou?

— Uma besteirinha para Mavis. — Eve percebeu o biquinho que Peabody armou quando passaram pela porta de saída. — Não se preocupe, Peabody. Vou comprar alguma coisa para você também.

— Sério? — Ela se animou na mesma hora. — Pois eu já comprei o seu presente. Já está embrulhado e tudo!

— Exibida!

— Quer tentar adivinhar o que é? — propôs Peabody ao entrar no carro, um pouco mais animada.

— Não.

— Então vou lhe dar uma dica.

— Ei, pare com isso, segure a sua onda! Comece a pesquisar os nomes das pessoas que compraram roupa de Papai Noel e veja se alguma delas tem ficha na polícia.

— Sim, senhora. Para onde vamos agora?

— Para a agência Íntimo e Pessoal. — Olhou meio de lado para Peabody. — E pode tirar o cavalinho da chuva, porque você não vai fazer nenhuma compra por lá também.

— Estraga-prazeres... — reagiu Peabody e acrescentou, respeitosamente: — Senhora. — Em seguida, começou a pesquisar os nomes em seu computador de mão.

Bem no centro da cidade, em plena Quinta Avenida, o prédio de mármore preto polido era um palácio voltado para o prazer. A parte externa parecia uma lança, arrojada e elegante, com anéis nos andares mais altos de onde se viam varandas douradas e passarelas prateadas. Tubos transparentes subiam e desciam pelos quatro lados do edifício.

Por dentro tinha salões para escultura corporal, locais especiais onde era possível elevar o

astral e outros onde havia opções sexuais. Sem precisar deixar o prédio, um cliente poderia ser maquiado, depilado, massageado, remodelado ou se satisfazer sexualmente da maneira que melhor lhe aprouvesse.

Várias academias de ginástica estavam equipadas com os mais avançados aparelhos para aqueles que preferiam o velho método do "faça você mesmo". Para os que escolhiam uma rota mais passiva para deixar o corpo em forma e mais bonito, consultores licenciados estavam à disposição para manejar aparelhos a laser e tubos tonificadores, a fim de livrar os clientes de alguns quilos ou centímetros extras.

Um dos andares era dedicado a atividades holísticas, que incluíam várias opções, como equilibrar os chacras até enemas à base de café. Ao analisar essas ofertas tão peculiares, Eve não sabia ao certo se devia rir ou estremecer de pavor.

Banhos de lama, abrasão através do uso de algas, injeções de placenta de ovelhas criadas no satélite Alfa Seis, sessões tranqüilizantes, viagens em câmaras de realidade virtual, balanceamento da visão, lifting facial, reduções e modificações mórficas, tudo isso podia ser feito nas dependências da agência, e vários pacotes estavam disponíveis, com diversas opções ao gosto do cliente.

Depois que o corpo e a mente estivessem revigorados, cada cliente era convidado a explorar a possibilidade de encontrar o par que mais combinasse com o novo "eu" que nascera, sempre com a ajuda dos especialistas da Íntimo e Pessoal.

A firma ocupava três andares do prédio e os funcionários usavam uniformes compostos por paletó preto com um coração vermelho bordado no peito. Como a empresa era localizada junto a um centro de estética, rostos e corpos atraentes eram parte do uniforme.

A recepção fora decorada como um templo grego, com pequenas fontes musicais onde brilhavam peixinhos dourados. Colunas de mármore branco com parreiras serpenteantes separavam as diferentes seções. Os locais para os clientes se sentarem eram muito baixos e agrupados pouco acima do piso em lajotas, formando várias ilhas agradáveis e aconchegantes. O balcão de atendimento ficava em um lugar discreto, entre palmeiras de folhas largas.

— Preciso de informações a respeito de uma de suas clientes. — Eve exibiu o distintivo e viu os olhos da recepcionista piscarem rápido, nervosos.

— Não temos permissão para divulgar informações sobre os nossos clientes. — A mulher mordeu o lábio inferior e passou o dedo sobre o pequeno coração tatuado sob o olho esquerdo, como uma linda lágrima vermelha. — Todos os nossos serviços são absolutamente confidenciais. Fazemos questão de garantir a privacidade dos nossos clientes.

— Pois uma das suas clientes não está mais preocupada em preservar a privacidade. Esse é um caso de polícia. Posso conseguir um mandado em cinco minutos ou você pode me informar o que eu preciso saber e assim evitamos a trabalheira de verificarmos *todos os* seus arquivos.

— Se a senhora puder esperar um momento, por favor. — A recepcionista indicou uma área próxima onde Eve poderia esperar. — Vou chamar o gerente para a senhora.

— Ótimo! — Eve se virou enquanto a recepcionista colocava um fone discreto, com microfone, na cabeça.

— O cheirinho daqui é fantástico! — comentou Peabody. — O prédio do tem um cheiro muito bom. — Respirou fundo. — Eles devem colocar alguma fragrância nas saídas de ar. Algo perfumado e tranqüilizante. — Sentando-se em um dos almofadões dourados que ficavam ao lado de uma fonte onde as águas tilintavam, exclamou: — Ai, que delícia! Quero morar aqui!

— Você anda muito alegrinha esses dias, Peabody. Isso já está me irritando.

— A proximidade das festas de fim de ano sempre me faz ficar assim. Uau, olhe só aquilo! — Quase torceu o pescoço, os olhos apreciativos e brilhantes acompanhando um homem de cabelos compridos, absolutamente lisos e com mechas louras que passou junto delas. — Puxa, por que um cara com essa aparência iria precisar dos serviços de uma agência de encontros?

— Por que qualquer pessoa precisaria? Isso é esquisito!

— Bem, acho que vir aqui economiza tempo, trabalho e desgaste. — Peabody se inclinou para olhar melhor, desviando-se de Eve, a fim de não perder o homem de vista. — Talvez eu devesse me cadastrar aqui. Quem sabe tenho sorte?

— Ele não é o seu tipo.

O brilho nos olhos de Peabody se apagou, exatamente como no momento em quê Eve rejeitou o perfume.

— Se é assim — argumentou —, por que razão eu gosto de olhar para homens desse tipo?

— Pode gostar, mas experimente puxar assunto com ele. — Eve enfiou as mãos nos bolsos e balançou para a frente e para trás sobre os calcanhares. — O cara está apaixonado por si mesmo e acha que toda mulher que põe os olhos nele tem obrigação de ficar com cara de idiota apaixonada, exatamente como você está fazendo. Ele ia deixar você morta de tédio em menos de dez minutos, porque só sabe falar de si próprio... com quem ele parece, o que faz, as coisas de que gosta. Você seria apenas um acessório ao seu lado.

Peabody considerou as palavras de Eve, sem deixar de observar o Adônis com mechas douradas que estava encostado de forma sensual no balcão.

— Tudo bem — disse por fim. — Não faço questão de conversar. Vamos apenas fazer sexo.

— Ele deve ser ruim de cama. Não ia dar a mínima para o fato de você ter alcançado o orgasmo ou não.

— Mas eu já estou quase tendo um orgasmo só de olhar para ele! — Soltou um longo suspiro quando ele pegou um espelhinho prateado no bolso e examinou o próprio rosto com evidente prazer. — Tem horas em que eu fico morrendo de raiva, e uma delas é quando você está com a razão.

— Olhe só aqueles dois — sussurrou Eve, olhando para o casal que se aproximava. — São tão resplandecentes que acho que vou ter de colocar os óculos escuros.

— Ken e Barbie estão na área. — Ao perceber o olhar sem expressão de Eve, Peabody soltou outro suspiro. — Puxa, tenente, a senhora nunca teve uma boneca Barbie não? Que tipo de infância foi a sua?

— Eu não tive infância — afirmou Eve e se virou para cumprimentar o magnífico e dourado casal que chegava.

A mulher tinha quadris estreitos e busto generoso, seguindo os mais recentes padrões estéticos. Seu cabelo louro platinado caía em fios retos como uma cascata por sobre os ombros e roçavam de leve os seios maravilhosos enquanto ela caminhava. Seu rosto era liso e claro como alabastro, com olhos profundos na cor-de-esmeralda, emoldurados por longos cílios tingidos no mesmo tom de verde das íris. Sua boca era cheia e vermelha e se curvava naquele instante em um educado sorriso de saudação.

Seu companheiro era igualmente maravilhoso. Exibia um tom de pele idêntico, e os cabelos quase brancos de tão louros estavam presos e desciam-lhe pelas costas, trançados com uma fita dourada. Seus ombros eram largos e suas pernas compridas.

Diferentemente do resto da equipe, não estavam vestidos de preto e usavam macacões brancos e justos. A mulher prendera uma echarpe vermelha transparente em volta dos quadris com muito charme.

Foi ela quem falou primeiro, em um tom de voz tão suave e sedoso quanto a echarpe.

— Meu nome é Piper e este é o meu sócio, Rudy. Em que podemos lhes ser úteis?

— Preciso de dados a respeito de uma de suas clientes. — Novamente, Eve exibiu seu distintivo. — Estou investigando um homicídio.

— Um homicídio? — A mulher colocou a mão sobre o coração. — Que coisa terrível. Foi uma das nossas clientes? O que acha, Rudy?

— Certamente vamos cooperar com a senhora em tudo o que pudermos — afirmou Rudy com um tom de voz denso, de barítono. — Acho que devemos discutir esse assunto lá em cima, em particular.

Apontou para um elevador tubular que ficava entre dois enormes arbustos de azaléias brancas.

— A senhora tem certeza de que a vítima era uma de nossas clientes, tenente?

— O namorado dela a conheceu através dos serviços de sua empresa. — Eve caminhou diretamente para o centro da cabine cilíndrica e ignorou a vista deslumbrante enquanto subiam com velocidade. Lugares altos não a atraíam.

— Entendo — suspirou Piper. — Temos um índice excepcional de bons resultados em formar casais. Espero que não tenha sido uma briga entre amantes que terminou em tragédia.

— Ainda não temos certeza do que aconteceu.

— Não consigo crer que possa ter sido algo desse tipo. Pesquisamos os nossos clientes com muito cuidado — garantiu Rudy, gesticulando na direção da porta do elevador, assim que parou.

— Pesquisam como?

— Estamos conectados com o ComTrack. — Enquanto falava, ele ia guiando-as ao longo de um corredor totalmente branco enfeitado com aquarelas oníricas em tons pastéis com molduras douradas e generosos buauês de flores frescas em vasos transparentes. — Todo candidato é colocado no sistema. Analisamos o histórico civil, informações cadastrais relacionadas com crédito, além de possíveis passagens pela polícia, é claro. Todos os candidatos devem se submeter também ao nosso teste padrão para avaliação de personalidade. Qualquer tendência à violência faz com que o cliente seja rejeitado. Preferências sexuais e desejos específicos são registrados, analisados e comparados.

Rudy abriu uma porta que dava para um escritório imenso decorado em branco ofuscante e vermelho berrante. A janela que tomava uma parede inteira estava protegida com filtros contra a luz do dia e também impedia por completo o barulho do tráfego aéreo.

— Qual é a sua porcentagem de tarados?

A boca de Piper, muito bem delineada, transformou-se em uma linha fina.

— Não consideramos preferências sexuais específicas como taras, a não ser que o parceiro, ou parceiros, faça alguma objeção a elas.

— Bem, então que tal usarmos a minha definição de tara para nos comunicarmos? — propôs Eve, levantando a sobrancelha. — Fetiches tipo servidão ou cativeiro, sadismo e masoquismo? Tem algum cliente por aqui que gosta de embonecar a parceira depois do sexo?

Rudy pigarreou com discrição e foi para trás de um console largo e branco.

— Tenente, certamente alguns clientes buscam pelo que chamamos de experiências sexuais aventurescas. Como expliquei, tais preferências sempre são combinadas com as de outros candidatos que apreciem as mesmas coisas.

— Qual foi o par ideal que vocês encontraram para Marianna Hawley?

— Marianna Hawley? — Ele olhou para Piper.

— Eu sou melhor com rostos do que com nomes — disse ela, virando-se para um telão enquanto Rudy digitava o nome no computador. Em poucos segundos Marianna ocupava toda a tela, sorrindo, com os olhos brilhantes cheios de vivacidade.

— Ah, sim, agora me lembro dela. Era muito charmosa. Sim, sim... gostei muito de trabalhar com ela. Recordo-me que estava à procura de alguém divertido com quem pudesse compartilhar o seu amor pela arte... não, não, era teatro, se não me engano. — Bateu com a ponta da unha muito bem cuidada no lábio inferior. — Ela era romântica e docemente conservadora.

De repente Piper caiu em si, e a mão levantada caiu sem forças ao lado do corpo.

— Ela foi assassinada?! Oh, Rudy!

— Sente-se aqui, querida. — Ele saiu de trás do console com movimentos elegantes e foi tomar a mão da sócia, dando-lhe em seguida pequenos tapinhas encorajadores, recostando-a no comprido sofá lotado de convidativas almofadas de ar. — Piper sempre se envolve de forma muito pessoal com a clientela — informou a Eve. — Isso explica o fato de ser tão maravilhosa em seu trabalho. Ela se importa com as pessoas.

— Eu também me importo, Rudy — rebateu Eve.

Embora o seu tom de voz fosse direto, os olhos dele se levantaram para encará-la e o que viu no rosto de Eve o fez concordar, dizendo:

— Sim, tenho certeza de que a senhora se importa. Deve estar suspeitando de que alguém possa tê-la conhecido através dos nossos serviços e a tenha matado.

— Estou investigando essa possibilidade. Preciso de nomes.

— Passe para a tenente todas as informações que ela precisar, Rudy. — Piper encostou os dedos de leve sob os olhos para enxugar as lágrimas.

— Gostaria de fazer isso, querida, mas temos compromisso com os nossos clientes. Garantimos privacidade.

— Marianna Hawley tinha direito a privacidade — afirmou Eve com poucas palavras. — Alguém a estuprou, sodomizou e estrangulou. Eu diria que isso é uma violação de privacidade. Dificilmente um dos seus clientes gostaria de compartilhar essa mesma experiência.

Rudy respirou fundo. Seu rosto estava muito mais pálido agora, se é que isso era possível, e seus olhos estavam tão vermelhos que pareciam duas fogueiras ardendo sobre um campo

branco brilhante.

— Quero crer que a senhora será discreta.

— Pode crer que eu serei competente — retrucou Eve, esperando enquanto ele listava uma relação de nomes.

## CAPÍTULO QUATRO

Sarabeth Greenbalm não estava tendo um dia bom. Para começar, detestava trabalhar no turno da tarde do clube Estação Doçura. A clientela de meio-dia às cinco era composta basicamente de jovens executivos em busca de um almoço prolongado e emoções baratas. Com ênfase no "barato". Quem ainda estava nos primeiros degraus da ascensão profissional não tinha muito dinheiro para oferecer a dançarinas de striptease.

Gostava de ficar só olhando e assobiando.

Cinco horas de trabalho duro haviam rendido menos de cem paus em dinheiro e fichas de crédito, além de meia dúzia de propostas.

Nenhuma delas envolveu casamento.

Casamento era o objetivo máximo da vida de Sarabeth.

Ela não ia conseguir um marido rico no turno da tarde de uma boate de striptease, mesmo sendo um lugar de alta classe como o Estação Doçura. O potencial estava todo nos horários noturnos, quando os executivos e presidentes de grandes empresas apareciam trazendo clientes importantes para uma ou duas horas de descontração. Dava para ganhar mil dólares em uma hora, com facilidade, e, acrescentando uma ou outra rebolada no colo do cliente, esse valor podia dobrar. O melhor de tudo, porém, era colecionar os cartões de visita dos manda-chuvas.

Mais cedo ou mais tarde um desses figurões com ternos caros, sorrisos brancos imensos e mãos ágeis muito bem cuidadas ia acabar colocan do uma aliança no dedo dela só pelo privilégio de poder apalpá-la à hora que quisesse.

Tudo isso era parte do plano que ela arquitetara cuidadosamente quando saíra de Allentown, na Pensilvânia, e fora direto para Nova York, cinco anos atrás. Fazer striptease em Allentown se transformara em um beco sem saída e toda semana ela ganhava apenas o mínimo necessário para não dormir na rua. Mesmo assim, ir para Nova York fora arriscado. A competição era muito maior.

E a concorrência era mais jovem do que ela.

No primeiro ano ela fizera dois turnos por dia ou três quando conseguia agüentar. Trabalhara cada dia em um lugar, saindo de uma boate e indo para outra, repassando sempre quarenta por cento de tudo o que ganhava para os gerentes. Foi um ano muito difícil, mas ela fizera um péde-meia.

No segundo ano ela se focara em conseguir um ponto regular em um clube de alta classe. Levara quase doze meses, mas conquistou seu espaço no exclusivo Estação Doçura. Durante o terceiro ano continuou na luta, dessa vez para conseguir o turno mais vantajoso, enquanto continuava a guardar dinheiro, investindo-o secretamente. A verdade é que perdera quase seis

meses decidindo se valia a pena aceitar uma oferta que recebera: morar com o chefe da segurança do clube.

Ia acabar aceitando o convite se o bonitão não tivesse conseguido a façanha de ser esquartejado em seis pedaços em uma briga no bar de uma espelunca na qual andava fazendo hora extra para agradar Sarabeth, que já avisara que ele ia precisar ter muita bala na agulha para fazê-la passar a dormir só com ele.

No fim, decidiu que ele ter saído de sua vida fora um golpe de sorte. Agora, no quarto ano em Nova York, ela já estava com quarenta e três anos, e o tempo continuava correndo.

Não se incomodava de dançar nua. Afinal, era uma dançarina fantástica, e seu corpo — concluiu, analisando-o com atenção diante do espelho do quarto —, o seu ganha-pão.

A Mãe Natureza fora generosa com ela, dotando-a de seios firmes e grandes que não precisavam ser turbinados. Até aquele momento pelo menos. Um tórax esbelto, pernas longas e traseiro firme. Sim, ela possuía todas as armas necessárias.

Precisara gastar um pouco de grana no rosto, mas considerara isso um bom investimento. Nascera com lábios finos, queixo curto e testa alta. Algumas visitas ao centro de aprimoramento estético resolveram os problemas. Agora a sua boca era cheia e carnuda, o queixo se tornara arrebitado e petulante, e as sobrancelhas estavam altas e bem delineadas.

Sarabeth Greenbalm estava, na sua opinião, muito gostosa.

O problema é que lhe haviam sobrado apenas quinhentos dólares, o aluguel estava vencido e um idiota mais empolgado do que devia na multidão que fora à boate na hora do almoço arrebentara o seu melhor biquíni fio-dental, antes que ela conseguisse escapar dele.

Tinha uma terrível enxaqueca, seus pés doíam, e ela continuava solteira.

Jamais deveria ter enterrado aqueles três mil dólares na agência Íntimo e Pessoal. Analisando de forma objetiva, o que ela considerara um investimento inteligente na ocasião agora lhe parecia dinheiro jogado no lixo. Só os perdedores usavam os serviços de uma agência de encontros, pensou, enquanto vestia um robe roxo, bem curto. E perdedores só atraíam perdedores.

Depois de ter se encontrado com os dois primeiros homens da lista que o sistema escolhera, tinha ido direto até a Quinta Avenida para exigir seu dinheiro de volta. A louraça com ar de rainha do gelo não fora tão amigável naquele dia, refletiu Sarabeth. Não ia devolver a grana sob nenhuma hipótese.

Dando de ombros, resignada, Sarabeth saiu do quarto para a cozinha — um trecho curto, pois o apartamento era pouco maior do que o camarim comunitário do Estação Doçura.

O dinheiro sumira naquele ato de desperdício. Uma lição, porém, fora aprendida: ela não

contava com ninguém e dependia dela, somente dela.

Uma batida na porta interrompeu-a quando avaliava com esperança as limitadas ofertas do seu AutoChef. Com ar distraído, apertou o laço do robe e deu um soco na parede. O sujeito e a mulher do apartamento ao lado brigavam como gatos e trepavam como coelhos quase toda noite. A reclamação não ia diminuir o barulho em nem um decibel, mas fez com que ela se sentisse melhor.

Olhou meio desconfiada pelo olho mágico, e então sorriu como uma garotinha. Com um jeito apressado, destrancou a porta e a escancarou, saudando:

— Oi, Papai Noel!

— Feliz Natal, Sarabeth! — cumprimentou ele de volta, com os olhos brilhando alegremente. Balançou a imensa caixa prateada que trazia e piscou para ela, perguntando: — Você foi uma boa menina?

O capitão Ryan Feeney estava sentado na ponta da mesa de Eve e mastigava amêndoas açucaradas. Tinha o rosto familiar e levemente carrancudo de um cão bassê, além dos cabelos despenteados em um tom castanho-avermelhado, onde se viam vários fios brancos. Havia uma mancha cor-de-ferrugem na camisa amarrotada — vestígio da sopa de feijão que ele tomara no almoço — e um talho curto no queixo, provocado por um corte ao se barbear de manhã.

Parecia inofensivo.

Eve enfrentaria qualquer fogo cruzado com ele. Aliás, isso já acontecera.

Ele a treinara e lhe ensinara tudo. Agora, no posto de capitão da Divisão de Detecção Eletrônica, se tornara um recurso de valor inestimável para ela.

— Bem que eu gostaria de lhe dizer que o enfeitezinho era o único do tipo — anunciou ele, colocando outra amêndoa na boca —, só que temos mais de dez lojas na cidade que o vendem.

— E quantas dessas lojas vamos ter que rastrear?

— Quarenta e nove desses enfeites foram vendidos nas últimas sete semanas. — Cocou o queixo, bem onde a ferida formara uma casquinha. — O prendedor de cabelo custa cerca de quinhentos dólares. Quarenta e oito deles foram vendidos no cartão, só um foi comprado com dinheiro vivo.

— Foi ele!

— Muito provavelmente. — Feeney pegou sua agenda eletrônica e informou: — A venda em dinheiro aconteceu na loja Sal's Gold and Silver, na rua 49.

— Vou lá verificar. Obrigada, Feeney.

— De nada. Precisa de mais alguma coisa? McNab está louco para colocar a mão na massa.

— McNab?

— Ele gostou muito de trabalhar com você. O garoto é bom e você podia jogar em cima dele a parte mais chata das investigações.

Eve lembrou a figura do jovem detetive com roupas extravagantes e coloridas, muito esperto e de língua afiada, com quem já trabalhara.

— Ele anda interessado em Peabody — informou Eve.

— E você não acha que Peabody consegue lidar com ele?

— É. — Eve franziu o cenho, tamborilou na mesa com os dedos e deu de ombros. — Acho que sim. Ela já é grandinha e eu poderia usar os talentos dele. Entrei em contato com o ex-marido de Marianna Hawley. Ele se transferiu para Atlanta. Seu álibi para a noite do crime é bem sólido, mas não custa nada olhar mais de perto, ver se ele fez alguma viagem para Nova York ou ligou para a vítima.

— McNab pode descobrir de olhos fechados.

— Digalhe para mantê-los abertos e pesquisar isso. — Pegando um disco, entregou-o a Feeney. — Todos os dados que eu tenho sobre o ex dela estão aqui. Vou compará-los com os nomes escolhidos pelo sistema da Íntimo e Pessoal e então entrego tudo a ele, depois de ter dado uma olhada.

— Não compreendo lugares como esse — comentou Feeney, balançando a cabeça. — No meu tempo os caras conheciam as mulheres de outra forma, em bares e boates.

— Foi assim que você conheceu a sua mulher? — perguntou Eve, levantando uma sobrancelha.

— O casamento deu certo, não deu? — sorriu ele, subitamente.

— Vou passar o caso para McNab — disse enquanto se levantava.

— Você não está fora do horário de serviço, Dallas?

— Sim, meu turno acabou ainda há pouco. Acho que vou dar uma pesquisada nesses nomes antes de ir para casa.

— Divirta-se. Quanto a mim, vou cair fora daqui — disse e fez menção de sair pela porta, enfiando o saquinho de amêndoas no bolso. — Olhe, estamos loucos para que chegue logo o

dia da festa de Natal.

— Que festa? — perguntou ela, já concentrada no computador e mal olhando para trás.

— A festa na sua casa.

— Ah, é? — Tentou se lembrar de algum plano a respeito, mas não foi bem-sucedida. — Puxa, que legal!

— Você não sabia de festa nenhuma, não é?

— Claro que sabia. — Como era Feeney, ela sorriu. — Olhe, devo ter guardado a informação em um arquivo qualquer do cérebro. Escute, se encontrar Peabody na sala de registros e queixas, diga-lhe que ela está dispensada.

— Tudo bem.

Festa, pensou ela, com um suspiro. Era só ela virar para o lado e Roarke já planejava dar uma festa ou arrastá-la para uma. O próximo passo era Mavis, que ia chegar e buzinar em seus ouvidos que ela devia arrumar o cabelo, cuidar da pele, embelezar o corpo e encomendar um novo vestido desenhado por Leonardo, seu namorado estilista.

Se ela era obrigada a ir a uma porcaria de festa, por que não podia ir do jeito que estava?

Porque era a esposa de Roarke, lembrou a si mesma. Como tal, esperava-se que ela desempenhasse funções sociais e tivesse uma aparência bem melhor do que a de uma policial com um assassinato na cabeça.

Só que a festa ia acontecer sabe-se lá quando, e o assassinato estava à sua frente naquele momento.

— Computador, forneça a lista dos homens escolhidos pela agência Íntimo e Pessoal como par de Marianna Hawley.

*Processando...*

*Primeiro de uma lista de cinco candidatos: Dorian Marcell, solteiro, branco, sexo masculino, trinta e dois anos.*

Enquanto o computador acabava de informar os seus dados, Eve avaliou o rosto que surgiu na tela. Feições simpáticas, com um ar de timidez nos olhos. Dorian gostava de galerias de arte, teatro e filmes antigos; garantia ser um verdadeiro romântico em busca da alma gêmea. Seus hobbies eram fotografia e esquiar na neve.

Nada de especial a respeito de Dorian, pensou, mas ela ia ter de verificar por onde ele andou na noite em que Marianna foi assassinada.

*Processando...*

*Candidato número dois: Charles Monroe, solteiro, branco, sexo masculino...*

— Ei, ei, ei! Espere um instante. Pare! — Dando uma risadinha, Eve analisou a imagem que surgira na tela. — Ora, ora, Charles. Engraçado encontrar você por aqui.

Eve se lembrava bem do rosto amigável que sorria de volta para ela. Conhecera Charles Monroe quase um ano atrás, quando investigava outro assassinato — aliás, o caso que fez com que ela conhecesse Roarke. Charles era um acompanhante autorizado, sofisticado e charmoso. Afinal de contas, perguntou Eve a si mesma, o que um acompanhante sofisticado bem estabelecido na profissão estava fazendo em uma agência de encontros?

— Anda pescando por estas águas, Charlie? Pelo jeito você e eu precisamos ter outra conversinha. Computador, vá para o terceiro da lista.

*Candidato número três: Jeremy Vandoren, divorciado...*

— Tenente!

— Pausar, computador! Sim? — Eve olhou para trás e viu a cabeça de Peabody na porta entreaberta.

— O capitão Feeney me avisou de que a senhora já tinha me dispensado por hoje.

— Isso mesmo. Estou só verificando alguns nomes antes de ir para casa.

— Ele, ahn... mencionou que a senhora pretende utilizar os serviços de McNab para investigações eletrônicas.

— Exato. — Eve virou a cabeça meio de lado e recostou na cadeira, notando que Peabody tentava manter o rosto sem expressão. — Isso incomoda você?

— Não... é que... Escute, Dallas, a ajuda dele não é necessária. O cara é um tremendo pé no saco.

— Pois comigo ele é ótimo. — Eve sorriu com ar alegre. — Você precisa aprender a aturá-lo, Peabody. De qualquer modo, não se preocupe, porque a maior parte dos serviços que vou querer dele vai ser feita na Divisão de Detecção Eletrônica. Ele não vai aparecer muito por aqui.

— Ah, pois eu acho que ele vai arrumar um jeito — resmungou Peabody. — O cara adora se exibir.

— Mas trabalha muito bem. De qualquer modo... — Parou de falar ao ouvir o comunicador tocar. — Droga, já devia ter dado o fora daqui. — E atendeu: — Aqui fala a tenente Dallas.

— Tenente — cumprimentou o comandante Whitney, e seu rosto largo e sisudo encheu a pequena tela.

— Sim, senhor.

— Temos um homicídio que parece ter ligação com o caso Hawley. Enviamos alguns policiais para a cena do crime. Quero você como investigadora principal a partir de agora. Vá até a rua 112 Oeste, número 23-B, apartamento 5-D. Comunique-se comigo no escritório de minha casa assim que confirmar a ocorrência.

— Sim, senhor, já estou a caminho. — Lançou um olhar rápido para Peabody no momento em que se levantou e pegou o casaco, avisando: — Você está novamente de serviço!

A policial que montava guarda junto da porta de Sarabeth Greenbalm tinha olhos de quem já vira cenas como a que se apresentava lá dentro e sabia que tornaria a vê-las.

— Policial Carmichael — chamou Eve, lendo o nome que aparecia no uniforme. — O que temos aqui?

— Mulher branca, quarenta e poucos anos, morta no local. O apartamento está em nome de Sarabeth Greenbalm. Não há sinal de entrada forçada nem de luta. O edifício não dispõe de câmeras de segurança, exceto as da entrada principal. Meu parceiro de ronda e eu estávamos circulando pela área quando a Emergência deu o alarme, às dezoito e trinta e cinco. Havia uma denúncia anônima de código 1222 para este endereço. Respondemos ao chamado de imediato e chegamos aqui às dezoito e quarenta e dois. A porta de entrada do edifício estava destrancada, bem como a do apartamento. Entramos aqui e encontramos a vítima. Preservamos a cena do crime e informamos à Emergência sobre suspeita no local.

— Onde está seu parceiro de ronda, Carmichael?

— Tentando localizar o síndico do prédio, senhora.

— Ótimo! Mantenha o corredor vazio e fique de guarda até ser dispensada.

— Sim, senhora. — Carmichael olhou meio de lado para Peabody quando as duas passaram por ela. Entre os policiais, Peabody tinha a fama de ser o bichinho de estimação da tenente, e esse fato era comentado com vários níveis de inveja, ressentimento e espanto.

Sentindo uma combinação desses três sentimentos na policial Carmichael, Peabody espremeu os ombros para passar por ela sem encostar, enquanto seguia Eve através da porta.

— O gravador está ligado, Peabody?

— Sim, senhora.

— Tenente Dallas e auxiliar Peabody na cena do crime, rua 112 Oeste, número 23-B, apartamento de Sarabeth Greenbalm. — Enquanto falava, Eve pegou uma lata de spray selante em seu estojo de serviço e o borrifou nas mãos e botas, antes de entregá-lo a Peabody para que ela fizesse o mesmo. — A vítima, ainda a ser identificada, é branca, do sexo feminino.

Aproximou-se do corpo. O quarto era pouco maior do que uma alcova que saía da sala, e a cama era estreita e dobrável, podendo ser guardada em um canto para fornecer mais espaço ao ambiente. Tinha lençóis brancos lisos e um cobertor marrom muito gasto nas pontas.

O assassino usara um festão vermelho dessa vez, enroscando-o em torno do corpo da vítima como se fosse uma serpente, desde o pescoço até os tornozelos, fazendo-a parecer uma múmia enfeitada. Os cabelos, em um tom de violeta que Eve imaginou que agradaria Mavis, tinham sido cuidadosamente escovados, e alguém fizera um penteado em forma de cone.

Os lábios sem tonicidade por causa da morte estavam pintados em um tom forte de roxo, e as faces, em rosa suave. Sombra dourada com muito brilho fora cuidadosamente aplicada em suas pálpebras até a linha dos cílios.

Espetado no festão e exatamente sobre a garganta estava um broche verde com dois pássaros. Um era dourado, o outro prateado, e estavam aninhados e unidos bico com bico.

— Estes pássaros são rolinhas, certo? — perguntou Eve, analisando o broche. — Fui pesquisar a letra da canção. No segundo dia ele deu ao seu verdadeiro amor duas rolinhas. — Com muito cuidado, Eve passou a mão na face da vítima. — A maquiagem é recente. Aposto que faz menos de uma hora que ele a matou.

Dando um passo para trás, ela pegou o comunicador para entrar em contato com o comandante Whitney e solicitar que fosse enviada uma equipe de peritos para a cena do crime.

*** * ***

Era quase meia-noite quando Eve chegou em casa. Seu ombro latejava um pouco. O que a incomodava mais era a sensação de fadiga. Isso era algo que andava aparecendo depressa e de forma muito intensa naqueles dias.

Sabia o diagnóstico do cutucador oficial do departamento médico: tempo de recuperação muito curto. Ela devia ter tirado, no mínimo, mais dez dias de licença pelo ferimento que sofrerá no caso anterior. Sua volta ao trabalho ocorrera muito cedo.

Como pensar nisso baixava o seu astral, bloqueou mentalmente o problema

Havia se esquecido de comer e, no instante em que colocou o pé no ambiente aquecido de sua casa, as primeiras fisgadas de fome apareceram. Preciso apenas de uma barra de chocolate, disse a si mesma, passando as mãos pelo rosto antes de se virar para o scanner de localização junto da porta.

— Onde está Roarke?

*Roarke está no seu escritório em casa.*

Já imaginava, pensou ela, começando a subir as escadas. Seu marido precisava de muito menos horas de sono do que os seres humanos normais. Ela desconfiou que ia encontrá-lo tão animado e desperto como quando o deixara naquela manhã, bem cedo.

Ele deixara a porta do aposento aberta, portanto foi necessário apenas um olhar de relance para confirmar suas suspeitas. Roarke estava sentado atrás de uma mesa larga e reluzente, monitorando telas e dando ordens para o *tele-link* enquanto o seu fax a laser zumbia suavemente atrás dele.

Era tão atraente quanto o pecado.

Eve pensou que se lhe restava energia para ingerir uma barra de chocolate. Então também devia haver um pouco mais para saltar em cima dele.

— Sua pilha nunca acaba? — quis saber ela quando entrou no escritório.

Ele olhou para trás, lançou-lhe um sorriso e voltou a atenção novamente para o *tele-link,* que continuava a falar:

— Muito bem então, John, providencie para que todas essas alterações sejam feitas. Amanhã as repassaremos com mais detalhes. — E desligou.

— Não precisava parar de resolver os seus assuntos por minha causa — ela começou a falar. — Só queria avisá-lo de que já estou em casa.

— Estava apenas me distraindo um pouco, enquanto você não chegava. — Virou a cabeça meio de lado e analisou o seu rosto. — Aposto como você se esqueceu de comer, não foi?

— Estou a fim de uma barra de chocolate. Tem alguma por aí?

Ele se levantou e caminhou pelo piso que brilhava como espelho, dirigindo-se ao AutoChef. Segundos depois, tirou lá de dentro uma tigela verde pesada, de onde fumegava uma sopa espessa.

— Isso não é uma barra de chocolate.

— A menina pode comer guloseimas depois que a mulher se alimentar. — Colocou a sopa sobre a mesa e se serviu de um cálice de conhaque.

Ela foi até a mesa, cheirou a sopa e sentiu a boca cheia d'água. Quase babou.

— O cheiro está ótimo — decidiu, sentando-se para devorá-la. Você já comeu? — perguntou

ela com a boca cheia e quase gemendo de alegria ao vê-lo colocar uma travessa com pães quentinhos ao lado do prato. — Você precisa parar de fazer papel de babá.

— Este é um dos meus pequenos prazeres — disse ele, sentando-se ao lado e bebericando o conhaque enquanto observava a cor voltar ao rosto dela lentamente, graças à comida quente. — Respondendo a sua pergunta, eu já comi sim, mas até que aceitaria uma pontinha desse pão.

— Huumm. — Solícita, ela partiu um dos pãezinhos ao meio e entregou a ele. Aquela era uma cena aconchegante, percebeu Eve. Ela e Roarke compartilhando sopa e pão depois de um dia cheio para ambos.

Exatamente como as pessoas normais faziam.

— E então... As ações das Indústrias Roarke subiram quanto no pregão de ontem... oito pontos?

— Oito pontos e três quartos. — Suas sobrancelhas se ergueram. — Anda interessada no mercado de ações, tenente?

— Gosto de vigiar você. Se as ações despencarem, talvez eu seja obrigada a largá-lo.

— Então vou mencionar esse assunto na próxima reunião de acionistas. Quer um pouco de vinho?

— Pode ser. Deixe que eu pego.

— Fique sentada e coma. Ainda não acabei de cuidar de você. — Ele se levantou e pegou uma garrafa que já estava aberta e guardada na unidade de refrigeração do escritório.

Enquanto ele enchia uma taça de vinho, ela raspara o restinho da sopa da tigela, e por pouco não lambeu o fundo. Sentia-se aquecida e tranqüilizada. Em casa.

— Roarke, vamos dar uma festa?

— Eu topo. Quando vai ser?

— Sei lá. — Um vinco vertical de estranheza surgiu-lhe entre as sobrancelhas quando ela levantou a cabeça para olhar para ele. — Se eu soubesse quando vai ser, não estaria perguntando. É que Feeney comentou alguma coisa a respeito da nossa festa de Natal.

— Vinte e três de dezembro. É verdade, vamos dar uma festa.

— Por quê?

— Querida Eve. — Ele se inclinou e a beijou no alto da cabeça antes de voltar a se sentar. — Estamos na época do Natal.

— E por que não me contou nada a respeito disso?

— Acho que contei sim.

— Eu não me lembro.

— Está com a sua agenda eletrônica à mão?

Resmungando, ela enfiou a mão no fundo do bolso, pegou o aparelho e digitou alguns dados. Apareceu ali, clara como cristal, a informação, seguida das iniciais que provavam que fora ela mesma que registrara as informações.

— Ah, sim... — Foi a sua reação.

— As árvores serão entregues amanhã.

— Árvores? No plural?

— Sim. Teremos uma árvore formal na sala de estar e várias outras no salão de festas do andar de cima. Só que eu resolvi também encomendar uma menorzinha, mais íntima, para o nosso quarto. Essa nós vamos decorar juntos.

— Você quer decorar uma árvore de Natal? — perguntou ela com as sobrancelhas levantadas de espanto.

— Sim, quero.

— Mas eu não entendo nada a respeito dessas coisas. Nunca decorei uma árvore de Natal em toda a minha vida.

— Nem eu, ou pelo menos não faço isso há muitos anos. Essa vai ser a nossa primeira árvore.

O calor que a percorreu por dentro não tinha nada a ver com a sopa quente nem com o vinho de safra especial. Seus lábios se abriram em um sorriso.

— Provavelmente vamos nos enrolar todos com essa tarefa.

— Sem dúvida. — Ele segurou a mão que ela lhe estendera. — Está melhor?

— Muito melhor.

— Quer me contar a respeito dessa noite?

— Sim, quero. — Os dedos dela ficaram tensos sob os dele. Ela retirou a mão e se levantou, porque conseguia pensar melhor quando caminhava de um lado para outro.

— Ele matou outra mulher — começou ela. — Mesmo *modus operandi*. As câmeras externas

do prédio o gravaram. Ele usou a mesma fantasia de Papai Noel e a grande caixa prateada com um laço imenso. E deixou um broche na vítima, dois pássaros em um círculo.

— Rolinhas.

— Isso mesmo ou algo assim. Não sei direito como é a aparência de uma porcaria de rolinha. Não há sinais de entrada forçada nem de luta. Imagino que o relatório do exame toxicológico irá mostrar que ela foi dopada. Dessa vez a vítima foi imobilizada e provavelmente amordaçada, já que esse apartamento não era à prova de som. Havia fibras de tecido na língua e dentro da boca da vítima, mas o assassino não deixou a mordaça no local do crime.

— Ela foi violentada sexualmente?

— Sim, exatamente como a primeira. Havia também uma tatuagem temporária em seu seio esquerdo. *Meu Verdadeiro Amor*. Ele a enrolou com um festão vermelho. Maquiou seu rosto e escovou-lhe os cabelos. O banheiro era o lugar mais limpo do apartamento. Aposto que o próprio criminoso fez uma faxina completa depois de se lavar. Ela estava morta há menos de uma hora quando cheguei lá. A ligação anônima foi feita de uma cabine que fica no mesmo quarteirão do prédio.

Roarke conseguia ver o ar de frustração que voltava ao rosto de Eve. Levantando-se, pegou a taça dela junto com a dele.

— Quem era ela?

— Uma dançarina de boate. Fazia striptease no Estação Doçura, um clube exclusivo, de alta classe, no West Side.

— Sim, eu sei onde fica. — Quando notou que ela o encarava com os olhos semicerrados, entregou-lhe o vinho e completou: — Sim, por acaso eu sou o proprietário do local.

— Odeio quando isso acontece. — Ao ver que a reação dele foi apenas um sorriso, Eve soprou com força. — Ela trabalhava no turno da tarde e saiu pouco antes das cinco. Pelo que pudemos averiguar, foi direto para casa. O cardápio do seu AutoChef foi consultado às seis horas, bem na hora em que a câmera pegou o canalha entrando no prédio.

Eve olhou fixamente para o vinho antes de comentar:

— Acho que ela também ficou sem jantar.

— Ele está trabalhando muito depressa.

— E está se divertindo à beça. Pelo visto, pretende alcançar a sua cota antes do Ano-novo. Preciso investigar tudo na casa dela: seu *tele-link*, registros financeiros, arquivos pessoais. E tenho que averiguar o broche. Não estou indo a lugar nenhum com a fantasia de Papai Noel ou os festões. Qual a ligação que existe entre uma doce auxiliar administrativa e uma dançarina

de striptease?

— Conheço esse tom de voz. — Dizendo isso, ele se virou e foi em direção ao seu console. — Vamos ver o que podemos descobrir.

— Não pedi para você fazer pesquisa nenhuma para mim.

— Eu sei, mas ficou implícito — afirmou ele, olhando na direção dela. — Qual é o nome da vítima?

— Não deixei nada implícito. O nome dela é Sarabeth Greenbalm. — Foi até onde ele estava, junto ao console. — Eu estava apenas pensando em voz alta. O endereço é rua 112 Oeste, número 23-B.

— Achei. O que quer que eu pesquise primeiro?

— Posso verificar o *tele-link* amanhã de manhã. Vá direto aos seus arquivos pessoais e financeiros.

— Os dados financeiros vão nos exigir um pouco mais de tempo. Comecemos com eles.

— Sem exibições, hein? — avisou Eve, e então deu uma risada quando Roarke a enlaçou pela cintura e a puxou para perto de si.

— Ora, mas é claro que eu vou me exibir para você. Pesquisar Sarabeth Greenbalm — ordenou ele ao sistema, e então enterrou o nariz no pescoço de Eve. — O endereço é rua 112 Oeste, número 23-B. — Sua mão deslizou e cobriu um dos seios dela. — Quero todos os dados financeiros, a começar pelas transações mais recentes.

*Processando...*

— Agora — murmurou ele, girando Eve e colando o corpo junto ao dela —, acho que mal vamos ter tempo para... — Sua boca se lançou contra a dela e a fez sentir-se tonta, como se ela estivesse girando rapidamente pelo aposento e se elevando até o teto alto.

*Os dados estão disponíveis.*

— Bem — disse ele, mordendo-lhe o lábio inferior. — Talvez não tenhamos tanto tempo assim, afinal. Aqui estão seus dados, tenente.

— Nossa, você é bom nisso! — exclamou, soltando o ar que lhe ficara preso na garganta. — Muito bom mesmo. — E tornou a expirar com força.

— Sei disso. — Vendo que ela estava com o corpo ligeiramente desequilibrado, ele se recostou, puxando-a, até que ela despencou em seu colo.

— Ei, eu estou trabalhando!

— Eu também. — Girando-a para colocá-la de costas para ele, começou a mordiscar-lhe a nuca. — Eu trabalho aqui atrás e você trabalha aí na frente.

— Não posso fazer isso com você me... — Encolheu os ombros e prendeu o riso, tentando se concentrar nos dados que apareciam na tela. — O aluguel era a maior despesa fixa dela, seguida de perto por roupas. Registrava a maioria dessas compras como vestuário profissional para não pagar impostos. Pare com isso! — Deu-lhe uma palmada nos dedos ágeis que já haviam desabotoado a sua blusa até o umbigo.

— Você não precisa de blusa para analisar esses dados — argumentou ele e começou a abaixar-lhe a roupa pelos ombros.

— Pois escute aqui, meu chapa, ainda estou com o coldre aqui, com arma e tudo, portanto... — De repente, lançou-se para a frente com um salto, fazendo-o xingar baixinho. — Merda, merda! Está aqui. Filho-damãe! Achei a conexão entre as duas vítimas.

— Onde? — perguntou ele, resignado, afastando os planos de seduzi-la e voltando a atenção para a tela.

— Aqui. Três mil dólares transferidos eletronicamente para a conta da agência de encontros Íntimo e Pessoal seis semanas atrás.

Seus olhos estavam mais acesos agora, não de paixão, mas de poder, no instante em que ela se virou para olhar para ele, continuando:

— Ela e Marianna Hawley utilizavam os serviços da mesma agência de encontros. Isso não é uma coincidência e sim uma ligação. Preciso conhecer os candidatos que o sistema selecionou para Sarabeth — murmurou e, quando percebeu o olhar inquisitivo de Roarke, balançou a cabeça. — Dessa vez não. Vamos conseguir as coisas do modo correto, seguindo as regras. Vou até lá amanhã para solicitar os dados.

— Não me levaria muito tempo conseguir acesso ao sistema deles.

— Isso é ilegal. — Ela lutou para manter o rosto sério quando o sorriso luminoso de Roarke a envolveu. — Além do mais, isso não faz parte do seu trabalho. Obrigada pelo oferecimento mesmo assim.

— O quanto você está grata?

Ela ficou novamente junto dele e se colocou entre as suas pernas, olhando para baixo e respondendo:

— O bastante para deixar que você acabe de cuidar de mim. — E sentou em seu colo com as pernas abertas. — Depois que eu acabar de cuidar de você, é claro.

— E que tal... — propôs ele, agarrando-a pelos cabelos e puxando-a pela cabeça até suas bocas ficarem a centímetros uma da outra — se cuidássemos um do outro ao mesmo tempo?

— Combinado!

## CAPÍTULO CINCO

Instalada em seu escritório doméstico, onde os débeis raios do sol de inverno infiltravam-se pela janela às suas costas, Eve organizou os dados que conseguira. Pretendia apresentar um relatório ao comandante até o meio da manhã, mas ainda havia várias lacunas que ela precisava preencher antes.

— Ligar computador! — ordenou ela. — Fornecer dados detalhados sobre a empresa de agenciamento de encontros registrada sob o nome de Íntimo e Pessoal, localizada na Quinta Avenida, em Nova York.

*Processando... A agência Íntimo e Pessoal foi inaugurada no ano de 2052, em um prédio da Quinta Avenida. A empresa é de propriedade de Rudy e Piper Hoffman e também administrada por eles.*

— Pare! Apenas para confirmar, os donos da empresa são Rudy e Piper Hoffman?

*Afirmativo. Rudy e Piper Hoffman são irmãos gêmeos e têm vinte e oito anos. Residência: Quinta Avenida, número 500. Deseja que o sistema continue a pesquisar afirma Íntimo e Pessoal?*

— Não, quero mais informações a respeito dos proprietários. Apresente um relatório com seus dados completos.

*Processando...*

Enquanto o computador fazia a varredura em seus chips, Eve se levantou para pegar uma xícara de café. Irmãos gêmeos, pensou, enquanto o AutoChef preparava o pedido. Irmão e irmã. Ela achou que eles eram amantes. Agora, porém, pensando melhor, lembrando o jeito com que se encostavam um no outro, se moviam em harmonia e os olhares que trocavam, imaginava se tanto ela quanto o computador poderiam estar certos.

Era uma idéia meio difícil de digerir.

Com o rabo do olho viu um movimento nas portas que davam para a sala ao lado da dela, e então Roarke surgiu em seu campo de visão.

— Bom-dia. Você levantou cedo.

— Quero apresentar o relatório preliminar para o comandante Whitney assim que chegar à central. — Pegou o café no AutoChef e passou a mão pelos cabelos, lançando-os para trás. — Quer uma xícara?

— Quero sim. — Ele pegou o café dela e sorriu quando a viu franzir o cenho para ele. — Tenho um monte de reuniões marcadas para hoje.

— Grande novidade — murmurou ela enquanto programava o aparelho, pedindo outra xícara de café.

— Mas você pode me interromper, se precisar.

Ela resmungou alguma coisa e olhou para a tela do computador, que indicava que a pesquisa fora completada.

— Muito bem. Olhe, eu consegui... — Gritou, surpresa, ao sentir que ele colocava a mão na frente de sua blusa, pressionando-a. — Ei, parar o sistema! — ordenou ela, afastando a mão do marido.

— Adoro o seu cheirinho de manhã cedo — informou ele, inclinando-se na direção dela e cheirando-lhe o cabelo enquanto falava.

— É apenas sabonete.

— Eu sei.

— Segure esse tesão — reclamou ela. Mas que droga... ele fazia o sangue dela correr mais depressa. — Tenho muito trabalho para hoje — murmurou ao sentir que os braços dele a enlaçavam.

— Eu também. Estou com saudades, Eve. — Colocou a xícara de lado para poder envolvê-la com os dois braços.

— Acho que temos andado muito ocupados nas últimas duas semanas. — Seria tão gostoso ficar ali encostada nele e deixar a coisa rolar. — Não posso deixar este caso de lado.

— Não espero que você faça isso. — Só pelo prazer que isso lhe dava, esfregou a face na dela. — Nem queria que fizesse isso. — Porém, o último caso que Eve resolvera e o que acontecera com ela lhe pesava no coração e na consciência. — Eu me satisfaço com um ou outro momento roubado aqui e ali. — Afastou-se um pouco e roçou os lábios sobre os dela. — Você sabe que eu sempre fui bom em cometer pequenos delitos.

— Você não devia ficar me lembrando dessas coisas. — Sorrindo, emoldurou o rosto dele com as mãos.

Parada no portal, Peabody os observava. Era tarde demais para voltar atrás e ela não conseguiu dar um passo à frente. Embora os dois estivessem simplesmente em pé, um diante do outro, as mãos dele sobre os ombros de Eve e as dela em seu rosto, Peabody considerou a imagem um momento arrebatadoramente íntimo. Seu rosto se ruborizou e seu coração suspirou de inveja.

Meio perdida, fez a única coisa que lhe ocorreu na hora e pigar-reou, lançando em seguida a tosse discreta e embaraçada de alguém que chega em hora inadequada.

Roarke deixou que suas mãos deslizassem pelos braços de Eve e sorriu na direção da porta.

— Bom-dia, Peabody — cumprimentou ele. — Quer café?

— Ahn... Aceito sim. Obrigada. Ahn... Está um frio de rachar lá fora.

— É mesmo? — espantou-se Roarke, enquanto Eve voltava à sua mesa.

— Sim, embora a temperatura ainda não esteja abaixo de zero. A previsão é de neve intermitente por toda a manhã.

— Que é isso? Você se transformou em Serviço de Meteorologia ambulante? — implicou Eve e deu uma boa olhada em sua ajudante. O rosto de Peabody estava afogueado e seus olhos exibiam um ar doce, enquanto as mãos mexiam sem parar nos botões do uniforme, parecendo muito ocupadas. — O que há de errado com você?

— Nada, tenente. Obrigada — agradeceu ela quando Roarke lhe entregou uma xícara de café.

— De nada — disse ele. — Vou deixá-las entregues ao trabalho.

Quando ele passou pelas portas que ligavam o escritório doméstico de Eve com o dele e as fechou, Peabody exclamou com um suspiro:

— Não sei como consegue se lembrar do próprio nome quando ele olha para você daquele jeito.

— Quando esqueço o meu nome, ele me chama e eu torno a lembrar.

Embora percebesse o ar de ironia na voz de Eve, Peabody se aproximou dela, intrigada:

— Como é essa sensação?

— Que sensação? — Levantando a cabeça, Eve percebeu o olhar intenso de sua auxiliar e encolheu os ombros, meio sem graça. — Peabody, temos muito trabalho pela frente.

— Essa não é a resposta? — interrompeu Peabody. — O que você tem em sua vida não é exatamente o que aquelas duas mulheres procuravam?

Eve abriu a boca, mas não conseguiu pronunciar nem uma palavra. Olhou para as portas de ligação entre as duas salas e viu que Roarke as fechara, mas deixara-as destrancadas.

— É mais do que você possa imaginar — ouviu a si mesma dizer. — Muda tudo na vida e conserta as coisas que realmente importam. Talvez você nunca mais volte a ser a mesma, e em parte você vai sempre temer diante do que acontecera caso um dia... mas ele sempre vai estar ali. Tudo o que tem a fazer é esticar o braço e ele sempre estará ali.

Surpresa consigo mesma, enfiou as mãos nos bolsos e continuou:

— Será que é possível alimentar um computador com dados e deixálo procurar por alguém que tenha uma personalidade compatível com a sua e o mesmo estilo de vida? Não sei. Porém, temos aqui duas mulheres que pensavam que valia a pena tentar. Puxe uma cadeira, Peabody, e vamos ver o que conseguimos.

— Sim, senhora.

— Vamos começar com uma pesquisa completa sobre Jeremy Vandoren. Intuição à parte, precisamos confirmá-lo como suspeito ou eliminá-lo. Depois que tivermos os dados completos dos cinco candidatos da lista de Marianna Hawley, faremos outra visita à Íntimo e Pessoal.

— Detetive McNab se apresentando para trabalhar — anunciou uma voz.

Eve olhou para trás e viu Ian McNab entrar no aposento com um jeito exibido. Tinha um sorriso largo e satisfeito pregado no rosto bonito e usava um casacão em um tom berrante de fúcsia que ia até a altura dos joelhos e cobria o macacão verde-Natal que usava por baixo, acompanhado de uma fita listrada com as mesmas duas cores que lhe prendia os compridos cabelos dourados, muito brilhantes.

Sentindo que Peabody ficou rígida de indignação ao seu lado, Eve quase soltou um suspiro.

— Como vai, McNab? — cumprimentou Eve.

— Tudo na boa, tenente. Oi, Peabody! — exclamou ele, lançando-lhe uma piscadela marota para em seguida encostar o quadril na mesa. — O capitão Feeney me disse que você pretende utilizar os meus serviços no caso do Papai Noel. Estou me apresentando para servi-la. Tem alguma coisa para se comer por aqui?

— Verifique as opções do AutoChef.

— Como diz a Mavis, isso vai ser "mais que demais". Trabalhar para você, Dallas, traz benefícios paralelos muito irados. — Levantou e abaixou as sobrancelhas de forma sugestiva na direção de Peabody, e então saiu em busca de um bom desjejum.

— Já que você pretende mesmo usar esse idiota — murmurou Peabody, de forma quase inaudível —, por que ele não pode trabalhar em sua própria sala na Divisão de Detecção Eletrônica?

— Porque a minha intenção era irritar você, Peabody. Como você sabe, esse é o meu principal projeto de vida. Já que está aqui, McNab — continuou Eve, elevando a voz —, você pode começar a fazer pesquisas a partir dos dados que estão saindo. Peabody e eu precisamos ir para a rua, fazer trabalho de campo.

— Deixe comigo — disse ele, dando uma dentada enorme num pão doce com recheio de amora. — Vou botar pra quebrar!

— Quando acabar de lambuzar a cara — disse Eve, com tom neutro —, cruze os dados com o arquivo Hawley. Quero um levantamento completo.

— Andei investigando o ex de Marianna Hawley na noite passada — anunciou ele com a boca cheia. — Até agora não consegui achar nenhuma brecha em seu álibi.

— Muito bem. — Ela apreciou a iniciativa do rapaz, mas decidiu não elogiá-lo demais para não ter de aturar o bico de ciúme que Peabody ia armar pelo resto do dia. — Vou lhe enviar mais uma lista da rua. Pesquise os nomes que forem aparecendo e cruze-os com os das outras listas. Dê uma boa olhada nos gêmeos Rudy e Piper. Quero saber de qualquer detalhe extra que apareça. E corra atrás disto aqui também.

Voltando-se para o computador, abriu a pasta de provas, copiou um holograma do segundo broche e deu mais instruções:

— Quero saber quem fabricou esta peça, quantas foram feitas, onde, quantas foram vendidas e para quem. Cruze tudo isso com os dados do primeiro prendedor de cabelo, que foi encontrado no corpo de Marianna Hawley. Entendeu tudo, McNab?

— Sim senhora. — Engoliu o resto d*o* pão doce com pressa e colocou o dedo indicador na testa. — Está tudo aqui dentro.

— Se você me conseguir um nome que esteja presente nas duas listas e tenha ligação com os enfeites e a maquiagem, providenciarei para que receba pães doces recheados todas as manhãs pelo resto da sua vida.

— Uau! Isso é que é incentivo — disse e flexionou os dedos para entrar em ação. — Mãos à obra!

— Vamos nessa, Peabody — chamou Eve, levantando-se e pegando a bolsa. — Não incomode Roarke, McNab — avisou ela antes de sair.

— Você está com uma ótima aparência, Peabody — elogiou McNab no momento em que Peabody chegou à porta. Ela grunhiu com raiva, fechou a cara, saiu do escritório pisando duro e foi embora satisfeita consigo mesma.

— A Divisão de Detecção Eletrônica tem um monte de detetives com classe, sabia, tenente? — reclamou Peabody enquanto elas desciam as escadas. — Como é que nós acabamos em companhia do mais babaca de toda a corporação?

— Pura sorte, eu acho. — Eve pegou o casaco de couro que deixara pendurado no pilar do primeiro degrau da escada e o vestiu enquanto saíam.

— Nossa! — exclamou ela. — Está frio pra cacete aqui fora.

— A senhora devia estar usando um casaco mais pesado, tenente,

— Já estou acostumada com este aqui. — Entrou no carro o mais depressa que conseguiu e ordenou: — Aquecimento, pelo amor de Deus. Vinte e quatro graus!

— Adoro o seu carro novo — comentou Peabody, instalando-se no banco. — Tudo funciona.

— É, mas falta personalidade nele. — Mesmo assim, Eve olhou com satisfação para o painel e viu o confiável sensor indicar que uma ligação chegava naquele momento pelo *tele-link.*
— Atenda o chamado, mas segure o sinal de saída — ordenou a Peabodv enquanto saía pelos portões da casa. — É uma mensagem com vídeo, mas coloque na caixa postal.

— Dallas? Dallas? Mas que droga! — O rosto atraente e irritado de Nadine Furst, a competente repórter do Canal 75, apareceu na tela. — Não consegui pegá-la em casa. Summerset disse que você já estava a caminho de algum lugar. Quer atender essa porcaria de *tele-link*, por favor?!

— Não conte com isso, Nadine.

— É um inferno! Esses *tele-links* dos carros da polícia nunca funcionam direito mesmo — reclamou Nadine, imaginando que falava para si mesma.

Peabody e Eve trocaram sorrisos de cumplicidade enquanto Nadine continuava resmungando, no ar.

— Acho que ela já ouviu algum bochicho sobre o novo caso — disse Peabody.

— Pode apostar — confirmou Eve. — Agora ela quer me cercar para ver se descobre alguma informação para o telejornal da manhã, e vai me encher o saco para conseguir uma declaração exclusiva para ir ao ar na edição de meio-dia.

— Dallas! — voltou Nadine na tela do *tele-link.* — *P*reciso de mais dados a respeito dessas duas mulheres que foram assassinadas. Os dois casos têm ligação um com o outro? Qual é, Dallas, seja camarada comigo. Preciso de algum material antes da hora do almoço.

— Eu não disse?! — afirmou Eve, com ar complacente, enquanto costurava pelo tráfego.

— Entre em contato comigo, por favor. Quem sabe podemos marcar um flash exclusivo ao vivo, com você, para a edição de meio-dia? Estou com o prazo curto para editar e fechar a matéria.

— Estou quase chorando de tão comovida. — Eve bocejou ao ver que Nadine desligara.

— Eu gosto dela — comentou Peabody.

— Eu também. Ela é uma profissional justa, imparcial e muito objetiva. É ótima em seu trabalho. Mas isso não quer dizer que eu vou perder meu tempo só para os índices de audiência dela entrarem em órbita. Se eu conseguir evitá-la por um ou dois dias, ela vai começar a correr atrás de pistas por conta própria. Depois disso poderemos ter acesso ao que ela conseguiu, e de graça.

— A senhora é ardilosa, tenente. Gosto disso. Quanto a McNab, porém...

— É melhor aturá-lo, Peabody — sugeriu Eve, entrando em uma vaga no segundo nível de um estacionamento aéreo sobre a Quinta Avenida.

Ao entrar no prédio, Eve foi direto para o elevador panorâmico, enfiou as mãos nos bolsos e tentou tolerar sem estresse a subida rápida até o andar onde funcionava a Íntimo e Pessoal.

Atendendo no balcão da recepção estava um jovem Apolo com ombros largos, pele da cor de chocolate suíço e olhos que pareciam antigas moedas de ouro.

— Pare de se agitar — murmurou Eve, e Peabody apenas gru-nhiu em resposta. Dirigindo-se ao recepcionista, pediu: — Avise Rudy e Piper de que a tenente Dallas e sua ajudante estão aqui.

— Tenente — seu sorriso era sedutor e lento —, sinto muito, mas Rudy e Piper estão consultando um cliente neste exato momento.

— Pois avise-os de nossa chegada mesmo assim — insistiu Eve. — E diga-lhes também que acabam de perder outra cliente.

— Sim, senhora. — Ele fez um gesto amplo em direção à sala de espera à esquerda. — Por favor, fiquem à vontade. Se desejarem, podem pedir algo para beber enquanto aguardam.

— Não me deixe esperando aqui por muito tempo.

Ele não demorou nada. Em menos de cinco minutos, e antes de Peabody fraquejar e pedir algo chamado Espuma Cremosa de Framboesa, Rudy e Piper surgiram na recepção.

Estavam de branco novamente, com túnicas à altura dos tornozelos. Piper colocara uma faixa azul de seda para deixar o modelo mais alegre. Ambos usavam uma argola de ouro pendurada na orelha direita, partes de um mesmo par de brincos.

Aquilo fez a pele de Eve se arrepiar toda.

— Tenente — falou Rudy, mantendo a mão no ombro de Piper. — Estamos com um pouco de pressa. Nossa agenda está lotada esta manhã.

— E vai ficar mais ainda. Preferem conversar aqui mesmo ou em particular?

Um quase imperceptível ar de irritação cintilou nos olhos exóticos de Rudy, mas ele estendeu a mão de forma educada na direção do corredor que levava à sua sala.

— Sarabeth Greenbalm — informou Eve no instante em que a porta se fechou atrás de si. — Foi encontrada assassinada ontem. Era uma de suas clientes.

— Por Deus, ó meu Deus! — Nesse exato instante, Piper desabou sobre uma larga poltrona branca e cobriu o rosto com as mãos.

— Calma, calma... — Rudy acariciou os cabelos de Piper e massageou-lhe a nuca com os dedos. — A senhora tem certeza de que ela era cliente nossa?

— Sim. Quero o nome dos candidatos selecionados para ela. Qual de vocês dois a atendeu?

— Fui eu. — Piper deixou as mãos caírem sem vida sobre o colo. Os olhos muito verdes brilharam pela ação das lágrimas prestes a cair e sua boca pintada de ouro pálido tremeu. — Sou eu quem trabalha com requerentes do sexo feminino, e Rudy atende os homens, a não ser que o próprio cliente solicite o contrário. De modo geral, as pessoas se sentem mais à vontade quando discutem suas necessidades românticas e sexuais com alguém do mesmo sexo.

— Certo. — Eve manteve os olhos grudados no rosto de Piper e tentou não reparar no fato de que sua mão fora subindo de leve até ser envolvida pela do irmão.

— Eu me lembro dela, tenente. Sarabeth. Lembro-me bem, porque ela não ficou satisfeita com os dois primeiros rapazes que selecionamos como par ideal e queria o dinheiro de volta.

— Conseguiu a devolução do dinheiro?

— Temos uma política muito rígida a respeito de devoluções depois de os clientes já terem explorado as possibilidades junto aos parceiros selecionados — informou Rudy, apertando a mão da irmã com força, em um ato tranqüilizador, para em seguida dirigir-se à sua mesa.

— Entendo. Nenhum de vocês dois mencionou o fato de que são os donos da companhia.

— A senhora não perguntou — disse Rudy, em tom neutro, enquanto pesquisava os dados solicitados por Eve.

— Quem além de vocês dois poderia ter acesso a esses dados?

— Temos trinta e seis colaboradores — explicou Rudy. — Depois do contato inicial, que é conduzido pessoalmente por mim ou por Piper, os requerentes são encaminhados ao consultor mais adequado às suas necessidades. Devo informar que todos os nossos consultores são selecionados com rigor, treinados e licenciados, tenente.

— Quero os nomes de todos, bem como os seus dados pessoais.

— Não posso concordar com isso. — Seus olhos se fecharam um pouco, tornando-se gélidos. — Esse tipo de invasão de privacidade em nossa equipe é um insulto.

Eve jogou a cabeça de leve para o lado enquanto o encarava e pediu:

— Peabody, solicite um mandado de busca e apreensão de todos os registros e arquivos dos funcionários e de todos os clientes da empresa Íntimo e Pessoal. Compare e acrescente as fichas dos casos de Marianna Hawley e de Sarabeth Greenbalm, e exija que o mandado seja enviado diretamente para mim, via comunicador. Consiga tudo isso depressa!

— Agora mesmo, tenente.

— Rudy... — Esfregando as mãos, nervosa, Piper se levantou. — Isto é mesmo necessário?

— Creio que sim. — Estendeu a mão e pegou a dela quando ela se aproximou. — Se todos os nossos arquivos vão fazer parte de uma investigação policial, quero que esteja tudo bem documentado oficialmente. Desculpe-me pelo que possa ter parecido falta de cooperação ou compaixão, mas tenho muitas pessoas às quais devo proteger.

— Eu também. — Quando o comunicador apitou, Piper deu um pulo de susto. — Desculpe. — Eve deu as costas para eles e pegou o pequeno aparelho em seu bolso. — Dallas falando...

— Conseguimos identificar a maquiagem usada em Marianna Hawley — falou Dickie na tela, com cara emburrada. — A marca é Perfeição Natural. Papa-fina, material muito caro e sofisticado, como eu desconfiava.

— Bom trabalho, Dickie.

— Sim. Isso me custou várias horas extras e ainda tenho compras de Natal para fazer. O exame preliminar indica que o troço usado em Sarabeth Greenbalm é da mesma marca. Só dá para conseguir esse material comprando-o em salões de beleza exclusivos e centros de estética. Não está à venda em lojas para o público em geral, nem mesmo nos lugares mais sofisticados, e também não é vendido pela Internet.

— Ótimo, assim fica mais fácil de rastrear. Quem é o fabricante?

— Renascença, Beleza e Saúde, uma divisão da Kenbar, que por sua vez é um braço das Indústrias Roarke. Você não sabe o que seu próprio marido fabrica, Dallas?

— Droga — foi a reação de Eve assim que desligou e tornou a se virar. — Alguns dos salões de beleza deste prédio vendem os produtos da marca Perfeição Natural?

— Sim. — Piper encostou o corpo junto ao de Rudy de um jeito que fez o estômago de Eve se contorcer. — Esta linha está nas vitrines do salão Só Maravilhas, no décimo andar.

— E vocês têm ligação com o salão?

— São empresas separadas, mas mantemos um bom relacionamento com todos os salões e lojas do edifício. — Rudy foi até o console, abriu um compartimento e selecionou um folheto colorido impresso em papel brilhante de boa qualidade acompanhado por um disco. — Alguns pacotes incluindo aprimoramento estético e vales-presente estão disponíveis para os clientes da agência — informou a Eve, entregando-lhe o material.

— A loja Só Maravilhas é o salão de beleza mais exclusivo em todo o prédio — continuou ele. — Eles também oferecem pacotes que incluem consultas conosco em um plano de serviços denominado "Dia do Diamante".

— Muito prático.

— E um bom negócio. — foi a resposta de Rudy.

— Mandado concedido, tenente. — Peabody pegou novamente o próprio comunicador e avisou: — A transmissão já está chegando.

— Repasse todos os dados que chegaram para McNab, Peabody — ordenou Eve assim que entraram no elevador panorâmico.

— Todos?

Eve não se comoveu com os olhos arregalados de choque que Peabody exibiu.

— Todos — confirmou. — Comece com os candidatos de Sarabeth Greenbalm e depois envie os dados dos funcionários da empresa. Dali siga pela lista de clientes de um ano para cá. Tenho um pressentimento de que o nosso homem apareceu aqui na empresa há pouco tempo.

— Isso vai levar uns vinte ou trinta minutos.

— Então arranje um cantinho sossegado para ficar e transmita os dados de lá. Vamos nos separar aqui. Encontre-me no salão de beleza depois que acabar de receber e transmitir todos os dados.

— Sim, senhora.

— E melhore o seu humor, Peabody. Ficar de bico não é nem um pouco atraente.

— Não estou fazendo bico — reagiu Peabody com dignidade. — Estou simplesmente rangendo os dentes. — Bufou com força no instante em que o elevador fechou com um ruído abafado.

O andar em que o salão ficava cheirava a florestas e campinas. O sistema de som lançava no ar melodias de liras e flautas. Sob os pés dava para sentir a textura especial do carpete, que

simulava pétalas de rosas sendo esmagadas. As paredes eram em prata fosco e por elas escorria lentamente a água que alimentava um estreito canal que, por sua vez, circundava o andar inteiro. Cisnes pequenos, com penugem em tons pastéis, deslizavam majestosamente pela superfície.

Havia seis salões ao todo, cada um deles bastante exótico, com portais em arco envidraçados e rodeados de parreiras. Eve reconheceu exemplares da flor-da-eternidade, velha conhecida sua, cujas hastes se espiralavam, formando uma curva fina e dourada que, por sua vez, formava um halo sobre a entrada da Só Maravilhas.

Até que combina, pensou Eve. Aquela flor lhe trouxera muitos problemas alguns meses antes.

As portas se abriram de par em par com elegância e precisão à sua chegada. Do lado de dentro, o saguão era largo e suntuoso, havia poltronas estofadas com almofadões supermacios em tom de verde-claro. Instalados em cada uma delas, uma pequena tela pessoal e um sistema de comunicação. Ao redor havia vários nus forjados em bronze.

Pequenos andróides circulavam de um lado para outro levando refrescos, material para leitura, óculos de realidade virtual e o que mais os clientes pedissem para passar o tempo enquanto eram esteticamente melhorados.

Duas das poltronas estavam ocupadas por mulheres que batiam papo e sorviam algo estranho, que parecia espuma de algas, enquanto aguardavam para serem atendidas. Ambas usavam um roupão felpudo salmão com o nome do estabelecimento discretamente bordado no peito.

— Posso ajudá-la, senhora? — A mulher atrás do balcão em forma de "U" lançou um olhar longo de avaliação na direção do jeans surrado de Eve, as botas muito arranhadas e o cabelo em completo desalinho. Seus olhos brilharam. A cor deles combinava com os cabelos modelados com gel em formato de "S" que serpenteavam até a nuca penteada de forma triangular e pintada de magenta. — Imagino que a senhora esteja em busca do nosso pacote Mulher Completa.

— Isso foi uma indireta para mim? — perguntou Eve com um sorriso agradável.

— O que quer dizer, senhora? — A mulher piscou os longos cílios prateados.

— Deixe pra lá, maninha. Quero saber a respeito da sua linha Perfeição Natural.

— Sim, é claro. É a melhor linha de cosméticos e aprimoramento estético que o dinheiro pode comprar. Ficarei feliz em solicitar uma consultora de beleza para vir conversar com a senhora. Gostaria de marcar hora?

— Sim. — Eve colocou o distintivo sobre o balcão, estalando a ponta dele sobre a superfície. — Este exato momento estaria ótimo para mim.

— Não compreendo...

— Já percebi isso. Chame o gerente.

— Com licença, senhora. — A jovem virou-se de lado em seu banquinho elevado e falou com suavidade na direção do *tele-link.* — *S*imon, poderia vir aqui na recepção, por favor?

Com os polegares enfiados nos bolsos da calça, Eve balançou para trás apoiada nos calcanhares e analisou os elegantes frascos e embalagens na vitrine giratória atrás do balcão.

— O que são todas aquelas coisas? — quis saber.

— Fragrâncias personalizadas. Informamos dados a respeito da sua personalidade e aspecto físico em um programa que cria um perfume que é unicamente seu. A embalagem é escolhida pela cliente. Cada fragrância é única e, uma vez selecionada, nunca mais será fabricada.

— Interessante.

— É uma coisa maravilhosa para dar de presente para alguém. — Arqueou uma das sobrancelhas finas e bem delineadas, decretando: — O problema é que se trata de um produto exclusivo e terrivelmente caro.

— É mesmo? — Irritada pelo tom de sarcasmo da atendente, Eve a encarou fixamente com os olhos semicerrados. — Vou levar um.

— Naturalmente o pagamento deverá ser efetuado antes de a programação do produto ser iniciada.

Profundamente irritada, Eve se imaginou agarrando a moça pelo cabelo duro e modelado e esmagando aquele rostinho perfeito e o sorrisinho de deboche contra o balcão, com toda a força. Chegou a dar um passo à frente, mas ouviu passinhos apressados que faziam toque-toque no piso muito liso atrás dela.

— Yvette, qual é o problema por aqui? Estou atoladíssimo no trabalho lá atrás.

— Ela é o problema — afirmou Yvette, com um leve sorriso. Eve se virou e recebeu o impacto de estar frente a frente com o magnífico Simon.

Os olhos foram a primeira coisa que a impressionaram. Eram muito claros, em um azul quase translúcido, emoldurados por cílios escuros e espessos encimados por finas sobrancelhas negras como ébano que quase se juntavam no meio. Seus cabelos eram vermelhos, com um forte tom de rubi, afastados da fronte e das têmporas e penteados para trás, caindo em cascatas encaracoladas que lhe desciam até o meio das costas.

Sua pele exibia o brilho dourado típico das pessoas com herança multirracial, ou então ele pintara toda a pele. Sua boca tinha um tom de bronze-escuro e sobre a maçã esquerda do rosto, muito saliente e cheia de personalidade, via-se um unicórnio branco com cascos e chifre dourados.

Ajeitou o manto azul-rei que lhe cobria os ombros. Por baixo, usava um macacão colante amarelo-esverdeado com listras prateadas e um profundo decote. Um emaranhado de correntes de ouro rebrilhava contra o seu impressionante tórax. Ele virou a cabeça meio de lado, fazendo dançar os numerosos pingentes que usava na orelha à guisa de brinco, e apoiou uma das mãos no quadril estreito, avaliando Eve de cima a baixo.

— Em que posso ajudá-la, queridinha?

— Eu quero...

— Espere! Espere! — Levantou as duas mãos espalmadas para a frente, revelando uma corrente de flores e corações tatuados ali. — Eu conheço você. — Jogando a cabeça para trás de forma dramática, circulou Eve, proporcionando-lhe uma amostra do seu perfume marcante.

Ameixa, reconheceu Eve. Aquele cara tinha cheiro de ameixa.

— Rostos — continuou ele, enquanto os olhos de Eve iam se estreitando — são a minha arte, o meu negócio, a minha mercadoria, o meu ofício. E eu já vi o seu rosto. Ah, vi... Tenho certeza de que já a vi.

De repente, ele agarrou a cabeça de Eve entre as mãos e se inclinou na direção dela, até os dois ficarem com os rostos quase colados.

— Escute aqui, meu chapa...

— A esposa de Roarke! — guinchou ele, histérico, e plantou-lhe um beijo na boca, molhado e estalado, antes de dar um pulo para trás, a fim de escapar do murro que percebeu que viria em seguida. — É você! Queee-riii-da! — cantarolou ele, cruzando as mãos sobre o coração e dirigindo-se à recepcionista. — A esposa de Roarke em nosso humilde salão.

— A esposa de Roarke? — Yvette ficou vermelha como um pimentão para em seguida empalidecer por completo. — Oh... — murmurou ela com ar abatido e doente.

— Sente-se aqui! Você tem que sentar e me dizer tudo o que deseja. — Ele pegou o cotovelo de Eve, com delicadeza, encaminhando-a para uma das poltronas. — Yvette, amada, seja um anjo para mim e cancele todas as minhas consultas de hoje. — Virou-se para Eve. — Minha dama adorada, sou todo seu. Por onde deseja começar?

— Você pode começar dando um passo para trás, meu chapa. — Afastou o braço dele e, com certa relutância, sacou o distintivo em vez da arma. — Estou aqui para resolver um assunto policial.

— Ó meu Deus! Minha nossa! — Simon esbofeteou a si mesmo, de leve. — Como pude me esquecer? A esposa de Roarke é a melhor policial de Nova York. Perdão, queridinha.

— Meu nome é Dallas... tenente Dallas.

— É claro. — Lançou um sorriso doce. — Mil perdões, tenente. Meu entusiasmo às vezes... me emociona demais. Vê-la aqui me deixou meio desnorteado, entende? Como sabe, a senhora está na lista das minhas dez clientes de sonho, ao lado da primeira-dama e de Slinky LeMar... a rainha do vídeo — acrescentou ao ver que os olhos de Eve continuavam semicerrados. — Está em excelente companhia.

— Que bom. Preciso da sua lista de clientes da linha Perfeição Natural.

— Nossa lista de clientes? — Colocando a mão novamente sobre o coração, ele se sentou. Tocou a tela do monitor ao lado e, quando um cardápio apareceu, ele ordenou: — Um refrigerante de limão. Por favor, tenente, permita-me que eu lhe ofereça algo para refrescá-la.

— Não precisa, estou ótima. — Como Simon parecia mais calmo e não mais prestes a pular novamente sobre ela, Eve se se*ntou* diante dele. — Preciso dessa lista, Simon.

— Tenho permissão de saber o motivo?

— Estou investigando um homicídio.

— Um assassinato — sussurrou ele, inclinando-se na direção dela. — Sei que isso é terrível, mas também acho tremendamente excitante. Sou louco por filmes de mistério e histórias de detetive. — Lançou-lhe novamente o seu sorriso mais doce, e Eve, sem conseguir evitar, acabou suavizando a voz.

— Isso é um pouco diferente dos filmes, Simon.

— Eu sei, eu sei. Foi horrível isso que eu falei. Abominável. Mas não posso imaginar como é que uma linha de produtos de beleza pode ter a ver com... — Seus olhos se arregalaram, muito brilhantes.

— Veneno? Foi veneno? Alguém acrescentou veneno na tintura labial da vítima. A pobrezinha se preparou para a balada, pensando em arrasar na *night... t*alvez tenha usado a nova tonalidade Vermelho Radical ou, não, não, Bronze Pegação, e então...

— Segure a sua onda, Simon!

Suas pestanas balançaram, ele ficou com o rosto muito brilhante e deu uma risada calorosa, afirmando:

— Acho que eu merecia uma surra. — Sem olhar para cima, pegou o copo comprido e fino cheio de um líquido amarelo-claro que um garçom andróide levara até ele. — É claro que vamos cooperar, tenente, de todas as formas que pudermos. Devo avisá-la, apenas, de que a nossa lista de clientes é i-men-sa. Se a senhora pudesse me especificar que produto está investigando, isso limitaria muito os resultados e facilitaria o seu trabalho.

— Por enquanto quero a lista completa, depois veremos o que fazer.

— A senhora é quem manda. — Levantou-se, curvou-se diante dela e saiu deslizando em direção ao balcão. — Yvette... faça demonstrações e dê amostras de alguns dos nossos produtos à querida tenente Dallas enquanto eu faço o que ela mandou. Obrigada, amada, você é um doce de coco.

— Não preciso de amostras. — Eve sorriu, de leve, na direção de Yvette. — Quero apenas a fragrância exclusiva sobre a qual estávamos falando.

— Claro. — A recepcionista quase se ajoelhou aos pés de Eve. — O produto seria para a senhora mesma?

— Não. É um presente.

— Um presente muito especial. — Yvette pegou um computador de mão de bolso. — Homem ou mulher?

— Mulher.

— Poderia me informar três das características mais marcantes de sua personalidade? Corajosa, tímida, romântica etc?

— Inteligente — respondeu Eve, de imediato, pensando na dra. Mira. — Compassiva. Integra.

— Muito bem. E quanto a características físicas?

— Estatura mediana, porte esbelto, cabelos castanhos, pele clara, olhos azuis.

— Isso está ótimo — disse Yvette. Para uma descrição criminal, pensou consigo mesma, com pesar. — Qual o tom de castanho em seus cabelos? Que tipo de penteado ela usa?

Eve soltou o ar devagar por entre os dentes. Aquela história de compras natalinas não era moleza não... Fazendo o melhor possível, ela se concentrou e tentou descrever a psiquiatra e analista de perfis humanos mais importante da cidade.

Quando Peabody entrou, Eve já estava escolhendo o frasco enquanto esperava Simon trazer a lista.

— Vejo que esteve fazendo compras novamente, tenente.

— Não, apenas adquiri outro produto.

— Quer que entreguemos a mercadoria em sua casa ou no trabalho, tenente?

— Em casa.

— Quer que o embrulhemos para presente?

— Droga... Quero, quero sim, embrulhe tudo. E então, Simon, essa lista sai ou não sai? — gritou.

— Está saindo, tenente amada. — Ele levantou os olhos assim que voltou e sorriu de forma luminosa para ela. — Estou tão feliz de ter podido ajudar em alguma coisa. — Colocou a lista impressa e o disco com o arquivo eletrônico dentro de uma sacola de presentes dourada. — Acrescentei algumas amostras dos produtos da Perfeição Natural. Creio que a senhora vai achá-los perfeitos. Naturalmente perfeitos — brincou ele, rindo da própria piada enquanto entregava a sacola a Eve. — Espero que me mantenha informado. Por favor, volte sempre que quiser e à hora que desejar. Adoraria trabalhar um pouco com a senhora.

## CAPÍTULO SEIS

Um mar de gente inundava a Quinta Avenida. As pessoas se aglomeravam nas calçadas, nas passarelas aéreas e se apertavam nos cruzamentos e diante das vitrines, todas em um frenesi contagiante para entrar nas lojas e fazer compras.

Alguns já carregados como mulas, cheios de embrulhos e sacolas que transbordavam por todos os lados, abriam caminho entre cotoveladas e empurrões através das ondas de pedestres lutando para conseguir um táxi vazio.

Acima de suas cabeças, dirigíveis de propaganda trombeteavam as novidades, encorajando as massas a continuar comprando e anunciando descontos em produtos sem os quais seria impossível viver.

— São todos insanos — decidiu Eve ao acompanhar o estouro de uma multidão que se lançou feérica na direção de um maxi-onibus que ia para o centro. — Todos eles são loucos.

— Mas você também comprou um produto vinte minutos atrás.

— De um jeito civilizado e digno.

— Pois eu gosto dessa confusão natalina — informou Peabody, dando de ombros.

— Então você vai ficar feliz com a notícia que eu vou lhe dar. Vamos saltar do carro agora.

— Aqui?

— É o mais perto que vamos conseguir chegar de carro. — Eve seguiu lentamente com o carro no meio da multidão e conseguiu parar jun to ao meio-fio na esquina da Quinta Avenida com a rua 51. — A joalheria fica a poucos quarteirões daqui. Vai ser mais rápido irmos a pé.

Peabody forçou a barra para sair e correu para acompanhar os passos largos de Eve, que já estava na esquina. O vento soprava pela rua abaixo com a pressa de um rio no fundo de um desfiladeiro e fez o seu nariz ficar vermelho antes mesmo de caminharem uma quadra.

— Odeio esta merda — resmungou Eve. — Metade dessas pessoas nem mesmo mora na cidade. Surgem de todos os lugares e vêm do inferno até aqui só para entulhar nossas ruas a cada maldito dezembro.

— E injetam toneladas de dinheiro na nossa economia — rebateu Peabody.

— Provocam atrasos, pequenos delitos, acidentes de tráfego. Tente sair do centro às seis da tarde. É horrível. — Franzindo o cenho, passou ao lado de um quiosque de churrasquinho, sentindo o aroma de carne grelhada.

Um grito a fez desviar o olhar para a esquerda, a tempo de ver uma briga que se iniciava.

Levantou uma sobrancelha, levemente interessada, quando um ladrão de rua, em um skate aéreo, derrubou duas mulheres, agarrou suas bolsas e saiu correndo pela multidão na direção de Eve.

— Viu isso, senhora?

— Sim, e já o tenho na mira. — Eve reparou no sorriso de triunfo do ladrão enquanto ele ziguezagueava por entre as pessoas, ganhando velocidade enquanto elas pulavam para o lado, saindo do caminho.

Ele abaixou a cabeça, girou o corpo, desviou e tentou passar à direita de Eve. Os olhos de ambos se encontraram por um breve segundo, os dele brilhantes de empolgação, os dela frios e precisos. Ela girou o corpo e deu-lhe um murro curto e direto que o derrubou. Se a multidão não estivesse tão compacta, ele teria voado a uns três metros de distância. Em vez disso, despencou de barriga para baixo sobre um grupo de pessoas distraídas, com o skate aéreo ainda ligado virado para cima.

O sangue jorrava do seu nariz, e seus olhos reviraram, deixando à mostra apenas a parte branca.

— Veja se consegue um policial que esteja fazendo ronda por aqui para cuidar deste imbecil. — Eve flexionou os dedos, girou os ombros e colocou um dos pés na barriga do ladrão, que se virará e gemia, retorcendo-se de dor. — Sabe de uma coisa, Peabody? Estou me sentindo muito melhor agora.

Mais tarde, Eve chegou à conclusão de que prender o ladrão fora o ponto alto do seu dia. Não conseguiu nada na joalheria. Nem o joalheiro nem o balconista com cara azeda se lembravam de nenhum cliente que tivesse pago em dinheiro por um prendedor de cabelo representando uma perdiz. Era Natal, reclamou o joalheiro, enquanto o vendedor registrava vendas com a velocidade e precisão de um andróide. Como é que ele poderia se lembrar de uma venda específica?

Eve sugeriu que ele tentasse se lembrar com mais calma e entrasse em contato com ela quando sua memória melhorasse. Acabou comprando um brinco de cobre para o namorado de Mavis, Leonardo, atitude que incomodou Peabody.

— Por que não pega um ônibus para a minha casa e fica lá trabalhando em companhia de McNab. Peabodv?

— Não seria melhor você me dar um soco na cara, se deseja livrar-se de mim?

— Agüente firme, Peabody. Vou para a Central de Polícia agora. Preciso repassar ao comandante Whitney as últimas novidades sobre o caso e quero também me encontrar com Mira, para que ela comece a traçar um perfil do assassino.

— E talvez pelo caminho você compre mais alguns presentinhos de Natal.

— Isso é sarcasmo? — quis saber Eve, parando ao lado do carro.

— Acho que não. Foi direto demais para ser considerado sarcasmo.

— Veja se encontra algum nome que esteja nas duas listas, Peabody, senão vamos ter que começar a interrogar corações solitários.

Eve deixou Peabody e a viu forçando o caminho rumo à Sexta Avenida, a fim de pegar um ônibus para a área residencial, onde Eve morava. Eve, por sua vez, ligou o *tele-link* enquanto seguia na direção oposta e marcou duas reuniões.

Conferiu a lista de mensagens recebidas e, ao ouvir novamente a voz agitada de Nadine, resolveu dar uma colher de chá à repórter.

— Pare de reclamar, Nadine — foi o seu cumprimento assim que ela atendeu.

— Dallas, por Deus... Por onde tem andado?

— Estou mantendo a cidade segura para você e os seus.

— Escute, está em cima da hora para eu fechar a matéria, mas ainda dá para encaixar alguma informação para a edição de meio-dia. Divulgue nem que seja uma notinha.

— Muito bem. Acabei de prender um assaltante na Quinta Avenida.

— Não seja metida a engraçada, Dallas, estou com as costas na parede, aqui. Qual é a ligação entre os dois assassinatos?

— Que dois assassinatos? Sabe como é, aparece um monte de corpos por aqui nessa época do ano. O Natal traz à tona o espírito festivo das pessoas más também.

— Marianna Hawley e Sarabeth Greenbalm — respondeu Nadine, rangendo os dentes de raiva. — Qual é a sua, Dallas? Duas mulheres estranguladas foi tudo o que consegui. E você é a investigadora principal em ambos os casos. Soube que houve abuso sexual. Você confirma isso?

— O departamento não está autorizado a confirmar nem negar nada a essa altura das investigações.

— Estupro e sodomia.

— Sem comentários.

— Droga, por que esse jogo duro comigo?

— Estou sem tempo até para respirar, Nadine, correndo atrás para tentar deter um assassino, e não posso ficar me preocupando em melhorar os índices de audiência do Canal 75.

— Pensei que fôssemos amigas.

— E somos mesmo, e é por isso que, assim que eu conseguir algo de concreto, passo para você.

— Em primeira mão? Uma entrevista exclusiva? — Os olhos de Nadine brilharam.

— Agora desocupe a linha do meu *tele-link.*

— Entrevista ao vivo só eu e você, Dallas. Deixe que eu arranjo tudo. Posso estar na Central de Polícia à uma hora da tarde.

— Não. Eu aviso quando e onde, mas *hoje n*ão tenho tempo para você. — E tempo, pensou Eve, era o fator mais importante no momento. Por outro lado, ninguém fazia pesquisas de campo tão rápido e de forma tão eficiente quanto a repórter Nadine Furst. — Você não anda saindo com ninguém nos últimos tempos, não é, Nadine?

— Saindo com alguém como? Namorando ou dormindo com alguém, é isso? Não, não tenho ninguém especial no momento.

— E já tentou recorrer a uma dessas agências de encontros?

— Ora, por favor. — Os cílios de Nadine balançaram com força enquanto ela levantou uma das mãos e pôs-se a examinar as unhas. — Acho que consigo encontrar homens por meus próprios meios.

— Foi só uma idéia. Ouvi dizer que essas agências andam muito populares. — Eve fez uma pausa e reparou quando os olhos de Nadine se estreitaram e emitiram um brilho mais acentuado. — Você bem que podia procurar uma delas.

— Sim, talvez eu faça isso. Valeu, agora preciso desligar. Entro no ar em cinco minutos.

— Só mais uma coisa. Você está esperando que eu lhe dê algum presente de Natal?

— Claro que sim! — reagiu Nadine, levantando as sobrancelhas e exibindo um sorriso largo.

— Droga, era isso que eu temia. — Franzindo o cenho, Eve desligou e fez uma curva longa com o carro para entrar na garagem da Central de Polícia.

A caminho da sala de Whitney, pegou uma barra de cereais e uma lata de Coca-Cola da série Extra-Zing em uma máquina automática. Engoliu a barra em poucas dentadas, tomou o

refrigerante às pressas e, como conseqüência, sentiu-se levemente nauseada ao entrar na sala do comandante.

— Qual é a situação do caso, tenente?

— McNab, da Divisão de Detecção Eletrônica, e a minha auxiliar estão trabalhando juntos no escritório de minha casa, comandante. Temos as listas dos candidatos que foram entregues pela agência às duas vítimas. Nossa esperança é achar um nome que esteja nas duas listas. Continuamos a investigar as jóias que ele deixou pregadas nas vítimas e descobrimos a marca e o possível local de compra da maquiagem que usou.

O comandante concordou com a cabeça. Whitney era um homem corpulento, olhos cansados e pele escura. Através da janela que ficava às costas dele, Eve podia ver a cidade e o constante fluxo de tráfego aéreo em volta de edifícios que mais pareciam lanças; pessoas se moviam dentro de escritórios por trás de janelas largas. Sabia que se olhasse para a rua dali de cima ela veria as calçadas lotadas de pessoas do tamanho de formigas, andando apressadas de um lado para outro. Vidas que precisavam ser protegidas.

Como sempre, refletiu que preferia a sua sala apertada, naquele mesmo prédio, com uma janela minúscula.

— Dallas, você sabe quantos turistas e consumidores de fora vêm para esta cidade nas semanas que antecedem o Natal?

— Não, senhor.

— Hoje de manhã o prefeito me informou quais são as suas perspectivas econômicas para este ano, quando ligou para me comunicar que a cidade não pode se permitir ter um *serial killer* à solta, afugentando turistas e os seus preciosos dólares reservados para compras natalinas. — Seu sorriso ao dizer isso era sem vida e sem humor. — Não me pareceu muito preocupado com o fato de moradores da cidade estarem sendo estuprados e estrangulados, mas sim com os desastrosos efeitos colaterais que tais eventos podem provocar caso a mídia resolva explorar a história do Papai Noel assassino.

— A mídia ainda não sabe dessa história.

— E quanto tempo você acha que vai levar para a informação vazar? — Whitney se recostou na cadeira e fixou os olhos em Eve.

— Uns dois dias. O Canal 75 já recebeu a dica de que são homicídios decorrentes de estupro, mas os dados ainda estão incompletos.

— Vamos tentar mantê-los assim. Quando você acha que ele vai tornar a atacar?

— Esta noite ou no máximo amanhã. — Não temos como impedi-lo, pensou, e viu pelo rosto de Whitney que ele a compreendeu.

— A agência de encontros é a única ligação entre os casos até agora?

— Sim, no momento é só o que temos, senhor. Não temos indícios de que as vítimas se conhecessem. Moravam em bairros diferentes da cidade e seus círculos sociais não se misturavam. Elas nem tinham o mesmo tipo físico.

Eve fez uma pausa, esperando a vez de Whitney falar, mas ele não disse nada.

— Vou consultar a dra. Mira — continuou Eve. — Em minha opinião, porém, o assassino já estabeleceu um padrão e um objetivo. Quer doze mortes antes do fim do ano. Isso lhe dá menos de duas semanas; portanto, ele vai ter que agir rápido.

— E você também.

— Sim, senhor. A fonte das suas vítimas só pode ser a Íntimo e Pessoal. Já descobrimos a maquiagem usada nelas. Os lugares onde se pode comprar este tipo específico de produto são limitados. Temos também as duas jóias que ele deixou para trás, o prendedor de cabelo e o broche. — Nesse ponto, Eve suspirou. — O assassino sabia que conseguiríamos rastrear os cosméticos e, quanto às jóias, ele as deixou deliberadamente no local do crime. O criminoso se acha seguro. Se não conseguirmos nada nas próximas vinte e quatro horas, nossa melhor defesa pode ser a mídia.

— E o que dizemos para os repórteres? Quem avistar um sujeito gordo com roupa vermelha deve chamar a polícia? — Empurrou a cadeira para trás e se levantou. — Descubra mais alguma coisa, tenente. Não quero doze corpos debaixo da minha árvore de Natal.

Eve pegou o comunicador assim que saiu da sala de Whitney.

— McNab, quero ouvir uma boa notícia.

— Estou fazendo o melhor que posso, tenente. — Ele gesticulou na tela do comunicador com algo na mão que parecia ser uma fatia de pizza. — Já eliminei o ex-marido da primeira vítima. Ele estava em um estádio de futebol em companhia de três amigos na noite do primeiro assassinato. Peabody ainda vai confirmar isso com os três companheiros dele, mas está me parecendo que é verdade. Nenhuma passagem para Nova York foi emitida em seu nome. Ele não vem à Costa Leste há mais de dois anos.

— Menos um suspeito, então — disse Eve, entrando em uma escada rolante. — O que mais conseguiu?

— Nenhum dos nomes da lista de Marianna Hawley bate com os de Sarabeth Greenbalm, mas estou comparando impressões digitais e de voz para me certificar de que ninguém tentou alguma armação.

— Bem pensado.

— Mais dois na lista de Marianna Hawley também estão limpos. Preciso confirmar, mas ambos têm bons álibis. Agora eu estou começando a trabalhar pessoalmente na lista de Sarabeth Greenbalm.

— Dê prioridade à lista de nomes relacionados com os cosméticos. — Passou a mão pelos cabelos enquanto saía da escada rolante e entrava em um elevador. — Devo ir para casa daqui a umas duas horas.

Saindo do elevador, Eve atravessou um pequeno saguão e entrou no consultório da dra. Mira. Não havia ninguém na recepção e a porta da sala de Mira estava aberta. Colocando a cabeça no portal, Eve viu a psiquiatra, que analisava o vídeo de um caso enquanto mordiscava um pequeno sanduíche.

Não era comum pegar Mira assim distraída, refletiu Eve. Aquela era uma mulher que estava sempre ligada e observava tudo. Há algum tempo Eve descobrira que a doutora enxergava longe e via quase tudo. Via bem até demais, especialmente as coisas que diziam respeito ao seu passado.

Eve não sabia ao certo o que fizera com que a ligação entre elas se tornasse tão forte. Respeitava as qualificações de Mira, embora suas habilidades, às vezes, a deixassem pouco à vontade.

Mira era uma mulher de baixa estatura, mas tinha o corpo bem proporcional e cabelos sedosos muito escuros que lhe emolduravam o rosto sereno e atraente. Normalmente vestia-se com cores suaves. Eve reconheceu que Mira representava tudo o que uma dama deveria ser: discreta, elegante e comunicativa.

Lidar com deficientes mentais, pessoas com tendência à violência e pervertidos diversos nunca alterava a sua serenidade ou compaixão. Seus perfis de loucos e assassinos tinham um valor inestimável para a polícia de Nova York e para a segurança pública.

Eve hesitou, parada na porta, e Mira sentiu a sua presença. A psiquiatra virou a cabeça e seus olhos azuis se iluminaram ao encontrar os de Eve.

— Não queria interrompê-la, doutora, mas a sua assistente não estava na recepção.

— Ela está no almoço. Eve, entre e feche a porta. Eu estava à sua espera.

— Mas estou interrompendo o seu almoço — disse Eve, olhando para o sanduíche.

— Policiais e médicos param para almoçar quando conseguem e não quando querem. Deseja algo para comer?

— Não, obrigada. — A barra de cereais não lhe caíra muito bem no estômago, o que a fez perguntar a si mesma há quanto tempo a máquina tinha sido reabastecida.

Apesar da resposta negativa de Eve, Mira se levantou e programou chá no AutoChef. Aquele era um ritual que Eve aprendera a aceitar. Tudo bem, ela ia provar um pouco do chá feito de flores, mas não era obrigada a gostar do sabor.

— Já dei uma olhada nos dados que você me transmitiu e também nas cópias dos relatórios. Prometo-lhe um perfil completo por escrito para amanhã de manhã.

— E o que a senhora poderia me adiantar hoje?

— Provavelmente pouco mais do que você já deve ter descoberto por si mesma. — Mira recostou-se na cadeira azul similar às que havia no salão de beleza de Simon. Notou que o rosto de Eve estava pálido demais e ela parecia mais magra. Mira não tivera nenhum contato com Eve desde que ela saíra de licença e seus olhos de médica diagnosticaram que o retorno havia sido antecipado

Apesar de pensar assim, guardou a opinião para si mesma.

— A pessoa que você está procurando, Eve, provavelmente é do sexo masculino e tem entre trinta e cinqüenta e cinco anos — começou. — É controlado, calculista e muito organizado. Adora aparecer e acha que merece ser o foco das atenções. Talvez tenha aspirações à carreira de ator ou alguma coisa ligada à área de interpretação.

— Ele se exibiu para a câmera, brincou com ela.

— Exato — concordou Mira, satisfeita. — Ele usa fantasias e acessórios de um personagem e, na minha opinião, não faz isso apenas pelo disfarce em si, mas por um talento natural, além da ironia do ato. Perguntome se ele também vê a sua crueldade como uma ironia.

Fez uma pausa, respirou fundo, descruzou as pernas e sorveu um pouco de chá. Se acreditasse que Eve realmente ia tomar toda a xícara que lhe foi servida, a doutora teria acrescentado algumas vitaminas.

— Essa é uma possibilidade — continuou ela. — Para ele é como se estivesse em um palco, um espetáculo. Ele gosta disso, e gosta muito. Curte a preparação, os detalhes. É um covarde, mas é também muito meticuloso.

— Todos eles são covardes — afirmou Eve, e Mira virou a cabeça meio de lado.

— Sim, essa é a sua visão, porque você considera que tirar uma vida só é justificável em defesa de outra. Para você, homicídio é a forma mais perfeita de covardia. Neste caso, no entanto, eu diria que ele reconhece os próprios medos. Droga as vítimas o mais depressa possível — não para que não sintam dor, mas... para evitar que lutem com ele. Ele as coloca na cama e as amarra antes de lhes arrancar as roupas. Não as despe em um acesso de raiva e se certifica de que estão bem amarradas antes de passar à etapa seguinte. Elas se tornam indefesas e só então passam a pertencer a ele.

— Então ele as estupra.

— Sim, quando estão amarradas. Nuas e indefesas. Se estivessem soltas, elas o rejeitariam. Ele sabe disso. Já foi rejeitado antes. Agora, porém, pode fazer como bem quiser. Precisa que elas estejam acordadas e conscientes, para que possam vê-lo, para que saibam que o poder está em suas mãos e para que lutem, mas sem conseguir escapar.

As palavras e imagens fizeram com que o estômago de Eve, já enjoado, se contorcesse. Lembranças começaram a flutuar, muito próximas da superfície.

— Estupro é sempre uma questão de poder.

— Sim. — Como a compreendia bem, Mira teve vontade de esticar o braço e segurar a mão de Eve, e pelo mesmo motivo não fez isso. — Ele as estrangula porque é um ato pessoal, uma extensão do ato sexual. Mãos na garganta. É uma coisa íntima. — Mira exibiu um sorriso leve. — Quanto disso tudo você já havia descoberto por conta própria?

— Não importa. A senhora está confirmando minhas hipóteses.

— Muito bem, então. O festão é apenas um adorno. Acessórios teatrais, mais uma vez, espetáculo, ironia. São presentes que ele oferece a si mesmo. A temática de Natal pode ter algum significado para ele ou ser apenas um simbolismo.

— E quanto à destruição da árvore de Marianna Hawley e dos enfeites? — Quando Mira simplesmente ergueu uma sobrancelha, Eve arriscou, encolhendo os ombros: — Significa a ruptura com o que a árvore simboliza. É a destruição da pureza representada pelos anjinhos nos enfeites.

— Isso combinaria com ele.

— E quanto às jóias e às tatuagens?

— Ele é romântico.

— Romântico?!

— Sim, ele faz o tipo romântico. Ele as rotula como seu verdadeiro amor, deixa-lhes um tributo e gasta o seu tempo e o seu trabalho para torná-las mais bonitas, antes de abandoná-las. Qualquer coisa que beirasse a inferioridade faria das vítimas um presente indigno.

— Ele as conhecia?

— Sim, eu diria que sim. Se elas o conheciam, porém, é outra história. Mas ele as acompanhava sim, e as observava. Ele as escolheu e, durante o curto período em que lhe pertenceram, elas foram o seu verdadeiro amor. Ele não as mutila — acrescentou a médica, inclinando-se levemente para a frente. — Ele as enfeita, torna-as mais bonitas. De uma forma

artística, talvez até amorosa. Mas depois que acaba com elas tudo termina junto. Ele limpa o cadáver com desinfetante e também se limpa. Lava, esfrega, apaga os vestígios da vítima do seu próprio corpo. E ao sair ele está jubilante. Venceu o jogo. Está na hora de se preparar para a próxima partida.

— Marianna Hawley e Sarabeth Greenbalm eram completamente diferentes uma da outra, não apenas fisicamente, mas também em estilo de vida, hábitos e profissão.

— Mas tinham uma coisa em comum — argumentou Mira. — Ambas, em um determinado momento, se sentiram solitárias demais, carentes demais ou interessadas demais em encontrar um companheiro; estavam até mesmo dispostas a pagar para conseguir achá-lo.

— O seu verdadeiro amor. — Eve colocou o chá de lado sem sequer prová-lo. — Obrigada, doutora.

— Espero que você esteja bem, Eve. — Percebendo que Eve estava pronta para se levantar e ir embora, Mira tentou retê-la um pouco mais. — Tomara que já esteja recuperada dos ferimentos.

— Estou bem.

Não está não, avaliou Mira.

— Você esteve afastada quanto tempo por licença médica? Duas ou três semanas apenas? Para se recuperar de ferimentos graves?

— Sinto-me melhor quando estou trabalhando.

— Sim, acho que você pensa assim. — Mira tornou a sorrir. — Está pronta para as festas de fim de ano?

Eve fez força para não se remexer na cadeira, mas bem que teve vontade. Respondeu apenas:

— Já andei comprando alguns presentes.

— Deve ser difícil escolher um presente para Roarke.

— Nem queira saber!

— Tenho certeza de que vai encontrar algo perfeito para ele. Ninguém o conhece tão bem quanto você.

— Às vezes sim, às vezes não. — Como aquilo a estava incomodando, falou sem pensar: — Ele está curtindo todas essas baboseiras natalinas. Festas e árvores enfeitadas. Eu imaginei que fôssemos apenas trocar uns presentinhos simples e pronto.

— Nenhum de vocês dois tem lembranças natalinas de infância, como é direito de todos... a expectativa e o deslumbramento da manhã de Natal, os presentes embrulhados em papel colorido e colocados sob a árvore. Acho que Roarke pretende dar início às recordações deste tipo para ambos. Conhecendo-o como eu o conheço — acrescentou ela com uma risada —, não vão ser recordações banais.

— Acho que ele já encomendou um bosque de tantas árvores.

— Permita-se ter a chance de curtir essa expectativa e esse deslumbramento, Eve, como um presente para vocês dois.

— Com Roarke eu não tenho oportunidade de fazer de outro modo. — Dizendo isso, ela finalmente se levantou. — Obrigada pelo seu tempo, dra. Mira.

— Mais uma coisa, Eve. — Mira se levantou da cadeira também. — Neste momento, o assassino não é perigoso para ninguém, a não ser para a pessoa na qual está focado. Não me parece que ele vá sair por aí matando gente sem objetivo ou planejamento. Mas não há garantias de que isso permaneça assim, nem certeza de que algo, de repente, não possa fazer com que ele modifique o seu padrão de comportamento.

— Já pensei a respeito disso. Vamos nos manter em contato.

Peabody e McNab estavam se estranhando e discutiam quando Eve entrou no escritório de sua casa. Estavam sentados lado a lado diante dos monitores, rosnando um para o outro como dois buldogues disputando o mesmo osso.

Normalmente Eve teria achado graça nisso, mas no momento uma briga como aquela só servia para lhe causar mais irritação.

— Parem com isso! — ordenou de forma incisiva, o que fez com que os dois olhassem para ela com os rostos sombrios e ressentidos. — Ouero os relatórios!

Quando os dois começaram a falar exatamente ao mesmo tempo, Eve sentiu-se enfurecida por aproximadamente cinco segundos, e então arreganhou os dentes. Isso fez com que ambos se calassem.

— Peabody?

Arriscando-se a lançar um olhar de soslaio ao seu oponente, Peabody começou:

— Temos três contatos que conferem em relação aos cosméticos. Dois da lista de Hawley e um da de Greenbalm. Cada um deles adquiriu a linha completa, desde cremes para a pele até rimei. Um dos caras da lista de Hawley comprou também lápis para as sobrancelhas e duas embalagens de pintura para lábios. Bate com a que foi usada na boca de Sarabeth Greenbalm.

Coral Cupido é o nome da tonalidade escolhida. Todos três levaram batom dessa cor.

— O problema. — McNab levantou o dedo, pedindo permissão para falar, como um professor que detém um aluno muito entusiasmado — é que tanto a tonalidade Coral Cupido para lábios quanto a Musgo Marrom para cílios são normalmente fornecidas como amostras grátis nas lojas. Para você ver como são comuns — continuou ele, apontando para um móvel onde estavam enfileirados os produtos que Eve recebera de brinde naquela manhã —, você mesma ganhou amostras de ambos hoje de manhã.

— Não temos como rastrear cada uma das amostras ridículas que foram distribuídas para um monte de gente — afirmou Peabody com um ressentimento perigoso na voz. — Conseguimos três nomes e isso é um ponto de partida.

— A tonalidade Fog Londrino, usada em sombra para os olhos e encontrada em Marianna Hawley, é um dos produtos mais caros de toda a linha e não é distribuído como amostra — informou McNab. — Você só pode consegui-lo comprando o produto em separado ou então quando adquire o pacote completo com a linha de luxo. Se investigarmos essa sombra, chegaremos ao assassino.

— E se o filho-da-mãe roubou a sombra da loja quando estava comprando os outros produtos? — quis saber Peabody, virando-se para McNab. — Você vai querer rastrear cada ladrão de loja pela cidade inteira?

— Pois esse é o único produto que não conseguimos rastrear até agora, e portanto é o que temos que achar.

Um já estava quase com o nariz colado no do outro, em posição de ataque, quando Eve empurrou ambos, avisando:

— O próximo que der um pio aqui dentro desta sala eu tiro do caso na mesma hora. Os dois têm razão. Devemos interrogar os compradores do batom e depois saímos em busca da porcaria para os olhos. Peabody, anote os nomes, vá até o meu carro e espere por mim lá.

Peabody nem precisou falar nada, pois a sua coluna ereta e os olhos flamejantes diziam mais que um livro inteiro. No instante em que ela saiu da sala, McNab enfiou as mãos nos bolsos. Quando abriu os lábios, porém, ensaiando um sorriso, percebeu o olhar duro de Eve e permaneceu sério.

— Filtre os nomes da Íntimo e Pessoal novamente. Quero tanto clientes quanto funcionários dessa vez. Descubra quem comprou essa sombra e veja quantos outros produtos usados nas vítimas podem ter vindo de lá. Levantou as sobrancelhas e terminou: — Agora diga: "Sim senhora, tenente Dallas!"

— Sim senhora, tenente Dallas! — soltou ele, com um suspiro.

— Muito bem. Já que está no embalo, McNab, veja se consegue xeretar nas compras pessoais

e nos cartões de crédito de Piper e Rudy. Vamos descobrir que marca de cosméticos eles usam. — Esperou com as sobrancelhas arqueadas. Percepção lenta era algo que McNab não tinha, e ele confirmou isso.

— Sim senhora, tenente Dallas! — repetiu solícito.

— E desfaça essa cara de quem comeu e não gostou — ordenou ao sair em passos largos.

— Mulheres! — resmungou McNab por entre os dentes, e então percebeu um movimento com o canto do olho. Reparou que Roarke estava em pé sob o portal que dividia os dois escritórios e sorria para ele.

— Criaturas maravilhosas, não é mesmo? — Roarke disse ao entrar.

— Não quando analisadas pelo ângulo em que eu me encontro.

— Ah, mas você vai ser considerado um herói se conseguir ligar o produto ao nome certo do comprador, não vai? — Passeando em volta da mesa, Roarke analisou as listas e documentos, embora os dois soubessem que aquilo era material confidencial de uso da polícia e não lhe dizia respeito. — Acho que eu tenho uma ou duas horas livres. Quer uma ajudinha?

— Bem, eu... — McNab olhou com apreensão na direção da porta.

— Não se preocupe com a tenente — garantiu Roarke, já animado e sentando-se diante do computador. — Sei lidar com ela.

Donnie Ray Michael vestia um roupão marrom muito surrado e tinha um piercing de prata com uma esmeralda polida no nariz. Seus olhos tinham um tom enevoado de avelã e os cabelos eram da cor de manteiga. Sua respiração parecia ofegante e furiosa.

Observou com atenção o distintivo de Eve, soltando o ar em um bocejo com bafo tão forte de álcool que quase a nocauteou. Em seguida, cocou a axila.

— Que foi?

— Seu nome é Donnie Ray? Tem um minuto?

— Sim, tenho muitos minutos, mas para quê?

— Posso lhe comunicar assim que você nos deixar entrar e depois que for gargarejar com um ou dois litros de enxaguatório bucal.

— Oh... — Ele se ruborizou ligeiramente e foi para os fundos. — Eu estava dormindo. Não esperava visitas. Nem a polícia. — Mas convidou-as a entrar e desapareceu por um pequeno

corredor.

O lugar era uma pocilga, com roupas espalhadas, embalagens de comida para viagem vazias e outras com restos misturados, cinzeiros transbordando e uma pilha de discos virgens, de computador espalhados pelo chão. Em um canto ao lado de um sofá muito puído via-se um saxofone imaculadamente limpo, bem cuidado e brilhante.

Eve sentiu no ar o cheiro de cebolas velhas misturado com um leve aroma de substâncias ilegais fumadas recentemente.

— Se quisermos solicitar um mandado de busca e apreensão — comentou Eve para Peabody —, temos um bom motivo.

— Qual? Guarda de lixo tóxico em domicílio?

— Olhe ali. — Eve empurrou com a ponta do pé o que parecia ser uma cueca usada. — Ele anda consumindo Zoner, provavelmente como sedativo, antes de dormir. Dá para sentir o cheiro.

— Só consigo identificar cheiro de doces e cebola — fungou Peabody.

— Mas está aqui sim.

Donnie Ray voltou, com os olhos um pouco mais claros e o rosto vermelho e úmido devido à água quente.

— Desculpem a bagunça. A andróide que faz a faxina está de folga há mais de um ano. O que desejam?

— Você conhece Marianna Hawley?

— Marianna? — Seu cenho se franziu. — Não sei. Devia conhecê-la? — Você foi selecionado como um possível par para ela pela agência de encontros Íntimo e Pessoal.

— Ah, aquele lance da agência de namoro. — Chutando algumas roupas sujas pelo caminho, largou-se sobre uma cadeira. — Sim, fiz uma tentativa dessas, há alguns meses. Estava a perigo. — Riu de leve, encolhendo os ombros em seguida. — Marianna... Era uma com cabelão ruivo, não é? Não, não, essa era Tanya. Até que a gente se entendeu bem e rolou um lance, mas ela se mudou para bem longe, foi para Albuquerque. É mole um troço desses? Puxa, o que acontece de interessante em um lugar como Albuquerque?

— Estou falando de Marianna, Donnie Ray. Morena, magra. Olhos verdes.

— Ah, sei, sei, lembrei. Um doce de menina. Não rolou nenhum clima entre nós, porque ela me pareceu assim meio... como se fosse minha irmã. Ela foi até o clube onde eu me apresento e me ouviu tocar. Assistiu ao show e depois tomamos alguns drinques. Por que quer saber?

— Você nunca assiste aos noticiários nem lê os jornais?

— Não quando estou com emprego fixo. Fui contratado por um clube do centro, o Império. Estou fazendo o turno das dez da noite às quatro da manhã há três semanas.

— Sete dias por semana?

— Não, cinco. Quem toca sete dias direto perde o corte, como uma faca muito usada.

— E quanto às terças à noite?

— Terça-feira é dia de folga. Terças e quartas eu estou livre. — Seus olhos se focaram e ele começou a parecer desconfiado. — Qual foi o lance?

— Marianna Hawley foi assassinada na terça-feira à noite. Você tem um álibi para esse dia, entre nove e meia-noite?

— Caraça! Merda... merda! Assassinada. Minha nossa! — Ele se levantou de um salto, derrubando tudo à sua volta ao andar. — Cara, ouvir isso machuca a gente. Ela era uma menina doce.

— Você queria que ela fosse a sua namorada? O seu verdadeiro amor?

Ele parou de caminhar. Eve achou interessante o fato de ele não ter se mostrado assustado nem zangado. Parecia pesaroso.

— Escute — disse ele. — Tomei uns dois drinques com ela uma noite. Batemos um papinho, tentei convencê-la a fumar um baseado leve, mas ela não estava nessa. Gostei dela. Era impossível não gostar.

Ele cobriu os olhos com os dedos e depois os passou pelos cabelos.

— Isso já faz, deixe ver — calculou ele —, puxa, uns seis meses, talvez mais. Nunca mais a vi. O que aconteceu com ela?

— Terça-feira à noite, Donnie Ray.

— Terça? — Tornou a passar as mãos sobre o rosto. — Sei lá. Como é que posso me lembrar? Provavelmente circulei por algumas boates, dei um rolé por ai. Deixe eu pensar um pouco...

Fechando os olhos, expirou com força algumas vezes.

— Terça eu fui até o Crazy Charlies e conheci uma banda nova.

— Você foi até lá em companhia de alguém?

— Um monte de gente começou a noite junto. Não sei quem acabou lá no Crazy Charlies. Eu já estava doidão a essa hora.

— Conte-me, Donnie Ray, por que razão você adquiriu a linha completa dos produtos Perfeição Natural? Você não me parece o tipo de cara que usa maquiagem.

— O quê? — Ele parecia confuso e se largou sobre a cadeira novamente. — Que diabo é esse troço de Perfeição Natural?

— Você deveria saber. Gastou mais de dois mil dólares comprando todos os produtos dessa marca. São cosméticos, Donnie Ray. Maquiagem, loções e cremes de beleza.

— Cosméticos? — Tornou a passar os dedos pela cabeça, até que os puxou de repente, deixando os cabelos todos em pé, de forma desordenada. — Cacete, foi mesmo! Aquele troço todo colorido. Foi para eu dar de presente de aniversário à minha mãe. Comprei a linha completa para ela.

— Você gastou dois mil dólares em um presente de aniversário para a sua mãe?! — Com inequívoco ar de descrença, Eve olhou em volta do aposento sujo e bagunçado.

— Minha mãe é o máximo! Meu velho largou nós dois quando eu ainda era menino. Ela trabalhou como uma escrava para manter um teto sobre as nossas cabeças e pagar as minhas aulas de música. — Nesse momento, acenou com a cabeça para o sax. — Ganho uma boa nota tocando. Sou bom pra cacete! Agora sou eu que estou ajudando a manter o telhado sobre ela, em Connecticut. Ela mora em uma casa decente, em um bairro muito bom. Isso aqui... — explicou ele, passeando com a mão e englobando todo o cômodo com o gesto — não representa coisa alguma para mim. Mal fico aqui, só apareço para dormir.

— E se eu resolver ligar neste exato momento para a sua mãe e perguntar a ela o que o seu querido filho Donnie Ray lhe enviou de presente no último aniversário?

— Claro, vá em frente. — Sem hesitar, apontou para o *tele-link sobre* uma mesa encostada na parede. — O número dela já está na memória do aparelho. Peço-lhe apenas um favor: não diga a ela que a senhora é da polícia. Ela morre de preocupação comigo. Diga-lhe que é uma pesquisa ou algo assim.

— Peabody, tire a farda para não parecer policial; fique só com a camiseta de baixo e ligue para a mãe de Donnie Ray. — Eve saiu da linha de visão da câmera e se sentou no braço de uma poltrona. — Foi Rudy, da agência Íntimo e Pessoal, que atendeu você?

— Não. Isto é, eu conversei primeiro com ele. Acho que todos os clientes fazem o mesmo. É uma espécie de teste. Depois um idiota qualquer fez o cadastro. Perguntou o que eu fazia nas horas vagas, quais os meus sonhos, qual era a minha cor favorita. Depois fiz um exame médico também para eles terem certeza de que eu estava limpo.

— E eles não encontraram vestígios de Zoner?

— Não. — Nesse momento ele fez a gentileza de parecer envergonhado. — Eu estava limpo.

— Aposto que a sua mãe ia preferir que você continuasse daquele jeito.

— A sra. Michael recebeu uma linha completa de cosméticos e produtos de beleza da marca Perfeição Natural. Foi um presente do filho pela passagem do seu aniversário. — Peabody encolheu os ombros enquanto tornava a vestir a farda e lançou um sorriso para Donnie Ray. — Ela ficou muito feliz com o presente.

— Ela é linda, não é?

— Sim, é linda mesmo.

— Ela é o máximo!

— Foi o que disse a respeito de você também — contou Peabody.

— Comprei brincos de brilhante para lhe dar no Natal. Bem, na verdade os brilhantes são minúsculos, mas ela vai adorar. — Ele observava

Peabody com mais interesse, depois de vê-la sem a farda pesada e rígida. — Você alguma vez já foi ao Império?

— Ainda não.

— Devia passar por lá uma hora dessas. A gente arrebenta!

— Talvez eu faça isso. — Ao perceber o olhar de desaprovação de Eve, pigarreou e disse: — Obrigada pela sua cooperação, sr. Michael.

— Faça um favor à sua mãe — aconselhou Eve, ao se encaminhar para a porta. — Providencie uma faxina nesse lixo espalhado pela sua casa e abandone o Zoner.

— Sim, claro, tenente. — Donnie Ray deu uma piscadela sugestiva para Peabody antes de fechar a porta.

— Não é adequado flertar com suspeitos, policial Peabody.

— Bem, ele não é exatamente um suspeito, tenente — argumentou Peabody, olhando para trás, por sobre o ombro. — E ele é um gato.

— Ele é suspeito até confirmarmos o seu álibi. E o animal certo é porco.

— Mas ele é um porquinho lindo... senhora.

— Temos mais duas pessoas para interrogar, Peabody. Tente controlar seus hormônios.

— Eu controlo, Dallas, eu controlo. — Suspirou ao entrar no carro. — Mas é muito mais gostoso quando são eles que me controlam.

## CAPÍTULO SETE

Passar o dia inteiro fazendo visitas e interrogando pessoas sem conseguir avançar um milímetro no caso não deixou Eve com o melhor dos astrais. Ao chegar em casa e constatar que McNab dera por encerrado o dia de trabalho e já fora embora fez seu humor piorar ainda mais.

Era aconselhável para a sua integridade física que ele tivesse deixado um relatório completo para ela acompanhado de uma dica qualquer.

"Olá, tenente. Acabei os trabalhos de hoje às dezesseis horas e quarenta e cinco minutos. A lista de nomes e produtos relacionados está na pasta do caso, no subtítulo E da Prova 2-A. Descobri coisas sobre o Casal Sensual que podem ser interessantes. Tanto Rudy como Piper usam sombra para os olhos da Perfeição Natural, e Piper a pintura para lábios. Aliás, os dois estão nadando em dinheiro. Não são páreo para Roarke, mas garanto que não sofrem por falta de grana. O lance interessante é que todos os seus bens são conjuntos, até o último centavo. O relatório completo também está na pasta."

Todos os bens do casal são conjuntos, refletiu Eve, avaliando os dados. Sua impressão inicial fora a de que Rudy cuidava de toda a parte administrativa. Afinal, ele tomara todas as decisões durante o contato que tiveram e foi pessoalmente ao console para pegar as informações para Eve.

Agora ela via que ele também gerenciava o fluxo financeiro da empresa.

Tinha o controle de tudo. Tinha o poder.

E também a oportunidade e o acesso irrestrito aos dados.

"Encontrei mais um cara no cruzamento de usuários de sombra para os olhos", continuou a voz de McNab. "E dois usuários da pintura labial. Charles Monroe aparece como comprador dos dois produtos. Ele me escapou na primeira pesquisa porque informou um nome diferente na lista de clientes interessados em receber catálogos de novos produtos e ofertas especiais. O histórico de Monroe está na pasta."

Eve franziu o cenho ao acabar de ouvir o relatório. Seus instintos a estavam levando na direção de Rudy, mas, pelo visto, ia acabar tendo de fazer uma visitinha a Charles Monroe.

Olhando para o lado, viu que a luz atrás das portas do escritório de Roarke estava acesa. Já que ele estava ocupado, aquela era uma boa hora para ela tratar de um assunto pessoal.

Movimentou-se sorrateiramente e subiu as escadas, em vez de tomar o elevador, mantendo os olhos atentos para evitar Summerset no instante em que entrou na biblioteca.

As paredes do imenso salão de dois andares estavam cobertas de livros do chão ao teto. Ela

sempre ficara fascinada com o fato de que um homem com o poder de comprar um pequeno planeta com um estalar de dedos preferisse o peso e o volume de um livro em vez de ler a obra toda na tela de um monitor.

Uma das esquisitices dele, supôs, embora fosse compreensível o fato de Roarke apreciar o rico aroma de couro que vinha das encadernações luxuosas e as lombadas brilhantes com letras douradas que se enfileiravam ao longo de prateleiras de mogno escuro.

Havia duas áreas agradáveis para o usuário da biblioteca se sentar com todo o conforto e também mais couro no estofamento dos sofás e nas poltronas em madeira cor de vinho. Ao lado de cada assento, abajures com cúpulas de vidro colorido fosco haviam sido colocados junto de brilhantes objetos de bronze que se espalhavam sobre gabinetes ricamente entalhados por artesãos de outro século.

As cortinas estavam abertas, como acontecia todas as noites, e se espalhavam ao longo de uma janela de peitoril baixo e largo, onde almofadas coloridas acompanhavam os tons das cúpulas dos abajures. Enormes e antiqüíssimos tapetes exibiam padrões em pontos elaborados, e estavam espalhados sobre o piso de tábuas corridas largas de nogueira.

Eve sabia que um sistema multimídia de última geração estava escondido atrás do gabinete antigo. Tudo no aposento transmitia luxo, antigüidade e uma predileção por ambos.

Ela não costumava entrar naquele cômodo da casa, mas sabia que Roarke ia ali com freqüência. Muitas vezes ela o encontrava sentado em uma das poltronas de couro, à noite, com as pernas compridas esticadas e um livro nas mãos. Ler era útil para relaxá-lo, ele lhe contara uma vez. Eve sabia também que este hábito fora adquirido quando Roarke morava em uma favela de Dublin e, ainda menino, achara uma cópia muito gasta de um livro de Yeats.

Atravessou o aposento, foi até o gabinete e abriu as portas do móvel com incrustações de lápis-lazúli e malaquita.

— Ligar! — ordenou ela e olhou com cautela por sobre os ombros. — Pesquisar em todas as seções por obras de Yeats.

*Elizabeth Yeats ou William Butler Yeats?*

As sobrancelhas de Eve se aproximaram, denotando estranheza, e ela passou as mãos pelos cabelos, murmurando:

— Como é que eu vou saber? É um poeta irlandês — informou.

*Confirmando o autor: William Butler Yeats. Pesquisando nas prateleiras...* As peregrinações de Oisin, *Seção D, estante 5.* A condessa de Cathleen, *Seção D...*

— Espere! — ordenou Eve, apertando o alto do nariz com o polegar e o indicador. — Nova busca: informe quais os livros deste autor que não existem na biblioteca.

*Nova busca... Pesquisando...*

Ele provavelmente tinha a obra completa. Foi uma idéia idiota, decidiu, enfiando as mãos nos bolsos.

— Tenente.

Eve quase deu um pulo com o susto que levou. Virou o corpo e se viu de cara com Summerset.

— Que foi?! Droga, eu odeio quando você faz isso.

Ele simplesmente continuou a olhar para ela sem expressão. Sabia que Eve detestava quando ele chegava sem ruídos e a pegava distraída. Era um dos motivos de ele gostar tanto de fazer isso.

— Será que eu poderia ajudá-la a selecionar algum livro? Embora jamais pudesse imaginar que a senhora lia outras coisas além de relatórios criminais e, eventualmente, trabalhos sobre comportamento anormal e aberrações.

— Escute aqui, meu chapa, eu tenho todo o direito de estar neste lugar. — O que não explicava o porquê de se sentir uma dissimulada por ter sido pega na biblioteca. — Não preciso da sua ajuda.

*Todas as obras do autor William Butler Yeats podem ser encontradas nesta biblioteca. Quer a localização e os títulos dos livros?*

— Não, droga. Eu devia saber.

— Yeats, tenente? — Curioso, Summerset entrou no salão, seguido de perto por Galahad, que veio em passos silenciosos até onde Eve estava, serpenteou de forma amigável entre as suas pernas para em seguida abandoná-la e pular sobre o peitoril, onde ficou encarando a noite lá fora como se ela lhe pertencesse.

— Yeats sim. Qual é o problema?

— A senhora está especificamente interessada em alguma das suas peças? — Ergueu as sobrancelhas. — Talvez uma antologia ou um dos seus poemas em particular?

— Qual é a sua? Você é o patrulheiro da biblioteca?

— Estes livros têm um valor inestimável — disse ele com frieza. — Muitos deles são primeiras edições e muito raros. A senhora poderá encontrar todas as obras desse autor na biblioteca eletrônica também, em arquivos de texto. Este método certamente lhe seria mais conveniente para leitura.

— Eu não quero ler porcaria nenhuma. Só queria ver se havia algum livro que Roarke ainda

não tem, o que é uma idéia idiota, porque ele tem tudo que alguém possa imaginar. E agora o que é que eu faço?

— A respeito de...?

— Natal, seu idiota. — Irritada, virou-se para o computador. — Desligar o sistema.

Summerset apertou os lábios e tentou acompanhar o pensamento de Eve.

— A senhora deseja adquirir um volume de Yeats para oferecer a Roarke como presente de Natal?

— A idéia era essa, mas é totalmente furada.

— Tenente — chamou ele no momento em que Eve se preparava para sair dali ventando.

— O que foi agora?!

Summerset ficava aborrecido quando ela falava ou fazia alguma coisa que o comovia, mas não conseguia evitar essa emoção. Para piorar, ele lhe devia algo por ela ter se arriscado e quase morrido para salvar a sua vida. Esse fato, por si só, já trazia desconforto para os dois lados. Talvez ele pudesse equilibrar um pouco a balança da dívida para o seu lado.

— Roarke não tem, pelo menos até o momento — informou o mordomo —, um exemplar da primeira edição de *O crepúsculo celta.*

O olhar furioso desapareceu do rosto de Eve, embora um resto de desconfiança permanecesse. Cautelosa, perguntou:

— O que é isso?

— Uma coleção de textos em prosa.

— E o autor é esse tal de Yeats?

— Sim.

Uma parte dela, uma parte mesquinha e desagradável, teve vontade de se encolher e sair de fininho naquele momento. Porém, ela enfiou as mãos nos bolsos e permaneceu firme.

— O sistema pesquisou e informou que ele já tinha tudo desse autor.

— Sim, ele possui a obra, mas não a primeira edição. Yeats é um autor particularmente importante para Roarke, imagino que a senhora não desconhece este fato. Eu tenho contato com um comerciante de livros raros em Dublin. Poderia procurá-lo para a senhora e ver se esse volume estaria disponível para aquisição.

— Para compra! — disse Eve com firmeza. — Quero o livro comprado e não roubado. — Sorriu de leve quando viu Summerset empinar o corpo com dignidade. — Sei de algumas coisas a respeito dos seus contatos. Quero manter tudo dentro da legalidade.

— Jamais pretendi fazer as coisas de outra forma. Aviso-a, porém, de que não vai ser um presente barato. — Foi a vez de ele sorrir, de forma quase imperceptível. — Além disso haverá, sem dúvida, uma taxa de urgência para entrega antes do Natal, uma vez que a senhora deixou este assunto para a última hora.

Ela não semicerrou os olhos de raiva, mas sentiu vontade de fazê-lo.

— Se o seu contato conseguir esse volume, eu quero comprá-lo. — Então, como não tinha como evitar, encolheu os ombros e disse: — Obrigada.

Ele acenou com a cabeça, mantendo o corpo meio duro, e esperou-a sair antes de abrir um sorriso.

Era isso que estar apaixonado fazia com as pessoas, pensou Eve. Faz com que você se torne aliado da pessoa que mais a incomoda. Agora, avaliou ela, com ar de amargura, enquanto pegava o elevador para o quarto, se o magricela filho-da-mãe conseguisse esse livro raro, ela iria ficar em débito com ele.

Aquilo era humilhante.

Quando as portas do elevador se abriram, lá estava Roarke com um semi-sorriso no rosto de anjo perdido e os olhos em um tom impossível de azul brilhando de prazer.

O que era um pouco de humilhação diante daquilo?

— Não sabia que você já havia chegado em casa.

— É, eu estava... resolvendo umas coisas. — Ela virou a cabeça meio de lado. Conhecia aquele olhar no rosto dele. — Por que está tão satisfeito?

Ele a tomou pela mão e a levou até o quarto.

— O que acha? — perguntou-lhe, apontando para dentro.

No centro do nicho que havia entre as janelas no fundo do quarto, atrás da plataforma onde ficava a cama de casal, estava uma árvore. Seus galhos se abriam em forma de leque, em volta, e se elevavam; sua ponta quase encostava no teto.

Ela piscou diante daquilo.

— É grande. — Foi só o que conseguiu dizer.

— Obviamente você ainda não viu a que está na sala de estar lá embaixo. É duas vezes mais alta.

Eve foi se aproximando, com cautela. A árvore devia ter quase três metros de altura. Se aquilo tombasse durante a noite, enquanto eles estivessem dormindo, avaliou, ia ser como uma pedra em cima da cama, esmagando-os como duas formigas.

— Espero que ela esteja bem presa. — Ela cheirou o ar. — O quarto está com cheiro de floresta. Suponho que a idéia é nós dois prendermos um monte de enfeites nela.

— Sim, esse é o meu plano. — Enlaçou-a pela cintura, por trás, e a puxou para junto dele. — Mais tarde eu vou instalar as luzes.

— Vai?

— É trabalho de homem — explicou ele, mordiscando-lhe a nuca.

— Quem é que disse?

— As mulheres em geral, ao longo dos anos, sempre foram sensíveis o suficiente para não querer mexer com eletricidade. Você está fora do horário de serviço, tenente?

— Pensei em comer alguma coisa e depois passar algumas hipóteses pelo programa de probabilidades. — Roarke vinha subindo a boca pelo lóbulo da orelha de Eve. Ela lembrou que Roarke era capaz de fazer as coisas mais interessantes com um simples lóbulo da orelha. — Pensei também em verificar se a dra. Mira já enviou o perfil que me prometeu.

Os olhos dela já estavam semicerrados no instante em que deixou a cabeça tombar levemente para o lado, a fim de dar-lhe acesso livre à lateral do pescoço. Quando as mãos dele subiram e cobriram os seus seios, Eve sentiu a cabeça maravilhosamente enevoada.

— Depois de fazer tudo isso, ainda tenho um relatório para preparar e enviar para o sistema. — Os polegares dele passavam de leve sobre os mamilos dela, lançando fisgadas de calor que lhe desciam até a parte baixa do ventre.

— Mesmo assim, talvez eu consiga uma hora livre — murmurou ela e, girando o corpo, enfiou as mãos no meio dos cabelos dele e trouxe a sua boca mais para perto, colando-a na dela.

Um som de prazer surgiu como um gemido da garganta dele e suas mãos lhe apertaram as costas e foram descendo.

— Venha comigo — convidou ele.

— Para onde?

— Para onde quer que eu a leve. — E mordeu-lhe o lábio inferior.

Circundando-a, ele a encaminhou novamente para o elevador.

— Salão holográfico — ordenou ele, empurrando-a de costas na parede do elevador e cortando a pergunta que ela ia fazer com um beijo longo e arrebatador.

— O que tem de errado com o velho quarto? — quis saber ela, quando conseguiu respirar.

— Tenho algo especial em mente. — Mantendo os olhos dentro dos dela, ele a puxou pela mão ao sair. — Ligar programa!

A sala imensa e vazia, completamente negra e revestida de espelhos, estremeceu e começou a se modificar. Ela sentiu um cheiro de fumaça antes, uma fragrância forte, quase doce, com um leve toque de frutas, e então sentiu um acentuado perfume de flores. As luzes se atenuaram e bruxulearam de leve. Imagens se formaram.

Havia uma grande lareira acesa revestida de pedra. Através de uma janela gigantesca via-se uma cordilheira azul-acinzentada coberta de neve fofa que brilhava em um tom pálido sob o luar. Tachos imensos de cobre batido transbordavam de flores brancas e em tom de ferrugem. Velas, centenas delas, todas brancas como neve e em candelabros de bronze, iluminavam o ambiente com chamas trêmulas.

Sob os pés, Eve sentiu que o piso espelhado adquiria a textura de madeira escura, quase negra, com um brilho suave.

Dominando o quarto estava uma enorme cama com a cabeceira e os pés de bronze trabalhado em curvas suaves e espirais elaboradas. O colchão era coberto com um edredom em ouro velho, e era tão espesso que daria para se afogar nele, entre dezenas de almofadas em tons de pedras preciosas.

Espalhadas em toda parte descansavam pétalas de rosas brancas.

— Uau! — Eve tornou a olhar para a janela. A paisagem com picos estonteantes e o branco sem fim provocou-lhe uma sensação estranha na garganta. — Que montanhas são essas?

— Os Alpes Suíços, em simulação holográfica. — Um dos prazeres de Roarke era apreciar a reação de Eve a algo novo. Primeiro vinha a desconfiança própria da policial, que lentamente se desabrochava no prazer genuíno da mulher que havia dentro dela. — Jamais consegui levar você até lá na vida real. Um chalé holográfico é quase a mesma coisa.

Virando-se, ele pegou um robe que estava sobre uma poltrona e sugeriu:

— Por que não o veste?

— O que é isso? — perguntou ela, pegando a roupa e franzindo o cenho.

— Um robe.

— Eu sei que é um robe. — Ela lhe lançou um olhar doce. — Quero saber que material é este. Vison?

— Zibelina. — Deu um passo à frente. — Quer que eu a ajude a vestilo?

— Você está realmente a fim de algo especial, hein? — murmurou ela quando ele começou a desabotoar-lhe a blusa.

As mãos dele deslizaram com suavidade sobre os seus ombros nus e ele lançou a blusa longe.

— Acho que você tem razão. Estou com vontade de seduzir a minha mulher. Lentamente.

— Não preciso ser seduzida, Roarke. — A carência dela já estava vindo à tona e se espalhando por sua pele.

— Pois eu sim. — Pousou os lábios sobre os seus ombros. — Sentese. — Ele a empurrou para trás, com suavidade, forçando-a a se sentar, e começou a descalçar-lhe as botas. Então, apoiando as mãos nos braços da poltrona, lançou o corpo para a frente e beijou-a apaixonadamente mais uma vez.

Boca na boca, de forma quente e ao mesmo tempo suave, teve início um habilidoso bale de lábios e línguas, acompanhado de um arranhar das pontas dos dentes. Os músculos dela se retesaram para em seguida relaxar. Sentir a rendição dela era a verdadeira sedução dele.

Colocando-a em pé, ele abriu as calças dela.

— Nunca consigo parar de desejar você. — Seus dedos deslizaram ao longo dos quadris dela. As calças caíram no chão, largadas em torno de seus pés. — Amar você é uma emoção que nunca alcança um limite. Há sempre mais.

Comovida, ela se apoiou nele e deixou o rosto mergulhar em seus cabelos.

— Nada mais é o mesmo em minha vida desde que você surgiu — garantiu Eve.

Ele a abraçou por um momento, por simples prazer. Então, pegando o robe, cobriu a pele suave dos ombros dela, afirmando:

— Tudo mudou para nós dois.

Nesse instante, Roarke pegou-a no colo para levá-la para a cama.

Eve lançou os braços na direção dele, envolvendo-o.

Ela já sabia como seriam os momentos seguintes. Irresistíveis, jnquietantes. Gloriosos. Aprendera a identificar cada sensação que ele lhe proporcionava, e ansiava sentir o corpo dele contra o seu tanto quanto por água ou ar.

Sem atentar para a ânsia, mas incapaz de sobreviver sem ela.

Não havia nada que ele não pudesse dar ou obter dela quando seus corpos se encontravam. Afundando as costas no que parecia um mar de plumas, ela buscou a boca de Roarke com sofreguidão, deleitando-se no próprio sangue que fervia. Suspirando, atacou a camisa dele, ajudando-o a arrancá-la e jogando-a de lado para sentir a sua pele junto com a dele. O longo e apaixonante deslizar de uma contra a outra. Um lento rolar de corpos, um breve gemido. O toque sedoso das pétalas, o acetinado do edredom, o retesamento dos músculos dele sob as mãos dela — tudo entrelaçado em um exótico emaranhado de texturas.

Seu coração batia cada vez mais acelerado. Um tremular gostoso, um suspiro lento. O bruxulear da luz das velas, o derramar da lua, o cintilar indeciso do fogo aumentando até se tornar um brilho ofuscante e suntuoso.

Ela saboreou e se deixou ser saboreada. Tocou-o e se deixou ser tocada. Excitou e se deixou ser excitada. E sentiu-se escalando uma montanha lisa como prata polida.

Ele a sentiu inflar e estremecer para em seguida largar-se languidamente mais uma vez. Suas pernas se enredaram enquanto os dois rolavam sobre a cama, tocando-se novamente e ajustando os corpos um ao outro. Ele ficou observando a luz refletir no rosto dela, nos seus cabelos e no tom dos seus olhos, denso como conhaque. Olhos que ele viu se tornarem vidrados quando começou a penetrá-la, centímetro por centímetro, até levá-la novamente às alturas.

As mãos dela, ágeis, capazes e maravilhosamente familiares, se moviam sobre ele, apertando-o e fazendo-lhe carícias. Sons baixinhos de prazer brotaram-lhe da garganta, suspiraram dentro da boca dele para a seguir sussurrarem ao longo da sua pele.

A respiração dele começou a acelerar e a necessidade se converteu em um trovão dentro de seu sangue. O morno aconchego virou um calor cintilante.

Então ela se elevou na direção dele com o corpo esbelto tornado prateado pelo jogo de luz e sombras. Seu gemido foi longo, como um som rouco e gutural de pura Iuxúria quando ela grudou as costas na cama sob ele, envolvendo-o, tomando-o por completo. Quando os dedos dele se cravaram nela, em torno dos quadris, ela arqueou um pouco as costas, formando uma curva reluzente, balan-çando-se lentamente para a frente e para trás com *os o*lhos castanho-dourados semicerrados e a respiração lançando-se rouca por entre os lábios entreabertos.

Ela se comprimiu ao redor dele quando o orgasmo a trespassou e se esmagou ainda mais contra o volume dentro dela no instante em que ele elevou o seu corpo e lançou a boca para frente, abocanhando-lhe o seio com voracidade.

Perdido agora, capturado, ele a lançou de leve para trás com uma estocada que fez sua mente e o seu corpo girarem. E foi mais fundo, em golpes selvagens, um atrás do outro, com uma avidez súbita que pareceu rasgá-la por dentro. Os dedos dela apertaram a grade fina e

trabalhada da cabeceira da cama, como se tentasse atracar o próprio corpo, e um grito de prazer incontido pareceu estrangular a sua garganta no instante em que ele empurrou os joelhos para trás, a fim de penetrar ainda mais fundo.

Quando sentiu o corpo dela se contrair por baixo dele, sua boca desceu ávida em busca da dela. E só então ele se deixou transbordar.

Ela estava coberta de pétalas de rosa e nada mais. Seus músculos longos e disciplinados estavam tão lassos quanto a cera que derretera entre fragrâncias aos pés das velas brancas.

Quando sentiu que a respiração dela voltava ao normal, Roarke mordiscou-lhe o ombro e, em seguida, se levantou para pegar o robe de pele e cobri-la com ele.

A resposta de Eve foi um grunhido satisfeito.

Recompensado e alegre por ver que aquele som era o melhor que ela conseguia fazer, ele foi até a outra ponta do quarto e ordenou que a banheira de hidromassagem se enchesse de água a trinta e oito graus. Fez espocar a rolha de uma garrafa de champanhe e a colocou em um balde de gelo. Em seguida pegou a sua exausta companheira da cama, levantando-a no colo.

— Eu não estava dormindo — avisou ela, depressa, com um tom de voz arrastado que provava o contrário.

— Depois você vai colocar a culpa em mim se eu deixá-la dormir sem rodar o programa de probabilidades. — Com isso, depositou-a com gentileza dentro da água quente já cheia de espuma.

Ela deu um grito e, em seguida, gemeu baixinho de puro prazer.

— Ó Deus. Quero ficar aqui, exatamente onde estou, dentro dessa banheira, por pelo menos uma semana.

— Consiga algum tempo de licença em seu trabalho e podemos ir para os Alpes verdadeiros, onde você poderá ficar de molho em uma banheira dessas até virar uma imensa passa cor-de-rosa, toda enrugada por ficar tanto tempo de molho.

Isso era exatamente o que ele queria... levá-la para longe dali, até se convencer de que ela estava completamente curada e recuperada. Porém, refletiu que a chance de conseguir fazer isso era a mesma de convencê-la a beijar Summerset na boca.

Só a idéia o fez sorrir.

— Lembrou uma piada? — perguntou ela.

— Sim. Uma piada muito divertida. — Entregando-lhe uma taça de champanhe e em seguida pegando outra para si, entrou na banheira junto com ela.

— Preciso trabalhar — avisou ela.

— Eu sei. — Ele soltou o ar bem devagar. — Só mais dez minutos.

A combinação de água quente e champanhe gelado era boa demais para recusar.

— Sabe de uma coisa, Roarke? Antes de conhecer você, meus intervalos durante o trabalho resumiam-se a uma xícara de café ruim com... mais nada — revelou ela.

— Sim, e eu sei que muitas vezes continua a ser assim. Esta — disse ele, deixando-se afundar um pouco mais — é uma maneira muito melhor de recarregar as baterias.

— É difícil rebater essa afirmação. — Levantando a perna, ela examinou os dedos dos pés, sem motivo aparente. — Acho que ele não vai me dar muito tempo antes de voltar a atacar, Roarke. Ele tem um prazo.

— O que já descobriu?

— Não muito. Quase nada.

— Você vai conseguir mais. Nunca vi alguém mais capaz em toda a polícia. E olhe que eu já conheci mais policiais do que gostaria.

— Ele não age por raiva, pelo menos ainda não. Não é por lucro. E nem, pelo que levantei até agora, por vingança. Ele seria bem mais fácil de rastrear se tivesse um motivo.

— Amor. O verdadeiro amor.

— O verdadeiro amor dele. — Ela praguejou baixinho. — Ninguém pode ter doze amores.

— Você está sendo racional. Está achando que um homem não pode amar mais de uma mulher com a mesma intensidade. Mas ele pode.

— Claro, mas só se o coração dele estiver no pênis.

Dando uma gargalhada, Roarke abriu um olho, afirmando:

— Querida Eve, muitas vezes é impossível separar as duas coisas. Para alguns homens — acrescentou, desconfiando do brilho que percebeu no olhar dela —, a atração física chega antes das emoções mais puras. O que você está esquecendo é que ele pode muito bem estar achando que cada uma delas é o seu grande amor. E quando elas não concordam com isso, a única forma de convencê-las é tomar sua vida.

— Já pensei nisso, só que essa teoria não basta para me fornecer um quadro completo. Ele ama o que não consegue ter, e já que não consegue destrói. — Deu de ombros, insatisfeita. — Odeio todo esse maldito simbolismo. Ele deixa as coisas meio embaralhadas.

— E você tem que lhe dar crédito pela produção teatral que ele monta.

— Sim, e torço para que isso faça com que ele cometa um erro. Quando isso acontecer, vou jogar esse bom velhinho no fundo de uma cela. Já está na hora — disse, e se levantou da água.

Eve mal acabara de pegar uma toalha em uma das prateleiras aquecidas quando ouviu o bipe surdo de seu comunicador.

— Merda! — Ainda pingando, correu até o outro lado do quarto, onde estavam as suas calças, para pegar o aparelho no bolso.

— Bloquear vídeo — murmurou. — Aqui é a tenente Dailas.

— Emergência para a tenente Eve Dailas. Código MNL na rua Houston, número 432, apartamento 6-E. Dirija-se ao local imediatamente como investigadora principal.

— Entendido. — Passou a mão pelo cabelo úmido e ordenou. — Entre em contato com a minha auxiliar, policial Delia Peabody.

— Afirmativo. Câmbio final.

— MNL? — Roarke pegou o robe para tornar a cobri-la.

— Morto no local. — Colocando a toalha de lado e dispensando o robe, começou a vestir as calças. — Droga, droga! É o endereço de Donnie Ray. Eu o interroguei hoje.

Donnie Ray adorava a mãe. Essa foi a primeira coisa que veio à cabeça de Eve ao olhar para ele.

O rapaz estava sobre a cama, envolto em um festão verde com dourado. Seus cabelos oleosos haviam sido cuidadosamente arrumados para ficarem espalhados sobre o travesseiro. Seus olhos estavam fechados e os cílios, alongados e tingidos com um tom de ouro velho, contrastavam com as bochechas. Os lábios estavam pintados no mesmo tom. Em torno de seu pulso direito, sobre a pele quase arrancada, estava um bracelete de ouro onde se viam três aves gravadas.

— Três aves — explicou Peabody, atrás dela. — Merda, Dallas!

— Ele trocou o sexo, mas manteve o padrão. — A voz de Eve era firme enquanto saía da frente da câmera para não atrapalhar a gravação. — Deve haver uma tatuagem nele e prováveis sinais de abuso sexual. Há marcas de cordas nas mãos e nos pés, como no caso das vítimas anteriores. Precisamos dos discos de segurança do corredor e da parte externa do prédio.

— Ele era um cara legal — murmurou Peabody.

— Agora é um cara morto. Vamos ao trabalho.

Peabody retesou o corpo, movendo ligeiramente os ombros que ficaram duros e retos como uma tábua.

— Sim, senhora — foi só o que disse.

Encontraram a tatuagem na nádega esquerda. Se a imagem daquilo acompanhada por sinais claros de sodomia a afetou, Eve não deu a perceber. Fez os exames preliminares, assegurou-se de que a cena do crime ficaria intacta, ordenou o interrogatório inicial de porta em porta e embalou o corpo para transporte.

— Vamos verificar o te*le-link* — disse a Peabody. — Pegue a agenda eletrônica dele e qualquer dado que você encontre a respeito da íntimo e Pessoal. — Quero os legistas agora mesmo aqui no local do crime.

Seguiu pelo curto corredor até o banheiro e empurrou a porta que estava apenas encostada. Paredes, piso e louças brilhavam de tão limpos.

— Podemos supor que foi o nosso homem que fez essa faxina. Donnie Ray não era muito chegado a limpeza.

— Ele não merecia morrer desse jeito.

— Ninguém merece morrer assim. — Eve deu um passo para trás e se virou. — Você gostou dele. Eu também. Agora deixe esse sentimento de lado, porque não vai ajudá-lo em nada. Ele se foi e precisamos usar o que encontrarmos aqui para tentar chegar à vítima número 4 antes de perdê-la.

— Sei disso, mas não consigo deixar o sentimento de lado. Puxa, Dallas, estávamos aqui conversando com ele há poucas horas, não consigo colocar o sentimento de lado — repetiu e sussurrou furiosa: — Não sou como você.

— E você acha que ele daria alguma importância ao que está sentindo agora? Ele quer justiça, não tristeza, e muito menos pena. — Eve seguiu a passos largos até a sala de estar, chutando copos e sapatos espalhados para descarregar um pouco da frustração.

— Você acha que ele se importa com o fato de eu estar pau da vida? — gritou Eve, com olhos furiosos. — Ficar revoltada não vai fazer nada em benefício dele, além de atrapalhar a minha investigação. O que estou deixando de enxergar? O que não estou conseguindo ver direito aqui? Qual o detalhe que me escapou? Ele deixa tudo aqui, na minha cara, o filho-da-mãe.

Peabody não disse nada por um momento. Aquela não era a primeira vez, lembrou, que confundia o frio profissionalismo de Eve com falta de sentimento. Depois de tantos meses

trabalhando juntas, compreendeu que devia conhecê-la melhor. Suspirou profundamente.

— Talvez ele esteja nos fornecendo informações demais e isso esteja atrapalhando o nosso foco.

Os olhos de Eve se estreitaram e os punhos que enfiara nos bolsos se relaxaram um pouco.

— Isso é bom — completou ela. — Muito bom. Muitos ângulos, muitos dados. Precisamos escolher um desses canais e focar nele. Comece a busca aqui, Peabody — ordenou pegando o comunicador. — Temos uma longa noite pela frente.

Ela chegou em casa sentindo-se um bagaço, às quatro da manhã, sustentada apenas pela cafeína de alta octanagem e baixa qualidade do café da Central de Polícia. Seus olhos pareciam pesados e seu estômago estava vazio, mas o pensamento continuava afiado como nunca para o trabalho.

Mesmo assim, colocou a mão na arma, por instinto, quando Roarke entrou no seu escritório de casa, logo atrás dela.

— Que diabos você está fazendo acordado até esta hora? — quis saber ela.

— Eu lhe faço a mesma pergunta, tenente.

— Pois eu estou trabalhando.

Ele levantou uma sobrancelha e pegou o queixo dela entre as mãos, a fim de avaliar o seu rosto.

— Trabalhando demais — corrigiu ele.

— O café natural do meu AutoChef acabou e eu fui obrigada a beber aquela água suja que eles preparam na polícia. Com dois goles de um café decente eu ficarei bem.

— Com algumas horas de sono ficaria melhor ainda.

Embora se sentisse tentada a fazer isso, não afastou a mão que ele lhe ofereceu e respondeu apenas:

— Tenho uma reunião às oito. Preciso me preparar.

— Eve. — Ele lançou-lhe um olhar de advertência quando ela resistiu, mas logo em seguida colocou as mãos com toda a calma em seus ombros. — Não vou interferir na sua vida profissional, mas devo lembrar que você não vai trabalhar direito se estiver dormindo em pé.

— Posso tomar um estimulante.

— Você?! — Ele sorriu ao dizer isso, o que a fez apertar os lábios.

— Vou acabar sendo obrigada a tomar alguma droga das que constam na lista aprovada pelo departamento antes de esse caso ser encerrado. Ele não está me dando nenhum tempo entre um ataque e outro, Roarke.

— Deixe-me ajudá-la.

— Não posso recorrer a você a cada vez que a coisa fica difícil.

— Por quê? — Suas mãos começaram a massageá-Ia, aliviando a tensão em seus ombros. — É pelo fato de eu não estar na lista aprovada pelo departamento?

— Esse é um dos motivos. — A massagem nos ombros a estava deixando relaxada demais. Sentiu a mente vagar e já não conseguia raciocinar com clareza. — Vou tirar duas horas para dar um cochilo, depois mais duas me preparando para a reunião devem ser suficientes. Vou despencar aqui mesmo.

— Boa idéia. — Foi fácil guiá-la até a poltrona automática. Os ossos dela pareciam feitos de borracha. Ele deslizou, deitando ao lado dela, e ordenou que a poltrona se reclinasse por completo.

— Você devia ir para a cama — murmurou ela, mas aninhou o corpo junto ao dele.

— Prefiro dormir em companhia da minha mulher sempre que surge uma oportunidade.

— Duas horas... Acho que já descobri um ângulo por onde analisar o caso.

— Duas horas, então — concordou ele, mas só fechou os olhos quando a sentiu completamente relaxada.

## CAPÍTULO OITO

Tem uma coisa que eu preciso lhe contar. — Roarke esperou até Eve dar a última garfada na omelete feita só com claras e sorriu ao vê-la se servir de mais café. — É a respeito dos produtos de beleza Perfeição Natural.

— Você é o dono da companhia. — Afirmou ela, olhando para ele enquanto engolia a omelete.

— Trata-se de uma linha de produtos que pertence a uma organização que, por sua vez, é um ramo das Indústrias Roarke. — E sorriu novamente enquanto tomava o seu café. — Portanto, em outras palavras, você está certa.

— Eu já sabia. — Ela levantou um dos ombros, sentindo uma certa satisfação ao notar as sobrancelhas dele se erguerem diante do seu pouco-caso. — Chego a imaginar se um dia resolverei um caso com o qual você não tenha nenhuma ligação.

— Tente superar essa idéia, querida Eve. E, já que sou o dono da companhia — continuou enquanto ela rangia os dentes —, talvez eu possa ajudá-la a rastrear os produtos usados nas vítimas.

— Estamos sem rumo quanto a isso. — Afastando-se da pequena mesa, seguiu em direção à sua mesa de trabalho. — Logicamente os produtos foram comprados no mesmo lugar em que as vítimas foram escolhidas. Seguindo esse raciocínio, dá para diminuir as possibilidades. Aliás, esses produtos de beleza são tão caros que chega a ser indecente.

— O que é bom é caro — explicou Roarke com descontração.

— Um batom que custa duzentas fichas de crédito? Pelo amor de Deus! — Estreitou os olhos com um ar fulminante. — Você devia ter vergonha.

— Não sou eu quem determina o preço final — defendeu-se Roarke, sorrindo. — Apenas gerencio os lucros.

Duas horas de sono e uma refeição quente a deixaram recuperada, notou ele. Não estava pálida como antes, nem sonolenta. Levantando-se, foi até junto dela e passou os polegares sobre as leves olheiras que ainda resistiam debaixo dos seus olhos,

— Quer participar da próxima reunião com a mesa diretora da empresa e propor um ajuste de preços?

— Rá-rá... — Quando ele roçou os lábios sobre os dela, Eve lutou para se manter firme. — Caia fora agora, porque eu preciso me concentrar.

— Daqui a pouco. — Ele tornou a beijá-la, fazendo-a suspirar. — Por que não me conta tudo? Pensar em voz alta pode ajudar você.

Ela tornou a suspirar, recostou-se nos braços dele por um instante e, por fim, se desvencilhou.

— Tem uma aberração nessa história, porque ele está usando objetos que simbolizam a esperança e a inocência. O rapaz de ontem à noite... droga, Roarke, ele era inofensivo.

— E as outras vítimas eram mulheres. Para você, o que isso significa?

— Que ele é bissexual. Significa que a sua idéia de amor verdadeiro não depende de seu objeto de desejo ser um homem ou uma mulher. O rapaz foi estuprado, da mesma forma que as mulheres, ele também o amarrou, tatuou a sua pele e o maquiou depois de tê-lo violentado.

Eve se afastou e ficou balançando a xícara de café na mão, antes de continuar:

— Ele escolhe as vítimas através da agência Íntimo e Pessoal, obviamente depois de analisar os seus vídeos e dados pessoais. Talvez tenha se encontrado com as mulheres, mas não com Donnie Ray. Donnie era heterossexual. Essa mudança me leva a achar que ele não chegou a se encontrar pessoalmente com as vítimas, pelo menos não de forma romântica. É tudo fantasia.

— Ele escolhe pessoas que moram sozinhas.

— É um covarde. Não quer um confronto verdadeiro. Aplica um tranqüilizante nas vítimas logo que chega e as imobiliza. É o único modo de se certificar de que terá o poder e o controle da situação.

Seus pensamentos vagaram e se fixaram na imagem de Rudy. Pousando a xícara na mesa, passou a mão novamente pelos cabelos.

— Ele é inteligente e obsessivo — acrescentou ela. — Chega a ser previsível em vários níveis. É por isso que eu vou agarrá-lo.

— Você disse que ia explorar um determinado ângulo.

— Tenho algumas idéias, mas para pô-las em prática eu preciso da autorização do comandante. Tenho também que escapar de Nadine, por enquanto. Não posso contar a ela sobre a roupa de Papai Noel. Teríamos centenas de Papais Noéis levando porrada em cada esquina e loja da cidade.

— Consigo até ouvir a chamada — murmurou Roarke. — Papai Noel é um *serial killer* que estrangula solteiros... mais detalhes na edição de meio-dia. Nadine ia adorar isso.

— Pois ela não vai ter esse gostinho. A não ser que não me reste outra escolha. Enquanto isso, estou pensando em deixar escapar para ela o nome da Íntimo e Pessoal. Isso a manterá fora do meu caminho e vai servir de alerta a qualquer um que utilize os serviços da empresa. Rudy e Piper vão reclamar de prejuízo de imagem. — Seu sorriso se ampliou de forma lenta e maldosa. — Vai valer a pena. Aqueles dois arrogantes com jeito de andróides impecáveis bem que precisam de uma sacudidela.

— Você não gosta deles.

— Eles me dão calafrios. Sei que trepam um com o outro. Isso é doentio.

— Você não aprova o relacionamento deles?

— Eles são irmãos. Gêmeos, por sinal.

— Ah, agora entendo. — Embora tivesse a cabeça muito aberta, Roarke sentiu a mesma reação de Eve. — Isso é realmente uma idéia... desagradável.

— Com certeza! — Só de pensar naquilo, Eve perdeu o apetite e deixou uns maravilhosos croissants de lado. — Ele é quem dirige o show e comanda a irmã. Nesse instante está no topo da minha lista de suspeitos. Ele tem acesso aos arquivos de todos os clientes e, se eu conseguir provar o incesto, acrescentaremos à mistura essa tendência a comportamento sexual aberrante. Preciso de alguém que esteja dentro da agência. — Inspirou fundo ao ouvir passos pelo corredor. — E aqui está ela.

Tanto Eve quanto Roarke se viraram ao mesmo tempo para ver Peabody entrar. Ela olhou para um e para o outro e sacudiu os ombros, como se tentasse se livrar de algum peso incômodo.

— Há algo errado?

— Não, entre. — Eve apontou para a cadeira. — Vamos começar o trabalho.

— Quer café? — ofereceu Roarke. Já percebera o que Eve tinha em mente para a ajudante.

— Aceito sim, obrigada. McNab ainda não chegou?

— Não. Vou colocar você a par dos últimos desdobramentos, antes de ele chegar. — Eve lançou um olhar para Roarke e esperou calada.

— Bem, vou deixar o caminho livre para vocês duas trabalharem. — Entregou uma xícara de café para Peabody e virou-se para Eve, beijandoa, apesar ou possivelmente pelo fato de ela ter feito cara feia; em seguida foi para o escritório contíguo e fechou a porta.

— Ele sempre é assim de manhã cedo? — quis saber Peabody.

— Ele sempre é assim, ponto.

— Tem certeza de que Roarke é humano? — suspirou Peabody.

— Nem sempre. — Encostando o quadril na ponta de sua mesa, analisou Peabody com cuidado. — Está a fim de conhecer alguns rapazes?

— Hein?

— Deseja ampliar o seu círculo social e conhecer alguns homens que compartilhem os mesmos interesses que você?

Certa de que Eve estava brincando com ela, Peabody sorriu, respondendo:

— E não foi exatamente para isso que eu entrei para a polícia?

— Policiais são péssimos maridos. O que você precisa, Peabody, é de um serviço como o da Íntimo e Pessoal.

— Não. — Provando o café, Peabody balançou a cabeça. — Procurei uma agência de encontros alguns anos atrás, logo que cheguei a esta cidade. É tudo muito rígido. Prefiro escolher homens nas baladas, em bares e boates. — Quando viu que Eve continuava a olhar fixamente para ela, Peabody abaixou lentamente a xícara. — Ô-ô... — exclamou, percebendo tudo. — Ô-ô mesmo!

— Primeiro eu preciso pedir permissão ao comandante Whitney. Não posso infiltrar uma policial dentro da agência sob disfarce sem a aprovação dele. E antes que concorde quero que saiba exatamente no que estará se metendo.

— Sob disfarce. — Embora Peabody já fosse policial há algum tempo e soubesse como as coisas realmente eram, a idéia lhe evocou imagens de aventuras empolgantes e glamourosas.

— Apague esse brilho do olhar, Peabody. Puxa vida. — Eve endireitou o corpo e passou as duas mãos pelos cabelos. — Estou falando em colocar o seu traseiro na reta, usando-a como isca, e você sorri como se tivesse acabado de ganhar um presente.

— É que você me considera boa o suficiente para um trabalho desses. E confia em mim a ponto de me colocar nessa missão. Isso é um tremendo presente.

— Sim, acho você boa o suficiente — disse Eve, dando o braço a torcer. — E acho que você pode se sair bem pelo fato de saber seguir ordens. É isso o que espero. Que siga as ordens ao pé da letra. Nada de querer aparecer. Se eu conseguir a permissão e a verba para pagar a consulta absurda daquele lugar, você se cadastra como cliente.

— E quanto a Rudy e Piper? Eles não estão fora da lista de suspeitos e já me viram em sua companhia.

— Viram uma ajudante uniformizada. Gente como eles não presta atenção a quem está dentro de uma farda. Vamos chamar Mavis e Trina para prepararem você.

— Que legal!

— Não comece a se empolgar, Peabody. Vamos providenciar um disfarce e uma identidade falsa para você. Já pesquisei os vídeos das vítimas e analisei seus dados pessoais. Vamos pesquisar os pontos em comum e, a partir deles, construir um perfil para você. A idéia é

adaptá-la ao papel de vítima.

— Isso é uma idiotice.

McNab estava parado na porta. Seu rosto mostrava-se vermelho de raiva, os olhos brilhavam e as mãos estavam fechadas ao lado do corpo.

— Isso é a maior idiotice que eu já ouvi — repetiu ele.

— Detetive — disse Eve com a voz suave. — Sua opinião foi devidamente registrada.

— Você pretende espetá-la em um anzol e jogá-la no lago? Que droga, Dallas! Ela não foi treinada para trabalhar sob disfarce.

— Cuide da sua vida — reagiu Peabody, levantando-se com rapidez. — Sei cuidar de mim mesma.

— Você não sabe nada sobre disfarces. — McNab entrou enfurecido no escritório e se colocou diante dela, nariz com nariz. — É apenas uma auxiliar, só sabe cumprir ordens, é quase uma andróide.

Eve notou a intenção do olhar de Peabody e conseguiu se enfiar entre os dois auxiliares antes de a sua ajudante dar um soco no nariz de McNab.

— Chega! — gritou Eve. — Já ouvi a sua opinião, McNab, agora cale a boca.

— Não posso deixar esse filho-da-mãe escapar inteiro depois de me chamar de andróide.

— Fique fria, Peabody — avisou Eve —, e sente-se. Aliás, vocês dois, grudem a bunda na cadeira e tentem se lembrar de quem é que manda aqui, antes que eu faça uma queixa formal no meu relatório. Se há uma coisa da qual não preciso é de dois auxiliares esquentadinhos. Se não conseguem manter a calma, caiam fora!

— Não precisamos de um banco de dados em forma de detetive — reclamou Peabody.

— Precisamos do que eu decidir. Nesse instante precisamos de informações lá de dentro e também de uma isca. Aliás, iscas — acrescentou, desviando o olhar para McNab e encarando-o por alguns instantes. — Iscas para os dois sexos. Está preparado para isso, McNab?

— Ei, ei, espere um instante. — Peabody tornou a se levantar da cadeira e estava agitada de um jeito que Eve jamais vira. — Você quer que ele trabalhe sob disfarce também? Junto comigo?

— Sim, estou preparado, tenente. — McNab lançou um risinho na direção de Peabody, ao mesmo tempo que concordava. Aquela seria a maneira perfeita de ficar de olho nela, a fim de mantê-la a salvo de problemas.

— Uau! Isso vai ser mais que demais! — Mavis Freestone dançava no escritório, em volta de Eve, usando botas que iam até a coxa. O material era liso e agarrado à pele, moldando-lhe as pernas e exibindo-as, ao mesmo tempo que a elevava nos saltos vermelhos de dez centímetros de altura em um tom berrante. Os saltos combinavam com o vestido que lhe moldava as formas sinuosas e mal se encontrava com a borda das botas.

Os cabelos exibiam o mesmo tom natalino de vermelho, muito chamativo, e lhe caíam pelos ombros em cachos e tentáculos que a faziam parecer uma medusa. Tinha uma minúscula tatuagem em forma de coração acima da sobrancelha esquerda.

— Você acaba de entrar na lista dos fornecedores de serviços para a polícia, Mavis — anunciou Eve, sabendo que lembrar à amiga que aquele era um assunto oficial era pura perda de tempo. Mesmo assim, sentiu-se na obrigação de enfatizar isso ao ver o jeito com que Mavis sorriu para Peabody com os olhos em um novo e escandaloso tom de verde.

— Uma merreca de grana, por sinal — comentou Trina. A linda esteticista circulou em volta de Peabody como um escultor que analisa um bloco de mármore defeituoso... com interesse, cuidado e um leve menosprezo.

Trina colocara piercings nos supercílios, e Eve se encolheu toda ao olhar de perto para as argolas de ouro que estavam fixadas nas pontas das sobrancelhas. Seus cabelos, em tom de roxo-batata, formavam um cone de trinta centímetros. A roupa que escolhera para aquele dia era um macacão colante preto, quase discreto, estampado com pequenas imagens de papais-noéis nus que pareciam dançar sobre seus seios.

Essas, pensou Eve, apertando os olhos com os dedos, eram as duas malucas que ela convencera Whitney a incluir na verba destinada ao caso.

— Quero que façam algo simples — avisou ela. — Não quero que Peabody fique parecendo uma policial.

— O que acha, Trina? — Mavis se inclinou sobre o ombro de Peabody e colocou um dos cachos vermelhos junto de sua bochecha. — Essa cor contrasta bem com a pele clara dela, acho que vai arrebentar! É festiva, não acha? Bem no clima do Natal. E espere só para ver as roupas que convenci Leonardo a nos emprestar. — Ajeitou o corpo, rindo de orelha a orelha. — Tem um colante transparente que é a sua cara, Peabody.

— Colante? — Peabody empalideceu, pensando nas gordurinhas que iam aparecer. — Tenente...

— Algo bem simples — repetiu Eve, pronta para abandonar a ajudante à própria sorte.

— O que você costuma passar na pele, garota? — perguntou Trina segurando o queixo de Peabody com firmeza. — Lixa?

— Ahn...

— Seus poros mais parecem as crateras da lua, amiga. Você precisa de um tratamento facial completo. Vamos começar com um peeling.

— Ai, minha nossa! — Em pânico, Peabody tentou libertar o queixo das garras de Trina. — Escute...

— Esses peitos são seus ou é silicone?

— São meus. — Na mesma hora, Peabody cruzou os braços e os prendeu com força sobre os seios, antes que Trina os alcançasse. — São meus, de verdade, e estou muito satisfeita com eles.

— São peitos bem decentes. Muito bem, tire a roupa! Vamos olhá-los com atenção e analisar o resto.

— Tirar a roupa? — Peabody virou a cabeça até que seus olhos aterrorizados se encontraram com os de Eve. — Dallas... tenente... senhora...?

— Você disse que conseguia encarar essa missão sob disfarce, Peabody. — Estremecendo de leve, sentindo-se quase solidária, Eve virou as costas e se preparou para sair. — Vocês têm duas horas para prepará-la.

— Preciso de três horas — afirmou Trina. — Sou uma artista e não trabalho às pressas.

— Pois tem apenas duas horas — repetiu Eve com firmeza, fechando a porta para não ouvir os gritos de Peabody.

Era melhor para todos, pensou Eve, se ela permanecesse o mais longe possível do que ia acontecer com a sua ajudante. Enquanto isso, decidiu fazer uma visita a um velho amigo.

Charles Monroe era um acompanhante autorizado, um prostituto elegante e muito atraente que Eve conhecera dentro e fora do trabalho. Ele a ajudara certa vez em um caso e, em seguida, ofereceu-lhe os seus serviços profissionais de graça.

Eve agradeceu a ajuda e recusou os serviços oferecidos com toda a educação.

Agora ali estava ela, apertando a campainha do elegante apartamento situado em um prédio muito caro do centro da cidade. Um edifício que pertencia a Roarke, lembrou ela, girando os olhos com impaciência.

Quando a luz de segurança ficou verde, ela levantou uma das sobrancelhas e olhou fixamente para o olho mágico, exibindo o seu distintivo para o caso de Charles ter se esquecido dela.

Assim que ele abriu a porta, Eve percebeu que não havia razão para ela se preocupar com a sua memória.

— Tenente Docinho! — Ele a pegou desprevenida e sapecou-lhe um beijo acompanhado de um abraço apertado e íntimo demais para a situação.

— Tire as mãos de mim, meu chapa!

— Não tive chance de beijar a noiva. — E deu uma piscada insinuante. Charles Monroe era um homem muito bonito com olhos languidos e um rosto elegante. — E então? Que tal é estar casada com o homem mais rico de todo o universo?

— Só continuo casada com ele por causa do café.

Charles inclinou a cabeça de lado, analisando-a, e sentenciou:

— Está perdidamente apaixonada por ele. Isso é ótimo para você. De vez em quando eu vejo Roarke e Eve, o casal total, nas colunas sociais e nos programas de fofoca. Geralmente em algum evento absurdamente glamouroso. Ficava me perguntando como é que você estaria passando. Agora estou vendo ao vivo, e aposto que você não está aqui para aceitar a oferta que eu lhe fiz alguns meses atrás.

— Precisamos conversar, Charles.

— Certo, pode entrar. — Ele deu um passo para trás e estendeu a mão de forma convidativa. Usava uma roupa em peça única que exibia corpo sarado e muito bem proporcionado. — Quer beber alguma coisa? Duvido muito que a marca de café que eu uso seja superior à de Roarke. Que tal uma Pepsi?

— Aceito, uma Pepsi está ótimo.

Eve se lembrava da cozinha do apartamento de Charles. Arrumada, espartana e minimalista. Muito parecida com o locatário. Ela se sentou enquanto ele pegava duas latas na unidade refrigerada e as servia em copos altos. Amassou as latas, colocou-as na ranhura do sistema de reciclagem e se sentou diante de Eve.

— Poderíamos brindar aos velhos tempos, Dallas, mas eles não são grande coisa.

— É verdade. Bem, Charles, tenho novidades para você, e também não são nada boas. Primeiro eu gostaria de saber por que um acompanhante autorizado bem-sucedido como você precisa de uma agência de encontros. Aliás, antes que responda — continuou ela, levantando o copo —, devo lembrar a você que usar serviços desse tipo para conseguir clientes é ilegal.

Ele enrubesceu. Eve não achou que isso poderia ser possível, mas a verdade é que o seu rosto marcante e muito bonito ficou vermelho como um pimentão. Ele abaixou o copo e disse:

— Puxa, Dallas, como é que você pode saber tudo o que acontece?

— Se eu soubesse tudo, como você diz, conheceria a resposta para a pergunta que lhe fiz. Por que você mesmo não me esclarece isso?

— É assunto particular — murmurou ele.

— Eu não estaria aqui se fosse particular. Por que você se cadastrou na agência Íntimo e Pessoal para encontrar um par?

— Porque preciso de uma mulher na minha vida — respondeu ele de imediato. Levantou a cabeça e de repente seus olhos se tornaram sombrios e zangados. — Uma mulher de verdade, entende? Não uma que queira me comprar, pagar pelos meus serviços. Quero um relacionamento de verdade, droga, o que há de errado com isso? Em minha profissão isso nunca acontece por conta própria. Faço o que me pagam para fazer, e faço bem feito. Gosto do meu trabalho, mas quero uma vida própria. Não é ilegal alguém desejar uma vida pessoal.

— Não — confirmou Eve baixinho. — Não é.

— Muito bem, eu reconheço: menti a respeito da profissão quando preenchi o formulário. — Movimentou os ombros de forma agitada. — Não queria que me arrumassem uma mulher que estivesse apenas em busca de emoções fortes em um encontro com um acompanhante autorizado. E agora? Você vai me prender por eu ter mentido em uma droga de vídeo para encontros amorosos?

— Não. — Eve sentiu sinceramente o fato de tê-lo deixado sem graça. — Você foi um dos homens escolhidos para encontrar uma mulher chamada Marianna Hawley. Você se lembra dela?

— Marianna... — Charles fez um esforço para recuperar a pose, tomando alguns goles da bebida gelada. — Lembro-me do vídeo dela. Uma linda mulher, muito doce. Chegamos a entrar em contato, mas ela já havia encontrado alguém. — Nesse momento, exibiu um sorriso de ironia. — Que má sorte a minha, hein, tenente? Ela era exatamente o tipo de mulher que eu procurava.

— Então você não chegou a se encontrar com ela?

— Não. Conheci as outras quatro mulheres da minha primeira lista. Cheguei a engrenar um namoro com uma delas, e nos encontramos durante algumas semanas. — Soltou um suspiro audível. — Decidi que para haver alguma chance de o relacionamento ir em frente eu precisava contar a ela qual era a minha profissão verdadeira. E isso — completou ele, levantando um brinde na direção de Eve — foi o fim de tudo.

— Sinto muito.

— Tudo bem, tem outras mulheres por aí. — Mas o sorriso arrogante que exibiu não alcançou

os olhos. — Foi uma pena Roarke ter tornado você indisponível.

— Charles, Marianna está morta.

— O quê?

— Você não tem visto o noticiário?

— Não. Ultimamente não tenho assistido a nada. Morta? — Então os seus olhos se aguçaram, focando-se nos de Eve. — Assassinada. Você não estaria aqui se ela tivesse morrido tranqüilamente enquanto dormia. Ela foi assassinada. Eu sou suspeito?

— Sim, é — Eve disse isso por gostar de Charles o bastante para ser direta com ele. — Vou precisar interrogá-lo formalmente, só para manter o procedimento oficial. Antes, porém, quero que me diga: você tem algum álibi para terça-feira à noite, para quarta e para ontem à noite?

Ele a encarou por um longo tempo, exibindo um ar horrorizado no olhar.

— Como consegue trabalhar nisso? Dia após dia?

— Eu poderia lhe fazer essa mesma pergunta, Charles — reagiu Eve sem desviar o olhar. — Vamos deixar de lado a análise das nossas carreiras. Você tem álibis para esses dias?

— Vou olhar na minha agenda — respondeu ele, olhando para outra coisa qualquer enquanto se levantava da mesa.

Eve o deixou sair da sala sem se preocupar, sabendo que podia confiar em seus instintos. Ele não era o tipo de homem com assassinato na alma.

Voltou carregando uma pequena e elegante agenda eletrônica. Abrindo-a, digitou as datas indagadas por Eve.

— Na terça-feira uma cliente passou a noite aqui. Cliente regular, e isso pode ser confirmado. Ontem à noite fui ao teatro e depois seguiu-se uma ceia acompanhada de sedução aqui em casa. A cliente saiu às duas e meia da manhã. Fiquei trinta minutos a mais com ela, e ela me recompensou com um pagamento extra. E ainda me deu uma boa gorjeta. Na noite de quarta-feira fiquei aqui em casa, sozinho. — Passou a agenda para Eve por sobre a mesa.

— Pode anotar os nomes para confirmação.

Eve não disse nada, simplesmente digitou os nomes em sua agenda. Por fim perguntou:

— Sarabeth Greenbalm... Donnie Ray Michael... Já ouviu algum desses nomes?

— Não.

— Nunca vi você de maquiagem — disse ela com firmeza. — Por que comprou pintura labial e sombra da marca Perfeição Natural na loja Só Maravilhas?

— Pintura labial? — Ele olhou sem expressão por um momento, mas logo em seguida confirmou com a cabeça. — Ah, já lembrei... comprei esses produtos para a mulher com quem eu estava saindo. Ela me encomendou algumas coisas, já que eu ia ao salão para usar os serviços de embelezamento corporal que faziam parte do pacote da agência de encontros.

Obviamente confuso, ele sorriu de leve e perguntou:

— Tenente Docinho, qual a razão desse seu interesse súbito pelo fato de eu usar ou não pintura labial?

— Só mais um detalhe, Charles. Você me fez um favor uma vez e agora eu estou retribuindo. Três pessoas que utilizavam os serviços da agência Íntimo e Pessoal estão mortas, assassinadas da mesma forma e pelas mesmas mãos.

— Três? Minha nossa!

— Em menos de uma semana — acrescentou ela. — Não posso lhe dar maiores detalhes, e o que estou lhe contando não pode ser divulgado, mas na minha opinião o assassino está usando os dados da ÍIntimo e Pessoal para selecionar as vítimas.

— E ele já matou três mulheres em menos de uma semana?

— Não exatamente. — Eve manteve os olhos nele. — A última vítima foi um homem. É melhor ter cuidado, Charles.

— Você acha que eu posso ser um alvo? — Ao compreender isso, o ar de ressentimento se desvaneceu.

— Acho que qualquer pessoa que estiver no banco de dados da Íntimo e Pessoal pode ser um alvo. No momento estou me concentrando na lista de parceiros selecionados para cada vítima. E estou avisando-o para não deixar ninguém que você não conheça entrar em seu apartamento. Ninguém! — Eve respirou fundo. — O assassino se veste de Papai Noel e traz uma caixa imensa embrulhada para presente.

— O quê? — Ele tornou a pousar o copo que acabara de levantar da mesa. — Isso é alguma piada sua?

— Três pessoas estão mortas. Não acho nada engraçado. De algum modo ele convence a vítima a abrir-lhe a porta. Em seguida ele as droga, amarra e mata.

— Nossa! — Charles passou as mãos no rosto. — Que coisa bizarra!

— Se esse cara aparecer na sua porta, mantenha-a trancada e me chame na mesma hora.

Procure mantê-lo aqui, se puder, mas se não conseguir fazer isso deixe-o ir embora. Sob nenhuma circunstância abra a porta. Ele é esperto, está bem preparado e é letal.

— Pode deixar que eu não abro a porta. Quanto à mulher com quem eu estava namorando... a que me foi apresentada através da agência? Vou ter que avisá-la.

— Estou com a lista das pessoas escolhidas para você. Pode deixar que eu mesma a aviso. Preciso deixar essa história fora da mídia por quanto tempo eu conseguir.

— Pode deixar que a imprensa não vai saber da história por meio deste solitário acompanhante autorizado. — Fez uma careta. — Pode avisá-la logo, tenente? O nome é Darla McMullen. Ela mora sozinha e é muito... ingênua. Se Papai Noel tocar a sua campainha, é capaz de abrir a porta e ainda lhe oferecer leite com biscoitinhos.

— Ela me parece uma mulher legal.

— Sim. — Seus olhos ficaram sem expressão. — Ela é.

— Vou visitá-la, então. — Eve se levantou. — Quem sabe ela aceita tornar a sair com você?

— Não ia adiantar nada. — Ele se levantou e abriu um sorriso. — Mas quero ser o primeiro a ficar sabendo, caso você decida dispensar Roarke de sua vida, Tenente Docinho. E essa oferta é por tempo ilimitado.

O coração, refletiu Eve enquanto dirigia depois da visita que fez a Darla, era um órgão estranho que às vezes trabalhava demais. Era difícil fazer uma ligação entre um acompanhante autorizado bonitão, sofisticado e com boa lábia como Charles e a mulher sossegada, com ares de intelectual que acabara de conhecer. No entanto, a não ser que seus instintos estivessem enferrujados, Darla McMullen e Charles Monroe estavam a meio caminho de se apaixonarem.

O problema é que não sabiam o que fazer com esse sentimento.

Nesse ponto, tinham a sua total simpatia. Na metade do tempo ela própria não sabia o que fazer com os sentimentos impossíveis que nutria por seu marido.

Na volta para o escritório, interrogou mais três pessoas das listas de contato e as advertiu com instruções que ela mesmo redigira e viu serem aprovadas pelo comandante.

Se Donnie Ray tivesse sido avisado com antecedência, refletiu, talvez ainda estivesse vivo.

Quem seria o próximo da lista? Alguém com quem conversara ou alguma pessoa que deixara escapar? Levada por essa possibilidade, acelerou o carro e passou pelos portões de sua casa.

Queria que Peabody e McNab se inscrevessem como clientes da Íntimo e Pessoal e estivessem com os seus perfis completos ainda naquele dia.

Notou o carro de Feeney estacionado na frente da casa. Isso a fez ter esperanças de que a campanha para adicioná-lo ao time de investigadores tivesse dado bons resultados. Com Feeney e McNab cuidando da parte eletrônica do trabalho, ela estaria livre para percorrer as ruas.

Foi direto para o escritório, estremecendo ao ouvir uma rajada de música — se é que aquilo podia ser chamado de música — que sacudiu o ar da casa.

Mavis colocara um dos seus videoclipes para passar no telão. Cantava acompanhando a própria imagem, berrando uma letra que tinha algo a ver com explodir a alma de tanto amar. Feeney estava sentado atrás da mesa de Eve, parecendo estupefato e ligeiramente desesperado. Roarke estava em pé atrás de uma poltrona, sentindo-se muito à vontade e com ar de atenção e cortesia.

Sabendo que as chances de sua voz ser ouvida no meio da balbúrdia eram nulas, Eve esperou até que as últimas notas da "canção" soassem, e Mavis, ruborizada devido ao esforço e ao prazer da apresentação, desse risadinhas e apresentasse algumas reverências de agradecimento ao público.

— Queria que você visse o material pré-editado antes de todo mundo — disse a Roarke.

— Acho que vai ser um sucesso.

— Sério? — Obviamente deleitada, Mavis se lançou na direção dele, lançou os braços em volta do seu pescoço e o abraçou com força. — Nem posso acreditar que isso está acontecendo comigo de verdade. Euzinha gravando um disco para a maior companhia fonográfica do planeta.

— E vai me trazer toneladas de dinheiro com o seu trabalho. — Roarke a beijou na testa.

— Quero que dê tudo certo. Quero que as coisas funcionem direitinho. — Ao avistar Eve, Mavis abriu um sorriso. — Oi! Ouviu a nova mixagem da minha canção?

— Só o finalzinho. Estava ótimo. — Como era Mavis, Eve falava aquilo de coração. — E você, Feeney, vai trabalhar conosco, afinal?

— Fui designado oficialmente para este caso. — Recostou-se na cadeira. — McNab já está se apresentando como cliente da Íntimo e Pessoal. O perfil que construímos para ele foi o de um *nerd* da informática em uma das empresas de Roarke. Seus dados foram registrados na companhia e ele recebeu uma carteira de identidade nova.

— Empresa de Roarke?

— Pareceu-me o mais lógico a fazer, e muito plausível. — Feeney sorriu para ela. — Quando temos pessoas influentes do nosso lado, devemos utilizá-las. Obrigado pela sua ajuda, garotão.

— De nada, estou sempre à disposição — garantiu-lhe Roarke, e então sorriu para a sua mulher. — Adiantamos um pouco o expediente, já que você tem pressa. Peabody foi designada como segurança em um dos meus edifícios. Feeney achou que seria mais simples manter os perfis sintonizados com a realidade, na medida do possível.

— Ah, claro, vamos manter tudo bem simples. — Expirando com força, concordou. — Está ótimo. Você é dono de metade da cidade mesmo e ninguém vai questionar nada nem encontrar furos nos arquivos pessoais deles, já que sua mão está por trás disso.

— Exato.

— Onde está Peabody?

— Trina está acabando de prepará-la.

— Preciso dela agora. Ela tem que vir até aqui para ouvir as instruções antes de ir se inscrever na agência. Peabody tem uma boa aparência, pelo amor de Deus! Quanto tempo leva para dar uma melhorada em sua maquiagem e escolher algumas roupas?

— Trina teve algumas daquelas idéias mais-que-demais dela — informou Mavis, com tanto entusiasmo que o sangue de Eve quase congelou. — Espere só para ver. Ah, e mais uma coisa... Trina quer que você marque uma hora com ela antes da festa. Quer colocar você maravilhosa e pronta para os festejos de fim de ano.

Eve simplesmente grunhiu alguma coisa. Não tinha intenção de ficar maravilhosa, nem agora nem nunca.

— Tá bom, tudo bem — concordou. — Mas, afinal, onde é que... — Não completou a frase ao perceber que elas estavam chegando. Virou-se na direção da porta, piscou com força e sentiu o queixo cair.

— Temos que reconhecer — anunciou Trina —, eu sou apenas o máximo!

Peabody olhou para ela com desdém, em seguida ficou vermelha e, por fim, exibiu um sorriso hesitante.

— E então... Acham que eu vou convencer na entrevista da agência?

Seu cabelo cortado no formato de cuia estava com alguns fios claros, muitos reflexos, e fora afofado para parecer um halo escuro. Seu rosto brilhava com cores fortes aplicadas em torno dos olhos, que pareciam realçar seu formato e tamanho, seus lábios foram tingidos em um tom suave de coral rosado.

Seu corpo, que parecia tão cheinho dentro da farda, adquiriu curvas mais exuberantes e femininas em um arrebatador vestido verde-escuro que ia até o tornozelo. Várias correntes coloridas envolviam-lhe o pescoço. Aparecendo no busto, debaixo do colar, notava-se a imagem de uma fada pequena e romântica, com asas douradas.

A própria Peabody escolhera a figura, depois que Trina a colocara no espírito da roupa. Nem piscara quando as mãos rápidas e capazes da esteticista envolveram o seu seio esquerdo para aplicar a tatuagem temporária. A essa altura ela já estava curtindo a sensação de ser reinventada.

Agora, porém, diante do olhar fixo de Eve, Peabody começou a se sentir sem graça, mudando de um pé para outro... pés que, por sua vez, estavam, calçados com sapatos de salto agulha que combinavam com a tatuagem mística.

— ... E então? Não ficou bom?

— Bem, certamente você não está com cara de policial — decidiu Eve.

— Você está linda! — Divertindo-se com a reação de sua mulher, Roarke deu alguns passos à frente e segurou as duas mãos de Peabody, exclamando: — Absolutamente deliciosa! — Ao falar, beijou-lhe os dedos e fez o inseguro coração de Peabody estremecer.

— Acha mesmo? Uau!

— Esqueça esse cara, garota — aconselhou Eve, — Feeney, você tem vinte minutos para lhe explicar tudo sobre o seu perfil. Peabody, onde está a sua arma de atordoar e o comunicador?

— Aqui. — Ainda ruborizada, Peabody enfiou a mão em um bolso oculto no quadril do vestido. — Prático, não acha?

— Sim, mas não creio que vá substituir os uniformes — disse Eve, apontando para uma poltrona. — Você vai ter que decorar os dados que Feeney vai lhe passar. Grave o que ele vai dizer e vá ouvindo novamente pelo caminho, no carro. Não podemos pisar na bola. Você tem que estar cadastrada na agência até o final do dia e quero uma lista de pretendentes até amanhã, no máximo.

— Sim, senhora. — Peabody passou por Eve alisando o vestido com ar sonhador e foi se instalar ao lado de Feeney.

— Você é a próxima — avisou Trina, passando os dedos ágeis pelos cabelos de Eve.

— Não tenho tempo para tratamentos de beleza agora — reagiu Eve. — Além disso, você me fez um tratamento completo há algumas semanas.

— E se eu não der retoques regulares, vou ter todo o meu trabalho arruinado. Se ela não arranjar algum tempo antes da festa eu não me responsabilizo pela sua aparência — advertiu,

olhando para Roarke.

— Ela vai arrumar um tempinho — garantiu ele. E, para aplacá-la, foi guiando Trina para fora da sala com toda a gentileza, enquanto continuava a elogiar o brilhante trabalho que fizera com Peabody.

## CAPÍTULO NOVE

Encontrar Nadine Furst lixando as unhas com toda a calma do mundo, e ainda por cima sentada à sua mesa, não era a cena que Eve esperava ao chegar à Central de Polícia.

— Levante a bunda da minha cadeira!

Nadine simplesmente sorriu com doçura, guardou a lixa de unhas em sua enorme bolsa de couro e descruzou as pernas bem torneadas.

— Oi, Dallas. Que bom ver você também. Já soube que anda trabalhando muito no escritório de casa por esses dias. Não posso culpá-la. — Levantando-se, Nadine lançou os penetrantes olhos de gata em volta do ambiente entulhado, mal-ajambrado e cheio de poeira. — Afinal, esta sala é um lixo.

Sem dizer nada, Eve foi direto até o computador, verificou a última entrada registrada no sistema e fez o mesmo com o comunicador.

— Não toquei em nada — avisou Nadine, acrescentando à voz um leve tom de insultada, suave o bastante para Eve desconfiar que a idéia lhe passara pela cabeça.

— Estou ocupada, Nadine. Não tenho tempo para atender a mídia. Vá perseguir uma ambulância por aí ou perturbar o pessoal da recepção em busca de notícias.

— Acho que você devia me dar um pouco da sua atenção. — Ainda sorrindo, Nadine se sentou na única cadeira para visitantes que havia na sala e tornou a cruzar as pernas. — A não ser que queira que eu jogue no ar as coisas que descobri.

Eve sacudiu um dos ombros. Descobriu que a sua musculatura estava tensa no momento em que se sentou. Esticou as pernas vestidas com a velha calça jeans e cruzou as botas muito gastas à altura dos tornozelos.

— E o que foi que você descobriu, Nadine?

— Solteiros em busca de romance encontram morte violenta. Íntimo e Pessoal: agência para promover encontros ou assassinatos? A melhor tenente de homicídios da cidade, Eve Dallas, já está investigando.

Nadine ficou olhando para o rosto de Eve enquanto falava. Reconheceu que ela segurou todas as emoções que pudesse ter sentido, pois seus olhos nem mesmo piscaram. Sabia, porém, que conseguira chamar a sua atenção.

— Quer que eu continue a notícia, informando que a investigadora oficial do caso não tem nada a declarar no momento?

— A investigação prossegue. Uma força-tarefa foi criada. A polícia de Nova York está à cata

de todas as pistas.

Nadine se inclinou para a frente e enfiou a mão dentro da bolsa, sorrateiramente, para ligar o gravador.

— Então a tenente Dallas confirma que os assassinatos têm relação uns com os outros?

— Não com o seu gravador ligado — respondeu Dallas.

Um ar de irritação surgiu no rosto bonito e triangular de Nadine.

— Droga, Dallas, me dê um espaço para trabalhar!

— Desligue o gravador, coloque-o em cima de minha mesa, bem à vista, e eu lhe ofereço alguma coisa. Alias, vou confiscar esse aparelho e qualquer outro que você esteja carregando pra cima e pra baixo aí dentro dessa bolsa imensa. É proibido entrar com equipamentos de gravação na Central de Polícia sem autorização específica.

— Nossa, você é toda certinha! — Zangada, tirou o minigravador da bolsa, colocou-o sobre a mesa e deixou a bolsa de lado. — Muito bem. O que tem para mim extra-oficialmente?

— Extra-oficialmente. — Como Nadine empregara essas palavras, Eve concordou com a cabeça. A repórter do Canal 75 podia ser irritante, determinada e, de um modo geral, um pé no saco, mas tinha integridade.

Não havia necessidade de revistar a bolsa em busca de outro gravador. — Os homicídios que estão sob a minha investigação foram cometidos pela mesma pessoa. A agência de encontros Íntimo e Pessoal parece ser a origem das vítimas. Pode jogar isso no ar.

— Então tudo tem realmente ligação com a agência? — Todos os traços de irritação desapareceram no instante em que Nadine sorriu. A dica sutil que Eve lhe oferecera no início a levara a pesquisar todos os serviços de encontros da cidade. Seria capaz de relacionar os dados e fazer uma reportagem completa só com o apertar de alguns botões.

— Exato — confirmou Eve.

— E o que mais você pode me dar?

— A maior parte das minhas anotações está no escritório de casa. — Nadine, porém, já pegara o seu computador portátil e puxou alguns dados. — Então você já deve ter recolhido todos os dados básicos: quem são os donos da agência, o tempo que estão no mercado, as exigências para os clientes. Eles são clientes da nossa emissora e produzem uns anúncios muito sofisticados. Gastaram, deixe-me ver... mais de dois milhões no ano passado só em propaganda conosco. O departamento de crédito descobriu que eles podem gastar essa quantia, pois ela representa apenas dez por cento do faturamento bruto deles.

— Romance é lucrativo.

— É mesmo. Fiz um levantamento informal só em nossa emissora. Quinze por cento dos funcionários já usaram esse tipo de serviço. Passar o dia atrás de informações para o público produz um grave efeito em nossa vida pessoal — acrescentou com ar descontraído.

— Alguém que você conhece usa os serviços da Íntimo e Pessoal?

— Provavelmente. — Nadine colocou a cabeça meio de lado. — Conheço um monte de gente, pois sou uma pessoa alegre e sociável. Devo começar a me preocupar com eles?

— As três vítimas utilizavam os serviços da agência, e dois se conheceram por acaso através dela. Ainda não encontramos nenhuma ligação entre elas.

— Então... o seu assassino mira as solitárias. — Esse seria um tremendo chamado para a vinheta do programa, decidiu Nadine, já maquinando o texto na cabeça.

— Nossa suspeita é de que a agência Íntimo e Pessoal é a fonte onde o criminoso bebe. — Eve queria que isso ficasse bem claro, mas não pretendia oferecer mais do que isso à repórter. — Uma força-tarefa foi montada hoje e está empenhada em seguir todas as linhas de investigação.

— Há pistas?

— Elas estão sendo investigadas. Não posso lhe fornecer detalhes com relação a isso, Nadine.

— Há suspeitos? — insistiu a repórter.

— Os interrogatórios já tiveram início.

— Motivo dos crimes?

Eve analisou a pergunta.

— São crimes de cunho sexual — informou por fim.

— Ah... Bem, isso combina. Então você tem um assassino bissexual? Das três vítimas, uma era homem e as outras duas, mulheres.

— Não posso confirmar nem negar as preferências sexuais do assassino. — Pensou em Donnie Ray e sentiu uma fisgada de culpa na boca do estômaeo. — Sei apenas que as vítimas receberam espontaneamente o assassino em suas residências. Não encontramos sinais de entrada forçada em nenhum dos locais.

— Quer dizer que eles abriram a porta para o tarado? Eles o conheciam, então?

— Pensavam conhecer. Pode alertar os telespectadores de que eles não devem abrir a porta para alguém que não conheçam em nível pessoal. Não posso informar mais nada sem comprometer a investigação.

— Quer dizer então que ele já matou três vezes em menos de uma semana. Parece estar com pressa.

— Ele tem uma programação para os assassinatos — confirmou Eve. — Mas isso não é para ser divulgado, entendeu? Ele tem uma escala, um padrão, e é por isso que nós vamos agarrá-lo.

— Faça uma entrevista exclusiva comigo, Dallas, uma rapidinha. Posso mandar vir uma câmera em menos de dez minutos.

— Não. Ainda não — acrescentou antes de Nadine começar a reclamar. — Você já conseguiu mais informações do que qualquer outro repórter. Pegue o presente e sinta-se grata. Quanto à entrevista exclusiva, eu gravo se puder e quando puder. Estarei mais inclinada a fazer isso se, depois de encurralar Piper e Rudy, você vier me contar o que descobriu.

— Toma-lá-dá-cá, não é? — Nadine ergueu uma sobrancelha. — Tudo bem. Estou indo para lá agora mesmo. Depois que eu... — Parou de falar na mesma hora e ficou de queixo caído ao ver Peabody entrar pela porta, afobada e dizendo:

— Dallas, você não vai acreditar, eu... Oi, Nadine!

— Essa é realmente você, Peabody?

Embora Peabody tenha lutado para manter um ar casual, seus lábios sorriram.

— É... Dei uma ajeitadinha no visual.

— Uma ajeitadinha? Você está deslumbrante. Esse é um dos modelitos do Leonardo? Você está absolutamente fabulosa. — Levantou-se e começou a rodear Peabody.

— Sim, é um dos modelos dele. Ficou bem em mim, não acha?

— Peabody, você está arrebentando —Rindo muito, Nadine deu um passo para trás. De repente seu sorriso começou a se aguçar e seus olhos se estreitaram. — Está deixando a sua auxiliar brincar de ser modelo em meio a uma investigação de assassinato, Dallas? — continuou ela, desviando o olhar para Eve. — Aí tem coisa! Acho que o que temos aqui é um exemplo muito sofisticado de disfarce. Vai experimentar as maravilhas dos encontros arranjados pelo computador, Peabody?

— Feche a porta, Peabody! — Ao comando firme de Eve, Peabody entrou na sala apertada e fechou a porta atrás de si. — Nadine, se você deixar vazar essa informação, corto a sua garganta. Você vai virar carta fora do baralho. Vou ajeitar para que ninguém aqui da Central de Polícia informe a você nem mesmo em que dia estamos e muito menos passe dicas sobre

algum caso. Pode ter certeza de que isso vai me tirar do sério.

O sorriso matreiro de Nadine desapareceu. Seus olhos se tornaram duros e sombrios.

— Você acha mesmo que eu iria trair a sua investigação? Acha mesmo que eu poderia espalhar uma informação que colocaria Peabody numa furada? Vá para o inferno, Dallas! — Agarrou a bolsa e foi em direção à porta, mas Eve foi mais rápida:

— Fui eu que coloquei o traseiro dela na reta. — Furiosa consigo mesma, Eve arrancou a bolsa das mãos de Nadine e a atirou longe. — Fiz a minha jogada e, se algo sair errado, a culpa vai ser minha.

— Dallas...

— Cale a boca! — ordenou a Peabody. — Se ficou ofendidinha por descobrir até onde eu iria para proteger Peabody e este caso, Nadine, é uma pena para você.

— Certo. — Nadine respirou fundo e segurou a própria raiva. Era algo raro, em sua experiência, detectar uma sombra de medo que fosse no olhar de Eve. — Certo — repetiu. — Quero que você se lembre apenas que Peabody é minha amiga. Como você também é.

Nadine agachou-se para pegar a bolsa que caíra no chão e a pendurou no ombro.

— Seu cabelo ficou lindo, Peabody — elogiou ela antes de abrir a porta e sair.

— Droga! — Foi a única palavra que passou pela cabeça de Eve. Girando o corpo, foi até a janela minúscula e ficou observando o engarrafado tráfego aéreo lá fora.

— Sei como cuidar de mim, Dallas.

Eve olhou fixamente para um ônibus aéreo que acabara de desviar de um dirigível publicitário no último segundo antes da colisão.

— Não teria metido você nisto se achasse que não saberia se cuidar. Mas o fato é que a pessoa que inventou essa história fui eu. Você não tem nenhuma experiência em desempenhar missões secretas ou trabalhar sob disfarce.

— Você está me dando a oportunidade de conseguir alguma experiência. Quero me tornar detetive e jamais vou conseguir isso sem uma missão secreta sob disfarce em meu currículo. Você sabe disso.

— Sim. — Eve enfiou as mãos nos bolsos de trás da calça. — Eu sei disso.

— Ahn... Reconheço que a minha bunda é um pouco maior do que deveria, e ando malhando muito para diminuí-la, mas a verdade é que, no momento, não sei como disfarçá-la melhor.

Sorrindo de leve, Eve se voltou na direção dela.

— Sua bunda está ótima, Peabody. Por que não senta em cima dela agora e me faz o relatório?

— Tudo correu muito bem. — Sorrindo, Peabody se largou na cadeira. — Às mil maravilhas mesmo. Eles não desconfiaram nem por um momento que eu era a mesma tira que estivera lá há poucos dias. Deram-me um tratamento de princesa. — Balançou os cílios recém-tingidos e alongados.

— Se já curtiu bastante a sua nova onda, policial — Eve inclinou a cabeça ara o lado —, gostaria de ouvir o relatório.

— Sim, senhora. — Peabody empertigou-se toda na cadeira e assumiu um ar sóbrio. — Conforme as ordens, eu me dirigi ao local determinado e solicitei uma consulta. Depois de uma breve entrevista fui encaminhada a um salão onde Piper assumiu pessoalmente os trabalhos. Os dados que eu lhe dei foram registrados em seu computador de mão e em seguida ela me ofereceu algo para beber. — Um brilho divertido surgiu em seus olhos. — Eu aceitei o oferecimento, pois achei que seria mais natural no meu papel. Dallas, eles têm chocolate quente lá! Chocolate de verdade e biscoitinhos cobertos de açúcar e com motivos natalinos. Quando me dei conta já tinha comido três renas.

— Continue assim e vai precisar de uma tenda para acomodar a sua bunda.

— É mesmo. — Peabody suspirou ao se lembrar disso. — Dei a entender que queria marcar um encontro o mais depressa possível. Falei algo como "não quero passar o Natal sozinha". Ela foi super-simpática e encantadora em nível pessoal. Dá para entender por que as pessoas que entram lá saem confiantes de que ela vai encontrar alguém para elas. Nesse momento ela tentou me passar para uma assistente, mas eu coloquei pé firme. Disse que me sentia mais à vontade com ela e que essa história de agência de encontros era algo que me dava desconforto. Ofereci lhe pagar mais, se fosse preciso, para tê-la trabalhando diretamente comigo.

— Bem pensado.

— Ela foi um doce em tudo. Deu tapinhas consoladores na minha mão, serviu de diretora para a gravação do meu vídeo e até me treinou um pouco para eu ficar mais à vontade durante a apresentação. Rudy entrou no finalzinho, porque ela precisava ir a uma reunião. Ele também não me reconheceu. Até flertou comigo!

— Flertou como?

— De um jeito bem natural. Acho que era apenas parte do trabalho dele, para falar a verdade. Sorriu, me cumprimentou alegremente e segurou a minha mão. Ele está muito longe de ser o meu tipo de homem — acrescentou —, mas levei a coisa em frente. Ele me ofereceu mais chocolate quente, mas eu consegui resistir. Levou-me para conhecer as instalações, mostrou um clube onde os candidatos têm a chance de se encontrar caso se sintam pouco à vontade

para fazer isso lá fora. O tal clube é lindo, de bom gosto, tudo muito elegante. Eles têm uma pequena cafeteria também para os mesmos propósitos. É um ambiente informal. Havia vários casais espalhados por lá. — Nesse momento, torceu o nariz. — Vi McNab fazendo o tour dele bem na hora em que eu fazia o meu.

— Então conseguimos entrar e estamos cumprindo o cronograma. Quando sai a sua lista de candidatos?

— Amanhã de manhã já posso pegá-la. Eles preferem que a pessoa volte lá pessoalmente em vez de enviar a primeira lista. Eles me investigaram por cerca de uma hora. Os dados que Roarke colocou no sistema funcionaram direitinho, e, pelo que percebi, pesquisaram a minha vida a fundo. Se eu estivesse embarcando nessa história de verdade, iria me sentir bem segura.

— Muito bem. Pegue a lista e siga a rotina deles. Quero apenas que marque seus encontros em locais fora de lá. — Considerou a idéia por um momento antes de continuar. — Podemos usar um dos lugares que pertencem a Roarke... um clube de porte médio ou um bar. Colocaremos alguns tiras lá dentro. Eu vou ter que ficar de fora, porque se Rudy e Piper estiverem envolvidos vão me reconhecer. Vou requisitar um veículo para ficar de tocaia. Quero que você marque pelo menos dois encontros, de preferência três, para amanhã mesmo. Não podemos perder tempo.

Olhou para seu relógio de pulso e tamborilou com os dedos sobre a mesa, dizendo:

— Vamos ver se conseguimos uma sala de reuniões que esteja vazia. Preciso convocar Feeney e McNab para uma atualização do caso. Quero que tudo prossiga sem problemas de percurso.

— Se McNab fizer alguma piadinha comigo, eu soco o nariz dele.

— Espere até resolvermos o caso — aconselhou Eve. — Depois disso pode socar o nariz dele à vontade.

Deu para enxergar as luzes acesas na outra ponta da longa alameda assim que Eve passou pelos portões. A princípio, Eve pensou que a casa estivesse em chamas de tão iluminada e brilhante. Ao se aproximar com o carro, viu o contorno da árvore na larga janela do salão da frente. Parecia viva com tantas luzes brancas cintilando e piscando, como se fossem pequenas chamas saindo dos ramos pesados por conta das bolas vermelhas e douradas.

Deslumbrada, Eve parou o carro ao pé da escada e subiu os degraus quase correndo. Seguindo direto na direção do salão, parou sob o portal e olhou extasiada. A árvore devia ter mais de seis metros de altura e quase um metro e meio de largura. Quilômetros de festão prateado haviam sido colocados em volta dela com esmero e ajudavam a prender as centenas de bolas coloridas. Na ponta da árvore, quase tocando o teto, fora fixada uma estrela de cristal, e cada uma das suas pontas cintilava em uma cor diferente. Por toda a volta fora colocado um festão

de tecido branco drapeado à guisa de neve. Incontáveis presentes haviam sido maravilhosamente embrulhados e empilhados em volta dela.

— Minha nossa, Roarke!

— Ficou linda, não ficou?

Ele chegara por trás dela sem fazer barulho algum. Eve deu um pulo ao ouvir a voz dele, mas logo se virou e balançou a cabeça, perguntando:

— Onde conseguiu uma árvore como essa?

— No Oregon. Ela tem um sistema especial para manter as raízes vivas. Vamos doá-la para um parque depois do Ano-novo. — Enlaçou a cintura dela com os braços. — Melhor dizendo, vamos doar todas.

— Todas? Tem outras como essa?

— Instalei uma um pouquinho maior no salão de baile.

— Maior? — Eve conseguiu perguntar depois de um momento de espanto.

— Tem mais uma no apartamento de Summerset, além da que está no nosso quarto.

— Leva dias para enfeitar uma árvore desse tamanho.

— Bem, para enfeitar esta aqui a equipe que eu contratei levou quatro horas. — Ele riu. — A do nosso quarto vai ser mais fácil. — Virou a cabeça e roçou os lábios na testa de Eve. — Preciso compartilhar esse momento de curtição com você.

— Não entendo dessas coisas.

— Vamos aprender juntos.

Eve olhou para a árvore e não conseguiu identificar o que a deixou nervosa.

— Tenho trabalho a fazer — afirmou e teria conseguido escapar se ele não tivesse se movido mais depressa e colocado as mãos em seus ombros até ela olhar para ele.

— Não pretendo atrapalhar o seu trabalho, Eve, mas nós temos direito a uma vida. A nossa vida. Quero uma noite para passar com a minha esposa.

— Você sabe o quanto eu odeio quando você fala "minha esposa" nesse tom de voz — disse ela, franzindo o cenho.

— E por que você acha que eu uso esse tom? — Ele riu quando ela tentou se desvencilhar das

mãos dele. — Peguei você, tenente, e vou mantê-la comigo. — Sabendo o quanto os movimentos dela eram ágeis, levantou-a a um palmo do chão. — É melhor se acostumar com isso — aconselhou.

— Você vai acabar me deixando pau da vida.

— Ótimo, mas primeiro vamos transar. É uma espécie de aventura fazermos amor quando eu sei que você está irritada comigo.

— Não quero transar. — Talvez até quisesse, pensou ela, a contragosto, se ele não exibisse aquela cara de presunçoso.

— Ora, um desafio acompanhando a aventura. A coisa está ficando cada vez melhor.

— Ponha-me no chão, seu bobalhão, ou vou ser obrigada a machucar você.

— E agora ameaças... Estou começando a ficar realmente excitado.

Ela se recusou a rir. E quando ele entrou no quarto com ela ainda no colo, Eve estava decidida a entrar em confronto. Mais tarde, iria descobrir que Roarke conhecia o seu jeito de pensar, e bem demais até...

Ele a colocou em cima da cama e mergulhou sobre ela, antes que pudesse armar uma postura ofensiva. Com apenas uma das mãos ele prendeu os dois pulsos dela acima da cabeça.

Ela lançou-lhe um olhar furioso, estreitando os olhos e avisando:

— Não desisto assim tão fácil não, meu chapa.

— Puxa, tomara que não.

Ela aplicou-lhe uma tesoura com as duas pernas, apertando-o pela cintura, e conseguiu lançar o corpo para a frente até que os dois rolaram e tombaram do outro lado da cama. Galahad, que estava tirando um cochilo, mostrou-se irritado e caiu fora.

— Viu só o que você fez?! — grunhiu Eve no instante em que ele conseguiu rolar de novo e se colocou por cima dela. — Assustou o gato.

— Ele que vá procurar uma gata por aí — murmurou Roarke e esmagou sua boca contra a de Eve.

Sentiu então o latejar dos pulsos dela, em golpes curtos e fortes, e percebeu o tremor que a percorreu dos pés à cabeça por baixo dele; mesmo assim, Eve não cedeu, ainda não estava pronta para ceder. Conforme ele sabia muito bem, havia momentos em que Eve apreciava uma luta violenta e rápida.

E ele sentiu que também estava com disposição para um bom combate.

Mordeu o lábio inferior dela, sentindo uma sensação de triunfo ao notar que ela não conseguiu engolir de todo o gemido que lhe surgiu na garganta. Com a mão livre ele desafivelou o seu coldre e tirou a correia do ombro dela. Em seguida, só por poder fazê-lo e também por sentir que o calor já emanava do corpo dela em ondas, enganchou a mão na abertura da blusa e a rasgou com toda a força, até a cintura.

Agora o corpo dela estava estirado diante dele, pulsando na sua direção, exigente, audaz, apesar de se retorcer por baixo dele em uma tentativa inútil de escapar e readquirir o controle da situação.

— Puxa, como eu desejo você! Jamais consigo tê-la o bastante. — Sua boca lançou-se com força e se prendeu com firmeza em um dos seus seios.

Não, nunca era o bastante, foi o último pensamento claro de Eve. Ela gritou e deixou que o corpo forte se arqueasse na direção dele, como se os apertões e puxões ferozes em seu seio vibrassem e se espalhassem por dentro dela com o ritmo violento de uma música selvagem.

O calor parecia sair rugindo em raios divergentes a partir do centro do seu corpo.

Libertada, por fim, as mãos dela agarraram a camisa dele, rasgando a seda, até que sentiu a pele com os dedos, sob a boca, entre os dentes.

Rolando para o lado mais uma vez, eles arrancaram todas as roupas um do outro e atormentaram-se mutuamente com beliscões famintos, cravando os dedos na pele. Quando ela tateou com a mão e conseguiu agarrá-lo, apertou-o e o sentiu duro como ferro, mas liso como seda.

— Agora, agora, agora! — Arqueando ainda mais os quadris, sentiu o primeiro orgasmo no exato instante em que ele a penetrou.

Ele se manteve lá dentro, enterrado profundamente, ofegante enquanto piscava depressa, tentando focar os olhos nela. O fogo que ardia na lareira do outro lado do quarto lançava clarões e sombras no rosto que estava sob o dele, fazia brilhar os cabelos dela e se refletia em seus olhos, que de repente pareceram escurecer e apagar sob a enegia que trocavam.

— Sou eu que tenho você — afirmou ele, retrocedendo e empurrando-se novamente até o fundo dela. — Sempre. — Movendo-se para trás, levantou os quadris dela com as mãos. — Venha cá novamente! — exigiu ele, puxando-a e começando a possuí-la com estocadas longas e mais fortes.

Ela agarrou os lençóis como se precisasse de uma âncora. À luz do fogo ela conseguia vê-lo em cima dela, seus cabelos pretos reluzindo, os olhos azuis demais para ser verdade, os músculos lisos, a pele dourada e orvalhada de suor.

A necessidade foi aumentando com a força de uma inundação e o prazer a fez submergir. Sua visão se enevoou, transformando-o em uma sombra com bordas douradas. De repente, Eve ouviu Roarke balbuciar o seu nome ao sentir o corpo estremecer de prazer.

— De novo! — Ele a penetrou com mais força, enquanto invadia a sua boca com a língua dele e entrelaçava os dedos com os dela, tornando a golpeá-la. — Mais uma vez — ele conseguiu sussurrar, com o sangue desenfreado em suas veias. — Venha comigo.

E foi "Eve" a única palavra que ele conseguiu expirar no momento em que se esvaziou dentro dela.

Eve perdeu a noção do tempo que ficou por baixo dele, vendo a luz do fogo dançar no teto. Perguntou-se vagamente se seria normal necessitar tanto assim de um homem e amá-lo a ponto de sentir dor.

Logo ele virou a cabeça, seus cabelos roçaram em sua face e seus lábios acariciaram seu pescoço. E ela resolveu que não era importante saber a resposta.

— Espero que esteja satisfeito — disse ela em um murmúrio que não saiu tão cortante quanto planejara e se viu acariciando as costas dele com a mão.

— Humm... acho que estou. — Ele esfregou a ponta do nariz em seu pescoço antes de levantar a cabeça e olhar diretamente para ela. — E parece-me que a satisfação foi mútua.

— Deixei você ganhar.

— Ah, eu sei!

O brilho nos olhos dele a fez reclamar:

— Agora saia de cima de mim, você é muito pesado.

— OK. — Ele atendeu o pedido dela, mas logo em seguida tornou a agarrá-la. — Vamos tomar banho juntos e depois poderemos enfeitar a árvore.

— Que fixação é essa por árvores, hein?!

— Não enfeito uma árvore há muitos anos... desde a época em que ainda morava em Dublin com Summerset. Quero ver se ainda consigo fazer um bom trabalho. — Ele entrou debaixo do chuveiro com ela. Nesse momento, Eve tapou a boca de Roarke com a mão, sabendo de sua incompreensível preferência por duchas geladas.

— Água a trinta e oito graus! — ordenou ela, depressa.

— Isso é quente demais — balbuciou ele entre os dedos dela.

— Agüente firme. — Suspirou longa e profundamente quando a água começou a pulsar em jatos constantes vindo de todas as direções. — Nossa, isso é muito bom!

Quinze minutos depois ela já estava saindo do tubo para secagem a ar, e sentiu os músculos relaxados, flexíveis, a mente clara e alerta.

Roarke se secava esfregando a toalha nas costas, outro dos seus hábitos que era incompreensível para ela. Por que perder tempo esfregando o corpo com uma toalha de algodão quando alguns pulos e giros dentro do tubo com ar deixavam a pele completamente seca? Esticou a mão para pegar o roupão quando reparou que não era o mesmo que ela deixara pendurado naquele mesmo dia, de manhã.

— O que é isto? — perguntou ela, tirando do gancho o longo roupão escarlate, muito macio.

— Caxemira. Você vai gostar.

— Você já me comprou um milhão de roupões. Não sei qual é a dife... — Mas sua voz se calou ao vesti-lo. — Puxa... — Odiava quando se deixava impressionar por coisas superficiais, como a textura de uma roupa. Aquela, porém, era suave como uma nuvem e quente como um abraço. — É muito confortável.

Ele sorriu enquanto amarrava o cordão do seu roupão, feito do mesmo material.

— Combina com você — comentou ele. — Venha comigo e me conte tudo a respeito do caso enquanto eu instalo as lâmpadas da árvore.

— Peabody e McNab conseguiram entrar. Vão pegar a lista de candidatos amanhã de manhã. — Circulando pelo quarto, ela reparou no balde de prata com gelo onde repousava uma garrafa de champanhe; uma bandeja também de prata estava ao lado, cheia de canapés. Ah, tudo bem, decidiu ela com ar indulgente enquanto provava algo maravilhoso e servia duas taças. — Os dados falsos que você arrumou para os dois resistiram à investigação que foi feita.

— É claro. — Em uma caixa grande, Roarke pegou um longo piscapisca.

— Não seja convencido, temos muita coisa pela frente. Nadine já estava na minha sala na Central de Polícia quando eu cheguei lá — acrescentou Eve, colocando uma taça de champanhe para Roarke sobre a mesinha-de-cabeceira. — Ela viu Peabody chegar toda produzida e eu acabei sendo obrigada a contar-lhe mais do que pretendia. Confidencialmente, é claro.

— Nadine é uma dessas raras repórteres em quem se pode confiar. — Roarke analisou a árvore, as lâmpadas e resolveu colocar mãos à obra. — Não vai divulgar dados perigosos.

— Sim, eu sei. Abordamos o assunto. — Franzindo o cenho, Eve começou a caminhar em

volta da árvore enquanto Roarke trabalhava. Tinha dúvidas sobre ele saber o que estava fazendo. — Se Piper e Rudy não tivessem me visto, eu mesma iria me apresentar na agência para fazer a investigação sob disfarce.

Roarke levantou uma sobrancelha quando acabou de prender o pisca-pisca e pegou outro, avisando:

— Eu faria certas objeções se soubesse que a minha mulher anda saindo Dor aí com estranhos.

Eve foi até a bandeja de canapés e provou mais um, escolhido ao acaso.

— Não se preocupe que eu não iria dormir com nenhum deles... a não ser que o trabalho exigisse. — Sorriu para ele. — Mesmo assim, prometo que ia ficar pensando em você o tempo todo.

— Não levaria muito tempo, já que eu ia capá-lo e entregar o material para você analisar. — Continuou instalando o pisca-pisca enquanto ela quase se engasgava com o champanhe.

— Nossa, Roarke, estou só brincando.

— Hã-hã... Eu também, querida. Pegue mais um pisca-pisca para mim, por favor.

Sem ter muita certeza disso, Eve pegou o que ele pedira e perguntou:

— Quantas dessas pretende usar?

— Quantas forem necessárias.

— Sei. — Soltou o ar pela boca, com força. — O que eu estava querendo dizer é que... eu preferia ter realizado essa missão, porque já trabalhei sob disfarce antes. Peabody nunca passou por isso.

— Mas teve um bom treinamento. Você devia confiar mais nela. E em você.

— McNab ainda está revoltado comigo por causa dessa história.

— É que ele é louco por ela.

— Ele realmente... O quê?!

— Ele é louco por ela. — Roarke deu um passo para trás e apertou os lábios. — Ligar as luzes da árvore — disse ele em tom de comando e balançou a cabeça para a frente, satisfeito ao ver os pequenos pontos luminosos começarem a piscar. — Sim, vai ficar bonito.

— O que quer dizer com "louco por ela"? Tipo assim ele está a fim dela? McNab? Nem pensar!

— Ele não tem certeza quanto a gostar, mas se sente muito atraído. — Como queria ver o trabalho que realizara por outro ângulo, Roarke atravessou o cômodo, pegou o champanhe e tomou um gole enquanto avaliava a árvore acesa. — Agora vamos aos enfeites.

— Ele a deixa profundamente irritada.

— Acho que você também se sentia do mesmo modo com relação a mim no começo. — Brindou à lembrança, levantando a taça em direção a sua mulher, que brilhava sob as luzes da árvore e da lareira. — Veja só onde nós dois acabamos.

Eve olhou para ele fixamente por uns dez segundos até que, por fim, sentou-se na beira da cama, exclamando:

— Que maravilha! Essa é ótima! Agora ficou perfeito! Não posso colocar os dois trabalhando juntos em um caso como este se estiver rolando alguma coisa entre eles. Com irritação eu me garanto, mas com o tesão dos outros não sei como lidar.

— Às vezes é preciso deixar as crianças seguirem o próprio caminho, querida Eve. — Abriu outra caixa e escolheu um anjo antigo, feito de porcelana. — Você prende o primeiro enfeite. Vai ser a nossa pequena tradição.

— Se alguma coisa acontecer com Peabody... — Eve ficou olhando fixamente para o enfeite.

— Você não vai deixar que nada lhe aconteça.

— Não. — Suspirando, ela se levantou. — Não, não vou deixar, mas vou precisar da sua ajuda.

— Você já a tem. — Ele esticou a mão e acariciou com o pole-gar a covinha de seu queixo.

— Eu amo você. — Ela se virou, pegou um dos galhos e pendurou o anjo nele. — Acho que isso também está se tornando uma pequena tradição nossa.

— E é a minha favorita.

*** * ***

Tarde da noite, bem mais tarde, quando as luzes da árvore já estavam apagadas e o fogo da lareira quase se extinguira, Eve ainda estava acordada. Será que ele estava lá fora naquele exato momento? Será que o seu *tele-link* ia tocar dali a instantes anunciando outro corpo encontrado, outra alma perdida por ela estar tantos passos atrás dele? A quem será que ele amava agora?

## CAPÍTULO DEZ

A neve começou a cair ao amanhecer. Não era uma neve bonita, daquelas de cartão-postal, e sim agulhas medianas e finas que assobiavam de forma desagradável ao cair nas calçadas. Quando Eve chegou a sua sala na Central de Polícia, já havia uma feia camada escorregadia e cinzenta cobrindo as ruas da cidade, bem como os pavimentos e passarelas aéreas, o que certamente daria muito trabalho aos paramédicos e guardas de trânsito.

Do lado de fora da sua sala, dois helicópteros de monitoramento do tráfego, pertencentes a emissoras rivais, duelavam em uma guerra para ver quem transmitia primeiro as más notícias aos telespectadores, notícias essas que iam desde os mais recentes acidentes entre veículos até engarrafamentos e quedas de pedestres.

Não eram necessários, pensou Eve, com mau humor, pois bastava as pessoas abrirem a porta de suas casas e verem o caos por si mesmas.

Aquele ia ser um dia pavoroso.

Colocando-se de costas para a estreita moldura na parede que insistiam em chamar de janela, começou a alimentar o sistema com dados, embora tivesse poucas esperanças de obter um resultado de probabilidades decente.

— Computador, ligar o programa de probabilidades. Utilizar os dados conhecidos e os recém-informados. Quero análise e cálculos. Listar em ordem de probabilidade quais os nomes que se enquadram como possíveis vítimas em potencial para o assassino denominado Amor Verdadeiro.

*Processando...*

— Sim, faça isso — resmungou ela. Enquanto a máquina rangia e soltava assobios agudos, Eve pegou cópias das fotos confiscadas na Íntimo e Pessoal e, levantando-se da cadeira, fixou-as em um quadro acima da sua mesa.

Marianna Hawley, Sarabeth Greenbalm e Donnie Ray Michael. Rostos sorridentes que irradiavam esperança, exibindo o melhor de si. Pessoas solitárias em busca de amor.

A recepcionista, a dançarina e o saxofonista. Estilos de vida diferentes, objetivos de vida diferentes, necessidades diferentes. O que eles tinham em comum? O que ela estava deixando escapar e era o elo entre o assassino e eles?

O assassino notou algo ao olhar para aqueles rostos? Algo que o fez se sentir atraído ou furioso? Era gente comum vivendo vidas comuns.

*Probabilidades idênticas para todos os nomes analisados.*

Eve olhou para a máquina e reclamou:

— Não me venha com esse papo! Tem que haver alguma coisa em comum.

*Informações insuficientes para análise mais aprofundada. Pelos dados atuais, o padrão de escolha é aleatório.*

— Mas como, diabos, eu posso proteger duas mil pessoas, quer me dizer? — Fechou os olhos e tentou controlar a raiva. — Computador, eliminar todas as pessoas listadas que moram com algum acompanhante ou membro da família. Comparar os nomes restantes.

*Processando... Tarefa concluída.*

— OK. — Passando as mãos pelo rosto, ela concordou com a cabeça. As três vítimas eram brancas, pensou. — Eliminar agora todas as pessoas listadas que não tenham pele branca. Comparar com os nomes restantes.

*Processando... Tarefa concluída.*

— Quantos sobraram?

*Seiscentos e vinte e quatro nomes continuam na lista...*

— Merda! — Ela recuou para avaliar as fotos. — Eliminar todas as pessoas acima de quarenta e cinco anos e abaixo de vinte e um.

*Processando... Tarefa concluída.*

— Muito bem. — Ela começou a andar de um lado para outro na sala mindscula, avaliando o caso por todos os ângulos. Pegando a lista impressa, vasculhou os outros papéis que havia sobre a mesa. — Todos três eram candidatos recentes — murmurou para si mesma. — Todos haviam ido até lá pela primeira vez. Computador, eliminar todos os nomes com mais de uma consulta na Íntimo e Pessoal. Listar os nomes restantes.

*Processando...*

Dessa vez a máquina engasgou e sacudiu. Eve deu-lhe um golpe impaciente com a base da mão.

— Sua lata velha... — resmungou e arreganhou os dentes ao ver que a máquina tornou a ranger.

*Tarefa... concluída.*

— Não comece a gaguejar quando fala comigo. Total de pessoas restantes?

*Duzentos e seis nomes continuam na lista.*

— Agora está melhor, bem melhor. Imprimir os nomes desses duzentos e seis!

Enquanto a máquina mastigava e cuspia dados, Eve se virou para o *tele-link* e entrou em contato com a Divisão de Detecção Eletrônica.

— Feeney, tenho um total de duzentos e seis nomes e preciso verificar dados de todos eles. Você pode fazer isso para mim? Veja quantos saíram da cidade, quantos se casaram, ou foram morar com alguém, ou morreram dormindo ou estão passando as férias no planeta Disney.

— Pode mandar que eu pesquiso — disse ele.

— Obrigada. — Levantou a cabeça ao ouvir uma algazarra com assobios e gritos vindos da sala de registros policiais. — Isso é prioritário, Feeney — avisou ela e desligou a tempo de ver o rosto afogueado e muito vermelho de Peabody surgir na porta.

— Nossa, até parece que esses idiotas nunca me viram sem farda antes. Henderson acaba de me dizer que seria capaz de abandonar a mulher e os filhos por uma semana comigo em Barbados.

Pelo brilho em seus olhos, Peabody não parecia muito aborrecida com o furor que causara.

Eve franziu o cenho. O rosto de sua ajudante estava maquiado, resplandecente, e seus cabelos balançavam suavemente. As pernas estavam de fora, usando uma saia curta muito justa e valorizada por botas com salto agulha, tudo em tom framboesa.

— Como é que você consegue andar com esses saltos? — quis saber Eve.

— Andei treinando.

Eve respirou fundo e depois soltou o ar pela boca, dizendo:

— Sente aí e vamos repassar o plano.

— Certo, mas leva um tempinho até eu conseguir sentar, por causa da saia. — Cautelosa, Peabody apoiou as mãos na borda da mesa e começou a se abaixar lentamente.

— Como é, você vai ficar agachada em cima da cadeira? Por que não senta de uma vez?

— Só um instantinho. — Ela sugou o ar com força e encolheu a barriga. — A roupa está meio apertada na cintura. — Finalmente conseguiu se ajeitar e sentou.

— Você devia ter pensado nos seus órgãos internos antes de entrar nesse troço. Temos uma hora antes de você ir para a Íntimo e Pessoal. Quero que você...

— Que diabos você está fazendo vestida desse jeito? — McNab estava parado na porta, com os olhos esbugalhados, olhando com atenção para as pernas de Peabody.

— Estou trabalhando — disse ela, fungando de leve.

— Você está é pedindo para ser atacada por algum tarado. Dallas, faça Peabody usar outra roupa.

— Não sou consultora de moda, McNab, e se fosse... — Eve levou alguns segundos avaliando a calça baggy dele em vermelho berrante e listras brancas, acompanhada de uma blusa de gola rulê amarelo-canário — teria algo a dizer a respeito das suas opções de vestuário também.

Peabody deu uma risadinha e Eve estreitou os olhos.

— Muito bem, crianças. Como devem lembrar, estamos com um caso de homicídios múltiplos nas mãos. Se não conseguirem acertar os ponteiros um com o outro, vou proibi-los de brincar no playground à tarde.

Peabody imediatamente ajeitou o corpo, colocou os ombros para trás e, apesar de lançar um olhar zombeteiro para McNab, foi sábia o bastante para não dizer nada.— Peabody, quero que você convença Piper a ficar junto de você durante todo o processo. McNab, você fica com Rudy. Depois que pegarem a lista de contatos, podem circular pela área de lojas. Façam-se notar.

— Temos verba para fazer algumas compras? — quis saber McNab e, ao se deparar com o olhar fixo de Eve, encolheu os ombros e enfiou as mãos nos bolsos largos da calça. — Ficaria mais natural se comprássemos algumas coisas e batêssemos papo com os balconistas.

— Temos duzentas fichas de crédito para cada um, retiradas dos recursos públicos. Se a compra passar disso, a diferença ficará por conta de vocês. McNab, sabemos que Donnie Ray usou o salão de beleza da agência para comprar os cosméticos para a mãe. Não se esqueça de passar algum tempo lá.

— Por mim ele pode ficar um mês — disse Peabody, baixinho, fe sorriu com cara de inocente quando Eve lançou-lhe um olhar de íreprovação.

— Peabody, Marianna Hawley fez compras no salão e gastou algum dinheiro na Desejo Feminino, loja especializada em lingerie que fica no andar de cima. Dê uma passada na loja.

— Sim, senhora.

— Vocês dois vão precisar se encontrar com o máximo de pessoas que conseguirem, dentre as que estão em suas listas de contatos. Marquem esses encontros. Quero que comecem esta noite mesmo. Estamos acertando as coisas para que tais encontros se realizem no clube Nova, na rua 53. Quanto mais cedo marcarem, melhor vai ser para começarmos logo. Tentem marcar o primeiro encontro para as quatro da tarde e depois agendem os demais com uma hora de diferença entre eles. Marquem o máximo de encontros que conseguirem. Não sabemos se ele vai atacar esta noite. Talvez tenhamos sorte, mas o fato é que ele não vai esperar.

Olhando para as fotos, continuou:

— Vamos ter tiras por toda parte. Feeney e eu estaremos na rua, em contato direto. Vocês dois vão usar microfones ocultos. Nenhum dos dois deve sair com ninguém. Se quiserem ir ao banheiro, façam um sinal, e um dos tiras infiltrados no lugar segue vocês.

— Ele não costuma atacar em local público — lembrou Peabody. — Não é o seu padrão.

— Não corro riscos com o meu pessoal. Sigam as ordens. Se um dos dois mijar fora do penico, está fora do caso. Enviem as listas de contatos para mim e para Feeney assim que as pegarem. Se algum funcionário da Íntimo e Pessoal ou de uma das lojas mostrar interesse por vocês, quero que me relatem o fato na mesma hora. Alguma pergunta?

Ao ver que ambos balançaram a cabeça, Eve levantou as sobrancelhas.

— Vamos nessa! — Eve não riu quando Peabody se levantou da cadeira com certa dificuldade, mas bem que teve vontade. MacNab girou os olhos e exibiu os dentes superiores quando ela saiu da sala na frente dele.

— Ela é muito inexperiente — disse a Eve.

— Ela é muito boa — respondeu Eve.

— Pode ser, mas vou ficar de olho nela.

— Dá para perceber — resmungou Eve depois que ele saiu.

Voltou a examinar as fotos. Aqueles três rostos pareciam assombrála. A lembrança do que acontecera com eles se retorcia lentamente dentro dela e se recusava a ir embora.

Estou me envolvendo demais, lembrou a si mesma. Estou muito focada no que aconteceu e pouco concentrada no motivo.

Fechou os olhos por um momento e os esfregou como se tentasse apagar as imagens de seu próprio passado.

Por que aqueles três especificamente?, perguntou a si mesma mais uma vez, aproximando-se mais para estudar o rosto sorridente de Marianna Hawley.

Escrituraria, refletiu, tentando colocar em prática o mesmo sistema que usara para escolher o perfume de Mira. Confiável, romântica, uma jovem à moda antiga. Sua beleza era do tipo agradável, mas quase comum. Estreitos laços de família. Gostava de teatro. Uma mulher organizada que gostava de se cercar de coisas belas.

Enfiando os polegares no bolso da frente da calça, fixou os olhos em Sarabeth Greenbalm. A dançarina de striptease. Uma mulher solitária que se mostrava cuidadosa com o dinheiro e

colecionava cartões de empresários. Confiável, também, na carreira que escolhera. Vivia frugalmente, economizava o dinheiro do salário e vivia quase que somente à base de gorjetas. Não tinha hobbies, nem amigos, nem familiares.

E Donnie Ray, avaliou, o rapaz que amava a mãe e tocava sax. Vivia como um porco e tinha um sorriso de anjo. Cheirava Zoner de vez em quando, mas jamais faltou a uma apresentação.

Subitamente ela notou um ponto em comum ao olhar para os três rostos que jamais haviam se encontrado.

O teatro.

— É isso! Computador, pesquisar nos arquivos da Íntimo e Pessoal os dados de Marianna Hawley, Sarabeth Greenbalm e Donnie Ray. Mostrar dados no monitor e realçar as informações sobre profissões, hobbies e outros interesses.

*Processando... Na tela os dados solicitados. Marianna Hawley, assistente administrativa na empresa Foster-Brinke. Hobbies e interesses pessoais: teatro. Membro da comunidade de atores do West Side. Outros interesses...*

— Pare! Passar para o próximo. *Sarabeth Greenbalm, dançarina...*

— Pare! E Donnie Ray, saxofonista. — Levou um minuto, processando ela mesma as informações. — Computador, rodar o programa de probabilidades considerando a chance de o assassino ter escolhido essas pessoas devido a ligações comuns a todas elas na área de teatro e entretenimento.

*Processando... A partir dos dados informados, a probabilidade é de 93,2%.*

— Bom, muito bom! — Expirando com força, ela atendeu ao comunicador que tocava: — Aqui é a tenente Dallas.

— Emergência, tenente Dallas. Visitar casal no apartamento nº 3 da rua 18 Oeste, número 341. Possível tentativa de agressão. A probabilidade de este incidente estar ligado à sua atual investigação de homicídios é de 98,8%.

Eve já estava em pé, pegando o casaco de couro.

— Estou a caminho. Dallas desligando...

— Foi uma coisa muito estranha — afirmou a mulher de porte miúdo e tão delicada quanto as fadas que dançavam na pequena árvore de Natal de cristal colocada sobre o peitoril da larga janela do apartamento reformado. — Jacko fica todo agitado com certas coisas.

— Eu sei muito bem o que digo. Aquele sujeito tinha algo de estranho, Cissy. — Jacko franziu o cenho ao abraçar a mulher pelo ombro. Era quatro vezes maior do que ela. Sua altura passava de um e noventa, avaliou Eve, e devia pesar mais de cento e vinte quilos. Tinha corpo de jogador de futebol americano e o rosto áspero como rocha, com cicatrizes profundas no maxilar e na sobrancelha direita.

A mulher era pálida como um raio de luar, e ele, escuro como a noite. A imensa mão dele engolia a da mulher.

O apartamento se dividia em três áreas principais. Eve deu uma olhada discreta nos móveis da suíte através das portas duplas de vidro canelado que estavam entreabertas. A cama era enorme e estava desfeita.

Na sala de estar, um sofá comprido em forma de "U" daria para comportar vinte pessoas comodamente sentadas. Jacko sozinho ocupava o espaço de três indivíduos.

Pelo que Eve reparou, ali havia conforto financeiro, gosto feminino e comodidades masculinas.

— Por favor, contem-me o que aconteceu — pediu Eve.

— Já contamos para o guarda, na noite passada. — Cissy sorriu, mas seus olhos pareciam perturbados com alguma coisa. — Jacko insistiu em chamar a polícia. Foi apenas um idiota metido a engraçadinho.

— Você é que pensa! Escute, dona... — Ele se inclinou na direção de Eve e os cachos de seus cabelos balançaram ligeiramente. — Um sujeito bate na porta. Está fantasiado de Papai Noel e carrega uma caixa imensa amarrada com fita de presente. Faz "ho-ho-ho" e vem com aquela história de "Feliz Natal".

A expectativa fez o estômago de Eve se retorcer, mas ela perguntou com a voz bem calma:

— Quem abriu a porta?

— Fui eu. — Cissy balançou as mãos. — Meu pai mora no Wisconsin. Geralmente me envia alguma coisa engraçada no Natal, quando eu não posso viajar para lá no fim do ano. Este ano, por exemplo, eu não consegui ir, então acho que ele contratou alguém para visitá-la fantasiado de Papai Noel. Ainda penso que...

— Aquele cara não veio a mando do seu pai não — teimou Jacko. — Ela já ia deixá-lo entrar. Eu estava na cozinha e, quando a ouvi dar uma risada e prestei atenção na voz do cara...

— Jacko é muito ciumento. Isso atrapalha o nosso relacionamento.

— Bobagem, Cissy. Será que só consegue ver que um cara está a fim de você quando ele enfia a mão por baixo da sua saia? Puxa vida! — Visivelmente contrariado, Jacko expirou com

força. — Ele já estava se jogando em cima dela quando eu cheguei na sala.

— Se jogando em cima dela? — repetiu Eve enquanto Cissy amarrava a cara.

— Sim, dava para notar. Ele estava se preparando para agarrá-la com aquele sorriso imenso e um fulgor esquisito no olhar.

— Era brilho. — resmungou Cissy. — Os olhos de Papai Noel são muito brilhantes, ora bolas. Pelo amor de Deus, Jacko!

— Pois o brilho se apagou na mesma hora, assim que ele me viu. Ficou petrificado como uma estátua, parado ali, olhando para mim de boca aberta. Eu deixei o "ho-ho-ho" dele apavorado, pode crer. Então, de repente, saiu correndo porta afora, como um coelho assustado.

— Você gritou com ele.

— Não até ele começar a correr. — Jacko levantou as enormes mãos em sinal de frustração. — Reconheço, gritei mesmo e corri atrás dele. Teria conseguido agarrá-lo se Cissy não tivesse ficado no caminho. Quando consegui tirá-la da minha frente e alcancei a rua, ele tinha sumido.

— O policial que recebeu a chamada de vocês levou os discos com a gravação do sistema de segurança?

— Levou, disse que esse era o procedimento de rotina.

— Isso mesmo. Como era a voz dele?

— A voz? — Cissv pisou.

— Sim, sua voz. Descreva-a para mim.

— Ahn... era uma voz alegre.

— Minha nossa, Cissy, isso é treinamento para ficar burra? Era fingido — garantiu Jacko a Eve enquanto Cissy, sentindo-se obviamente insultada, pulou da cadeira e marchou, não havia outra palavra para descrever o ato, para a cozinha. — Sabe aquele cumprimento fingido? Grave, pesado. Ele disse algo como: "Você foi uma boa menina? Trouxe um presente para você. Só para você." Foi quando eu apareci e ele ficou com cara de quem viu um fantasma.

— Você não o reconheceu? — perguntou Eve a Cissy. — Não havia nada nele por baixo da fantasia ou da maquiagem que lhe parecesse familiar? Nada em sua voz ou no jeito de andar?

— Não. — Ela voltara da cozinha ignorando Jacko abertamente e bebendo um pouco de água gasosa. — É que foi tudo muito rápido.

— Quero que assista aos discos e analise com atenção quando ampliarmos e melhorarmos as

imagens. Se reconhecer algo familiar, quero que me diga.

— Isso tudo não é preocupação demais para uma brincadeira tão tola?

— Acho que não. Há quanto tempo vocês dois estão juntos?

— Estamos com o namoro indo e voltando há uns dois anos.

— Ultimamente estamos mais indo... — resmungou Jacko.

— Se você não fosse tão possessivo e não agredisse todo homem que olha para mim, mesmo com o rabo do olho... — começou Cissy.

— Cissy? — interrompeu Eve, levantando a mão em uma tentativa de acabar com a briga. — Em que você trabalha?

— Sou uma atriz... e ensino interpretação quando não consigo algum papel por aí.

Bingo, pensou Eve.

— Ela é fantástica. — Com orgulho óbvio e assumido, Jacko sorriu para Cissy. — Está ensaiando para uma peça fora da Broadway agora.

— Bem longe da Broadway, por sinal — comentou Cissy, mas se chegou junto de Jacko com um sorriso e se sentou ao lado dele.

— Pois vai ser um tremendo sucesso. — Ele beijou uma das mãozinhas delicadas dela. — Cissy derrotou vinte outras concorrentes nos testes. Essa vai ser a sua grande oportunidade.

— Vou querer assistir — disse Eve. — Cissy, você já utilizou os serviços da Íntimo e Pessoal?

— Anh... — Seu olhar se desviou de Eve. — Não.

— Cissy. — Eve usou a voz e a pose de tira, e se inclinou para a frente. — Você sabe qual é a pena por mentir para uma policial?

— Bem, se quer saber, eu acho que isso não é da sua conta.

— Que lugar é esse, Íntimo e Pessoal? — quis saber Jacko.

— É uma agência de encontros programados por computador.

— Ah, pelo amor de Deus, Cissy, pelo amor de Deus! — Furioso, Jacko se levantou do sofá, balançando os cachos enquanto andava pela sala de um lado para outro. — O que diabo está acontecendo com você?

— Nós terminamos! — Subitamente a pequena fada estava falando no mesmo tom que o

gigante. — Eu estava pau da vida com você. Achei que seria divertido. Achei que isso iria lhe servir de lição, seu bundão. Tenho todo o direito de me encontrar com quem eu quiser quando nós não estivermos morando juntos.

— Então é melhor rever esse hábito, boneca — lançou ele de volta, com os olhos flamejando.

— Viu só? Viu só? — Cissy apontou um dedo acusador para ele enquanto se voltava para Eve com ar de súplica. O doce ar de sedução em seus olhos tornou-se duro como pedra. — É isso que eu sou obrigada a aturar!

— Ei, vocês dois, acalmem-se. Sentem aí! — ordenou Eve. — Quando fez a sua consulta na agência, Cissy?

— Tem umas seis semanas — murmurou. — Cheguei a me encontrar com uns caras...

— Que caras? — Quis saber Jacko.

— Uns caras... — repetiu, ignorando-o. — Então Jacko voltou. Trouxe-me flores. Violetas. Eu cedi. Só que estou pensando em voltar atrás.

— Aceitá-lo de volta pode ter salvado a sua vida — afirmou Eve.

— Como assim? — Por instinto, Cissy se aproximou de Jacko, que voltou a colocar o braço sobre o seu ombro.

— O incidente da noite passada confere com o padrão de uma série de homicídios que vêm ocorrendo. Nos outros casos, a vítima estava sozinha. — Eve olhou para Jacko. — Sorte sua não ter sido o seu caso.

— Minha nossa, mas... ó, Jacko!

— Não se preocupe, benzinho, não se preocupe. Estou aqui. — Ele só faltou engoli-la com o seu peito largo enquanto olhava para Eve. — Eu sabia que aquele cara era estranho. Qual é a dele, afinal?

— Vou contar a vocês tudo o que puder. Depois preciso que vão à Central de Polícia para assistir à gravação e quero que me façam um relatório, contando tudo o que conseguirem lembrar. Cissy, quero também que você me conte tudo o que aconteceu durante a sua experiência na agência Íntimo e Pessoal.

— As testemunhas estão dando toda a colaboração à nossa investigação. — Eve estava em pé diante do comandante Whitney em sua sala. Agitada demais para se sentar, mal conseguia se manter parada enquanto relatava o que acontecera.

— A mulher está abalada e não consegue nos dar mais informações para seguirmos em frente — continuou ela. — Nada no aspecto do transgressor lhes é familiar, tampouco. Interroguei os dois homens com quem Cissy Peterman se encontrou. Ambos têm álibis comprovados para a hora de pelo menos um dos assassinatos. Para mim, estão limpos.

Lábios apertados, Whitney concordou com a cabeça e começou a analisar a cópia impressa do relatório aue Eve lhe entregara.

— Jacko Gonzales? Trata-se do f*amoso* Jacko Gonzales? Camisa número 26 do time dos Brawlers?

— Ele é jogador profissional e trata-se dessa pessoa sim, senhor.

— Ora, ora. — Whitney revelou um dos seus raros sorrisos. — Pode acreditar em mim, tenente, esse rapaz joga *muito! É u*m gigante em campo. Marcou três gols na última partida e desarmou dois bloqueios defensivos. — Pigarreou, constrangido, ao ver que Eve olhava fixamente para ele. — É que o meu neto é fã dele.

— Sim, senhor.

— Foi uma pena Gonzales não ter conseguido colocar as mãos nesse cara. Garanto que se isso tivesse acontecido o criminoso não estaria nem podendo andar a essa hora.

— Também tenho essa impressão, senhor.

— A sra. Peterman é uma mulher de muita sorte.

— Sim, senhor, mas a próxima vítima talvez não seja. Isso atrasou o cronograma do assassino. Ele vai tornar a atacar. Esta noite. Consultei a dra. Mira a respeito. Na opinião dela, ele deve estar zangado e emocionalmente desestruturado. Para mim isso pode torná-lo descuidado. McNab e Peabody marcaram, cada um, três encontros para hoje à noite. Tudo está armado. Já peguei as listas deles e os seus horários.

Depois de hesitar por um instante, Eve resolveu dizer o que pensava:

— Comandante, o que estamos preparando para esta noite é um passo necessário, mas pode ser que ele esteja lá fora enquanto nós estivermos ocupados com nossa tocaia. E ele vai agir.

— A não ser que você tenha uma bola de cristal, Dallas, não há outro caminho a seguir.

— Consegui uma lista com mais de duzentas vítimas em potencial. Creio ter descoberto outra ligação, o teatro, e isso pode baixar ainda mais esse número. Espero que Feeney com os novos dados consiga nos fornecer uma lista ainda mais curta de vítimas em potencial. Elas orecisam ser protegidas, senhor.

— Protegidas como? — Whitney espalmou as *mãos*. — Você sabe tão bem quanto eu que o

departamento não dispõe de tantos policiais assim.

— Mas se Feeney diminuísse a lista para digamos...

— Mesmo que ela chegue à quarta parte desse número, não posso direcionar tantos homens para isso.

— Uma dessas pessoas vai morrer esta noite. — Eve deu um passo à frente. — Elas precisam ser avisadas. Se jogarmos a informação na mídia e divulgarmos um alerta, pode ser que o próximo alvo não abra a maldita porta.

— Se formos a público com esta informação — argumentou Whitney, com frieza —, vamos dar início a uma onda de pânico. Quantos Papais Noéis pacíficos que estão balançando seus sininhos em busca de doações pelas esquinas da cidade serão agredidos como resultado disso? Ou mortos? Não podemos trocar uma vítima por outra, Dallas. Além do mais — acrescentou ele antes de ela ter chance de retrucar —, se tornarmos a informação pública, correremos o risco de amedrontá-lo. Se ele se esconder, pode ser que nunca mais o encontremos. Três pessoas já morreram e elas merecem justiça.

Ele tinha razão, mas saber disso não diminuiu as fisgadas em seu estômago.

— Caso Feeney consiga reduzir a lista a um número razoável, nós poderemos entrar em contato com cada um dos nomes. Posso organizar uma equipe para fazer as ligações de alerta.

— Isso vai acabar vazando, tenente, e estaremos de volta à situação de pânico.

— Mas não podemos simplesmente deixá-los expostos de*sse* jeito. O próximo que ele matar será por culpa nossa. — *Culpa minha,* pensou, mas achou melhor não falar desse modo. — Se não fizermos nada para avisar a vítima, a culpa será nossa. Ele sabe que nós conhecemos o seu padrão. Sabe que temos os nomes dos alvos. E sabe que não podemos fazer nada, a não ser malabarismo com os nomes, enquanto esperamos que ele torne a atacar. Ele adora isso. Atuou para a câmera no apartamento de Cissv Peterman. Ficou ali parado, no corredor, posando para a câmera, antes de tocar a campainha. Se ontem à noite Jacko Gonzales estivesse em campo fazendo seus lindos gols, ela estaria morta. Foram quatro em uma semana e esse número é inaceitável.

Whitney a ouviu com o rosto sereno e decidido.

— É muito mais fácil avaliar de onde você está, tenente. Pode ser que você não pense assim, mas é bem mais fácil ficar de fora desta mesa. Não posso lhe dar o que quer. Nem permitir que se coloque diante de cada vítima e receba o golpe, como fez quando ficou na frente do mordomo de Roarke há algumas semanas.

— Isso não tem nada a ver com este assunto. — Lutando contra a frustração e a ira, Eve rangeu os dentes. — Aquele caso foi resolvido, comandante. E agora a minha investigação está

num beco sem saída. Algumas informações já estão vazando para a mídia. Se outra pessoa morrer, a bomba vai estourar na nossa cara.

— Quanto disso você já passou para Nadine Furst? — Os olhos de Whitney se tornaram frios.

— Não mais do que era necessário, e quase tudo de forma extraoficial, Ela vai segurar as informações. Só que não é a única repórter da cidade com um bom faro, e nem todos possuem a sua integridade.

— Conversarei sobre este assunto com o secretário de Segurança. É o máximo que eu posso fazer. Consiga-me a lista reduzida que Feeney vai pesquisar e eu pedirei a ele um grupo para fazer contatos com as pessoas. Não posso conceder verba para esse tipo de operação, Dallas, porque isso está além da minha autoridade.

Recostando-se na cadeira, olhou para Eve e completou:

— Consiga alguma coisa na ação de hoje à noite, Dallas. Vamos dar um fim a essas mortes.

Eve encontrou Feeney pesquisando alguma coisa no monitor de sua sala.

— Foi ótimo você ter aparecido. Vai me poupar uma ida à Divisão de Detecção Eletrônica.

— Ouvi dizer que Jacko Gonzales estava aqui. — Olhou com esperança por cima do ombro dela. — Acho que ele já foi embora, não?

— Pode deixar que eu consigo um holograma dele autografado, Feeney.

— Sério mesmo? Eu adoraria.

— Preciso que você pesquise esses nomes e dados — disse ela entregando-lhe uma cópia do disco. — Meu computador está engasgando novamente e vai levar tempo demais. Preciso que você consiga o maior número possível de vítimas em potencial. — Abriu uma gaveta e apalpou lá dentro em busca de algo, tentando ignorar a dor de cabeça que começava a sentir por trás dos olhos. — Separe os cinqüenta mais prováveis, OK? Com esse número dá para forçar a barra com Whitney e pedir alertas individuais. Que Deus ajude os outros. Onde, diabos, está a minha barra de chocolate?

— Eu não roubei — defendeu-se Feeney, balançando o saquinho de amêndoas açucaradas. — Mas sei que McNab esteve aqui e ele é um famoso ladrão de chocolate.

— Filho-da-mãe! — Desesperada em conseguir algo para comer, Dallas atacou o saquinho de amêndoas de Feeney, colocando algumas na boca. — Mandei a gravação do sistema de segurança do prédio de Cissy Peterman para ter a imagem ampliada e melhorada, mas acho que você consegue fazer melhor. Quero uma imagem dele no momento em que está mais

vulnerável, bem na hora em que se vira para sair correndo. Dá para ver o pânico em seus olhos.

Eve digitou um pedido de café no AutoChef, com a esperança de que a bebida quente a ajudasse a engolir as amêndoas.

— Tenho fotos das listas de contatos e dos funcionários da Íntimo e Pessoal. Pegue o scanner e veja quantos deles você consegue associar com as feições do assassino, o formato dos olhos, esse tipo de coisa. Mesmo com a maquiagem, alguma coisa deve aparecer. Grande parte de sua boca está oculta pela barba.

— Dá para fazer simulações e comparar feições se tivermos uma imagem básica de boa qualidade.

— Sim. Pelo físico talvez não dê para descobrir, mas a altura dele pode ser calculada. Veja a altura mais aproximada que você consegue. Pelas imagens os saltos da bota não parecem muito altos, então eu acho que dá para fazermos uma estimativa. Quanto às mãos, as luvas escondem o formato delas.

Tomou o café e fechou os olhos.

— Orelhas! — lembrou de repente. — Será que ele se deu ao trabalho de disfarçá-las? Quanto delas aparece nas imagens?

Sentando-se com um pulo diante do computador, abriu o programa, os arquivos e as imagens.

— Droga, droga, não dá para ver nada. Aqui! — Passando quadro a quadro, encontrou uma imagem de perfil. — Essa está boa. Muito boa. Pode trabalhar com ela?

Feeney mordiscou uma amêndoa, avaliando a foto.

— Sim, talvez — disse por fim. — O gorro está cobrindo o alto da cabeça, mas talvez eu consiga alguma coisa. Boa sacada, Dallas. Essa eu teria deixado passar. Vamos trabalhar com os traços faciais, um de cada vez, para ver o que pinta. Só que não vai ser rápido. Algo dessa magnitude pode levar dias. Talvez uma semana.

— Preciso do rosto do canalha. — Eve fechou os olhos, concentrando-se. — Vamos voltar e trabalhar sobre as jóias novamente, o desinfetante, os cosméticos. As tatuagens são em estilo *free-hand.* Talvez encontremos alguma coisa seguindo esse rumo.

— Dallas, dois terços dos salões de beleza e clubes da cidade têm tatuadores que trabalham à mão livre.

— E talvez um deles reconheça esse tipo de letra — sussurrou ela, soltando o ar com força. — Temos duas horas antes de nos encontrarmos no clube Nova. Vamos correr atrás do que for possível.

## CAPÍTULO ONZE

A coisa que mais irritou Peabody foi ver que McNab apareceu na sua lista de candidatos. Não importava o fato de que tanto o seu perfil quanto o dele haviam sido alterados para combinar com os das vítimas. Aquilo simplesmente a irritava.

Ela não gostava de trabalhar com McNab, especialmente por causa das roupas ridículas que usava, os risinhos debochados que lançava e sua atitude de sabe-tudo. Pelo visto, porém, ia ter que aturar a situação enquanto Eve continuasse a achá-lo competente.

Não havia ninguém em toda a força policial que Peabody admirasse tanto quanto Eve Dallas, mas ela decidiu que até mesmo a mais esperta das tiras pode cometer um erro de avaliação. O de Eve, na opinião de Peabody, era McNab.

Podia vê-lo sentado no outro lado do bar pequeno e sofisticado. Ele e a loura com mais de um metro e oitenta com quem conversava. Estavam diretamente em sua linha de visão. Um local escolhido de propósito por McNab, imaginou Peabody, certamente para irritá-la em plena ação.

Se ele não estivesse no mesmo ambiente, talvez ela conseguisse curtir mais a atmosfera aconchegante e elegante do lugar. O bar tinha mesas de metal, cabines privativas em azul-claro e lindas gravuras exibindo cenas urbanas de Nova York que decoravam as paredes amarelas.

Um lugar de classe, pensou Peabody, olhando ao longo do balcão comprido e reluzente decorado com espelhos brilhantes e garçons de smoking. Era de esperar um lugar com muita classe, pois o clube pertencia a Roarke.

A cadeira acolchoada na qual estava sentada fora projetada para oferecer conforto. Os drinques eram gloriosos. A mesa possuía um equipamento com músicas e videoclipes às centenas, e havia fones individuais caso o cliente quisesse se distrair enquanto esperava por um amigo ou apreciava, solitário, uma bebida.

Peabody estava profundamente tentada a experimentar os fones, pois o seu primeiro encontro estava sendo um tédio total. O nome do cara era Oscar, um professor de física em cursos on-line. Até agora ele só mostrara interesse em beber sem parar e meter o pau na ex-mulher, a qual, segundo ele informou logo que chegara, era uma megera egocêntrica que não o apoiava em nada e era ruim de cama. Depois de quinze minutos, Peabody já estava incondicionalmente do lado dela.

Mesmo assim levou o jogo em frente, sorrindo e batendo papo, ao mesmo tempo que cortava Oscar da lista de suspeitos. O sujeito tinha um problema sério de alcoolismo, e o criminoso que eles procuravam era muito esperto para perder tempo com as possíveis ressacas provocadas por tantos drinques.

Do outro lado do bar, McNab soltou uma gargalhada gostosa que correu pelos nervos de Peabody como uma lâmina de barbear cega. Enquanto Oscar entornava o terceiro drinque ela olhou na direção do riso e pegou McNab erguendo e abaixando as sobrancelhas para ela rapidamente.

Isso lhe deu a vontade de fazer algo tranqüilo e maduro. Como mostrar a língua para ele, por exemplo.

Com grande alívio ela se despediu de Oscar, fazendo planos vagos de tornar a entrar em contato com ele.

— No dia em que venderem drinques gelados no inferno — murmurou para si mesma e contraiu o rosto ao ouvir a voz de Eve no pequeno fone que levava.

— Controle-se, Peabody — aconselhou Eve.

— Sim, senhora — concordou baixinho, encobrindo a boca com o drinque que pedira e que continuava intocado. Em seguida soltou um suspiro, reparando em seu relógio de pulso que ainda tinha dez minutos antes do próximo encontro.

— Droga!

Peabody deu um pulo ao ouvir o grito de Eve que explodira em seu ouvido.

— O que foi, senhora? — perguntou, quase engasgada.

— Que diabos ele está fazendo aí? Mas que droga!

Assustada, Peabody deixou a mão deslizar disfarçadamente para o lugar onde a arma estava oculta, em sua bota esquerda, e olhou em volta. E se pegou sorrindo ao ver que era Roarke que vinha entrando.

— Este sim é o melhor partido que os céus podiam me enviar — murmurou Peabody. — Por que será que eu não consigo um homem desses?

— Não fale com ele! — ordenou Eve com voz contrariada. — Você não o conhece.

— Tudo bem, então. Vou ficar só olhando e babando, como todas as outras mulheres do lugar. — Deu uma risadinha diante da onda de reclamações e pragas de Eve. Quando o casal na mesa ao lado olhou para ela com estranheza, Peabody pigarreou, levantou o drinque novamente e se recostou para admirar o marido da tenente.

Roarke caminhou ao longo do balcão e os rapazes que serviam bebidas ficaram em estado de alerta, como soldados enfileirados para o general. Ele parou por um breve momento ao lado de uma mesa e conversou com um casal. Inclinou-se para beijar a mulher no rosto e seguiu ao longo do balcão para colocar a mão sobre o ombro de um amigo.

Peabody perguntou a si mesma se ele exibia a mesma desenvoltura na cama, e então enrubesceu. Ainda bem que o microfone não podia transmitir seus pensamentos para a van que estava de tocaia.

*** * ***

Do lado de fora, Eve torcia o nariz para a tela que projetava a imagem obtida pela microcâmera instalada no botão da blusa de Peabody. Viu Roarke circular pelo clube com jeito casual e muito à vontade e jurou nocauteá-lo na primeira oportunidade.

— Ele não tinha nada que se intrometer em uma operação policial — reclamou Eve, olhando para Feeney.

— O lugar pertence a ele — argumentou Feeney, encolhendo os ombros em um ato de defesa automática contra a desavença conjugai.

— Sei... Ele deve ter ido até lá só para verificar o estoque de bebidas. Droga! — Passando as duas mãos pelos cabelos, fez sons estranhos com a garganta ao ver que Roarke se dirigia à mesa de Peabody.

— Está apreciando o seu drinque, senhorita? — perguntou ele.

— Ahn... Sim, eu... Merda, Roarke. — Foi tudo o que conseguiu cochichar.

Ele sorriu, se inclinou de leve na direção dela e disse:

— Diga à sua tenente para parar de me xingar. Não vou atrapalhar o trabalho dela.

Os olhos de Peabody piscaram de nervoso ao sentir a voz de Eve explodindo em seu ouvido.

— Ahn... Ela está sugerindo que você tire o seu lindo traseiro deste lugar e... ahn... avisa que vai chutá-lo mais tarde.

— Mal posso esperar por esse momento. — Ainda sorrindo, ele levantou a mão de Peabody e a beijou de forma galante. — Você está linda — disse-lhe baixinho e se afastou da mesa no instante em que os equipamentos da van registravam um salto na pressão arterial e na pulsação de Peabody.

— Controle-se, Peabody — Eve tornou a aconselhar.

— Não posso controlar uma reação física involuntária a um estímulo externo — sussurrou Peabody. — Ele tem um traseiro realmente lindo. Com todo o respeito, senhora.

— O contato número 2 está chegando. Recomponha-se, Peabody.

— Estou pronta.

Olhou na direção da porta com um sorriso estampado no rosto. Um dos bônus da operação, no que lhe dizia respeito, acabara de entrar. Ela se lembrava dele da primeira vez que fora à íntimo e Pessoal. Era o deus bronzeado de corpo sarado que atraíra a sua atenção. Deu uma conferida discreta em seu espelho de bolso.

Ele ia ser um colírio para os seus olhos por toda a hora seguinte.

O rapaz posou de bonitão na porta de entrada, com a cabeça erguida e voltada para o outro lado do clube, procurando alguém pelas mesas. Seus olhos, em um tom dourado que combinava com os cabelos, piscaram e em seguida se fixaram em Peabody. Sua boca se abriu em um sorriso rápido e ele lançou a cabeça para trás em um gesto de reconhecimento, fazendo os cabelos dançarem. Foi direto para a mesa dela.

— Você deve ser Delilah.

— Sim. — Que voz, pensou ela, suspirando levemente. Ele era melhor em pessoa do que no vídeo de apresentação. — E você é Brent.

Do outro lado do salão, foi a vez de McNab franzir a testa com um ar de estranheza. O sujeito metido a galã que abordara Peabody era todo feito de plástico, pensou; devia estar coberto por uma camada de spray embelezador. Provavelmente era o tipo de homem que a atraía.

O imbecil tinha a cara esculpida, decidiu. E o corpo também. McNab era capaz de apostar que nem um centímetro do sujeito era natural.

*E olha só! Olha só o jeito com que ela está se derretendo toda para ele!*, analisou McNab, enjoado e ao mesmo tempo corroendo-se de ciúme. Peabody estava quase babando em cima de cada palavra que o idiota soltava através dos lábios siliconados.

As mulheres realmente eram ridiculamente previsíveis.

Seu olhar só se desviou dela no instante em que Roarke parou ao lado de sua mesa.

— Ela está extremamente atraente esta noite, não acha?

— É. Tem homens que acham atraente uma mulher colocar metade dos peitos de fora.

Roarke riu, achando aquilo divertido. Os olhos de McNab soltavam fagulhas, e seus dedos tamborilavam de modo rápido e zangado sobre a mesa.

— Você provavelmente está acima desses sentimentos machistas, não é, McNab?

— Bem que eu gostaria — resmungou McNab quando Roarke se afastou. — A verdade é que ela tem peitos fantásticos.

— Tire os olhos dos peitos de Peabody — ordenou Eve. — Seu segundo contato da noite está na porta.

— Sei. — McNab olhou para trás e avistou uma ruiva miúda usando um macacão colante coberto de lantejoulas. — Já saquei.

Dentro da van, Eve franziu o cenho diante da tela.

— Feeney, quero a descrição do cara que está com Peabody. Tem algo de estranho nele.

— Brent Holloway, trabalha como modelo em comerciais. É funcionário da Cliburn-Willis, empresa de marketing. Trinta e oito anos, divorciado duas vezes, sem filhos.

— Modelo? — Os olhos de Eve se estreitaram. — Ele aparece em anúncios... Essa atividade pertence à área de diversão e lazer, não é?

— Puxa, Eve, você não tem visto muitos anúncios ultimamente, não é? Não há nada de divertido neles, se quer a minha opinião. Esse cara nasceu em Morristown, Nova Jersey. Mora em Nova York desde 2049. Reside atualmente no Central Park West. Ganha cerca de oitenta mil por ano e não tem antecedentes criminais nem prisões. Em compensação, tem uma montanha de multas de trânsito.

— Nós o vimos, Peabody e eu, na Íntimo e Pessoal, na primeira vez que fomos lá. Quantas consultas ele já marcou na agência?

— Esse é o quarto grupo de contatos dele só este ano.

— Ora, por que será que um sujeito bonito como ele, com dinheiro, uma carreira sólida e um endereço de alta classe se tornou um viciado em encontros arranjados por uma agência? Quatro grupos de contato só neste ano, cinco pessoas por grupo, num total de vinte mulheres, e nenhuma serviu? O que há de errado com ele, Feeney?

Feeney apertou os lábios observando a tela e declarou:

— Na minha opinião ele parece um babaca presunçoso.

— Sim, mas muitas mulheres não ligariam para isso. O cara é boapinta e tem grana. Alguém já devia tê-lo agarrado. — Tamborilou os dedos no console estreito. — Alguém fez queixa dele para a agência?

— Não, sua ficha na agência de encontros é impecável.

— Tem algo errado com ele — repetiu Eve um segundo antes de ver sua ajudante tomar

impulso para trás e em seguida dar um soco no nariz perfeito de Brent Holloway. — Minha nossa, Feeney, você viu aquilo?!...

— Peabody arrebentou a cara dele — avaliou Feeney, tranqüilamente, ao ver o sangue que jorrava em abundância. — Um soco curto de direita.

— Que diabos ela está pensando? Que diabos está acontecendo? Peabody, você pirou de vez?!

— O filho-da-mãe enfiou a mão em mim por baixo da mesa. — Com o rosto vermelho e furiosa, Peabody já estava em pé, com os punhos cerrados. — O canalha estava conversando tranqüilamente sobre uma nova peça que está em cartaz no teatro Universo e, de repente, enfiou a mão entre as minhas pernas. Tarado. Ei, seu tarado, levante-se!

— McNab, fique exatamente onde está! — berrou Eve ao notar que ele se levantara da mesa com um olhar assassino. — Fique parado, senão você está fora do caso. Isto é uma ordem! Quanto a você, Peabody, pelo amor de Deus, deixe esse cara em paz!

Enquanto Eve arrancava os cabelos de desespero, Peabody levantou Brent do chão e tornou a golpeá-lo. Ela preparou um terceiro soco, mesmo tendo notado que os seus olhos haviam revirado e só se via a parte branca, mas Roarke surgiu em meio à multidão agitada e puxou Brent Holloway, que já estava com as pernas bambas, a fim de salvá-lo.

— Este homem a está importunando, senhorita? — Com tranqüilidade, Roarke tirou Holloway do seu alcance, mantendo os olhos no mesmo nível dos olhos brilhantes de Peabody. — Sinto muitíssimo. Vou cuidar do caso. Por favor, permita-me que eu lhe ofereça outro drinque por conta da casa. — Com uma mão em Holloway, levantou o drinque que Peabody tomava com a outra e cheirou: — Um Bombardeio puro, com gelo! — ordenou e os três atendentes do bar correram para atender Roarke, que arrastava Holloway já agitado a essa altura.

— Tira a porra da mão de cima de mim! Aquela piranha quebrou o meu nariz. Meu rosto é o meu ganha-pão, pelo amor de Deus. Puta idiota! Vou processar essa vadia. Vou denunciá-la e depois...

No instante em que se viu do lado de fora, Roarke o atirou com toda a força contra a parede do prédio. A cabeça de Holloway bateu contra os tijolos, emitindo um som de bolas de bilhar quando recebem a primeira tacada.

Os olhos dourados giraram outra vez, revelando a parte branca.

— Deixe que eu lhe dê uma dica do que está rolando aqui: eu sou o dono deste lugar. — Para ressaltar a informação, Roarke bateu a cabeça de Holloway mais uma vez contra os tijolos da parede enquanto, vendo tudo da van, Eve só podia assistir e xingar. — Ninguém apalpa uma mulher no meu estabelecimento e consegue sair daqui andando. Portanto, a não ser que deseje se arrastar pela rua com o seu pau mole e patético em sua mão, vá mexendo a sua bunda e agradeça a Deus por só o seu nariz estar quebrado.

— A safada estava pedindo por aquilo.

— Ora, dessa vez você escolheu a frase errada para falar. Totalmente errada.

— O sotaque irlandês de Roarke aparece quando ele fica zangado. Ouça só essa melodia — comentou Feeney com ar sentimental enquanto Eve continuava a emitir sons violentos com a garganta.

Com um leve suspiro de impaciência, Roarke arremeteu um soco no estômago de Holloway, ao mesmo tempo que lhe dava uma joelhada certeira entre as pernas, deixando-o escorregar para o chão em seguida.

Deu uma olhada na direção da van, exibindo o que certamente era um sorriso maldoso e rápido, e então voltou para o clube.

— Belo trabalho — decidiu Feeney.

— Vamos chamar uma patrulha para socorrer este canalha idiota e levá-lo para um ambulatório. — Eve esfregou os olhos. — Esse episódio vai ficar lindo no relatório. McNab e Peabody, mantenham as suas posições. Não abandonem, repito, não abandonem a missão. Nossa... Quando a festinha acabar por aí, dirijam-se ao meu escritório em casa para ver se dá para salvarmos alguma coisa da noite.

Pouco depois das nove da noite, Eve estava andando de um lado para outro no escritório de sua casa. Ninguém falava. Eles eram espertos. Roarke, porém, massageava, solidário, o ombro de Peabody.

— Conseguimos seis contatos, somando o resultado dos dois. Isso já é alguma coisa. Os dois últimos, um para cada um de vocês, está marcado para amanhã ao meio-dia. Peabody, você vai relatar a Piper amanhã de manhã, com indignação, o... incidente ocorrido com o contato número 2. Pode ter um chilique. Quero ver como eles lidam com uma situação desse tipo. A ficha do tarado na agência era imaculada até agora. Temos gravações de todos os encontros, mas quero que cada um de vocês faça um relatório. Quando acabarmos esta reunião, os dois devem ir para casa e ficar lá, mantendo os comunicadores abertos o tempo todo. Feeney e eu vamos ficar monitorando.

— Sim, senhora. Tenente... — Abraçando o próprio corpo, Peabody se levantou. Engoliu em seco, mas manteve o queixo erguido. — Peço desculpas pela minha reação intempestiva durante a operação. Compreendo que o meu comportamento poderia comprometer a investigação.

— Qual é, que papo é esse? — explodiu McNab, indignado, levantando-se da cadeira. — Você devia é ter quebrado as duas pernas do filhoda-puta. Aquele anormal bem que merecia...

— McNab — disse Eve com a voz branda.

— O que ela disse não tem nada a ver, Dallas. O canalha teve o que merecia. Nós devíamos até...

— Detetive McNab! — Eve lançou as palavras com força e foi até onde ele estava, até os dois se encontrarem face a face. — Não me lembro de ter solicitado sua opinião a respeito desse assunto. Está dispensado por hoje. Vá para casa e se acalme. Nós nos vemos na minha sala na central amanhã, às nove da manhã.

Eve esperou e notou a luta interior que ele travava entre o treinamento recebido e os instintos. Por fim, girou nos calcanhares e saiu da sala ventando, sem pronunciar uma palavra a mais.

— Roarke, Feeney — pediu Eve. — Poderiam me deixar um momento a sós com a minha auxiliar?

— Claro, com todo o prazer — disse Feeney baixinho, feliz por estar abandonando o campo de batalha. — Você tem algum uísque irlandês por aqui, Roarke? Tivemos um longo dia.

— Talvez encontremos o restinho de uma garrafa em algum lugar. — Lançou um olhar suave para Eve antes de conduzir Feeney para fora do aposento.

— Sente-se, Peabody.— Senhora... — Peabody balançou a cabeça. — Sei que a decepcionei. Garanti que saberia lidar com a missão e a responsabilidade que a senhora me ofereceu. E estraguei tudo logo de cara. Compreendo que a senhora tem todo o direito e razão para me afastar da investigação, pelo menos da parte do trabalho relacionada com disfarces, mas gostaria de solicitar mais uma chance, com todo o respeito.

Eve não disse nada e ficou esperando que Peabody se acalmasse. Sua ajudante continuava pálida como uma folha de papel, mas as mãos estavam firmes e os ombros, erguidos.

— Não me lembro de ter mencionado planos para desligá-la das operações sob disfarce que vem desempenhando, policial. Lembro-me apenas de tê-la mandado sentar. Portanto, sente-se, Peabody — repetiu Eve, com mais delicadeza na voz, e se dirigiu a um armário para pegar uma garrafa de vinho.

— Sei muito bem que quando estamos trabalhando sob disfarce devemos manter o personagem e lidar com os problemas inesperados sem estragar o papel, tenente.

— Peabody, eu não vi você estragar o seu papel, só o nariz daquele babaca.

— Não pensei direito na hora. Simplesmente reagi. Sei que em uma operação desse tipo temos que pensar duas vezes o tempo todo.

— Peabody, até mesmo uma acompanhante autorizada tem todo o direito de protestar quando um imbecil enfia os dedos entre as pernas dela em um local público. Tome, beba um pouco de

vinho.

— Ele enfiou os dedos dentro de mim. — Sua mão tremeu quando Eve empurrou o copo para ela segurá-lo. — Estávamos bem ali, sentados, conversando numa boa, e de repente eu senti os dedos dele me apalpando, tentando me violar. Sei que eu estava flertando, e deixei que ele desse uma boa olhada nos meus seios; então talvez eu tenha merecido...

— Pare com isso! — O controle de Eve estremeceu o bastante para fazê-la colocar as mãos nos ombros de Peabodv e forcá-la a sentar em uma cadeira. — Você não mereceu nada e fico revoltada por ouvi-la dizer isso. O filho-da-puta não tinha direito algum de tocar em você daquele jeito.

*Nem de dominar você, nem de amarrar as suas mãos, nem de empurrar o corpo dele dentro do seu até você começar a implorar que ele pare. Isso dói, dói, dói muito.*

Uma sensação de enjôo subiu-lhe pela garganta, deixando-a quase engasgada, e então ela se virou, colocou as mãos espalmadas sobre a mesa e se ordenou a respirar compassadamente.

— Agora não — murmurou ela. — Pelo amor de Deus.

— Dallas?

— Não foi nada. — Mas ela teve que permanecer onde estava e colocou os braços em volta do corpo por mais um instante. — Sinto muito por ter colocado você em uma situação desconfortável como essa. Assim que ele entrou, percebi que havia algo de esquisito ali.

Peabody levantou o cálice com as duas mãos. Ainda sentia o choque inesperado dos dedos de Brent Holloway entrando dentro dela e violando-a.

— Ele passou pela investigação completa que a agência faz ao receber um novo cliente.

— E agora nós sabemos que essa investigação não é tão boa quanto eles afirmam. — Respirou fundo e, mais calma, virou-se de frente para Peabody. — Quero que você vá com tudo em cima de Piper amanhã de manhã, pessoalmente. Entre lá e exija vê-la. Um pouco de histeria não vai fazer mal; ameace processá-los e denunciá-los à imprensa. Quero que ela ouça tudo isso de você, cara a cara, Vamos ver se a sacudimos. Consegue fazer isso?

— Sim. — Apavorada por se ver à beira das lágrimas, Peabody fungou. — Posso sim. Do jeito que estou me sentindo, vai ser até fácil.

— Deixe o comunicador aberto durante a conversa. Não vamos poder usar nada do que conseguirmos em um tribunal, mas quero que mantenha contato o tempo todo. Pode atrasar a apresentação do seu relatório sobre a operação de hoje à noite até amanhã de manhã. Vou pedir a Feeney para levar você para casa, OK?

— Sim.

— Peabody... — disse Eve, depois de alguns segundos.

— Sim, senhora?

— Belo soco. Só que da próxima vez aplique outro no saco logo em seguida. É preciso neutralizar o sujeito, e não apenas irritá-lo.

Peabody soltou um longo suspiro, mas em seguida conseguiu armar um pequeno sorriso.

— Entendido, senhora.

Como queria uma posição de comando, Eve se sentou atrás da mesa e esperou por Roarke. Sabia que ele levaria Feeney e Peabody até a porta, se despediria deles com educação e daria mais algumas palmadinhas no ombro de Peabody para confortá-la. Como Eve conhecia bem a sua ajudante, sabia que isto certamente provocaria sonhos eróticos na pobrezinha.

Mas era melhor, pensou, do que ter pesadelos terríveis com mãos invasoras e desamparo.

Isso, compreendeu, era parte do seu problema com aquele caso. Homicídios após estupro, mãos amarradas, o tipo de crueldade que parece trazer alegria em nome do amor. Perto demais dela. Perto demais do passado do qual ela fugira durante grande parte de sua vida.

Agora aquilo a estava atingindo em cheio. Cada vez que Eve olhava para uma vítima, era a imagem dela que via.

Odiava essa situação.

— Supere isso! — ordenou a si mesma. — E encontre-o!

Olhou para trás quando Roarke entrou e manteve os olhos nele enquanto o via atravessar o escritório. Ele encheu dois cálices com o vinho que ela pegara para Peabody e colocou um deles sobre a mesa de Eve. Em seguida pegou o outro, ficou segurando-o e, por fim, se sentou na cadeira diante dela.

Provou a bebida, pegou um dos cigarros que fumava cada vez menos e o acendeu, dizendo apenas:

— Então? — E calou-se.

— Que diabos você achou que estava fazendo?

— Em que momento exatamente? — Tragou devagar e exalou uma fumaça tênue e fragrante.

— Não faça papel de engraçadinho comigo, Roarke.

— Mas eu sei desempenhar esse papel tão bem. Calma, tenente. — Levantou o cálice e fez um brinde a ela quando a ouviu grunhir alguma coisa. — Eu não interferi na sua operação.

— A questão é que você não tinha nada que estar presente no bar, para começo de conversa.

— Desculpe-me, mas eu sou o *proprietário* do lugar. — Havia ousadia em seu tom de voz. — É comum eu dar uma passadinha nos lugares de minha propriedade. Mantém os empregados ligados e atentos.

— Roarke...

— Eve, este caso está sufocando você. Acha que eu não enxergo isso? — Seu ar de serenidade desapareceu. Ele se levantou e começou a andar de um lado para outro.

Feeney tem razão, pensou Eve na mesma hora. O sotaque irlandês aparece quando ele fica pau da vida com alguma coisa.

— Isso está perturbando o seu sono — continuou —, quando você se permite dormir. Esse caso está assombrando o seu olhar. Eu sei as coisas pelas quais você passou. — Virou-se na direção dela com a fúria transparecendo nos olhos maravilhosamente azuis. — Nossa, eu a admiro, Eve, de verdade. Mas você não pode achar que vou ficar quieto num canto, fingindo não estar vendo, fingindo não estar sacando as coisas ou que não vou fazer tudo o que puder para aliviar esse peso dos seus ombros.

— Não se trata de mim. Não posso me deixar envolver. Trata-se de pessoas mortas.

— Elas assombram você também. — Atravessou a sala de volta e se sentou na beira da mesa, junto dela. — É por essa razão que você é a melhor tira que eu encontrei na vida. Essa gente não representa apenas nomes e números. Você as vê como pessoas. E você tem o dom, ou a maldição, de conseguir imaginar muito bem o que elas viram, sentiram e rezaram em seus últimos minutos de vida. Eu não vou me manter afastado!

Inclinando-se para a frente, segurou o queixo dela em um movimento rápido, completando:

— Droga! Eu não vou me manter afastado do que você é ou do que faz. Você vai ter que me aceitar, Eve, desse jeito, do mesmo jeito que eu aceito você por completo.

Ela se sentou muito quieta, absorvendo as palavras dele e olhando para os seus olhos. Não conseguia resistir às coisas que descobria naqueles olhos.

— No inverno passado — começou ela, falando devagar —, você entrou à força em minha vida. Não pedi por isso. Não queria você.

A sobrancelha dele se ergueu, em um gesto irritado de desafio.

— Graças a Deus você não deu a mínima para o que eu pedi ou para o que eu queria —

murmurou ela, e viu o ar de desafio se transformar em um sorriso.

— Eu também não pedi por você. A *ghra.*

Meu amor. Ela sabia o significado daquela palavra em sua língua natal e não podia deixar de abrir o coração diante daquilo. Diante dele.

— Desde o dia em que o conheci, naquele inverno, raramente tive um caso no qual você não tenha se envolvido de um jeito ou de outro. Não queria que as coisas fossem desse jeito. Eu usei você sempre que me foi conveniente, e isso me incomoda.

— Pois o mesmo fato que a incomoda me agrada.

— Eu sei. — Suspirando, levantou a mão e apertou o pulso dele de leve. Sentiu a sua pulsação forte e constante. — Você alcança partes de mim para as quais não gosto de olhar, mas acabo não tendo alternativa senão encará-la de frente.

— Você as encararia comigo ou sem mim, Eve. Talvez comigo elas não a machuquem tanto. Eu também olho para trás — afirmou Roarke, surpreendendo-a tanto, que seus olhos se elevaram e se fixaram nos dele.

— E desde que você surgiu, esses momentos se tornaram mais fáceis de suportar. Não me peça nem espere que eu me afaste quando as suas más lembranças do passado a atormentam.

Ela se levantou, pegou o vinho e se afastou. Ele tinha razão, concluiu. O que ela tantas vezes via como dependência poderia ser aceito como unidade.

E ela podia se abrir com ele.

— Eu sei o que eles sentiram. Conheço tudo por que passaram... o medo, a dor, a humilhação. Cada um deles ali, indefesos e despidos enquanto ele os violentava. Sei o que os seus corpos sentiram e o que as suas mentes pensaram. Não quero me lembrar decomo é me sentir usada dessa maneira. Destroçada, invadida. Mas eu me lembro. Então, você vem e me toca.

Ela se virou na direção dele, compreendendo que nunca lhe dera crédito por isso.

— Então você me toca, Roarke, e eu não sinto nada daquilo. Não me lembro de nada daquilo. É simples assim. É unicamente... você.

— Eu amo você — murmurou ele. — De maneira absurda.

— É por isso que fica aqui em volta de mim, quando devia estar fora do planeta, cuidando dos negócios. — Balançou a cabeça antes de ele ter chance de inventar alguma desculpa delicada, porque o conhecia bem. — Você ficou lá esta noite, Roarke, mesmo sabendo que isso ia me deixar irritada, simplesmente porque achou que eu poderia precisar de sua ajuda. E agora está aqui na minha frente, pronto para discutir comigo só para afastar a minha mente do que a está

perturbando. Eu conheço você, droga. Afinal, sou uma tira. E muito boa quando se trata de avaliar as pessoas.

— Nessa você me pegou. — Ele simplesmente sorriu. — E daí...?

— Daí que... Obrigada. Apesar disso, saiba que já estou na polícia há onze anos e sei cuidar de mim mesma. Por outro lado... — Olhou com atenção para o vinho e tomou um gole, bem devagar. — Pode ter certeza de que me senti ótima ao ver você acabar de arrebentar aquele tarado que atacou Peabody. Tive que ficar dentro da maldita van. Não podia me arriscar a ir lá para fazê-lo lamber a calçada, porque isso iria estragar toda a operação. Então eu me senti ótima ao ver você fazer aquilo por mim.

— Ora, mas o prazer foi todo meu. Peabody ficou bem?

— Vai ficar. Ele a deixou abalada, afinal ela é humana. Mas vai tomar uma ducha quente, depois um tranqüilizante, se for esperta, e esquecer tudo enquanto dorme. A sua porção tira vai mantê-la em pé. É uma boa policial.

— É uma tira melhor por causa de você.

— Não, não tenho esse mérito. Ela é o que é por si mesma. — Sentindo-se pouco à vontade com aquele assunto, lançou-lhe um olhar frio. — Aposto que você a abraçou, fez cafuné em sua cabeça e lhe deu um beijinho de boa-noite.

A sobrancelha dele tornou a se erguer, desafiadora.

— E se eu tiver feito tudo isso?

— O coração dela deve estar disparado até agora, o que me parece normal. Ela tem uma quedinha por você.

— Sério? — Ele sorriu com vontade. — Que coisa... interessante.

— Não brinque com a minha ajudante. Preciso que ela permaneça focada.

— E que tal você ficar um pouco desfocada agora, só por alguns instantes, para eu ver se consigo fazer o seu coração disparar também?

— Não sei não... — Ela passou a língua sobre os dentes. — Estou com a cabeça muito cheia. Você teria um trabalhão.

— Eu adoro trabalhar. — Com os olhos nos dela, apagou o cigarro e pousou o cálice. — Além do mais, sou muito bom em tudo o que faço.

Eve estava de bruços na cama, nua e com o corpo ainda vibrando quando o *tele-link tocou*. Resmungou alguma coisa, bloqueou o sinal de vídeo e atendeu. Trinta segundos depois já estava em pé, catando as roupas espalhadas e vestindo-as. A polícia havia recebido uma ligação anônima denunciando uma briga doméstica. O endereco lhe era bem familiar.

— Esse é o apartamento de Brent Holloway. Tenho certeza de que não se trata de um verdadeiro código 1222. Ele está morto. O padrão é o mesmo.

— Vou com você. — Roarke já estava fora da cama, procurando pela calça.

Ela começou a protestar, mas desistiu.

— Tudo bem — concordou. — Preciso convocar Peabody e talvez ela não aceite muito bem a situação. Conto com você para sacudi-la, se for preciso, pois vou ser obrigada a mantê-la na linha.

— Não invejo o seu trabalho, tenente — afirmou Roarke enquanto se vestia no escuro.

— Nesse momento, nem eu. — Pegou o comunicador e chamou Peabody.

## CAPÍTULO DOZE

Brent Holloway vivera bem e morrera mal. A mobília de seu apartamento mostrava um homem que pautava a vida pelas tendências da moda e pelo conforto que elas proporcionavam. Um sofá gigantesco dominava a sala de estar e era enfeitado com almofadões triangulares pretos que pareciam úmidos quando tocados. Um telão estava embutido no teto. Em um gabinete com a forma de uma mulher de medidas generosas, representada do pescoço até o joelho, estavam guardados muitos discos pornôs, alguns legais e outros pirateados.

Um bar prateado se estendia ao longo de uma parede e exibia um bom estoque de bebidas caras e drogas baratas e ilegais.

A cozinha era completamente automatizada, sem personalidade, e parecia ser raramente usada. Havia um escritório onde se via um sistema de computadores de última geração, um capacete holográfico e um salão de jogos equipado com aparelhos de realidade virtual e um tubo de relaxamento. Um criado robótico estava parado em um canto, desligado e com os olhos sem expressão.

Brent Holloway estava na suíte principal, esparramado sobre um colchão de água, enfixado por u festão prateado muito brilhante; fitava com um olhar esgazeado o seu próprio reflexo no dossel espelhado. A tatuagem fora pintada na barriga, pouco abaixo do umbigo, e quatro pássaros de ouro estavam pendurados em uma corrente do mesmo material em volta do seu pescoço.

— Parece que ele esteve em um centro médico — comentou Eve. O nariz da vítima estava apenas um pouco inchado. As marcas roxas que deveriam estar ali haviam sido profissionalmente ocultadas por cosméticos.

Roarke ficou do lado de fora, pois sabia que não era permitido a ninguém entrar no quarto. Ele já vira Eve trabalhar. Competente, meticulosa, com uma espécie de carinho por trás dos movimentos profissionais quando cuidava dos mortos.

Viu-a rodar um programa que havia em seu kit de serviço para estabelecer a hora exata da morte e gravou a cena do crime em vídeo pessoalmente, enquanto Peabody e os peritos do laboratório não chegavam.

— Marcas de cordas nos pulsos e nos tornozelos indicam que a 1vítima foi amarrada antes da morte. O óbito ocorreu às vinte e três horas e quinze minutos. Marcas na garganta indicam que a causa da morte foi estrangulamento.

Levantou a cabeça ao ouvir a campainha da porta.

— Vou recebê-la — avisou Roarke.

— Certo. Roarke...? — Eve hesitou por um breve instante. Ele estava ali, afinal, e era

competente. — Será que você conseguiria reativar o andróide? Dá para invadir o sistema dele, anular os comandos programados e tornar a ligá-lo?

— Acho que posso lidar com isso.

— Claro. — Havia poucas coisas que ele não sabia fazer quando se tratava de invadir sistemas. Eve entregou-lhe uma lata de spray selante. — Cubra as mãos com isso. As suas digitais não devem aparecer aqui.

Ele lançou-lhe um olhar de leve desagrado, mas aceitou.

Eve voltou-se para o corpo, prosseguindo com o trabalho. Dava para ouvir a conversa em tom baixo na sala da frente. Roarke falando com Peabody. Eve foi até a porta do quarto para esperar a ajudante.

Peabody estava novamente de farda, com o minigravador preso na lapela e os cabelos implacavelmente alisados em torno da cabeça, no formato usual de cuia. Seu rosto estava pálido e os olhos horrorizados.

— Que droga, Dallas.

— Avise-me caso ache que não consegue lidar com a situação. Preciso saber com certeza antes de deixá-la entrar.

Peabody fizera a mesma pergunta a si mesma sem parar desde que recebera o chamado. Como ainda não sabia a resposta, manteve os olhos fixos em Eve e disse:

— Minha obrigação é lidar com a situação, eu sei disso.

— Eu lhe digo qual é a sua obrigação. Tem um andróide que servia de criado. Você pode trabalhar com ele. Pode também verificar os registros dos *tele-links, os* discos da segurança ou começar a interrogar os vizinhos.

Tudo aquilo era uma forma de escapar. Peabody se odiou por sentir uma leve tentação de agarrar essa chance. Queria fazer qualquer coisa, menos entrar no quarto. Porém, disse:

— Prefiro trabalhar na cena do crime, senhora.

Eve a avaliou por um momento e por fim concordou.

— Ligue o seu gravador. — Virou-se e foi andando até a beira da cama. — A vítima é Brent Holloway e sua identidade foi estabelecida pela investigadora oficial do caso. As imagens preliminares do corpo foram gravadas pela tenente Eve Dallas. Gravação subseqüente efetuada pela policial Delia Peabody. Horário e causa aparente da morte já estabelecidos.

O estômago de Peabody deu um pequeno salto no instante em que ela se forçou a olhar para o

corpo.

— Aconteceu exatamente como com os outros, senhora.

— Aparentemente, sim. O estupro ainda não foi confirmado, nem foi feito um teste toxicológico na vítima para identificar drogas em seu organismo. A parte exposta da pele mostra sinais do uso de desinfetante. O cheiro ainda presente.

Pegou um visor especial no seu kit de serviço e o colocou sobre a cabeça, ajustando o foco das lentes.

— Os peritos estão demorando — murmurou. — Apagar as luzes do ambiente! — comandou, e os pontos de luz que se lançavam sobre a cama se apagaram. — Sim, ele foi coberto por um spray desinfetante. Os traços da tatuagem coincidem com os encontrados nas outras vítimas. É uma tatuagem à mão livre feita com um traço muito bom e firme — acrescentou com o nariz quase encostado na barriga de Holloway. — O que é isso aqui? — Pegue uma pinça para mim, Peabody. Achei uma fibra ou fio de cabelo aqui.

Sem olhar para trás, Eve esticou o braço e sentiu a pequena peça de metal que Peabody colocou em sua mão.

— O fio é branco e não parece artificial. — Segurando o objeto com a ponta da pinça, estudou-o pela lente especial que usava. — Há vários fios desses, por aqui. Preciso de um saquinho para guardar e lacrar isto. — Nem acabara de pronunciar a frase e Peabody já estava lhe estendendo o que pedira. — Aposto que a barba do Papai Noel está começando a se desmanchar, e dessa vez ele não foi tão cuidadoso com a limpeza posterior.

Com delicadeza, Eve arrancou os fios brancos que haviam ficado colados ao corpo e os colocou no saquinho.

— Ele acaba de cometer o seu primeiro erro. Pegue o visor — disse Eve, tirando-o da cabeça e entregando-o para Peabody. Verifique o banheiro, cada canto. Examine o fundo dos ralos e recolha o que encontrar. — Acender luzes! — acrescentou. — Perder Cissy ontem à noite o deixou abalado, Peabody. Ele está ficando descuidado.

No momento em que Eve liberou o quarto para a equipe de peritos do laboratório, já encontrara mais de doze fios, além de minúsculos fragmentos de fibra. Exibia um olhar sombrio e determinado quando se encontrou com Roarke e o andróide no salão de jogos.

— Conseguiu ativá-lo?

— Claro. — Sentado confortavelmente em uma poltrona que se adequava ao corpo que a usava, apontou para o robô, apresentando:

— Rodney, esta é a tenente Dallas.

— Como vai, tenente? — O andróide era baixinho e atarracado, com um rosto pouco atraente e uma voz entrecortada. Pelo visto, Brent Holloway não queria competição com os criados nem mesmo na aparência.

— A que horas você foi desligado, na noite passada?

— Às vinte e duas horas e três minutos, pouco depois de o sr. Holloway chegar em casa. Ele prefere que eu permaneça desligado, a não ser que necessite de meus serviços.

— Então ele não precisou dos seus serviços ontem à noite.

— Aparentemente não.

— Ele recebeu algum visitante entre a hora em que voltou para casa e o momento em que você foi desligado?

— Não. Devo assinalar que o sr. Holloway não parecia estar com humor para companhia na noite passada.

— Como assim?

— Ele parecia aborrecido — afirmou o andróide, e então selou os lábios.

— Rodney, esta é uma investigação policial. Você deve responder às minhas perguntas sem esconder nada.

— Polícia? Não compreendo. Alguém arrombou o apartamento? Houve um roubo?

— Não. Seu patrão está morto. Alguém tocou a campainha antes de ele chegar em casa?

— Entendo. — Rodney ficou calado por um momento, comose estivesse ajustando os circuitos para a notícia que acabara de receber. — Não, tenente, não tivemos visitas na noite passada. O sr. Holloway tinha um compromisso com alguém. Voltou para casa às nove e trinta. Estava muito zangado. Xingou-me de diversos nomes. Reparei que havia marcas roxas em seu rosto e perguntei-lhe se poderia ser útil em alguma coisa. Ele sugeriu que eu fosse me foder, mas esta é uma função que não estou programado para executar. Em seguida, ordenou que eu fosse para o inferno, o que igualmente não foi possível. Por fim, revogou todas essas ordens e me mandou vir para este aposento e me desligar durante a noite inteira. Fui programado para me religar automaticamente às sete da manhã.

Com o rabo de olho, Eve reparou que Roarke estava rindo. Resolveu ignorá-lo.

— Rodney, seu patrão tem drogas ilegais e material pornográfico neste apartamento.

— Não fui programado para tecer comentários a respeito desses assuntos.

— Ele recebia parceiros sexuais aqui?

— Sim.

— Homens ou mulheres?

— Ambos, ocasionalmente ao mesmo tempo.

— Estou à procura de um homem com aproximadamente um metro e oitenta. Ele tem mãos grandes e dedos compridos. Provavelmente tem a pele branca. Tem mais de trinta anos, mas não deve ter mais de cinqüenta. Possui algum talento artístico e se interessa por teatro.

— Desculpe, tenente — Rodney inclinou a cabeça para a frente, de forma educada. — Esses dados são insuficientes.

— Eu já imaginava — resmungou Eve.

Eve esperou até que o corpo fosse ensacado e removido para o necrotério.

— Há mais coisas nesse sujeito do que temos em nossos registros — disse ela a Roarke. — Olhando em volta, dá para ver. Ele tinha dinheiro e apreciava gastá-lo para melhorar o rosto e o corpo. E também gostava de olhar para si mesmo. — Girou a cabeça pela sala, assinalando os espelhos que havia em praticamente todas as paredes. — Usava os serviços de uma agência de encontros e afirmou no cadastro que era heterossexual, mas seu criado andróide acaba de afirmar que ele era bissexual. As agências que promovem encontros fazem uma investigação sobre a vida pregressa dos clientes que é maior do que a da Comissão de Investigação de candidatos ao governo americano, em Washington, mas eles não descobriram nada do que vemos aqui. A vítima tentou atacar Peabody sexualmente logo no primeiro encontro. Se fez isso com ela, é porque já deve ter feito antes com outras pessoas, mas sempre conseguiu escapar numa boa.

Começou a andar de um lado para outro na sala de estar, enquanto Roarke permanecia calado. Sabia que não era preciso dizer nada. Ela o estava usando apenas como reflexo para os próprios pensamentos.

— Talvez ele tenha ligação com Rudy e Piper — continuou ela. — Um amante. Talvez ele esteja ajudando a bancar a agência. Ou sabia alguma coisa deles e, por isso, sempre o deixaram escapar ileso. Esse cara não era uma pessoa solitária. Era um pervertido. Rudy e Piper deviam saber disso. Pelo menos um dos dois devia saber.

Parou do lado da estante, vazia agora que todos os discos pornográficos tinham sido levados para averiguação.

— Alguns daqueles vídeos eram caseiros. Fico me perguntando quem vamos encontrar fazendo coisas obscenas com Brent Holloway. — Ela tornou a olhar para Roarke. Os dois estavam a sós naquele momento, mas Peabody estava para chegar na sala a qualquer momento. Eve relutou um pouco em ficar, mas então se lembrou dos quatro corpos ensacados. — Preciso seguir em frente com a investigação. Não sei a que horas vou voltar para casa, Roarke.

Ele a conhecia muito bem. Chegou junto dela e colocou a mão em seu rosto, perguntando:

— Você quer me pedir para ajudar em alguma coisa ou prefere que eu simplesmente faça pesquisas por minha conta e lhe conte os resultados?

— Vou pedir — afirmou ela, expirando com força, enfiando as mãos nos bolsos enquanto o fazia. — Você saberá como cavar por baixo das coisas que Holloway declarou no cadastro. Você tem condição de descobrir em poucas horas o que Feeney levaria dias para conseguir. Ele não pode tomar atalhos como você. E eu não posso ficar esperando durante dias. Não quero que este canalha me entregue outro corpo para ser ensacado.

— Ligo para você assim que descobrir alguma coisa.

Roarke fazia com que as coisas parecessem simples, e isso piorava tudo.

— Transmito o arquivo completo de Brent Holloway, com tudo o que temos sobre ele, assim que eu chegar à central — propôs ela, mas fechou a boca ao vê-lo sorrir.

— Não há razão para perdermos tempo com isso quando eu posso conseguir tudo por conta própria. — Inclinando-se na direção dela, beijou-a. — Adoro ajudar você.

— O que você adora é bancar o *hacker* e enganar o Compuguard, invadindo-o através de programas ilegais.

— Sim, de fato existe esse bônus. — Colocou as mãos nos ombros dela e os massageou de leve para dissolver a tensão que sentiu. — Se você trabalhar direto até cair dura, eu vou ficar muito revoltado.

— Ainda estou em pé, não estou? Vou precisar do carro e não terei tempo de levar você em casa.

— Acho que eu consigo chegar lá sozinho. — Tornou a beijá-la antes de partir em direção à porta. — Ah, a propósito, tenente... Não se esqueça de que você tem hora marcada com Trina logo mais, às seis da tarde. Ela e Mavis vão passar lá em casa.

— Ah, pelo amor de Deus.

— Posso distraí-las, caso você se atrase um pouco. — Ignorando os xingamentos, saiu de fininho.

Eve soltou um silvo agudo, recolheu seu kit de serviço, chamou Peabody para ir embora e lacrou a cena do crime.

— Quero levar os fios de cabelo e as fibras direto para o laboratório e quem sabe acender uma fogueira debaixo da bunda de Cabeção para ele trabalhar mais depressa — comentou ao entrar no carro. — Vamos ter que apressar o legista também, embora eu ache que não vamos encontrar nada no laudo da autópsia que já não saibamos.

Eve lançou um olhar meio de lado para a sua ajudante enquanto dirigia.

— Vamos ter um longo dia amanhã, Peabody. Talvez seja melhor você tomar um dos estimulantes aprovados pelo departamento. Requisite alguns comprimidos de Alert-All.

— Eu estou bem.

— Preciso que esteja muito alerta e esperta. E quero vê-la transformada e muito bem produzida às nove em ponto. Lembre-se de que você tem que desfiar as suas reclamações para Piper. Vamos segurar a divulgação do nome de Holloway o mais que pudermos.

— Sei o que fazer. — Peabody olhou para fora do carro, observando a noite. Havia uma carrocinha vendendo churrasquinhos na esquina da Nona Avenida, e o vendedor se aquecia junto ao vapor que subia da grelha.

— Não senti arrependimento por ter quebrado o nariz dele — disse Peabody de repente. — Achei que ia me sentir arrependida. Pensei que quando o encontrasse morto e visse o que haviam feito com ele iria lamentar o que fizera ontem.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

— Eu achei que poderia ter. Achei que deveria ter. Estava temerosa de colocar os pés naquele quarto. Depois que entrei, porém, e fiz o meu trabalho, não senti nada daquilo que imaginei.

— Você é uma policial. Uma boa policial.

— Não quero ser do tipo que deixa de ter sentimentos. — Virou-se para Eve, analisando-a de perfil. — Voce não é assim. As vítimas não são apenas objetos para você, são pessoas. Eu não quero deixar de lembrar que elas são pessoas.

— Não estaria trabalhando comigo se eu achasse que você se esqueceria disso. — Eve olhou para a direita e para a esquerda enquanto se aproximavam de um sinal vermelho e, vendo que o caminho estava livre, passou direto.

— Obrigada. — Peabody respirou fundo, bem devagar, e sentiu o estômago acalmar.

— Já que você está tão grata assim, entre em contato com o Cabeção. Avise que eu quero aquele rabo magro dele sentado diante do microscópio em menos de uma hora.

— Não sei se estou grata a esse ponto. — Peabody fez uma careta e se remexeu no banco.

— Ligue logo para ele, Peabody. Se ele soltar os cachorros, eu pego o fone e o suborno com uma caixa de uma daquelas cervejas irlandesas do estoque de Roarke. Cabeção tem um fraco por elas.

Foram necessárias duas caixas e mais a ameaça de dar duas voltas com a língua dele em torno do pescoço, mas às três da manhã Dickie já estava no laboratório analisando as fibras e os fios de cabelo.

Eve andava de um lado para outro no laboratório, por trás dele, ladrando no comunicador em altos brados, com o legista assistente que alegava que eles já estavam em recesso natalino e haviam cancelado as autópsias.

— Escute aqui, seu bundão, eu posso ligar para o comandante Whitney e fazê-lo colocar o seu pescoço a prêmio. Este caso é Prioridade Um. Quer que eu deixe vazar para a imprensa que a minha investigação foi atrasada porque um assistente de legista queria abrir os cartões de Natal que recebeu em vez de abrir a barriga de uma vítima?

— Ah, qual é, Dallas?! Estou trabalhando em turnos duplos. Estou com cadáveres empilhados como tijolinhos nas gavetas do necrotério.

— Pois coloque o novo tijolinho que estou lhe enviando em cima da mesa se não quiser ganhar uma tijolada. Envie o relatório para mim até as seis da manhã ou você vai descobrir como é sentir o bisturi na própria pança.

Desligando, virou-se para Dickie, ordenando:

— Deixe-me feliz, Dickie.

— Não me apresse, Dallas. Não tenho medo de você. E não vejo etiqueta nenhuma que indique Prioridade Um neste material.

— Pois vai vê-la às nove da manhã. — Eve foi até onde ele estava e deu-lhe um tapa na orelha. — Você ainda não me ofereceu um cafezinho, Dickie. Não me deixe mais irritada do que já estou.

— Eu, hein... Sirva-se você mesma. — Por trás das lentes de aumento seus olhos pareciam grandes como os de uma coruja. — Estou examinando a droga dos fios, não estou? Você quer um trabalho rápido ou bemfeito?

— Os dois. — Como estava desesperada, foi até o AutoChef, ordenou uma xícara da gosma escura que o pessoal do laboratório chamava de café e forçou o primeiro gole a descer pela

garganta.

— O cabelo é humano — gritou ele. — Foi tratado com fixador de salão e um desinfetante com cheiro de ervas.

Isso aguçou a curiosidade de Eve, fazendo-a tomar mais um gole ao se aproximar dele.

— Que tipo de fixador e para que serve isso

— Para preservar a cor e a textura dos fios. Ele mantém os cabelos brancos sedosos e evita que fiquem amarelados. Duas das amostras que você trouxe têm restos de adesivo em uma das pontas. Esses fios provavelmente vieram de uma peruca. Uma peruca de boa qualidade e muito cara. Estamos lidando com cabelo humano aqui, e isso prova a sofisticação do produto. Vou ter que trabalhar mais para determinar o adesivo usado. Talvez eu também consiga descobrir a marca do fixador, depois de mais alguns testes.

— E quanto às fibras e àquele troço que Peabody pegou nos ralos?

— Ainda não cheguei lá. Puxa, Eve, eu não sou um robô!

— Certo. — Ela pressionou os olhos com os dedos. — Preciso ir ao necrotério para ver se Brent Holloway já está sobre a mesa da autópsia. Dickie... — Colocou a mão no ombro dele. O técnico-chefe era um pé no saco, mas Eve sabia que ele era o melhor. — Preciso de tudo que você conseguir descobrir, e bem depressa. Esse cara já matou quatro e está à procura do quinto.

— Vou trabalhar bem mais rápido se você parar de fungar no meu cangote.

— Já estou saindo. Vamos, Peabody.

— Sim, senhora. — Peabody acordou do cochilo que tirava, sentada em uma das cadeiras do laboratório, e piscou duas vezes sem enxergar nada.

— Já estamos indo — disse Eve, falando depressa. — Dickie, estou contando com você.

— Sei, sei... Por falar nisso, Eve, acho que ainda não recebi o convite para a grande festa que vai rolar na sua casa amanhã. — E sorriu com simpatia. — Deve ter extraviado.

— Vou ver se consigo achar esse convite. Depois que você me der o que pedi.

— Combinado. — Satisfeito, ele tornou a se virar e se inclinou sobre a mesa.

— Espertinho. Tome, Peabody. — Eve colocou um copo de café na mão da auxiliar enquanto caminhavam de volta para o carro. — Beba! Isso vai deixar você ligadona ou talvez a mate.

Eve perturbou o legista assistente até ele confirmar a causa da morte. Ficou nas costas dele até

ele liberar o relatório toxicológico onde afirmava haver vestígios de um tranqüilizante de venda liberada na corrente sangüínea da vítima.

De volta à Central de Polícia, ordenou que Peabody fosse direto ao aposento apertado conhecido por todos como *resort*. *O cômo*do era apenas um quarto escuro com três beliches.

Enquanto sua auxiliar dormia, Eve foi para a sua sala e fez os relatorios. Trnasmitiu as cópias necessárias e se encheu de mais café, acompanhado de algo com aspecto de rosquinha de amora, obtido na máquina de lanches.

O amanhecer mal se insinuava quando o tele*link* de sua sala tocou e o rosto de Roarke apareceu na tela.

— Tenente, você parece tão pálida que chega a estar transparente.

— Ainda estou bem firme.

— Encontrei algo.

O coração dela deu um pulo. Sabia que ele não ia dizer mais nada em uma linha monitorada.

— Vou tentar ir logo para casa. Peabody ainda vai dormir por mais duas horas.

— Você também precisa descansar um pouco.

— Eu sei. Estou quase acabando aqui. Já estou indo...

— Vou esperar por você acordado.

Eve desligou e deixou um recado para Peabody, caso ela acordasse antes de sua volta. Ao entrar no carro e sair para a rua, tornou a ligar para o laboratório.

— Pintou mais alguma coisa, Dickie?

— Nossa, Eve, você é incansável, hein? Descobri a origem das fibras. É um fio sintético, mescla de poliéster da marca Wulstrong. Lã artificial, normalmente usada em casacos e suéteres. Esta aqui foi tingida de vermelho.

— Como em uma roupa de Papai Noel?

— Sim, mas não um desses Papais Noéis que andam pelas ruas pedindo donativos e tocando sininhos. Esses pobres coitados não têm condição de comprar uma roupa assim tão cara. O material que você recolheu é troço bom, o melhor possível depois da lã verdadeira. Aliás, os fabricantes afirmam que ele é até melhor, mais quente, mais resistente e blablablá. Tolices, é claro, já que nada se compara à lã de verdade. De qualquer modo, o produto é de boa qualidade e muito caro. Como o cabelo. O homem que você procura não se preocupa em poupar dinheiro.

— Ótimo. Bom trabalho. Dickie.

— Achou o meu convite, Dallas?

— Achei. Tinha caído atrás da minha mesa.

— Sim, essas coisas acontecem.

— Acabe de analisar o material do ralo, Dickie, e eu mando alguém levar o convite para você em mãos. — Seguiu em frente, acompanhando o flerte entre a alvorada e o céu do leste enquanto ia para casa.

Sabia onde achar Roarke. Ele estava em uma sala que nem deveria existir, pilotando um equipamento que ela nem deveria conhecer. Ignorando a reação instintiva que sentia ao pensar nisso, uma reação típica de tira, aproximou-se da sala e colocou a palma da mão no sensor.

— Tenente Eve Dallas! — afirmou.

A palma de sua mão e a sua voz foram analisadas rapidamente e ela conseguiu acesso.

Ele deixara as cortinas do janelão completamente abertas. O vidro era tratado. Ninguém enxergava o que se passava ali dentro. A sala era ampla, o piso de mármore caro e as paredes exibiam lindos quadros, com exceção de uma, que estava coberta de telas e monitores.

Todas as telas estavam em branco, menos uma. Nela, Roarke analisava as cotações da Bolsa de Valores, por trás do brilhante console em forma de "U", ao mesmo tempo em que brincava com o computador não registrado.

— Você foi mais rápido do eu imaginei — elogiou ela.

— Não havia muitas camadas ocultando os dados. — Gesticulou para uma cadeira ao seu lado. — Sente-se, Eve.

— Essas camadas são superficiais o bastante para eu passar por elas? Vou poder afirmar que descobri tudo sozinha sem estar mentindo?

A sua tira, pensou Roarke, com carinho, sempre se preocupava com essas sutilezas.

— Se eu soubesse exatamente onde cavar e o que questionar, o que imagino que ia acabar acontecendo em mais um ou dois dias, podemos dizer que sim. Sente-se — repetiu, mas dessa vez a tomou pela mão e a puxou para a cadeira junto da dele.

Ele amarrara os cabelos para trás, o que sempre a fazia ter vontade de soltar a fina tira de couro que os prendia. Também havia arregaçado as mangas do suéter preto. Ela se viu olhando

fixamente para as mãos dele, pensando nelas e imaginando-as em ação. Eram mãos lindas e ágeis. De repente sentiu que estava com a cabeça pendendo para a frente e se obrigou a levantá-la.

Quando piscou com força para afastar o sono, o rosto dele já estava colado ao dela e uma daquelas mãos lindas e ágeis a seguravam pelo queixo, com o polegar acariciando a covinha que havia ali.

— Você deu uma cochilada, não foi?

— Estava apenas... pensando.

— Humm... sei... pensando. Vou fazer um trato com você, tenente. Vou lhe passar tudo o que descobri e, em troca, você vai estar aqui em casa logo mais às seis da tarde. Vai tomar um tranqüilizante e depois...

— Ei, eu não vim até aqui para barganhar informações.

— Veio sim, a não ser que não as queira. Posso apagar tudo. — Esticou a mão e deixou-a parada em cima de alguns controles que ela não sabia para que serviam. — Você vai chegar aqui às seis horas, vai tomar um tranqüilizante e depois vai deixar Trina lhe fazer um tratamento completo.

— Não tenho tempo para um estúpido corte de cabelo.

Não era no corte de cabelo que ele estava pensando, mas na sessão de massagem e relaxamento que ia providenciar para ela.

— O trato é esse, tenente. É pegar ou largar.

— Estou com quatro assassinatos em cima da minha mesa.

— No momento eu estou pouco ligando se eles são quatro ou quatrocentos. Não importam as suas prioridades, a minha é você. Meu preço é este. Você quer os dados?

— Você é um pentelho maior do que o Cabeção.

— Como é que é?

Ela prendeu o riso ao sentir o ar magoado na voz dele e em seguida passou as mãos no rosto. Detestava reconhecer que ele tinha razão. Ela estava caindo pelas tabelas de cansaço.

— Tudo bem, eu aceito o trato. O que encontrou?

Ele franziu o cenho por um momento, olhando para ela. Em seguida, baixou a mão e ligou o telão.

— Salvar os dados da tela 4 e fechar o arquivo. Jogar os dados de Brent Holloway em todas as telas. Nosso amigo pagou por uma caríssima mudança de identidade há quatro anos. Se formos procurar sob o seu nome verdadeiro...

— John B. Boyd. Caramba! — Eve se levantou da cadeira, foi andando até junto da tela e começou a ler de perto o primeiro dos vários relatórios policiais: — Transgressor sexual com várias queixas de estupro, algumas delas retiradas posteriormente pelas próprias vítimas. Condenado por crimes de violência sexual. Passou seis meses em tratamento psiquiátrico e prestou alguns serviços voluntários para a comunidade. Me engana que eu gosto... Foi fichado por posse de drogas e brinquedos sexuais, e liberado sob fiança. Apresentou-se para tratamento voluntário, a fim de se curar de obsessões sexuais. O tratamento foi bem-sucedido. — Até parece... Esse cara é um pervertido de carteirinha e o sistema o deixou escapar.

— Ele tinha dinheiro — explicou Roarke. — É fácil comprar a própria saída da cadeia quando as acusações são leves e de cunho sexual. Ele escapou limpo e se livrou de uma condenação séria, para no fim acabar sodomizado e estrangulado. Ironia do destino ou justiça, Eve?

— A justiça deveria ser obtida nos tribunais! — reagiu ela. — Não ligo a mínima para ironias desse tipo. Será que a Íntimo e Pessoal conseguiu descobrir tudo isso na pesquisa que fez, ao aceitá-lo como cliente?

— Eu teria descoberto. — Encolheu os ombros. — Isso depende apenas da profundidade em que eles pesquisaram, mas como eu disse, estava poucas camadas abaixo da superfície. Qualquer empresa que lida com segurança conseguiria desencavar esse histórico. Os registros ocultos e a antiga identidade só não aparecem em pesquisas trabalhistas e consultas de crédito.

— E você conseguiu dados financeiros dele?

— Claro. Apresentar extratos financeiros na tela 6. Dá para ver como ele ganhava bem com o seu trabalho. E tinha ainda um bom gerente de investimentos. Gostava de esbanjar, mas tinha dinheiro para isso. Entretanto, existem vários depósitos relativamente elevados que estão acima do nível dos seus honorários e dividendos de investimentos. Dez mil depositados a cada três meses há mais de dois anos.

— Sim. — Eve chegou ainda mais perto da tela. — Estou vendo. Conseguiu rastrear esse dinheiro?

— Não sei por que fico aqui tolerando esses insultos. — Roarke simplesmente suspirou quando viu Eve se virar para trás e fazer-lhe uma careta. — É claro que consegui! Eram transferências eletrônicas que vinham de vários lugares em uma tentativa até razoável de ocultar a fonte original. Entretanto, todas elas brotavam da mesma localização.

— Íntimo e Pessoal — completou Eve, concordando com a cabeça.

— Você é uma detetive excelente.

— Quer dizer então que Holloway os estava chantageando. Ou pelo menos fazia isso com um deles. Você conseguiu as iniciais do nome de quem autorizava as transferências?

— A conta está no nome de ambos. Pode ter sido tanto Piper quanto Rudy. A conta deles utiliza apenas senhas e não tem registro de assinaturas.

— Certo, isso já me dá o bastante para trazê-los para interrogatório e cozinhá-los em fogo brando. — Soltou um longo suspiro. — Primeiro eu vou deixar Peabody entrar em contato com eles e rodar a baiana pelo que aconteceu com ela. Logo depois eu entro em cena.

— O importante é você não se esquecer de estar de volta às seis da tarde.

Impaciente, ela se virou para ele. O dia estava raiando e a luz se infiltrava com suavidade pelo vidro tratado, acentuando as suas faces pálidas e as olheiras profundas.

— Eu fiz o trato — concordou ela. — Vou honrá-lo.

— É claro que vai. — Nem que ele tivesse de ir até a Central de Polícia para trazê-la para casa pessoalmente.

## CAPÍTULO TREZE

Eve decidiu que a melhor estratégia seria atingir os oponentes com golpes fortes e rápidos assim que eles caíssem no chão. Se Peabody desempenhasse bem o seu papel de cliente furiosa, Rudy e Piper ficariam abalados, topando qualquer coisa para evitar publicidade negativa e o potencial processo de uma cliente ofendida.

Assim que Peabody saísse, planejou Eve, ela entraria. Às nove e meia ela já estava no salão de beleza, mostrando a foto de Brent Holloway para a recepcionista. Se tudo corresse conforme o planejado, estaria terminando a sua cena no momento em que Peabody estivesse saindo, e ela lhe daria o sinal para ir em frente.

— Claro, eu conheço o sr. Holloway. Ele se consulta conosco uma vez por semana, além de ter um horário fixo especial a cada mês.

— Ele vem aqui uma vez por semana fazer o quê?

— Tratar do cabelo, da pele e das unhas, fazer massagens e curtir uma sessão de aromaterapia. — Yvette, mais amigável e cooperativa dessa vez, inclinou-se para a frente em cima do balcão e deu um pequeno suspiro enquanto olhava novamente para a foto de Brent Holloway. — Nossa, ele tem um corpo escultural e sabe como mantê-lo. Uma vez por mês faz um tratamento completo e fica o dia todo aprimorando ainda mais o visual aqui conosco.

— E é atendido sempre pela mesma pessoa?

— Ah, claro que sim, ele não aceita mais ninguém, a não ser Simon. Alguns meses atrás, Simon estava de férias. O sr. Holloway deu uma escu lhambação geral bem aqui na recepção. Tivemos que lhe oferecer uma sessão extra no tubo de relaxamento e depois um O-de*luxe* para acalmálo.

— *O-deluxe?*— perguntou Eve, sem entender.

— O de "orgasmo", querida... Sala privativa, com escolha de cenário em realidade virtual, projeções holográficas e acompanhante autorizada... uma andróide, naturalmente. Nosso alvará não permite que forneçamos acompanhantes autorizadas humanas, mas oferecemos todas as alternativas. O O-de*luxe* que ele ganhou de brinde nos custou mais de quinhentos paus, mas valeu a pena, pois conseguimos esfriar a sua cabeça. Sabe como é... nesse ramo, temos que manter os clientes sempre satisfeitos. Especialmente um cliente como o sr. Holloway, que gasta mais de cinco mil por mês aqui só em serviços, sem contar os produtos que adquire em nossas lojas.

— Sim, nada melhor do que o O-de*luxe* para manter um cliente satisfeito — concordou Eve.

— É isso aí! — Yvette riu, agradecida ao ver que Eve não guardara rancor dela. — E quanto ao sr. Holloway? Ele fez algo de errado?

— Podemos dizer que sim, mas posso afirmar com certeza que não tornará a fazê-lo. Simon está por aqui?

— Está atendendo um cliente no Estúdio 3, mas a senhora não vai até lá, vai? — perguntou, alarmada, ao ver que Eve lhe deu as costas.

— Vou sim.

Eve entrou por um pequeno corredor com paredes de vidro fosco jateado, atrás das quais dava para ver formas humanas perfeitas.

Havia também vozes baixas e música ao fundo, murmurantes sons de água correndo, passarinhos cantando e uma brisa leve que soprava vindo de algum lugar. Eve percebeu no ar aromas de eucalipto, rosas e almíscar.

Portas em tons pastéis se alinhavam dos dois lados. Através de uma delas que estava aberta, ela viu uma mesa comprida, acolchoada, ladeada por equipamentos complicados, tubos, espelhos e um pequeno terminal de computador. Tudo aquilo lembrava um centro médico, e isso lhe causou um certo desconforto.

Seguindo em frente, outra porta se abriu e surgiu uma consultora vestida com um jaleco branco. Acompanhava uma mulher coberta por uma pasta pegajosa verde dos pés à cabeça e a encaminhava para outra sala.

— Onde fica o Estúdio 3, por favor?

— No próximo corredor, à esquerda. Tem uma placa na porta.

— Hã-hã... — agradeceu Eve, observando o momento em que a consultora entrou em outra sala com a cliente, garantindo-lhe que dez minutos na Sala do Deserto a transformariam em uma nova mulher.

Eve teve de se segurar para não estremecer.

Quando o corredor se dividiu, ela viu um enorme ofurô com água borbulhante cercado de bonsais de cerejeiras. Três mulheres relaxavam dentro dele e seus seios balançavam felizes em meio à espuma rosada.

Outra mulher estava solta, desacompanhada, submersa até o queixo no gel verde-escuro de um tubo sensorial. Um pouco adiante, em um lugar que Eve acreditou ser uma área de lazer, havia uma piscina estreita, batizada de Imersão Total, onde a água muito azul era mantida a uma temperatura constante de apenas dois graus. Só de olhar, Eve começou a bater o queixo.

Virou à esquerda. Depois de uma leve batida na porta azul-bebê onde estava marcado um imenso número 3, entrou. Foi difícil descobrir quem teve a maior surpresa, se ela, Simon ou McNab, que estava confortavelmente instalado em uma poltrona reclinável e tinha o rosto

coberto com o que parecia ser lama preta.

— Xô, xô!... — Abanando as mãos para enxotá-la dali, Simon correu para bloquear-lhe a passagem. — A senhora não pode entrar aqui, estou em consulta com um cliente. Fora, fora, fora!...

— Preciso falar com você. Vai levar apenas dois minutos.

— Estou trabalhando — explicou Simon, abrindo as mãos e fazendo voar alguns respingos de lama.

— Dois minutos — repetiu ela, e teve que fazer um esforço extra para segurar o riso ao ver McNab girando os olhos de forma teatral às costas de Simon.

— Fora, fora — exigiu ele de novo, balançando uma toalha. — Mil desculpas — pediu a McNab. — De qualquer modo, a sua máscara tem que descansar por alguns minutos para penetrar na pele. Por favor, relaxe e deixe sua mente flutuar. Volto já, já...

— Tudo bem — balbuciou McNab.

— Não, não, shhh... — Com um sorriso benigno, Simon colocou os dedos de leve sobre os lábios de McNab. — Não tente falar. O seu rosto deve relaxar por inteiro, deixe a mente fluir. Esse é o seu momento. Feche os olhos e visualize todas as impurezas saindo pelos poros. Vou lá fora só um instantinho.

Seu sorriso desapareceu no instante em que fechou a porta e olhou para Eve.

— Tenente, não posso aceitar a senhora vir até aqui para perturbar os meus clientes.

— Desculpe, mas é que um dos seus clientes foi perturbado de verdade na noite passada. Ele nem vai poder mais vir até aqui para fazer o seu tratamento mensal.

— Do que está falando?

— Holloway. Brent Holloway. Ele está morto.

— Morto? Brent?! — Simon encostou-se à parede brilhante e colocou a mão não muito limpa sobre o coração. — Mas eu o vi há poucos dias. Deve haver algum engano.

— E eu o vi hoje de manhã em uma gaveta do necrotério. Não há engano.

— Não consigo... respirar. — Com o manto branco esvoaçando atrás de si, Simon saiu em disparada pelo corredor afora. Eve o encontrou em uma pequena sala de estar muito aconchegante, largado sobre um sofá de seda com a cabeça entre os joelhos.

— Eu não sabia que você e o morto eram tão chegados, Simon.

— Eu sou... era o seu consultor pessoal de beleza. Ninguém é mais íntimo do que isso, nem mesmo marido e mulher.

Eve tentou pensar no grau de intimidade que tinha com Trina e precisou se esforçar para bloquear outro tremor.

— Meus pêsames por sua perda, Simon. Quer tomar alguma coisa?... Água?

— Sim. Não. Ó meu Deus! — Levantou a cabeça e esticou a mão trêmula para digitar um pedido de bebida em um monitor que ficava na mesinha ao lado do sofá. Seu rosto adquirira um doentio tom acinzentado em contraste com o exuberante vermelho dos cabelos. — Preciso de algo que me acalme os nervos. Camomila, bem gelada! — ordenou ao sistema. Em seguida, recostou-se no sofá e fechou os olhos. — Como isso aconteceu?

— Estamos investigando. Fale-me dele, diga-me com quem andava se envolvendo.

— Ele era um homem muito exigente e eu respeitava isso. Sabia exatamente como queria a sua aparência e dedicava-se muito a manter o seu rosto e o seu corpo... Ó meu Deus! — No mesmo instante em que o andróide entrou, ele agarrou o copo fino e alto que lhe era servido. — Desculpe, amada. Dê-me só um minutinho.

Ele bebeu bem devagar, respirando fundo e de forma compassada entre um gole e outro. Um pouco da cor que lhe fora drenada do rosto por completo voltou aos poucos.

— Brent nunca deixava de comparecer a uma sessão que fosse e forneceu boas referências minhas a vários clientes. Apreciava o meu trabalho.

— Ele se relacionava em nível pessoal com alguém aqui de dentro? Estilistas, consultores, outros clientes?

— Não é permitido que os funcionários se encontrem com alguém da clientela. Quanto aos outros freqüentadores, não me lembro de ele ter mencionado ninguém. Brent gostava de mulheres e tinha uma vida sexual muito agitada e satisfatória.

— Ele lhe contou isso?

— O que é falado entre um consultor e um cliente é absolutamente sagrado. — Simon fungou uma vez, e então colocou o copo vazio de lado.

— E ele topava sair com homens também?

— Ele nunca mencionou interesse por relações com pessoas do mesmo sexo. — Os lábios de Simon se apertaram. — Não me sinto à vontade respondendo a essas perguntas, tenente.

— Bem, Holloway também não está nem um pouco à vontade agora. — Esperou um segundo, viu Simon hesitar, captar o que ela dissera e, por fim, concordar com a cabeça, afirmando:

— A senhora tem razão. É claro que tem razão. Peço desculpas. É que o choque é muito grande.

— Alguém entre os funcionários ou funcionárias demonstrava interesse por ele, romântico ou sexual?

— Não. Pelo menos... Eu, falando honestamente, nunca percebi sinais ou vibrações desse tipo, se é que me entende. Tal comportamento é sabidamente desencorajado aqui. Somos profissionais.

— Certo. Quem na equipe do salão faz tatuagens do tipo f*ree-hand?*

— Temos vários consultores aqui que são excelentes tatuadores *free-hand.* — Ele soltou um suspiro longo e audível.

— Eu quero nomes, Simon.

— Pergunte à Yvette na recepção. Ela poderá informá-la do que precisa saber. Agora tenho que voltar ao meu cliente. — Apertou dois dedos sobre os olhos. — Não posso permitir que meus sentimentos pessoais interfiram com o meu trabalho. Tenente... — Simon pousou novamente a mão sobre o peito, e seus olhos estavam sombrios e úmidos. — Brent não tinha família. O que vai acontecer com o seu... O que acontecerá com ele?

— O governo municipal vai cuidar dele, se não houver ninguém.

— Ora, mas isso não está certo. — Apertou os lábios com força e então se levantou de repente. — Gostaria de fazer os preparativos de seu funeral, se isso for permitido. Seria a última coisa que eu faria por ele.

— Podemos providenciar isso. Você vai ter que ir até o necrotério e assinar a papelada.

— Vou ter que ir ao... — Seus lábios tremeram, mas ele respirou fundo e concordou: — Sim, eu irei.

— Vou avisá-los da sua chegada. — Por notar o quanto ele estava arrasado, acrescentou: — Você não vai precisar vê-lo, Simon. Já fizemos a identificação oficial do corpo. Simplesmente preencha os formulários e o corpo será liberado para a funerária ou o local de velório que escolher.

— Oh, muitíssimo obrigado, tenente. — Sua respiração ficou mais apressada. — Meu cliente está esperando — comentou, sem animação na voz. — Ele anda descuidando da pele. Felizmente é jovem, então ainda posso ajudá-lo bastante. É nossa obrigação apresentar uma aparência atraente. A beleza tranqüiliza a alma.

— Sim. Vá cuidar do seu cliente, Simon. Vamos manter contato.

Eve foi até a recepção e estava pegando uma lista de nomes com Yvette quando Peabody apareceu. Parecia indignada e exibia olhos fundos. Mas fez um aceno quase imperceptível com a cabeça para Eve antes de se dirigir à recepcionista.

— Tenho um vale emitido pela Íntimo e Pessoal — anunciou Peabody. — Para o plano de serviços Dia do Diamante.

— Uau! Esse é o nosso melhor plano — sorriu Yvette. — Querida, você parece exausta. Esse brinde é exatamente o que precisava. Vou marcar já, já.

— Obrigada. — Saiu de lado, aparentemente para analisar a vtrine chea de frascos colordos que garantiam beleza e vitalidade através do uso constante. Entre cochichos, fez um relatório rápido para Eve:

— Eles pareceram muito abalados e tentaram cobrir o sol com a peneira. Tentaram me convencer de que eu interpretei mal. — Deu um riso de deboche. — Entraram no estilo "papo para apaziguar cliente", como se fosse uma coisa programada. Prometeram averiguar o caso de imediato, me ofereceram uma segunda consulta grátis e me deram o vale para o Dia do Diamante. Olhe aqui o folheto. O Dia do Diamante custa cinco mil paus, tenente, mas eu não dei mole não. Disse que ia aceitar o presente para tentar me acalmar, antes de entrar em contato com o meu advogado.

— Bom trabalho. Converse com o máximo de consultores que conseguir enquanto estiver sendo esfregada e embebida naquelas gosmas. Cite o nome de Brent Holloway. Assegure-se de conversar com pessoas do sexo masculino também.

— Faço qualquer coisa pelo trabalho, senhora.

— Srta. Peabody...?

Peabody se virou e sentiu o queixo despencar no chão ao dar de cara com um deus dourado de pele brilhante.

— Ahn... Pois não?

— Sou Anton. Vou ser o seu assistente na sessão de desintoxicação com ervas. Gostaria de me acompanhar?

— Oh, sim, gostaria... — Peabody ainda conseguiu olhar de lado para Eve e girar os olhos na direção dela antes de Anton tomá-la pela mão e conduzi-la com gentileza e cortesia.

Sabendo que o momento mais interessante do dia ainda estava por acontecer, Eve guardou o folheto na bolsa e seguiu para o andar onde ficavam as salas da Íntimo e Pessoal.

— Rudy e Piper não estão disponíveis no momento. — A recepcionista anunciou isto com um tom de desafio tão óbvio que Eve se encrespou toda.

— Pois eu acho que eles vão se colocar disponíveis para mim agora mesmo. — Colocou o distintivo no balcão fazendo estalar a ponta dele sobre o vidro. — Pode crer que sim.

— Sei muito bem quem a senhora é, tenence. O fato é que Rudy e Piper realmente não estão atendendo ninguém. Se quiser uma entrevista, ficarei feliz em marcar uma hora para a senhora.

— Você já ouviu falar na expressão "obstrução da justiça"? — perguntou Eve, inclinando-se com um jeito camarada sobre o balcão.

— Estou apenas cumprindo ordens. — Seus olhos se mostraram indecisos.

— Então vamos combinar uma coisa: você me leva aos seus patrões neste instante ou eu reboco o seu traseiro para a Central de Polícia, onde você vai ser acusada de obstrução da justiça, tentativa de intimidação a uma policial e, para aproveitar a viagem, também por ser idiota. Você tem dez segundos para me informar o que decidiu.

— Desculpe. — A mulher se virou de lado, ligou o fone discreto em sua orelha e murmurou algumas palavras. Seu rosto estava rígido quando voltou a olhar para Eve. — Pode entrar, tenente.

— Viu só? Não foi tão difícil decidir, foi? — Colocando o distintivo no bolso, Eve passou pelas portas de vidro e encontrou Rudy e Piper na entrada do seu escritório.

— Foi necessário intimidar a nossa recepcionista? — quis saber Rudy.

— Sim. Vocês têm alguma razão especial para me evitar?

— Estamos muito ocupados.

— Pois vão ficar mais ocupados ainda. Vão ter que vir comigo.

— Ir com a senhora? — Piper colocou a mão no braço de Rudy. — Por quê? Para onde?

— Para a Central de Polícia. Brent Holloway foi assassinado na noite passada e nós temos muitas coisas para conversar.

— Assassinado? — Piper sentiu-se tonta e teria desfalecido caso o braço de Rudy não tivesse se movido a tempo de ampará-la. — Ó Deus! Ó meu bom Deus! Como os outros? Foi como os outros? Rudy...

— Calma, não fale... — Puxando a irmã para junto de si, encarou Eve com firmeza. — Não é necessária a nossa ida até a Central de Polícia.

— Bem, nesse ponto nós discordamos. Vocês têm a escolha de vir por livre e espontânea vontade ou eu posso chamar alguns guardas para escoltá-los.

— A senhora não tem motivos para prender nenhum de nós.

— Vocês não estão sendo presos nem acusados de nada neste momento. Estão apenas sendo convidados para uma entrevista formal.

— Vou entrar em contato com os nossos advogados — reagiu Rudy, expirando profundamente ao sentir o corpo de Piper tremer contra o dele.

— Vocês podem fazer isso de lá.

*** * ***

— Muito bem, vamos mantê-los em salas separadas — Eve propôs a Feeney enquanto observava Piper pelo vidro. Ela estava sentada diante da mesinha muito arranhada da Sala de Interrogatório A, balançando-se para a frente e para trás enquanto um dos advogados sussurrava coisas em seu ouvido. — Podíamos trabalhar em dupla, mas acho que vamos conseguir mais coisas se os pegarmos separadamente. Quer ficar com ela ou com Rudy?

— Vou começar com ele — decidiu Feeney, apertando os lábios enquanto considerava o assunto. — Separados, temos mais chance de desnorteá-los antes de se acostumarem com o ritmo das perguntas. Se um dos dois se abalar o bastante, atacamos em dupla.

— Ótimo. McNab já voltou?

— Acabou de chegar. Terminou as investigações no salão de beleza. Vai entregar o relatório antes de acabarmos o interrogatório.

— Avise a ele para ficar de prontidão. Se houver motivos suficientes, talvez consigamos um mandado para xeretar no computador da firma e, se trabalharmos bem, quem sabe desenterramos alguma coisa.

Se não desse certo, pensou, iria ter de pedir a Roarke que fizesse outra das suas mágicas.

— Avise quando quiser trocar de alvo, Feeney.

— O mesmo para você.

Eve abriu a porta da sala de interrogatório e entrou. O advogado imediatamente se colocou em pé, estufou o peito e executou o balé esperado.

— Tenente, isto é um ultraje! Minha cliente está transtornada e emocionalmente arrasada. A senhora não tem motivos para submetê-la a um interrogatório neste momento.

— Se quiser me impedir, consiga uma ordem judicial. Gravando... Entrevistadora: tenente Eve Dallas, identificação 5347BQ; entrevistada: Piper Hoffman. Sessão inicial nesta data e hora. A entrevistada exigiu a presença de um representante. O advogado escolhido está presente e

todos os procedimentos estão sendo gravados. A srta. Hoffman já ouviu o texto atualizado sobre os direitos e obrigações para pessoas interrogadas. A senhorita compreendeu quais sãos os seus direitos e obrigações, srta. Hoffman?

Piper olhou para o advogado e esperou por sua aquiescência.

— Sim.

— A senhorita conhecia Brent Holloway?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Que fique registrado que a entrevistada confirmou com um sinal afirmativo. Ele era cliente de sua empresa de prestação de serviços, a Íntimo e Pessoal?

— Sim.

— Por meio desses serviços a senhorita marcava encontros entre o falecido e clientes do sexo feminino?

— Isso... Bem, esse é o objetivo da empresa, reunir casais com interesses e objetivos em comum, a fim de lhes proporcionar oportunidade de se encontrarem e explorar um possível relacionamento.

— Um relacionamento romântico e/ou sexual?

— O tom da relação fica a critério de cada casal ou indivíduo.

— E os clientes são investigados antes de o cadastro ser aceito, antes do pagamento dos honorários e antes da liberação de qualquer lista de contatos?

— Sim, cuidadosamente investigados. — Piper pareceu ligeiramente mais relaxada devido ao rumo que as perguntas estavam tomando. Endireitou o corpo e ajeitou os cabelos platinados com os dedos longos. — A nossa responsabilidade é providenciar para que os clientes tenham um padrão excepcional de atendimento.

— Esse padrão excepcional inclui a aceitação de criminosos sexuais? Criminosos sexuais condenados pela justiça?

— Certamente que não. — Ergueu o queixo, levantou a cabeça e manteve a boca firme.

— Esta, então, é a política da sua empresa?

— Sim, e a seguimos com severidade.

— Mas a senhorita abriu uma exceção no caso de Brent Holloway.

— Eu... — Piper, que havia cruzado as mãos sobre a mesa, apertouas com tanta força que as juntas dos dedos ficaram brancas. — Não sei sobre o que a senhora... — Parou de falar e olhou aflita para o advogado.

— Minha cliente já explicou detalhadamente qual é a política da empresa nessa área, tenente. Por favor, prossiga.

— Brent Holloway foi condenado por violência sexual e acusado várias vezes de assédio sexual, comportamento ofensivo e perversão. — Eve falava com um tom agressivo enquanto via o sangue de Piper desaparecer por completo de seu rosto. — A senhorita acabou de afirmar que sua clientela é investigada cuidadosamente e explicou a política de normas da empresa nessa área. Agora eu pergunto por que dispensou Brent Holloway dessas normas.

— Nós... eu... nós não... — Começou a torcer as mãos de nervoso e algo semelhante a medo invadiu os seus olhos. — Não temos registro algum de informações desse tipo contra Brent Holloway.

— Talvez a senhorita reconheça o nome John B. Boyd. — Como os seus olhos estavam fixos nos de Piper, Eve notou. Viu a piscada de reconhecimento e a sombra da culpa. — O sistema informatizado de sua empresa é considerado o melhor do ramo. A senhorita acabou de afirmar isso. Era responsabilidade sua buscar este tipo de informação antes de receber um cliente. Afinal, a sua empresa é irresponsável ou incompetente, srta. Hoffman?

— Não gostei do tom dessa pergunta — protestou o advogado.

— Sua observação foi devidamente registrada, doutor. Qual é a sua resposta, srta. Piper?

— Não sei o que pode ter acontecido. — Sua respiração estava ofegante agora e as duas mãos estavam cruzadas sobre os lindos seios. — Simplesmente não sei.

Sabe sim, pensou Eve. Sabe e isso a deixa apavorada.

— Quatro clientes da sua agência de encontros estão mortos. Quatro. Cada um deles procurou a senhorita, e cada um foi aterrorizado, violentado e estrangulado.

— É uma coincidência terrível, realmente terrível. Mas é apenas coincidência. — Piper começou a tremer, respirando em golfadas curtas e ofegantes. — Rudy me garantiu isso.

— Mas a senhorita não acredita nessa história. — Eve repetiu com suavidade enquanto se inclinava na direção dela. — A senhorita não acredita nisso nem por um segundo. Eles estão mortos. — De forma inesperada e brutal, Eve jogou sobre a mesa quatro fotos. As imagens eram vividas e cruéis. — Essas mortes não parecem uma coincidência, parecem?

— Ó Deus... Ó meu Deus! — Ela cobriu o rosto com as mãos. — Não, não, por favor. Assim eu vou passar mal.

— Isso não era necessário, tenente. — Vermelho de fúria, o advogado pulou como uma mola.

— Os assassinatos é que não eram necessários. — Recolhendo as fotos, Eve se levantou. — Vou dar cinco minutos à sua cliente para ela se recompor. Interromper a gravação! — Virou as costas e saiu.

Enquanto observava pelo vidro do lado de fora, chamou Feeney pelo comunicador.

— Ela está nas últimas — disse a ele quando os dois se encontraram. — É só dar uma empurradinha de leve. Seja suave, tranqüilo e simpático como um tio boa-praça.

— Você sempre pega a parte do tira mau — reclamou Feeney.

— Sou melhor nesse papel. Dê palmadinhas na mão dela e perguntelhe por que eles estavam dando dinheiro para Holloway. Eu ainda não toquei nesse assunto.

— Certo. Rudy está se segurando bem. Exibiu uma atitude impertinente, na minha opinião. É um idiota metido a arrogante.

— Que bom! Estou no clima certo para chutar o traseiro de um idiota. — Já que estava ali, Eve atacou o saquinho de amêndoas açucaradas de Feeney e jogou algumas na boca. — Ela alega que não sabia a respeito da ficha policial de Holloway. Está mentindo, mas isso talvez nos garanta acesso ao sistema deles. Vou tentar conseguir um mandado de busca e apreensão antes de atacar Rudy.

Eve levou mais alguns minutos fazendo isso e tomando mais uma xícara de café antes de entrar na Sala de Interrogatório B.

— Ligar o gravador! — ordenou. — Tenente Eve Dallas dando continuidade à entrevista. Iniciar a marcação de data e horário.

Sentando-se, sorriu para Rudy e para o advogado ao seu lado.

— Muito bem, rapazes, vamos começar.

Eve repetiu com ele a mesma linha de questionamento que usara com Piper. Em vez de empalidecer e tremer, porém, Rudy pareceu se tornar mais arrogante e inacessível.

— Eu gostaria de ver a minha irmã — disse abruptamente, interrompendo o ritmo de Eve.

— Sua irmã está sendo interrogada.

— Ela é delicada. Suas emoções estão sempre à flor da pele. Toda essa horrível confusão vai acabar prejudicando-a.

— Pois há quatro pessoas que acabaram muito mais prejudicadas do que ela, meu caro. Está

preocupado com as coisas que Piper possa estar contando lá? Acabei de conversar com ela agora há pouco. — Por instinto, Eve se afastou um pouco da mesa, encolhendo os ombros. — Ela realmente não está suportando tudo isso muito bem. Vai se sair melhor depois que você esclarecer as coisas.

Eve observou o momento em que as mãos dele se transformaram em dois punhos cerrados e se perguntou o que Mira veria naquela potencial demonstração de violência.

— Vocês deviam deixá-la descansar um pouco. — Ele quase cuspia as palavras e seus exóticos olhos verdes não exibiam expressão alguma, como os de um gato. — Ela devia tomar um tranqüilizante e fazer uma pausa para poder refletir um pouco.

— Nós aqui não somos muito bons nessa história de pausas para reflexão, não. E ela está com um advogado lá dentro, do mesmo modo que você está com o seu. Creio que vocês dois são muito chegados, já que são gêmeos.

— Naturalmente.

— Holloway deu em cima dela?

— É claro que não. — A boca de Rudy se tornou um traço fino e reto no rosto.

— Deu em cima de você, talvez.

— Não. — Pegou o copo d'água com a mão firme.

— Por que vocês estavam dando dinheiro a ele?

A água balançou dentro do copo quando ele o colocou de forma apressada sobre a mesa, afirmando:

— Não sei do que está falando.

— Pagamentos regulares, dez mil de cada vez, durante os dois últimos anos. O que ele sabia a respeito de você, Rudy?

Com olhos furiosos, ele girou o corpo na direção do advogado, questionando:

— Eles não têm o direito de invadir registros financeiros, têm?

— Certamente que não. — O advogado colocou os ombros para trás, enganchou a mão na lapela de forma pomposa e fez tilintar alguns medalhões que prendera no peito, seguindo a moda. — Tenente, se a senhora vasculhou os dados financeiros do meu cliente sem motivos plausíveis e sem o devido mandado...

— Eu disse isso? — Eve sorriu. — Não preciso explicar como consegui certas informações

pertinentes a este caso, e você não encontrará quaisquer sinais de busca feita pelo departamento de dados financeiros. O fato, porém, é que você dava dinheiro a ele, não é verdade, Rudy? — balançou o corpo para trás, atacando com golpes curtos e rápidos. — Você deu grana todas as vezes que ele pediu, permitiu que o chantageasse e o colocou nas listas de contatos, mesmo sabendo que Holloway apresentava desvios sexuais. Quantos clientes você foi obrigado a aplacar, pagar ou intimidar para colocar panos quentes sobre essa história?

— Não sei do que a senhora está falando. — Sua mão, porém, já não parecia tão firme agora ao pegar o copo diante de si. Sua pele branca como leite começou a exibir pontos vermelhos devido ao sobressalto.

Eve sabia que se ele estivesse ligado ao polígrafo de um detector de mentiras o gráfico iria pular para fora da tela.

— Você sabe do que estou falando sim. E aposto que não seria muito difícil descobrir algumas clientes sobre as quais Holloway deu o bote em um dos encontros românticos que você recomenda. E quando eu fizer isso vou poder acusar você e sua irmã de intimidação, fraude e cumplicidade em vários tipos de crime sexual. — Olhou para o advogado. — O doutor aqui sabe que é possível conseguir que pelo menos algumas dessas acusações sejam aceitas pela promotoria pública; isso vai ser o suficiente para o seu negócio escorrer pelo ralo e também para colocar o seu rosto e o de Piper em todas as telas da cidade, entre os destaques do dia.

— Não podemos ser considerados responsáveis por nada. Minha irmã não pode ser responsabilizada por nada do que aquele... aquele tarado aprontou.

— Rudy... — O advogado levantou a mão e a colocou sobre o ombro dele. — Gostaria de um momento a sós com o meu cliente, tenente.

— Por mim, tudo bem. Interromper gravação! Vocês têm cinco minutos — advertiu-os, deixando-os sozinhos.

Com os olhos grudados neles pelo lado de fora do vidro, Eve pegou o comunicador.

— McNab!

Enquanto aguardava resposta, ficou balançando o corpo para a frente e para trás sobre os calcanhares, analisando a lnguagem corporal dos dois homens atrás do vidro espelhado. Rudy estava com os braços firmemente cruzados e os dedos pareciam estar enterrados sobre os bíceps. O advogado estava curvado sobre ele, falando muito depressa.

— McNab falando... já estou indo para aí, Dallas.

— Segure a onda por mais um tempinho. Estou aguardando um mandado de busca para poder colocar você dentro do sistema da Íntimo e Pessoal. Fique esperando o meu sinal.

— Posso tirar uns oito ou dez minutos para comer alguma coisa ou encomendar um almoço?

— Passe por um vendedor de churrasquinhos quando vier para cá. Quero que esteja aqui no momento em que a autorização chegar. — Ouviu o suspiro que ele soltou e sorriu de leve. — Como foi o peeling facial, McNab?

— Fantástico. Minha cara ficou mais macia que bunda de bebê. E ainda consegui ver Peabody nua. Isto é, quase... Estava coberta dos pés à cabeça com aquela gosma verde, mas deu para apreciar o contorno de tudo.

— Pois agora tire essa imagem da cabeça para poder cair dentro do trabalho.

— Dá para fazer as duas coisas. Aliás, foi uma visão e tanto. E ela ficou pra lá de furiosa quando percebeu que eu a vi.

Eve fez um esforço para não rir e desligou antes que não conseguisse mais se segurar.

— Fim do recreio, meu chapa — murmurou ao entrar na sala de interrogatório. Depois de ligar o gravador, sentou-se e levantou uma sobrancelha. Às vezes o silêncio dava melhor resultado com um suspeito do que martelar sem parar.

— Meu cliente deseja fazer uma declaração — anunciou o advogado.

— Ora, mas é para isso que estamos aqui. Então, o que tem a dizer, Rudy?

— Brent Holloway vinha extorquindo dinheiro da empresa, através de mim. Fiz o que pude para proteger minhas clientes, mas ele continuou a me chantagear e parte de sua exigência era ter consultas regulares e a colocação do seu nome em listas de contatos. Ele era, na minha opinião, uma pessoa difícil e irritante, mas não perigoso para as mulheres que colocávamos em sua lista.

— Essa é a sua opinião profissional?

— Sim, é. Aconselhamos todos os nossos clientes a marcarem encontros com as pessoas da lista de contatos em lugares públicos. Se alguém concordou em ir vê-lo em um lugar privado depois da primeira conversa, foi por escolha pessoal. Todos os clientes assinam uma declaração afirmando isso.

— Hã-hã... então você acha que isso tira o seu traseiro da reta, eticamente falando. Tenho certeza de que os tribunais vão ter uma percepção diferente, mas, antes de falar disso, vamos ao principal. O que ele tinha contra você?

— Não é relevante.

— Ora, mas claro que é!

— É uma coisa relacionada com a minha vida pessoal.

— É uma coisa relacionada com homicídio, Rudy. Se não quiser falar comigo a esse respeito, eu vou voltar na outra sala para conversar com a sua irmã. — Começou a se levantar, mas Rudy estendeu a mão e agarroua pelo braço.

— Deixe-a em paz. Ela é delicada.

— Um dos dois vai ter que me contar. A escolha é sua.

Os dedos dele se enterraram ainda mais no braço de Eve, mas por fim ele a soltou e tornou a se sentar.

— Piper e eu temos um relacionamento único, muito especial. Somos gêmeos. Estamos conectados. — Os olhos dele não baixaram. — Somos um casal.

— Você e a sua irmã têm um relacionamento sexual.

— Não cabe a você julgar — reagiu. — Nem eu espero que compreenda os laços que nos unem. Ninguém consegue entender. E embora o que façamos juntos não seja estritamente ilegal, a sociedade não aprova.

— Incesto não é uma palavra bonita, Rudy. — A imagem do seu pai, com a cara vermelha do esforço e os olhos duros e determinados surgiu subitamente em sua mente. Sob a mesa ela fechou as mãos, transformando-as em punhos cerrados, e forçou a imagem e a náusea que ela trazia para trás.

— Somos um casal — repetiu ele. — Durante quase toda a vida nos recusamos a agir de acordo com o que sentíamos em nossos corações. Tentamos conhecer outras pessoas e levar vidas separadas. E nos tornamos profundamente infelizes. Somos obrigados a abrir mão da felicidade, sentindo-nos fracassados, só porque pessoas como você dizem que isso é errado?

— O que eu digo ou o que eu penso não vem ao caso aqui. Como Holloway descobriu?

— Foi no Caribe. Piper e eu havíamos tirado férias. Fomos cuidadosos. Somos discretos. Sabíamos que perderíamos clientes se alguém descobrisse. Fomos para um lugar onde pudéssemos curtir algum tempo sozinhos, nos sentirmos livres para ficarmos juntos abertamente, como qualquer casal. Holloway estava lá. Não nos conhecia, nem nós a ele. Havíamos nos registrado no hotel com nomes diferentes.

Fez uma pausa e tomou um pouco d'água.

— Alguns meses depois ele apareceu na agência para uma consulta — continuou. — Foi o destino... Eu nem mesmo o reconheci a princípio. Depois da investigação inicial, porém, quando os dados a respeito dele surgiram e ele foi recusado, ele nos lembrou de onde nos conhecera e em que circunstâncias.

Rudy ficou olhando fixamente para a água e trocou o copo de uma para a outra mão.

— Ele foi muito claro a respeito de como ia lidar com aquilo e o que queria. Piper desmoronou, ficou aterrorizada. Nós acreditamos firmemente nos serviços que prestamos. Sabemos o que significa encontrar alguém que preencha a sua vida e faça diferença. Nós nos dedicamos a ajudar os outros a encontrarem o que temos.

— A dedicação de vocês rendeu uma polpuda carteira de investimentos.

— Lucrar com os nossos serviços não desvaloriza o trabalho que executamos. A senhora vive com conforto, tenente — afirmou baixinho. — Isso, por acaso, nega o valor do seu casamento?

Nessa ele me pegou, disse Eve para si mesma, mas simplesmente levantou as sobrancelhas, propondo:

— Falemos de vocês e de como lidaram com Holloway.

— Eu quis enfrentá-lo, mas Piper não conseguiu. — Fechou os olhos. — Ele conseguiu se encontrar com ela a sós e a ameaçou. Chegou a tentar induzi-la a...

Tornou a abrir os olhos e eles estavam inundados de fúria.

— Ele a desejava — afirmou. — Gente desse tipo sempre deseja o que pertence a outra pessoa. Por fim, nós demos dinheiro a ele e cumprimos as suas exigências. Mesmo assim, quando ele a encontrava sozinha, tentava tocá-la.

— Você deve tê-lo odiado por isso.

— Sim, é verdade, eu o odiei por isso. Por todo o resto também, é claro, mas acima de tudo por isso.

— O bastante para matá-lo, Rudy?

— Sim — assentiu com firmeza antes de o advogado conseguir impedi-lo. — O bastante para matá-lo.

## CAPÍTULO QUATORZE

Não temos o suficiente para acusá-lo de nada. Eve sabia disso. Droga, ela sabia, mas tinha que brigar com a promotora assistente mesmo assim.

— Ele tinha os meios, a oportunidade e Deus sabe que também tinha os motivos — argumentou Eve. — Ele tinha acesso aos cosméticos usados nas quatro vítimas — continuou sem deixar a promotora Rollins falar. — Ele conhecia todas as vítimas.

— Tenente, não temos nem mesmo uma boa prova circunstancial contra ele. — Carla Rollins manteve sua posição. Tinha cerca de um metro e sessenta, mesmo com os saltos plataforma que normalmente usava. Seus olhos eram da cor de amoras silvestres e exoticamente puxados em um rosto redondo. Sua pele era aveludada e lisa, seu corpo era bem proporcionado e seus cabelos, muito lisos e pretos, desciam até poucos centímetros acima dos ombros magros.

Sua fala era mansa e ela parecia uma profissional especializada em crianças, mas tinha o coração duro como uma rocha lunar. Gostava de ganhar. E não via possibilidade de vitória em *O Estado versus Hoffman.*

— Quer que eu o pegue apenas no momento em que ele estiver com as mãos em torno do pescoço da próxima vítima?

— Seria bem conveniente — disse Carla Rollins, sem se abalar. — Fora isso, só com uma confissão assinada.

Eve andava de um lado para outro na sala do comandante Whitney.

— Não posso lhe conseguir essa confissão se o deixarmos escapar — afirmou.

— Até agora ele só é culpado de transar com a irmã — disse Rollins com a voz branda e doce. — E de dar dinheiro para um chantagista. Poderíamos tentar acusá-lo de agente de prostituição ilegal ou não licenciada, já que sabia das preferências de Holloway, mas seria forçar um pouco a barra. Não posso lhe dar uma acusação de assassinato, Dallas, a não ser que surja uma prova ou confissão.

— Então preciso fazê-lo suar mais um pouco.

— O advogado dele pediu uma pausa, por questões humanitárias. Não podemos segurá-lo por mais tempo hoje — acrescentou ao ver que Eve fez um ar de deboche. — Pode tornar a pegá-lo amanhã, depois das doze horas de intervalo previstas em lei.

— Quero colocar um bracelete nele.

— Dallas, não há razão para ordenarmos a colocação de uma pulseira de rastreamento nele nesse momento. — Dessa vez foi Carla Rollins que suspirou. — Ele é apenas um suspeito e nem temos algo sólido. São permitidos a ele, perante a lei, a privacidade e o direito de ir e vir.

— Puxa, me dê alguma coisa. — Eve passou as duas mãos pelos cabelos. Seus olhos ardiam devido à falta de sono e o seu estômago doía por ação da cafeína. O ferimento ainda não completamente curado latejava. — Quero que ele seja testado, e quero um perfil psicológico dele. Feito pela dra. Mira.

— Mas isso tem que ser um ato voluntário. — Rollins levantou a mão com delicadeza antes que Eve começasse a soltar palavrões. Estava acostumada a ser xingada por tiras e isso não a incomodava. Só que estava pensando e não queria ser interrompida. — Talvez eu consiga convencer o advogado dele que isso é para o bem do cliente. A cooperação dele nesse caso iria influenciar a promotoria a não acusá-lo de agenciamento ilegal.

Satisfeita com a própria idéia, Rollins se levantou e propôs:

— Prepare o terreno com Mira e eu vejo o que posso fazer. Mas libere-o, Dallas, em mais uma hora, no máximo.

Whitney esperou até Carla Rollins sair para se mexer na cadeira.

— Sente-se, tenente — convidou ele.

— Comandante...

— Sente-se — repetiu, apontando o dedo para a cadeira diante de sua mesa. — Estou preocupado — afirmou quando ela se sentou.

— Preciso de mais tempo para pressioná-lo. McNab está trabalhando nos arquivos da Intimo e Pessoal. Talvez consigamos alguma coisa até o fim do dia.

— Minha preocupação é com você, tenente. — Recostou-se na cadeira quando Eve franziu o cenho. — Você está trabalhando neste caso vinte e quatro horas por dia há mais de uma semana.

— E o assassino também.

— É pouco provável que o assassino esteja se recuperando de graves lesões recebidas no cumprimento do dever.

— Os exames de saúde que fiz revelaram que estou bem. — Eve percebeu a ponta de ressentimento na própria voz e respirou fundo para se acalmar. Se não conseguisse manter a calma diante de Whitney, só estaria dando razão a ele. — Agradeço a sua preocupação, comandante, mas ela é desnecessária.

— Acha mesmo? — Levantou as sobrancelhas e seus olhos argutos analisaram o seu rosto. Ela estava pálida, abatida e à beira da exaustão, foi a sua conclusão. — Está disposta a ir até o ambulatório para se submeter a um exame físico?

O ressentimento voltou, fazendo seus dedos vibrarem, e ela teve de fazer um esforço para não fechá-los com força.

— Isto é uma ordem, comandante Whitney?

Ele podia dizer que sim.

— Vou lhe dar uma escolha, Dallas. Faça um exame físico e cumpra as ordens médicas que lhe forem dadas ou tire o resto do dia de folga e só volte amanhã às nove da manhã.

— Não considero nenhuma dessas opções viável no momento, senhor.

— Uma ou outra, senão eu tiro você do caso.

Ela quase saltou da cadeira. Ele a viu esticar o corpo, depois se ajeitar na cadeira e estremecer. Mas continuou sentada. Seu rosto ficou vermelho, mas não por muito tempo.

— Ele já matou quatro vezes, senhor, e eu sou a pessoa que está mais perto de saber quem ele é. Se o senhor me afastar do caso, vamos perder tempo. E vamos perder vidas.

— A escolha é sua, Dallas. Vá para casa — aconselhou ele com a voz mais calma. — Faça uma refeição decente e durma um pouco.

— E enquanto eu faço isso, Rudy sai calmamente daqui.

— Não posso segurá-lo na Central de Polícia e também não posso colocar uma pulseira de rastreamento em seu pulso. Mas isso não significa que não possa mandar segui-lo. — Whitney sorriu ligeiramente. — Ele vai ser vigiado. E amanhã vamos dar uma entrevista coletiva. Em um ponto você tem razão, Dallas. O prefeito e o secretário de Segurança vão levar os piores golpes, mas pode sobrar para você.

— Consigo lidar com isso.

— Eu sei. Vamos liberar o máximo de detalhes possíveis para alertar as pessoas. — Levantando a mão, massageou a nuca. — Paz na Terra aos homens de boa vontade. — Soltou uma risada curta. — Vá para casa, Dallas. Você precisa estar nova em folha amanhã de manhã.

Ela seguiu a ordem porque as alternativas eram inaceitáveis. Não queria ser afastada do caso e também não podia se arriscar a um exame físico. Embora não dissesse a ninguém, desconfiava que seria reprovada nos testes médicos.

Seu corpo inteiro doía a ponto de da reconhecer que ia ter de tomar um analgésico. O pior é que não conseguia nem focar os olhos direito e prestar atenção na direção já a caminho de casa. Sua cabeça insistia em flutuar para algum ponto acima dos ombros.

Depois de quase bater em uma carrocinha de churrasquinhos na esquina com a avenida

Madison, ligou o piloto automático do veículo e deixou o sistema levá-la em segurança através do tráfego.

Certo, talvez ela estivesse mesmo precisando de um cochilo e de um pouco de comida. Mas tirar a noite de folga não significava que ela não poderia trabalhar por sua conta a partir do escritório doméstico.

Precisava de mais café e algo sólido no estômago, apenas isso.

Sua cabeça quase pendeu para a frente no momento em que o carro deslizou pelos portões e seguiu pela alameda em direção à casa.

As luzes nas janelas brilhavam em contraste com o escuro da noite e ela abriu os olhos. Sua cabeça latejava ao som de uma das canções mais entusiasmadas do repertório de Mavis. Seus ombros estremeceram com o ritmo.

Ao saltar do carro, suas pernas pareciam feitas de borracha, desconectadas do corpo. Pelo fato de se sentir fraca, ficou de mau humor no momento em que entrou pela magnífica porta principal.

Ali estava Summerset.

— Seus convidados já chegaram — anunciou ele. — A senhora está sendo aguardada há mais de vinte minutos.

— Vá lamber sabão! — foi a sugestão que deu a ele enquanto despia o casaco de couro e o pendurava de propósito no pilar da escada.

— Essa sugestão não me parece atraente, senhora. Entretanto, gostaria de alguns segundos do seu tempo, tenente. — E se colocou diante dela, impedindo-a de subir as escadas.

— A vida é curta demais para eu desperdiçar alguns segundos com você. Saia da minha frente ou eu vou passar atropelando.

Ela parecia doente, reparou Summerset, e a sua ameaça não tinha o vigor usual.

— O livro que a senhora solicitou para Roarke foi localizado — avisou ele, com o corpo ereto, estreitando os olhos para analisar o seu rosto com mais cuidado.

— Ah, é?... — Ela colocou a mão no pilar enquanto tentava penetrar na névoa que tomara conta do seu cérebro. — Que bom. Está bem.

— Devo confirmar o pedido?

— Sim, sim. Essa é a idéia.

— A senhora precisa transferir o valor da compra e mais o frete para a conta do livreiro. Como ele me conhece, concordou em enviar o livro de imediato, na confiança de que a senhora irá depositar o valor apropriado nas próximas vinte e quatro horas. Enviei por e-mail à senhora todos os detalhes da transação.

— Certo. Ótimo. Vou cuidar disso. — Eve foi obrigada a engolir o orgulho. — Obrigada. — Preparou-se para subir a escada. Olhou para cima. Aqueles degraus intermináveis pareceram-lhe uma montanha a ser escalada, mas ela não poderia pisar mais no seu orgulho pegando o elevador diante do mordomo.

— De nada, senhora — murmurou ele, afastando-se para o interior da casa, a fim de falar com o patrão enquanto ela subia a escadaria.

— Roarke — avisou Summerset. — A tenente acabou de chegar e está subindo a escada. — Hesitou por um segundo, e então suspirou. — Ela não me pareceu nada bem...

Eve pretendia tomar uma ducha quente, comer alguma coisa e se lançar ao trabalho. Calculou que poderia pelo menos rodar um programa de probabilidades sobre Rudy com os dados que juntara. Se funcionasse, talvez fosse possível pressionar a promotoria a colocar uma pulseira de rastreamento nele.

Quando colocou o pé no quarto, porém, Roarke já a esperava.

— Chegou tarde.

— Peguei um engarrafamento — disse desafivelando o coldre.

— Dispa-se.

Ela estava meio confusa, mas percebeu a sugestão.

— Puxa, Roarke, isso é muito romântico, mas eu...

— Dispa-se! — repetiu ele, pegando um roupão. — E vista isto. Trina já está com tudo pronto ao lado da piscina coberta.

— Ah, pelo amor de Deus. — Passou as mãos pelos cabelos. — Estou com cara de quem está a fim de um tratamento de beleza?

— Não, está com cara de quem está a fim de um tratamento hospitalar. — Controlando o mau humor, jogou o roupão na direção dela. — É melhor se cuidar, senão é para onde você vai.

Os olhos dela se tornaram sombrios e perigosos.

— Não force a barra comigo. Você é meu marido e não meu anjo da guarda.

— É de um anjo da guarda que você precisa mesmo. — Ele a agarrou pelo braço e, como os seus reflexos estavam lentos, conseguiu jogá-la sobre uma cadeira. — Fique quieta aí! — advertiu com um tom de voz que mal disfarçava a fúria. — Senão eu vou amarrá-la.

Ela enterrou os dedos nos braços da cadeira enquanto ele se encaminhava, a passos largos, até o AutoChef embutido em um nicho da suíte.

— Que bicho te mordeu? — reagiu ela.

— Você me mordeu! Tem olhado para o seu rosto no espelho? Você já examinou cadáveres com o rosto mais rosado que o seu. Seus olhos estão tão empapuçados que dá para alguém se esconder debaixo deles. E está toda dolorida. — Foi perceber isso que o deixara descontrolado. — Acha que eu não consigo enxergar isso?

Voltou com um copo alto cheio de um líquido âmbar e ordenou:

— Beba isto.

— Você não vai me dar tranqüilizantes.

— Posso enfiar este troço pela sua goela abaixo se eu quiser. Já fiz isso antes. — Ele se inclinou na direção dela até os seus rostos ficarem bem próximos um do outro, e a fúria intensa que Eve percebeu em seus olhos a fez ter vontade de se encolher. — Não vou permitir que você acabe ficando doente, Eve. Beba e faça udo o que estou mandando ou vou obrigá-la. Nós dois sabemos que você está esgotada demais para me impedir.

Eve arrancou o copo da mão dele, embora achasse que atirá-lo de encontro à parede iria lhe proporcionar uma imensa satisfação, reconheceu que não estaria em condições de arcar com as conseqüências. Seus olhos soltaram fagulhas por cima da borda enquanto ela tomava tudo.

— Pronto. Está feliz agora?

— Mais tarde você ingere algo sólido. — Agachou-se para tirar as suas botas.

— Ei, eu sei me despir sozinha.

— Cale a boca, Eve.

Só de pirraça ela tentou puxar o pé para trás, mas ele simplesmente segurou sua perna com força e arrancou-lhe a bota.

— Quero só tomar uma ducha e comer alguma coisa, e quero que você me deixe sozinha.

Ele arrancou a outra bota e começou a desabotoar-lhe a blusa.

— Você me ouviu? Eu disse que quero ficar sozinha. — O fato de perceber o tom petulante da

própria voz só serviu para acrescentar um pouco de depressão à exaustão.

— Nem nesta e em nenhuma outra vida.

— Não gosto de ser paparicada. Isso me irrita.

— Então se prepare para ficar irritada por um bom tempo.

— Vivo irritada desde que conheci você. — Fechou os olhos ao dizer isso, mas pensou ter visto a sombra de um sorriso no rosto dele.

Ele a despiu com rapidez e eficiência, e então a enrolou no roupão. Ao sentir que os músculos dela haviam afrouxado, percebeu que o analgésico que acrescentara à bebida nutritiva já estava fazendo efeito. O suave tranqüilizante que colocara na mistura normalmente mal conseguia relaxá-la, mas em seu estado atual a colocaria inconsciente em poucos instantes.

Melhor assm.

Apesar disso, ela lhe deu uns tapas quando ele a pegou nos braços.

— Não me carregue no colo!

— Detesto ter que ficar repetindo, mas cale a boca, Eve. — Dirigiu-se até o elevador e entrou com ela.

— Não quero me sentir como um bebê. — Sua cabeça girou uma vez, fazendo um longo e rítmico círculo que a fez tombar sobre um dos ombros. — Que diabo foi aquilo que eu tomei?

— Tinha de tudo um pouco. Relaxe.

— Você sabe que eu detesto tranqüilizantes.

— Sei. — Virando a cabeça para o lado, acariciou-lhe os cabelos com os lábios. — Amanhã você pode me dar uma esculhambação.

— E vou mesmo. Se eu deixar você me dominar, vai acabar se acostumando. Vou só descansar por um minuto.

— Isso mesmo! — Sentiu a cabeça dela tombar para trás; o braço que estava enganchado no ombro dele escorregou e estava meio solto quando ele entrou na área da piscina coberta.

Mavis surgiu de trás das folhas largas de uma palmeira que balançavam.

— Nossa, Roarke, ela está ferida?

— Não, eu lhe dei um sedativo. — Moveu-se por entre as plantas luxuriantes, rodeou as águas

cheias de reflexos da piscina e colocou a sua mulher na mesa comprida e acolchoada que Trina já havia preparado.

— Olhe, ela vai subir nas tamancas de tanta revolta quando acordar — avisou Mavis.

— Imagino que sim. — Com gentileza, passou as pontas dos dedos pelos cabelos em desalinho de Eve que se espalhavam sobre a testa. — Agora não está tão durona, não é, tenente? — Debruçando-se sobre ela, beijou-lhe os lábios com carinho. — Não se preocupe com o glamour, Trina. Ela precisa realmente é de uma terapia de relaxamento.

— Deixe comigo. — Trina, vestida com um macacão colante cor da pele e um avental roxo. Esfregou as mãos de contentamento. — Já que ela está apagada mesmo, por que não fazemos um serviço completo? Ela vive reclamando dos tratamentos. Pegando-a assim vai ser mais fácil. Ela vai estar mais cordata, e bem quietinha.

Roarke levantou uma sobrancelha ao perceber um brilho peculiar nos olhos de Trina e colocou uma das mãos em cima do ombro de Eve, de forma protetora.

— Vamos manter as coisas bem simples. — Depois, lembrando-se de com quem estava lidando, pigarreou para limpar a garganta. Não se importava de enfrentar a ira de sua mulher, mas jamais por concordar em pintarem o seu cabelo de rosa-choque, por exemplo. — Vou providenciar alguns drinques para todos — ofereceu ele — e depois vou ficar aqui para acompanhar tudo.

*** * ***

Ela ouviu vozes e risos. Tudo muito distante e meio desconectado. Em algum lugar da sua mente, Eve sabia que estava apagada por efeito de alguma droga. Roarke ia pagar caro por aquilo.

Queria que ele a abraçasse de novo, simplesmente a envolvesse em seus braços do jeito que sabia, fazendo com que tudo dentro dela se expandisse e se excitasse.

Alguém estava massageando as suas costas e os seus ombros. O gemido de prazer ficou preso em sua mente e não conseguiu sair, mas foi um gemido longo e gostoso.

Ela sentiu o aroma de Roarke, um sopro filtrado pelo ar que ela sabia que era o cheiro dele.

Logo sentiu água quente borbulhando ao seu redor e formando redemoinhos. Ela estava flutuando, sem peso nem preocupações, como um feto no útero. Sentia-se à deriva, de forma constante, sentindo apenas paz.

Então, um ponto de calor em seu ombro. Um choque. Alguém choramingava baixinho em sua cabeça. Depois ela se viu envolvida por um líquido gelado, uma sensação de frescor em cima do calor, calmante como um beijo.

E deslizou para o fundo novamente, descendo, descendo, até que encurvou o corpo ao alcançar o fundo macio e aconchegou-se ali, dormindo profundamente.

Quando voltou à superfície, já estava escuro. *D*esorientada, ficou parada, quietinha, sentindo o ritmo compassado da própria respiração. Estava com o corpo quente, nua, deitada de barriga para baixo sob as nuvens volumosas do edredom.

Estava em casa e na cama, percebeu, sentindo que as últimas horas pareciam entrar e sair de foco em suas lembranças. Tentando se lembrar de tudo com mais clareza, virou de lado, e as suas pernas se embaraçaram com as de Roarke.

— Você já está acordada? — perguntou ele.

— O quê?... — A voz dele parecia alerta, uma pequena característica sua que lhe provocava leve irritação.

— Já é quase de manhã.

Ela realmente se sentia aquecida e nua, sua pele parecia suave como pétalas orvalhadas, graças a Trina, e seu corpo cheirava como pêssegos frescos.

— Como se sente? — perguntou ele.

Ela não tinha certeza ainda. Tudo dentro dela parecia frouxo e relaxado.

— Estou bem — respondeu de forma automática.

— Ótimo. Então está pronta para a fase final do seu programa de relaxamento.

A boca de Roarke tomou a dela em um sussurro suave, sua língua já pronta para entrelaçar-se com a dela. Sua mente, que começava a clarear, tornou a ficar nublada, desta vez pelo efeito do desejo puro e saudável.

— Espere um instante, eu ainda não estou...

— Deixe-me provar você. — Sua boca desceu pelo pescoço dela abaixo, mordiscando e invadndo. — Deixe-me tocar você. — Sua mão deslizou até o quadril, foi mais para baixo e abriu as suas pernas. — Deixe-me ter você.

Quando ele se deixou escorregar para dentro dela, a penetração foi lenta e ela já estava quente e pronta para recebê-lo.

Ela não conseguia ver o rosto dele. A luz pré-amanhecer era tênue e embaçada. Ele era uma sombra movendo-se acima, e sua força pulsante e gloriosa se agitava dentro dela. Ela sentiu-se

tropeçar no primeiro orgasmo antes mesmo de conseguir encontrar o ritmo.

Com estocadas suaves, longas e torturantes, ele inundava a ambos de prazer. A respiração dela se tornou mais ofegante até alcançar a dele, e seus quadris se elevaram e retraíram até alcançar o ritmo dos dele. Então as duas bocas se encontraram e engoliram os gemidos uma da outra.

Ondas quentes e suaves de estremecimento a embalaram para em seguida dispersá-la para cima e para baixo de cristas espumantes e sedosas. Ao senti-lo mais rijo dentro dela, apertou-o com mais força, envolvendo-o e dando as boas-vindas ao impulso final que os levou ao clímax ao mesmo tempo.

Ele enterrou o rosto em seu cabelo e sentiu o perfume dela.

— Você realmente está melhor — murmurou ele com a respiração ofegante junto de sua pele, fazendo-a sorrir.

E sua mente clareou de vez.

— Droga!

— Ô-ô... — Rindo, ele girou o corpo de lado, carregando-a junto, até que o corpo dela pareceu cavalgar o dele.

— Você acha isso muito engraçado, não é? — Lançando-se para trás, soprou as pontas do cabelo para cima, enquanto se sentava. — Deve achar que é uma piada, não é? Me empurrar por aí e me intimidar a tomar tranqüilizantes.

— Eu não conseguiria empurrá-la nem intimidá-la se você já não estivesse mais pra lá do que pra cá. — Ele se sentou também. — Ligar luzes... Claridade a dez por cento! — Sob suas ordens o quarto se encheu com um brilho suave. — Você parece ótima — disse depois de avaliar por um momento o seu rosto furioso, porém descansado. — Apesar de seus gostos extravagantes, Trina sabe o que fica bem em você.

O jeito com que o queixo dela caiu e os seus olhos se esbugalharam obrigou Roarke a fazer um esforço para não soltar uma gargalhada trovejante.

— Você a deixou fazer coisas comigo enquanto eu estava apagada? Seu filho-da-mãe sádico e traiçoeiro! — Ela poderia saltar em cima dele, mas já pulava da cama e corria em direção ao espelho.

O alívio que sentiu ao perceber que tudo nela parecia estar normal, mais ou menos do jeito que ela se via todo dia, não foi o bastante para diminuir a sua fúria.

— Devia colocar vocês dois em uma cela só por isso.

— Mavis também tomou parte na história — informou ele com alegria. Há muitos dias Eve

não se mostrava tão leve e ágil. E estava sem olheiras. — Ah, e Summerset também participou...

Diante do choque disso ela não teve outra escolha senão sentar. Pareceu cambalear de volta para a cama e quase despencou na ponta do colchão.

— Summerset... — foi o grasnar horrorizado que lançou.

— Ele trabalhou no seu ombro, depois que eu a examinei e lhe fiz um breve relato da situação. Seus músculos estavam inflamados. Por que diabos você não toma as medidas normais para lidar com a dor e o desconforto?

— Summerset... — era tudo o que ela conseguia balbuciar.

— Ele tem formação médica, como sabe. Simplesmente tratou do seu ombro. Como é que ele está?

Sem dor pela primeira vez em muitos dias. Talvez seu corpo todo estivesse se sentindo maravilhosamente energizado e fresco. Isso, porém, não tornava os métodos de Roarke aceitáveis.

Levantou-se da cama, agarrou o roupão que estava pousado sobre uma cadeira e o vestiu.

— Vou dar um chute na sua bunda.

— Ótimo. — Levantou-se, satisfeito, e pegou um roupão para ele. — Vai ser uma luta mais justa que a de ontem à noite. Quer me pegar aqui e agora ou devemos ir para o salão de ginástica?

Antes de Roarke conseguir completar a frase ela se lançou em um vôo baixo em sua direção. Ele tentou girar o corpo, mas não conseguiu e acabou esparramado de costas na cama, tendo a sua mulher por cima com um dos joelhos plantados com firmeza e de forma preocupante entre as suas pernas.

— Ora, vejo que voltou à sua boa forma, tenente.

— Tem razão. E agora eu devia pegar as suas bolas e prendê-las cada uma atrás de uma orelha.

— Bem, pelo menos tivemos a chance de utilizá-las uma última vez. — Sorriu ele, arriscando-se a um grave dano. De repente esticou o braço e apertou-lhe a bochecha com força. Isso a distraiu o suficiente para ele armar um contragolpe, pular para cima dela e sujeitá-la sob ele. — Agora escute bem!... — O sorriso desaparecera. — O que for preciso é o que eu vou fazer. Quando for preciso, é o momento em que o farei. Você não é obrigada a gostar, mas vai ter que aceitar.

Afastando-se, ficou de pé apoiado nos calcanhares e ajeitou o roupão enquanto a via estreitar

os olhos com determinação. Por fim, soltou um suspiro e enfiou as mãos nos bolsos, dizendo:

— Maldição! Eu amo você!

Ela se preparara para pular. Aquelas palavras, porém, ditas com iguais parcelas de frustração e cansaço, flecharam-lhe o coração. Ali estava ele em pé, diante dela, com os cabelos revoltos pela ação do sono, do sexo e da luta, os olhos profundamente azuis cheios de irritação e amor.

Tudo dentro dela mudou e se acomodou em um padrão ao qual ela parecia estar fadada.

— Eu sei. Desculpe. Você estava com a razão. — Passou as mãos pelos cabelos, tão distraída que não notou o ar de surpresa nos olhos dele. — Eu não gosto dos seus métodos, mas você estava com a razão. Andei forçando demais a barra sem estar me sentindo cem por cento. Você vivia me dizendo para eu descansar e recarregar as baterias há vários dias, e eu não queria ouvir.

— Por quê?

— Porque estava apavorada, Roarke. — Era duro admitir aquilo, mesmo para um homem a quem podia contar todos os segredos.

— Apavorada? — Ele correu até junto dela, sentou-se ao seu lado e pegou a sua mão. — Apavorada com o quê?

— Com a possibilidade de não conseguir voltar à antiga forma, pelo menos não de todo. Achei que talvez não fosse mais me sentir bem o bastante, ou com os sentidos aguçados o suficiente para voltar ao trabalho com força total. E se eu não conseguisse fazer isso... — Apertou os olhos. — Eu preciso ser uma tira, uma boa tira. Tenho que me sentir capaz de fazer o meu trabalho, senão eu me sinto perdida.

— Você poderia ter conversado comigo a respeito disso.

— Eu não queria falar nem comigo mesma sobre esse assunto. — Passou os dedos sobre os olhos, irritada ao sentir lágrimas que teimavam em brotar. — Desde que voltei à ação, vinha fazendo só trabalhos burocráticos, lidando com um monte de papelada e marcando datas de audiências no tribunal. Este é o meu primeiro caso de homicídio desde que voltei da licença médica. Se não conseguir lidar bem com ele...

— Mas você vem lidando muito bem com o caso.

— Whitney me ordenou que viesse para casa ontem à noite. Ou eu obedecia, ou ele me tirava do caso. Depois cheguei aqui e você ameaçou me enfiar drogas goela abaixo.

— Bem... — Roarke deu um aperto de solidariedade em sua mão. — Talvez o momento tenha sido mal escolhido. No entanto eu creio que, nos dois casos, foi uma questão de querer que você descansasse e não uma crítica à sua capacidade profissional.

Ele pegou o queixo dela com a mão e passou o polegar pela covinha.

— Eve — continuou ele —, há momentos em que você parece não ter consciência de si mesma, e isso é assombroso. Você mergulha de cabeça em todos os casos que investiga. A única diferença deste é que você estava debilitada desde o início. Mas é a mesma policial que eu conheci no último inverno. De vez em quando essa é uma constatação que me assusta.

— Sim, espero que sim. — Ela estudou as mãos de ambos, unidas. — A verdade, porém, é que eu não sou a mesma pessoa que era no último inverno. — Mantendo os dedos entrelaçados aos dele, levantou a cabeça e encarou fixamente os seus olhos. — Não quero ser mais aquela pessoa. Gosto de quem sou agora. Gosto de quem nós dois somos agora.

— Ótimo. — Ele se inclinou e a beijou. — Porque estamos grudados um no outro.

Ela passou as mãos pelos cabelos dele para aprofundar o beijo.

— Até que foi um acordo muito bom para ambos. Mas... — acrescentou ela, mordendo o lábio inferior dele com tanta força que o fez gritar de surpresa e dor. — Se alguma vez você tornar a deixar Summerset colocar as mãos em mim quando eu estiver dormindo... — Levantou-se e respirou fundo até se sentir convincente. — Vou passar máquina zero no seu cabelo e deixar você completamente careca. — Subitamente, completou: — Estou morrendo de fome. Vamos tomar café?

Ele a avaliou por um momento, e então passou a mão nos cabelos, preocupado. Ainda bem que ele tinha um sono muito leve.

## CAPÍTULO QUINZE

Munida com os resultados do programa de probabilidades que rodara para analisar Rudy, Eve andava de um lado para outro na recepção da sala da dra. Mira.

Precisava que Mira lhe fizesse um perfil completo do suspeito, pois isso pesaria a favor de Eve quando ela requisitasse a sua volta à sala de interrogatório e, se possível, à sua prisão.

O tempo estava passando. Com ou sem vigilância, sabia que ele ia atacar a vítima número 5 naquela noite.

— Ela sabe que estou aqui? — perguntou Eve à assistente de Mira.

Acostumada à impaciência dos policiais, a jovem nem se deu ao trabalho de levantar a cabeça ao responder:

— Ela está em sessão com uma paciente. Vai recebê-la o mais depressa possível.

Sentindo-se renovada e energizada, Eve foi até o outro lado da recepção e ficou olhando para uma aquarela que representava uma cidade costeira. Voltou ao centro da saleta e olhou para o mini-AutoChef. Sabia que não estaria abastecido com café. Mira preferia que seus clientes e amigos bebessem apenas bebidas relaxantes e chás.

No instante em que a porta se abriu, Eve girou o corpo e avançou rapidamente.

— Dra. Mira... — começou, mas parou na mesma hora ao ver Nadine Furst.

A repórter enrubesceu, mas logo endireitou os ombros e encarou o olhar visivelmente irritado de Eve.

— Se você começar a perturbar a psicóloga da polícia em busca de um perfil do assassino ou de dados para as suas reportagens, Nadine, vai acabar sem informante algum em toda a polícia, e ainda vai ser processada, minha cara.

— Estou aqui por assuntos pessoais — disse Nadine com firmeza.— Guarde esse papo furado para seus telespectadores.

— Já disse que estou aqui por motivos pessoais. — Nadine levantou a mão antes que Mira tivesse chance de intervir. — A dra. Mira tem me atendido profissionalmente desde o... incidente da última primavera. Você me salvou a vida, Dallas, mas foi ela quem manteve a minha sanidade. De vez em quando ainda preciso de uma força, apenas isso. Agora, se quiser sair da minha frente, por favor...

— Desculpe. — Eve não sabia ao certo se estava mais surpresa ou envergonhada, mas nenhuma das sensações lhe caiu muito bem. — Fui grossa com você. Sei muito bem o que é andar pela vida carregando más recordações. Sinto muito, Nadine.

— Tudo bem. — A repórter ergueu um dos ombros e saiu rapidamente. O som dos saltos altos de seus sapatos batendo no piso de lajotas continuou ecoando ao longe.

— Entre, por favor — convidou Mira com o rosto sem expressão enquanto dava um passo atrás para Eve entrar e fechava a porta em seguida, com cuidado.

— Já sei. Explodi com ela e não devia ter feito isso. — Eve enfiou as mãos nos bolsos para não se encolher do ar de desaprovação que Mira conseguiu transmitir com o olhar reservado. — É que ela anda me atazanando por causa desse caso, e estou com uma entrevista coletiva marcada para daqui a duas horas. Achei que ela estava querendo pegar um atalho.

— Você tem dificuldade para confiar nas pessoas mesmo depois de provas de confiança lhe terem sido oferecidas — disse Mira, quase como um comentário, enquanto alisava a saia. — Por outro lado, foi bem rápida e apresentou um pedido de desculpas sincero. Como sempre, Eve, você é um mar de contradições.

— Eu *não vim* aqui para discutir assuntos pessoais. — O tom de Eve foi direto e desdenhoso, mas ela se viu olhando para a porta que se fechara com olhos preocupados. — Ela está bem?

— Nadine é uma mulher forte e determinada... traços que você deve reconhecer. Não posso discutir esse assunto com você, Eve. É confidencial.

— Sim. — Ela expirou com força. — Nadine ficou pau da vida comigo. Vou lhe oferecer uma entrevista exclusiva para limpar a minha barra.

— Ela valoriza a sua amizade em si, e não apenas as informações que você lhe passa. Não vai se sentar? Pode deixar que não pretendo censurar você.

Eve fez uma careta desconcertada, mas logo pigarreou e entregou à psicóloga o arquivo que trazia.

— Rodei o programa estatístico com o nome de Rudy. Utilizando os dados atuais, ele alcançou 86,6% de probabilidade de culpa. Isso é o bastante para perturbá-lo novamente, mas só posso apertar mais o laço depois que a senhora realizar os testes psicológicos, doutora. A promotora Rollins disse que o advogado de Rudy insistiu nesse ponto.

— Sim, já marquei um horário hoje à tarde para ele, já que você registrou o assunto como Prioridade Um.

— Preciso conhecer a cabeça dele e o seu potencial para atos violentos, a fim de deixá-lo fora de circulação o tempo suficienre para conseguir provas. Não creio que ele vá desmoronar nem entrar em acordo comigo. Se a irmã souber de alguma coisa, posso arrancar dela. Piper vai acabar cedendo.

— Eu lhe entrego o que conseguir o mais rápido que puder. Entendo a pressão que você e a sua equipe estão sofrendo. Apesar disso — acrescentou, inclinando a cabeça —, você me parece

bem. Está mais descansada. Na última vez em que a vi fiquei um pouco preocupada. Continuo achando que você voltou com força total para o trabalho mais cedo do que devia.

— A senhora e todo mundo. — Eve encolheu os ombros. — Eu me sinto bem. Muito melhor, para falar a verdade. Fui submetida a uma terapia de relaxamento de alto nível ontem à noite, e depois dormi por dez horas seguidas.

— Sério? — Os lábios de Mira formaram um sorriso. — Como foi que Roarke conseguiu essa façanha?

— Ele me drogou. — Diante da gargalhada inesperada que Mira soltou, Eve fez cara de poucos amigos. — Estou vendo que a senhora também está do lado dele.

— Ora, certamente. Vocês combinam um com o outro de forma maravilhosa, Eve. É um prazer observar o que cresce cada vez mais entre vocês dois. Mal posso esperar para vê-los juntos hoje à noite.

— A festa, claro. — Fantástico, pensou, demonstrando irritação ao ver que Mira tornava a rir. — Consiga-me esse perfil e talvez eu entre em clima de festa.

Mas Eve não estava com o astral muito alto quando entrou em sua sala e encontrou McNab remexendo em suas gavetas.

— Não guardo mais os meus chocolates na gaveta não, espertinho.

Ele se empertigou tão rápido que bateu com o quadril na gaveta e a fechou com os dedos lá dentro. Seu grito de dor serviu para melhorar o humor de Eve.

— Puxa, Dallas! — Formando um bico de insatisfação, soprou os dedos que latejavam. — Você quase me matou de susto!

— Eu devia era lhe dar uns tapas. Roubar a barra de chocolate de uma oficial superior é uma ofensa grave, McNab. Eu necessito de minha dose diária de doces.

— Certo, certo. — Tentando se mostrar arrependido, ele abriu um sorriso e puxou a cadeira para ela. — Está com ótima aparência esta manhã, Dallas.

— Deixe de ser puxa-saco, McNab. Isso é patético! — Jogou-se na cadeira e esticou as pernas, o que fez com que as botas batessem na parede. — Se quiser marcar pontos comigo, é melhor me dar boas notícias.

— Verifiquei os dados financeiros e achei oito fichas de reclamação contra Holloway escondidas no arquivo F.

— Arquivo F?

— Sim, o popular arquivo "Fodeu!" — explicou ele, com um sorriso rápido. — É onde as pessoas enfiam os pepinos do trabalho e outras merdas nas quais ninguém tem a intenção de mexer. Eles ofereceram presentes extras a oito mulheres, como fizeram com Peabody. Tratamentos completos no salão, listas de contatos grátis e vales-presente nas lojas do prédio.

— Quem autorizou?

— Os dois, dependendo do caso. Piper sabia o que andava rolando, pode ter certeza. Encontrei as iniciais dela em três das reclamações.

— Muito bem, isso a coloca dentro do lance, mas não nos serve de nada. Posso usar essa informação apenas para pressioná-la um pouco.

— Tem outra coisa bem interessante — disse ele, sentando-se na ponta da mesa.

— É interessante o bastante para me impedir de chutar a sua bunda para fora da minha mesa? — perguntou Eve com um olhar ameaçador.

— Bem, vamos ver. Encontrei um memorando a respeito de Donnie Ray com data de seis meses atrás e atualização no dia 1ºde dezembro.

— Que tipo de memorando? — quis saber Eve, com uma fisgada de empolgação.

— De Rudy para a equipe de consultores. Donnie Ray não deveria ter contato com Piper. Rudy avisava que ia realizar todas as suas consultas pessoalmente ou então supervisioná-las. A atualização era uma pequena bronca, repetindo a ordem da primeira e repreendendo um bundão que não a cumprira.

— Isso é muito interessante. Quer dizer que ele não queria Donnie Ray circulando perto de Piper? Dá para aproveitar essa informação. Achou algo mais relacionado com as outras duas vítimas?

— Não pintou nada.

— Registros médicos? Tratamentos físicos ou mentais? — insistiu ela, tamborilando na mesa com os dedos.

— Os dois foram castrados. — McNab se encolheu todo só de pensar na língua fria do laser circulando pelos seus órgãos genitais. — Optaram por sair do mercado de auto-reprodução aproximadamente cinco anos atrás.

— Isso faz sentido.

— Piper faz terapia todas as semanas na clínica Equilíbrio Interior desde que abriram a firma.

No ano passado ela passou um mês em um dos retiros da clínica, localizado no satélite Optima II. Ouvi dizer que eles formam colônias, dormem em tubos de relaxamento e comem apenas macarrão feito com trigo integral.

— Um programão! Descobriu algo mais a respeito dele?

— Nada.

— Bem, ele vai fazer terapia hoje à tarde. Bom trabalho, McNab. — Olhou para Peabody, que vinha entrando. — Chegou em boa hora, Peabody. Vocês dois tratem de pesquisar aquela última jóia. Quero saber onde foi que ele comprou o pingente com os quatro pássaros. Ele se mostrou meio descuidado no local do crime, talvez tenha pisado na bola com a jóia também.

— Mas, senhora... — começou Peabody, tentando não olhar para McNab.

— Vou pressionar Piper e não posso levá-la comigo. Se saírem do prédio, saiam em dupla. — Levantou-se. — Se ele ainda não escolheu a vítima número 5, deve estar fazendo isso agora. Quero vocês dois debaixo da minha vista.

— Pode relaxar, Peabody — zombou McNab. — Sou um profissional.

— Isso, pode pegar no meu pé, seu mané...

Bem que Eve tentou segurar o riso ao ouvir Peabody usar a sua resposta-padrão para quem a incomodava, mas não conseguiu ao ouvir McNab responder, alegremente:

— Pegar no seu pé? Qual dos dois?

*** * ***

Eve calculou bem o tempo. Se o advogado de Rudy tinha algo no cérebro, devia estar trancado com o cliente em alguma sala, ensaiando as respostas para o teste psicológico ao qual ele ia se submeter. Eve tinha, pelos seus cálculos, uma hora para sacudir Piper, antes de voltar para a central e enfrentar a entrevista coletiva.

Dessa vez a recepcionista não se deu ao trabalho de dificultar a sua entrada e, simplesmente, a fez passar.

— Tenente... — Pálida e com olhos fundos, Piper se colocou à porta da sala para receber Eve. — Meu advogado me informou que eu não tenho obrigação nenhuma de conversar com a senhora, e inclusive me aconselhou a não fazê-lo, a não ser em caso de interrogatório formal, e mesmo assim com orientação e acompanhamento jurídico no local.

— A coisa pode rolar desse jeito se preferir, Piper. Podemos ir para a central agora mesmo ou podemos ficar aqui, confortavelmente instaladas, enquanto você me conta por que Rudy não queria que você tivesse contato com Donnie Ray Michael.

— Aquilo não foi nada. — Um ar de agonia fez a sua voz estremecer e ela cruzou as mãos. — Não teve significado algum, em absoluto. A senhora não pode imaginar que haja algo de errado neste fato isolado.

— Certo. Então, por que não me explica essa história direitinho para podermos tirá-la do caminho?

Sem esperar por um convite, Eve entrou na sala e se instalou em uma poltrona. Ficou ali aguardando, sem dizer nada, esperando o óbvio conflito interno que se instalou em Piper se dissolver de todo.

— É que Donnie Ray tinha uma paixonite por mim. Apenas isso. Não foi nada. Era algo inofensivo.

— Então, qual o motivo dos memorandos para a equipe?

— Uma simples precaução. Para evitar algo... desagradável.

— É comum acontecerem coisas desagradáveis por aqui?

— Não! — Piper fechou a porta e correu para junto de Eve. Surgiram pontos rosados em seu rosto, provocados pela agitação. O cabelo quase prateado estava preso na nuca, acrescentando ao rosto sem moldura o contraste entre a sofisticação e a fragilidade. — Não, definitivamente. Nós nos dedicamos a ajudar as pessoas a encontrarem satisfação no companheirismo, a descobrirem o romance e muitas vezes o casamento. Tenente... — Sentou-se, juntou as palmas das mãos como em oração e cruzou os dedos em seguida —, eu poderia lhe mostrar dezenas de declarações de agradecimento feitas por clientes satisfeitos. Pessoas que nós ajudamos a encontrar umas às outras. Amor, o amor verdadeiro, importa muito para nós.

— E você acredita no amor verdadeiro, Piper? — Eve manteve os olhos no mesmo nível que os dela.

— Sim, de forma absoluta e completa.

— E o que você seria capaz de fazer pelo seu amor verdadeiro, a fim de mantê-lo?

— O que fosse necessário fazer.

— Fale-me de Donnie Ray.

— Ele me convidou algumas vezes para sair. Queria que eu fosse vê-lo tocar sax. — Suspirou e então pareceu se derreter sobre uma cadeira. — Era apenas um rapazinho, tenente. Não era... não era como Holloway. Rudy achou, porém, e acertadamente, que a fim de cumprirmos a nossa obrigação com ele, como cliente, seria melhor se o contato comigo fosse cortado.

— E você tinha algum interesse em ir ouvir Donnie Ray tocar sax?

— Talvez sim, se a coisa parasse por aí. — Um sorriso se insinuou no canto da boca. — Mas estava claro que ele tinha esperança de algo mais e eu não quis ferir os seus sentimentos. Não suporto ver um coração despedaçado.

— E quanto ao seu? Como fica o seu coração quanto ao relacionamento que tem com o seu irmão?

— Não posso... e não vou discutir esse assunto com a senhora. — Endireitou o corpo novamente e cruzou as mãos.

— Quem tomou a decisão para que você se submetesse a um procedimento de esterilização, Piper?

— A senhora está indo longe demais.

— Estou? Você tem apenas vinte e oito anos... — Eve forçou a barra ao ver os lábios de Piper começarem a tremer. — Eliminou a possibilidade de ter filhos porque não poderia se arriscar a conceber uma criança do seu próprio irmão. Faz terapia há anos. Foi negada a você a oportunidade de tentar um relacionamento com outro homem. Vocês escondem de todos a sua relação conjugal e pagaram a um chantagista para que isso continuasse oculto porque sabem que o incesto é um segredo sombrio e vergonhoso.

— Você jamais conseguiria entender.

— Ora, mas eu consigo entender sim. — A diferença é que ela fora obrigada, lembrou Eve a si mesma. E era apenas uma criança. Não teve escolha. — Conheço bem o que você está passando.

— Eu o amo! Seja errado, vergonhoso ou desprezível, isso não muda as coisas. Ele é a minha vida.

— Então do que tem medo? — Eve se inclinou ligeiramente para frente. — Por que você tem tanto medo que está disposta a acobertá-lo mesmo se perguntando, no fundo, se ele é um assassino? Qualquer coisa é válida pelo verdadeiro amor? Você permitiu que Holloway atacasse suas clientes, e isso a torna tão baixa quanto a cafetina de uma prostituta não autorizada.

— Não. Fizemos o possível para que Holloway se encontrasse com mulheres que tinham as mesmas afinidades dele.

— E quando elas não conseguiram e reclamaram você pagou o seu silêncio com brindes e vales — completou Eve. — Essa idéia foi sua ou de Rudy?

— Foi um assunto de negócios. Rudy entende de negócios melhor do que eu.

— É assim que você vê isso? Ou nenhum de vocês estava mais aceitando essa história? Rudy

estava com você na noite em que Donnie Ray foi morto? Você consegue olhar para mim e jurar que ele esteve em sua companhia a noite inteira?

— Rudy não conseguiria matar ninguém. Simplesmente não conseguiria.

— E você está tão certa disso a ponto de se arriscar a outra morte? Se não acontecer hoje, talvez amanhã?

— Quem quer que esteja assassinando essas pessoas é louco... bárbaro, cruel. Se eu achasse que poderia ser Rudy, não conseguiria mais viver. Somos parte um do outro, e o mal estaria em mim, do mesmo modo que nele. Eu não poderia mais viver. — Cobriu o rosto com as mãos. — Não agüento mais isto. Não quero mais conversar. Se a senhora acusa Rudy, também me acusa, tenente, e eu não vou mais conversar com a senhora.

Eve se levantou, mas ficou parada ao lado da poltrona por um instante.

— Você não é a metade de uma laranja, Piper, não importa o que ele tenha dito. Se quiser uma saída, conheço alguém que pode ajudá-la.

Embora achasse que aquilo não serviria de nada, Eve pegou um dos seus cartões, anotou o nome e o telefone da dra. Mira atrás, colocou-o sobre o braço da poltrona e foi embora.

Suas emoções estavam a mil por hora quando chegou ao carro. Parou um momento para se acalmar e olhou para o relógio. Não tinha muito tempo, mas era o suficiente.

Pegou o te*le-link* pessoal no bolso, em vez de usar o do veículo, e ligou para Nadine.

— O que quer de mim, Dallas? Estou no maior sufoco aqui. A entrevista coletiva é daqui a uma hora.

— Encontre-me na boate Baixaria e leve a sua equipe de gravação. Quinze minutos.

— Eu não posso...

— Pode sim! — Eve desligou e rumou para o centro.

Escolhera a boate Baixaria em parte por motivos sentimentais e em parte porque seria um local discreto para um encontro à tarde em um dia no meio de semana. Além do mais, o dono do lugar era seu amigo e providenciaria para que elas não fossem incomodadas.

— Ora, o que está fazendo por aqui, branquela? — Crack, com seus quase dois metros de altura, sorriu para ela. Seu rosto era negro e amigável e a cabeça fora recentemente raspada e coberta de óleo até brilhar como um espelho. Envergava uma roupa de couro enfeitada com penas de pavão e tão apertada que Eve refletiu que o seu saco devia estar esmagado.

Completando a roupa, usava botas da cor cereja que iam até a canela.

— Tenho uma reunião — informou-lhe Eve, dando uma boa olhada em torno do salão. O lugar estava praticamente vazio, a não ser pelas seis dançarinas que se contorciam de forma monótona sobre o palco e meia dúzia de gatos pingados que, sendo quem eram, perceberam que Eve era tira em menos tempo do que levavam para bater a carteira de um turista em Times Square.

Eve imaginou que muitos gramas de diversas substâncias ilegais estariam sendo lançados, dali a poucos minutos, no sistema de esgotos da cidade de Nova York.

— Você vai trazer outros tiras para a minha boate, vai? — perguntou Crack, olhando para os dois traficantes magricelas que correram direto para o baneiro. — Assim, aqueles caras vão ter prejuízo.

— Não vim aqui para dar uma batida. São alguns amigos jornalistas que estão vindo aí. Você tem uma cabine privativa que possamos usar?

— Nadine vem aí? Gosto muito dela. Use a cabine 3, favinho de mel. Pode deixar que eu fico de olho aqui fora.

— Obrigada. — Olhou por cima do ombro ao ver que a porta se abriu, deixando entrar o sol, Nadine e um operador de câmera. — Não vamos levar muito tempo.

Eve apontou na direção da cabine e caminhou para lá a passos largos, sem esperar por Nadine.

— Você freqüenta lugares tão interessantes, Eve. — Torcendo o nariz, Nadine olhou com atenção para as paredes manchadas e a cama desarrumada, por sinal a única peça de mobília que cabia no exíguo espaço.

— Pelo que eu me lembro, você gostou muito daqui... tanto que ficou só de calcinha e sutiã e subiu para dançar no palco.

— Eu devia estar mentalmente incapacitada naquele dia — replicou Nadine, tentando manter a dignidade ao perceber que o seu operador de câmera soltou uma risadinha. — Cale a boca, Mike.

— Você tem cinco minutos — informou Eve, sentando-se na beira da cama. — Pode escolher entre me encher de perguntas ou gravar uma declaração minha. Não vou lhe adiantar mais do que será divulgado na coletiva para a imprensa, mas você vai saber das coisas uns bons vinte minutos antes de qualquer outro repórter. Vou lhe dar também sinal verde para usar os dados sobre os quais já conversamos.

— Por quê?

— Ora, porque sim — disse Eve baixinho. — Somos amigas.

— Saia um minutinho, por favor, Mike. — Nadine esperou até ele parar de reclamar e fechar a porta atrás de si. — Não preciso de favores só por você estar com pena de mim.

— Não se trata de pena. Você manteve o acordo e segurou as informações até eu liberá-las. Estou fazendo a minha parte. É uma questão profissional. Confio em você para relatar a verdade. Isso também é uma questão profissional. Gosto de você, mesmo quando é irritante, o que acontece de vez em quando. Isso é pessoal. E agora, vai querer a entrevista ou não?

— Sim, vou querer. — Nadine abriu um sorriso largo. — Também gosto de você, Dallas, mesmo você sendo irritante o tempo todo.

— Agora me faça um resumo do que descobriu sobre Rudy e Piper.

— São absolutamente charmosos. Sabem declamar as maravilhas da empresa como ninguém. Em todos os botões que eu apertei eles reagiram de forma perfeita. Foram bem programados.

— Quem está à frente de tudo?

— Ora, é ele, sem dúvida. Eu o achei um pouco superprotetor com relação à irmã, se quer saber. E é meio arrepiante o jeito como os dois se vestem absolutamente iguais, até na cor da pintura labial. Deve ter alguma coisa a ver com serem gêmeos.

— Você conversou com alguém da equipe?

— Claro, escolhi alguns deles, aleatoriamente. Tudo funciona com perfeição ali.

— Fofocas a respeito dos donos da empresa?

— Nada a não ser elogios. Não consegui arrancar uma alfinetada sequer de ninguém. — Levantou uma sobrancelha. — Era isso que você queria ouvir?

— Estou à procura de um assassino — respondeu Eve, sem expressão. — Vamos começar a gravar a entrevista.

— Ótimo. — Nadine deu um passo atrás e bateu na porta para chamar Mike de volta. — Declaração formal seguida de perguntas?

— Ou uma coisa ou outra.

— Não seja tão irritante. Vamos começar com a declaração. Nadine olhou para a cama, imaginando a variedade de fluidos corporais que poderiam estar espalhados por ali e optou por permanecer em pé.

Uma hora depois, Eve ouviu o chefe de polícia e também secretário de Segurança Tibble fazer

quase a mesma declaração que ela apresentara a Nadine. Ele usou um estilo de mais impacto do que o dela, refletiu Eve, tremendo ligeiramente por causa do frio, mas isso era devido ao fato de ter escolhido fazer o comunicado à imprensa na escadaria principal da Torre, como era conhecida a Secretaria de Segurança Pública, e em cujo último andar ficava a sua sala.

O tráfego aéreo havia sido remanejado durante o evento de trinta minutos, de modo que apenas algumas câmeras aéreas e helicópteros do Departamento de Trânsito cruzavam o céu acima deles.

Eve tinha certeza de que ele já sabia da entrevista que ela conce-; dera a Nadine, e poderia repreendê-la por isso. Como, porém, ela não recebera ordens oficiais para não se manifestar antes do secretário, seu desagrado seria um desperdício de tempo.

Eve sabia que o secretário Tibble raramente desperdiçava algo.

Ela o respeitava, ainda mais ao ver que ele conseguira oferecer uma declaração formal completa sem colocar em risco informações vitais a respeito do caso, informações essas que seriam importantes para os tribunais.

Quando a rajada de perguntas vindo da multidão de repórteres o atingiu, ele levantou as duas mãos e informou:

— Vou repassar as perguntas para a investigadora principal do caso, a tenente Eve Dallas.

Virando-se, cochichou ao ouvido de Eve:

— Cinco minutos apenas e não lhes entregue nada além do que já receberam. E da próxima vez, Dallas, vista um agasalho apropriado.

Ela se encolheu no leve casaco de couro e deu um passo à frente.

— Já existe algum suspeito?

Eve não suspirou, mas quis fazê-lo. Odiava enfrentar os meios de comunicação.

— Estamos interrogando várias pessoas que têm ligação com o caso.

— As vitimas foram violentadas sexualmente?

— Os casos estão sendo encarados como estupro seguido de homicídio.

— Qual a ligação entre os crimes? As vítimas se conheciam?

— Não estou autorizada a discutir este aspecto da investigação no momento. — Levantou a mão para cortar as furiosas reações. — Estamos, entretanto, tratando os casos como ligados uns aos outros. Conforme o secretário Tibble declarou, a investigação aponta, até o presente

momento, para um único assassino.

— Papai Noel está chegando à cidade — gritou um engraçadinho, provocando risos generalizados.

— Sim, façam piadinhas. — Eve sentiu o sangue ferver e isso a fez esquecer que suas mãos estavam congelando. — É fácil rir de longe sem ter visto o que ele deixa atrás de si. É fácil rir quando não foram vocês que comunicaram às mães das vítimas e a seus companheiros que a pessoa que amavam está morta.

A multidão fez um silêncio tão absoluto que foi possível ouvir o zunir das hélices dos helicópteros acima deles.

— Imagino — continuou Eve — que a pessoa responsável por toda esta tragédia e por todas essas mortes vai adorar estar servindo de diversão para os meios de comunicação. Vão em frente e dêem ao assassino o que ele espera. Tornem o assassinato de quatro pessoas uma questão pequena e tola, e transformem esse homem em estrela da mídia. Mas lembrem-se de que na Central de Polícia sabemos bem o que ele é. Sabemos que ele é uma figura patética, mais até do que vocês. Não tenho mais nada a declarar.

Ela virou as costas, ignorando os gritos, e quase se chocou com Tibble.

— Entre aqui um momento, tenente. — Ele a segurou pelo braço, conduzindo-a rapidamente por entre os guardas até se verem atrás das portas reforçadas. — Muito bem — disse falando depressa.

— Agora que terminamos este espetáculo desagradável, tenho que brincar de política com o prefeito. Vá em frente, faça o seu trabalho, Dallas, e pegue este filho-da-puta.

— Sim. Senhor.

— E consiga um par de luvas para você, pelo amor de Deus — acrescentou ao sair.

Eve enfiou uma das mãos no bolso para aquecê-la e pegou o comunicador com a outra. Tentou falar primeiro com Mira, mas lhe disseram que a psicóloga ainda estava analisando o suspeito. Em seguida, ligou para Peabody.

— Conseguiu alguma coisa com o colar?

— Temos uma possibilidade. Baubles and Bangles, na Quinta Avenida. O joalheiro deles foi o responsável pelo design do colar. Foi uma jóia única, feita por encomenda. Estão verificando nos arquivos, mas a vendedora disse que se lembra de o cliente ter ido pessoalmente pegar a peça. E eles têm câmeras de segurança na loja.

— Encontre-me na joalheria, estou indo para lá.

— Tenente? — Eve ouviu alguém chamá-la. Olhou para trás e viu os olhos fundos de Jerry Vandoren.

— Jerry, o que está fazendo aqui?

— Soube da entrevista coletiva. Eu queria... — Levantou as mãos e em seguida as deixou cair, indefesas. — Precisava ouvir o que a senhora tinha a dizer. Acompanhei tudo. Quero lhe agradecer... — Parou de falar, mais uma vez olhando em volta como se tivesse virado uma esquina e reparasse que estava em outro planeta.

— Jerry. — Ela o pegou pelo braço, levando-o para longe dali, antes que os repórteres sentissem o cheiro de carne fresca e o atacassem. — Você devia ir para casa.

— Não consigo dormir. Não consigo comer. Sonho com isso todas as noites. Marianna não está morta quando eu sonho com ela. — Ele inspirou e seu corpo estremeceu ao fazer isso. — Então eu acordo e entendo que ela se foi. Todos dizem que eu preciso de orientação psicológica para lidar com a dor da perda. Mas eu não quero deixar de senti-la, tenente. Não quero deixar de vivenciar o que sentia por ela.

Dallas se viu fora do seu elemento ao encarar a dor de um homem desesperado em busca de uma resposta dela. Ao mesmo tempo, não podia virar as costas para ele.

— Marianna não gostaria de ver você sofrer tanto assim. Ela o amava demais para isso.

— Mas quando eu parar de sentir dor significará que ela foi embora de verdade. — Fechou os olhos, apertou-os com força e tornou a abri-los. — Eu queria... queria apenas lhe dizer que gostei muito do que a senhora disse agora há pouco. Que não ia deixá-los transformar isso em uma piada. Sei que o deterá. — Um ar de súplica nadava em seus olhos. — A senhora vai detê-lo, não vai?

— Sim, eu vou detê-lo. Venha comigo — Gentilmente, ela o encaminhou até uma porta lateral. — Vou chamar um táxi para você. Onde foi mesmo que você disse que a sua mãe morava?

— Minha mãe?

— Sim, vá visitar a sua mãe, Jerry. Vá ficar em companhia dela por algum tempo.

— Estamos quase no Natal — comentou ele, piscando por efeito da luz do dia quando eles saíram para a rua.

— É. — Eve fez sinal para um policial fardado que estava encostado em uma viatura de patrulha e pediu que ele levasse Jerry para casa. Era melhor do que chamar um táxi. — Vá passar o Natal com a sua família, Jerry. Marianna gostaria que você fizesse isso.

Eve forçou-se a afastar Jerry Vandoren e seu pesar para fora da mente e se focar no próximo passo. Depois de enfrentar um engarrafamento, estacionou em um local proibido na porta da joalheria, ativou o sinaleiro do carro para informar que estava de serviço e se lançou através da multidão que lotava a calçada.

Imaginou que aquele era o tipo de lugar onde Roarke poderia entrar com descontração, ter o seu olhar atraído por alguns brilhantes expostos e gastar centenas de milhares de dólares em poucos minutos.

A loja era toda em rosa e dourado, como o interior de uma concha marinha. Música do tipo calmo e profundo que a fazia pensar em igrejas soava oelo ar de forma discreta.

As flores eram frescas, o tapete muito felpudo, e o guarda na porta estava discretamente armado.

Ao notar que ele lançara um olhar de desdém para seu casaco de couro e para as botas surradas, esticou o distintivo diante do seu rosto. Sentiu uma pontada de satisfação ao ver que o seu ar de desprezo desapareceu como por encanto.

Passou por ele, as botas gastas silenciosas no tapete rosa-bebê. Uma rápida olhada em torno mostrou uma mulher envolta em quilômetros de *vison* e confortaveimente instalada em uma *chaise longue* acolchoada, escolhendo entre diamantes e rubis; um homem alto de cabelos grisalhos com um casacão impecavelmente dobrado sobre um dos braços analisava relógios de ouro; adiante havia mais dois guardas; uma loura que não parava de dar risadinhas circulava em um frenesi consumista acompanhada por um homem velho o bastante para ser seu avô. Ele obviamente tinha mais dinheiro do que bom senso.

Avistou as câmeras de segurança, muito bem disfarçadas e embutidas na madeira entalhada que revestia o teto. Uma espiral fluida formada por degraus elegantes se lançava para o andar de cima. Porém, se as madames estivessem cansadas de carregar tantos quilos de ouro e pedras de um lado para outro da loja, seriam incentivadas a usar o brilhante elevador revestido de bronze.

Só o peso do imenso diamante que Eve trazia pendurado ao pescoço a impediu de lançar um olhar de desdém para tudo aquilo. Era levemente embaraçoso saber que Roarke poderia comprar todas as jóias expostas ali e mais o prédio onde a loja funcionava.

Aproximou-se de uma vitrine em cristal bisotado onde braceletes cravejados de pedras preciosas estavam artisticamente expostos e olhou para o atendente atrás do balcão. Ele não aparentou muita empolgação ao olhar para a sua figura. Estava tão enfeitado quanto os artigos que vendia, mas sua boca estava apertada e seus olhos exibiam um ar de tédio no momento em que perguntou, com a voz embebida de sarcasmo:

— Posso ajudá-la em alguma coisa, senhora?

— Sim. Chame o gerente.

— Há algum problema? — Ele bufou, inclinando a cabeça de um modo que fez as luzes refletirem em seu cabelo dourado.

— Depende da rapidez com que você me levar ao gerente.

Sua boca se contorceu, como se ele tivesse acabado de saborear algum alimento estragado.

— Um momento, por favor. E, por favor, não toque na vitrine. Ela acaba de ser limpa.

Babaquinha, pensou Eve, sem muito rancor, pois já conseguira colocar meia dúzia de impressões digitais na superfície reluzente no momento em que ele voltou com uma morena magra e atraente.

— Boa-tarde. Sou a sra. Kates, a gerente. Em que posso ajudá-la?

— Tenente Dallas, do Departamento de Polícia da cidade de Nova York. — Como o sorriso da mulher era muito mais caloroso do que o do balconista, Eve manteve o distintivo pouco acima do balcão e fora do campo de visão da clientela às suas costas. — Minha ajudante ligou ainda há pouco para falar a respeito de um colar.

— Sim, sim, eu falei com ela. Podemos conversar em minha sala?

— Ótimo. — Ao olhar em volta, percebeu que Peabody e McNab haviam acabado de chegar. Sem dar uma palavra, sinalizou para que a seguissem.

— Lembro-me do colar perfeitamente — comentou a sra. Kates enquanto os encaminhava para a sua sala, pequena e feminina. Gesticulou na direção de duas cadeiras de espaldar alto antes de se instalar atrás da mesa. — Meu marido foi o responsável pelo design da jóia, feito sob encomenda. Não consegui me comunicar com ele, mas creio que posso lhe fornecer qualquer informação de que necessite.

— A senhora tem os registros e recibos da venda?

— Sim. Pesquisei em nossos arquivos e já mandei imprimir uma cópia. — Com muita eficiência, abriu uma pasta, confrmou o conteúdo e a passou para Eve. — O colar foi feito em ouro de quatorze quilates, com corrente trançada e uma placa mais larga representando quatro pássaros estilizados. Uma peça encantadora.

Não lhe parecera encantadora, refletiu Eve, em volta do pescoço roxo de Brent Holloway.

— Nicolau Noel — murmurou lendo o nome do cliente. Ele provavelmente achara aquilo muito engraçado. — A senhora anotou o número de sua identidade?

— Não foi necessário. A transação foi feita em dinheiro vivo, sendo que o cliente pagou vinte

por cento no ato da encomenda e o restante quando veio pegá-la. — A sra. Kates cruzou as mãos. — Reconheci o seu rosto, tenente. Devo imaginar que este colar é parte de uma investigação de assassinato?

— Sim, pode imaginar. Este sr. Noel veio até aqui pessoalmente?

— Sim, três vezes pelo que eu me lembro. — A sra. Kates levantou a mão e bateu com as pontas dos dedos sobre os lábios, e em seguida tornou a baixá-los. — Falei pessoalmente com ele durante a sua primeira visita. Tem altura mediana, talvez um pouco mais para alto. Esbelto, mas não magro. Elegante — disse depois de pensar por um momento. — Uma bela figura. Cabelos escuros, um pouco longos, realçados por mechas prateadas. Lembro-me dele por sua elegância, educação impecável e a precisão com que definiu o que queria.

— Como era a voz dele?

— A voz? — Kates piscou por um momento. — Acho que... a voz de alguém culto, eu diria. Com um leve sotaque. Europeu, imagino. Uma voz calma. Tenho certeza de que a reconheceria se a ouvisse novamente. Lembro-me de ter atendido a uma ligação sua e reconheci a sua voz no instante em que falou.

— Ele ligou para cá?

— Uma ou duas vezes, creio, para saber como estava a criação do colar.

— Vou precisar dos seus discos de segurança e das gravações do *tele-link.*

— Vou pegá-los para a senhora. — Levantou-se de imediato. —Talvez leve algum tempo.

— McNab, dê uma mãozinha à sra. Kates com a parte de eletrônica.

— Sim, senhora.

— Ele sabia que viríamos até aqui para verificar — disse Eve a Peabody quando as duas ficaram sozinhas na sala.

— Talvez ele não imaginasse que encontraríamos o lugar tão depressa, nem que a sra. Kates tivesse uma memória tão boa.

— Não. — Insatisfeita, Eve se levantou. — Ele sabia. Este é o lugar aonde queria que viéssemos. É outro dos shows dele. Veio até aqui para desempenhar um papel, e certamente ele se parece com o homem que vamos ver tanto quanto se parece com Papai Noel.

Andou pela sala de um lado para outro e voltou.

— Ele usou roupas diferentes, outros apetrechos e um palco novo, mas continua comandando o show — continuou Eve. — Tenho certeza de que tomou todas as precauções, Peabody, mas

ele não é tão esperto quanto se acha. O registro de voz das gravações do te*le-link v*ai servir para incriminá-lo.

**CAPÍTULO DEZESSEIS**

Caramba, Dallas. — Feeney encolheu o ombro sobre o qual Eve estava debruçada. — Pare de cheirar o meu cangote!

— Desculpe. — Ela recuou alguns míseros centímetros. — Quanto tempo leva para programar a impressão de voz nessa máquina?

— O dobro do tempo, se você continuar me perturbando.

— Certo, certo. — Ela se afastou e foi até a janela da sala de conferências. — Está caindo uma garoa misturada com neve — comentou mais para si mesma do que para ele. — O tráfego vai ficar horrível mais tarde.

— O tráfego é sempre terrível nesta época do ano. Os malditos turistas chegam em ondas. Tentei fazer umas comprinhas ontem à noite. Minha mulher quer uma suéter. As pessoas estão como lobos sobre um cervo morto lá fora. Eu não volto lá de jeito nenhum.

— Compras on-line são mais práticas.

— Eu sei, mas os sistemas andam muito lentos. Todo mundo, e mais um punhado de gente, está navegando on-line, em busca de pechinchas. O pior é que se eu não aparecer com uns dez presentes em caixas lindas para colocar embaixo da árvore vou ter que dormir no escritório até a primavera.

— Dez presentes? — Ligeiramente aterrorizada, Eve continuou circulando em volta dele. — Você tem que comprar mais de um presente para a sua mulher?

— Puxa, Dallas, você é mesmo inexperiente nessa história de casamento, hein? — debochou Feeney, trabalhando manualmente na programação. — Um presente só não dá nem para a saída. O lance é quantidade, garota. Pense sempre em quantidade.

— Ótimo, adorei saber. Agora estou ferrada.

— Você ainda tem dois dias pela frente. Pronto, acabei de instalar.

O dilema a respeito das compras desapareceu de sua cabeça e ela foi correndo até o computador.

— Rode logo!

— É o que estou fazendo. Aqui está o nosso homem, no tele*link*.

*Eu poderia falar com o sr. ou com a sra. Kates?*

— Eu cortei as outras vozes, por isso é que está com pausas — explicou Feeney.

*Bom dia, sra. Kates. Aqui é Nicolau Noel. Gostaria de saber como vai o projeto do colar que encomendei.*

— Posso rodar o resto, mas isso já é o suficiente para fazer uma comparação.

— O sotaque é indefinido — avaliou Eve — e ele está disfarçando. Muito esperto. Já pegou a voz de Rudy?

— Estou jogando no sistema. Peguei algumas frases da fita do interrogatório. Só a voz dele.

*Aconselhamos todos os nossos clientes a marcarem encontros com as pessoas da lista de contatos em lugares públicos. Se alguém concordou em ir vê-lo em um lugar privado depois da primeira conversa, foi por escolha pessoal.*

— Agora comparamos. Essa beleza considera tudo: tons graves e agudos, inflexão, cadência, qualidade do tom. Não adianta nada disfarçar a voz. É tão confiável quanto impressões digitais e exame de DNA. Não dá para falsificar. Mudar para campo A e comparar estilo em tela e em áudio.

*Processando...*

Eve ouviu a ligação com o som gravado do *tele-link, v*iu quando as linhas coloridas se movimentaram e saltaram na tela.

— Divida a tela ao meio — pediu ela. — Coloque a gravação do interrogatório embaixo dela.

— Espere um instante. — Feeney ordenou que o computador executasse a ordem, e então apertou os lábios. — Pintou um problema.

— Que foi? O que está acontecendo?

— Mostrar os dois gráficos na tela! — ordenou e soltou um suspiro ao ver que os picos e vales não se sobrepunham. — Elas não batem uma com a outra, Dallas. Não estão nem perto disso. Você tem duas vozes diferentes aqui.

— Merda. — Ela passou os dedos pelos cabelos. Confirmou por si mesma e sentiu o estômago começar a arder. — Deixe-me pensar... Muito bem, e se ele usou um aparelho para alterar a voz para falar no te*le-link* que usava?

— Ele poderia embaralhar um pouco as coisas, mas ainda teríamos pontos em comum. O melhor que posso fazer é pesquisar algum disfarce eletrônico e limpá-lo, caso encontre. Mas já vi muitos casos como esse para saber que estamos diante de dois caras diferentes.

Tornou a suspirar e lançou-lhe um de seus olhares pesarosos, dizendo:

— Desculpe, Dallas. Sei que isso vai atrasar um pouco as coisas.

— É... — esfregou os olhos. — Mesmo assim pesquise o disfarce, sim, Feeney? E quanto à pesquisa traço por traço das feições dele em vídeo?

— Está sendo feita... lentamente. Posso comparar o formato das orelhas e dos olhos de Rudy com o do assassino.

— Vamos seguir essa trilha também. Vou verificar com Mira para ver se o perfil dele está pronto.

Para ganhar tempo, Eve ligou para o consultório de Mira. A médica já fora embora, mas um relatório preliminar fora transmitido para o *telelink* da sala de Eve. Ela foi direto para lá, refletindo sobre o exame de voz enquanto caminhava.

Esse cara é muito esperto, avaliou. Talvez tenha imaginado que nós faríamos uma análise eletrônica da sua voz. Antecipou-se a nós e arrumou um jeito de burlar o sistema. Quem sabe ele não pedira a alguém que ligasse para a joalheria por ele?

Isso já era forçar a barra, admitiu. Mas não era impossível.

Ouviu o que jurava ser uma risadinha tola vindo de sua sala e, quando entrou, viu Peabody batendo o maior papo com Charles Monroe.

— Peabody?

— Sim, senhora. — Peabody se colocou em pé na mesma hora, em estado de alerta. — Charles... ahn, o sr. Monroe, tem algumas... ahn... ele queria...

— Controle os seus hormônios, policial. Charles?

— Olá, Dallas. — Sorriu ele, levantando-se do braço da cadeira solitária de Eve, onde se sentara. — Sua auxiliar me fez companhia enquanto eu esperava por você, e de forma charmosa, devo acrescentar.

— Aposto que sim. Qual é o lance?

— Pode não ser nada, mas... — Encolheu os ombros. — Uma das mulheres da minha lista de contatos ligou há duas horas. Parece que o candidato com quem combinara de sair para um fim de semana acabou furando com ela. Como estava só, pensou que talvez eu aceitasse substituílo, embora não tivéssemos nos encontrado ainda.

— Essa história é fascinante, Charles. — Impaciente para tocar o trabalho em frente, Eve se jogou sobre a cadeira. — Só que eu não me sinto qualificada para lhe dar conselhos a respeito da sua vida social.

— Pode deixar que eu sei lidar bem com essa parte. — Para provar o que dissera, deu uma piscada marota para Peabody, o que serviu para deixá-la vermelha de satisfação. — Cheguei a

considerar a idéia de aceitar o convite dela, mas sabendo como andam as coisas resolvi puxar assunto e bater um bom papo antes para testar o terreno.

— Há alguma coisa de importante nessa história?

— Gosto de meu momento ao sol, Tenente Docinho. — Inclinou-se na direção dela. Ambos ignoraram o riso que Peabody tentou prender. — Dei corda e ela começou a se abrir. Teve uma briga feia com o cara com quem vinha saindo e abriu o coração comigo. Ela o pegou no flagra com uma ruiva. Depois me contou que ele tentara limpar a barra com ela pedindo a Papai Noel que lhe levasse um presente, ontem à noite.

Eve se levantou devagar e focou os olhos nele.

— Vá falando, Charles...

— Sabia que você ia se interessar pela minha história. — Satisfeito, Charles inclinou o corpo ligeiramente para trás. — Ela contou que a campainha tocou mais ou menos às dez horas de ontem à noite e, quando ela foi ver pelo olho mágico, Papai Noel estava no corredor com uma imensa caixa prateada na mão. — Ele balançou a cabeça. — Pode crer, tenente... sabendo o que eu sei, meu coração quase parou. Mas ela continuou contando o caso, dizendo que não ia dar ao traidor safado a satisfação de abrir a porta e receber o presente. Resumindo: escapou da triste maquiagem que ele ia fazer nela.

— Ela não o deixou entrar, então... — murmurou Eve.

— E só por isso ficou viva para me ligar e desabafar um pouco.

— Sabe o que ela faz para viver?

— Sei. É bailarina clássica.

— Sim, isso combina — murmurou Eve. — Preciso do nome e do endereço dela. Peabody?

— Estou pronta, tenente.

— Cheryl Zapatta, mora na rua 28 Oeste — informou Charles. — Isso foi tudo o que consegui.

— Vamos encontrá-la.

— Escute, eu não sei se fiz a coisa certa, mas contei tudo a ela. Sua entrevista com Nadine Furst tinha acabado de passar no noticiário, então eu achei que já não era mais segredo. Disse para ela assistir às últimas notícias e coloquei-a a par de tudo. — Soltou o ar com força. — Ela entrou em pânico. De verdade. Disse que ia sumir da cidade. Não sei se vocês vão conseguir encontrá-la.

— Mesmo que ela tenha caído fora, podemos conseguir um mandado para entrar e vasculhar a

sua casa. Você fez a coisa certa, Charles — disse Eve depois de um momento. — Se não lhe tivesse contado a história, seria bem capaz de ela mudar de idéia e abrir a porta, caso ele voltasse. Obrigada por ter vindo me relatar tudo isso.

— Faço qualquer coisa por você, Tenente Docinho. — Ele se levantou. — Você pode me contar as novidades?

— Veja tudo pelo telão de sua casa — aconselhou Eve.

— Claro. Ahn... importa-se de me mostrar o caminho para sair daqui, policial? — Lançou um sorriso de derreter corações para Peabody. — Estou meio perdido aqui dentro.

— Claro. Posso, tenente?

— Vá em frente. Dispensou-os com um aceno de mão e mergulhou de cabeça no relatório de Mira. Absorvida pela leitura e frustrada, não reparou que Peabody levou vinte minutos para mostrar a Charlie o caminho para a passarela externa ou o elevador.

— Ela livrou a cara do filho-da-mãe. — Eve se recostou na cadeira e estava passando as mãos no rosto quando Peabody voltou.— Não tenho nada para poder acusá-lo.

— Rudy?

— Seu perfil de personalidade não se encaixa com o do assassino. Sua capacidade de praticar atos violentos também está lá embaixo na escala. Ele tem desvios comportamentais, é inteligente, obsessivo, possessivo e sexualmente limitado, mas, na opinião da doutora, não é o nosso homem. Droga! Se o advogado dele conseguir uma copia disso, não conseguirei nem mesmo tocar no safado.

— Continua achando que ele é suspeito?

— Nem sei mais o que estou achando. — Tentou manter as idéias e o mau humor sob controle. — Vamos voltar atrás e começar tudo de novo, desde o princípio. — Vamos tornar a falar com as pessoas, desde a primeira vítima.

Às quinze para as nove da noite, Eve estava subindo os degraus de casa. Já estava irritada quando Summerset a saudou no saguão com seu olhar bilioso usual, acompanhado do comentário de que ela tinha exatamente quinze minutos para se tornar apresentável diante dos convidados que estavam para chegar.

Não ajudou muito ela correr para o quarto e encontrar Roarke já de banho tomado e vestido.

— Vou conseguir! — garantiu ela, correndo para o banheiro.

— É uma festa, querida, não um teste de velocidade. — Ele foi caminhando com toda a calma atrás dela, só pelo prazer de vê-la tirar a roupa. — Não precisa se apressar.

— Sei... Até parece que eu vou me atrasar e permitir que aquele cara-de-bunda tenha mais um motivo para reclamar de mim. Ducha, ligar todas as saídas de água a trinta e oito graus!

— Você não precisa da aprovação de Summerset. — Encostou-se na parede de forma descontraída para observá-la; ela era rápida e se movia com eficiência, sem desperdiçar movimentos. — De qualquer modo, por tradição, as pessoas nunca chegam exatamente na hora marcada em festas como esta.

— Estou só um pouco atrasada. — Reclamou quando um pouco de xampu entrou em seus olhos, fazendo-os arder. — Perdi meu principal suspeito e vou ter que recomeçar tudo da estaca zero. — Saindo do boxe, deu um passo na direção do tubo secador, mas parou. — Droga, eu tenho que passar aquele troço gosmento no cabelo antes ou depois de secá-lo?

Como Roarke tinha uma idéia aproximada a respeito do produto ao qual ela estava se referindo, pegou um frasco da prateleira e colocou um pouco na palma da mão.

— Pronto, aqui está — mostrou ele. — Permita-me...

O jeito com que as mãos dele massagearam-lhe os cabelos a deixou com vontade de ronronar, mas, em vez disso, virou-se para ele e estreitou os olhos.

— Não se faça de espertinho comigo não, meu chapa. Não tenho tempo para isso agora.

— Não tenho idéia de sobre o que está falando. — Divertindo-se com aquilo, pegou outro frasco e derramou uma quantidade generosa de loção para o corpo nas mãos. — Estou simplesmente ajudando você a se aprontar — explicou ele, passando as mãos escorregadias sobre os ombros e os seios dela —, já que me parece tão atrapalhada por causa do horário.

— Escute aqui... — Ela fechou os olhos e suspirou quando as mãos dele deslizaram pelo corpo dela até a cintura e acariciaram suas nádegas. — Acho que você deixou um pedacinho de pele sem loção.

— Puxa, isso foi um descuido. — Abaixando a cabeça, ele cheirou o pescoço dela e deu-lhe uma mordida. — Quer aproveitar o momento para ficar muito atrasada logo de uma vez?

— Quero. Mas não vou fazer isso. — Ela se desvencilhou dele e pulou no tubo para secar o corpo. — Só não quero que você se esqueça do ponto em que parou.

— Foi uma pena você não ter chegado uns vinte minutos mais cedo. — Depois de reconhecer que ficar ali olhando para ela não ia fazer o seu sangue esfriar, Roarke voltou para o quarto.

— Agora eu preciso apenas passar uma pintura, rapidinho. — Saindo do tubo, correu para o espelho sem se preocupar em vestir o roupão. — Que tipo de roupa é adequada para uma

ocasião como a de hoje?

— Use isto.

Ela parou de passar o rimel de forma desajeitada e olhou para ele com cara feia, perguntando:

— Por acaso eu o ajudo a escolher a sua roupa?

— Eve, por favor...

— Tudo bem, reconheço que foi um mau exemplo, mas estou sem tempo para pensar em outro. — Ela teve que rir. Resolveu o problema do penteado passando os dedos rapidamente pelos cabelos, virou-se na direção do quarto e viu Roarke avaliando algo nas mãos que algumas pessoas talvez chamassem de vestido.

— Ah, qual é?! Não vou vestir isso!

— Mavis o trouxe uma noite dessas. Leonardo o desenhou especialmente em sua homenagem. Vai ficar muito bonito em você.

Ela franziu o cenho analisando as fluidas tiras de tecido prateado que se encontravam nos lados do corpo, presas por finas correntes de strass. As correntinhas de strass se repetiam nos ombros, recolhendo um pedaço de tecido drapeado na frente e outro atrás, sendo que o decote de trás era mais baixo. M*uito* mais baixo.

— Por que não apareço logo nua e poupamos tempo?

— Primeiro vamos ver como ele fica.

— O que se veste por baixo disso?

— Você já está vestindo — explicou ele, empurrando a bochecha com a língua.

— Minha nossa! — De forma meio desajeitada, ela entrou na roupa e rebolou um pouco para fazê-la subir.

O material era suave como uma cascata e colava no corpo como um amante. As sedutoras aberturas laterais expunham a pele lisa e as curvas suaves do seu corpo.

— Querida Eve. — Ele a tomou pelo braço, a fez girar e esfregou a ponta do nariz na palma de sua mão, em um dos gestos que costumava usar para deixá-la com as pernas bambas. — Às vezes você me deixa sem fôlego. Tome, experimente isso agora.

Pegou um par de brincos de diamantes em forma de gota em cima da penteadeira e o entregou a ela.

— Esses brincos já eram meus ou são um presente?

— Você os ganhou há vários meses. — Ele sorriu. — Nada de presentes novos até o Natal.

Ela os prendeu e decidiu aceitar numa boa quando ele começou a escolher sapatos para ela.

— Não há lugar nessa roupa para enfiar o meu comunicador e eu estou de serviço.

— Tome. — Ele ofereceu-lhe uma bolsinha de noite ridiculamente pequena que combinava com os sapatos.

— Mais alguma coisa?

— Não, você está perfeita. — Sorriu ao ouvir o bipe do portão e viu que os primeiros convidados já estavam chegando de carro. — E bem na hora! Agora vamos descer para que eu possa exibir a todos a minha linda mulher.

— Não sou um poodle — resmungou ela, fazendo-o rir.

Uma hora depois, a casa já estava cheia de gente, música e luzes. Olhando em volta do salão de festas, Eve se sentiu grata pelo fato de Roarke jamais esperar que ela participasse dos preparativos.

Havia imensas mesas que pareciam se envergar sob o peso de travessas de prata cheias de comida: presunto coberto de mel vindo da Virgínia, um pato de pele brilhante originário da França, carne nobre de Montana, lagosta, salmão, ostras colhidas nos ricos leitos do satélite Silas I, uma imensa quantidade de legumes colhidos naquela manhã e habilmente apresentados em padrões elaborados. Sobremesas capazes de fazer cair em tentação um prisioneiro político em greve de fome rodeavam uma árvore com quase um metro de altura feita de tortas cobertas de creme e cheias de enfeites pendurados, pequenas imagens esculpidas em marzipã.

Eve percebeu que nunca deixava de se maravilhar diante das elaboradas produções que o homem com o qual se casou conseguia organizar.

Dois pinheiros muito altos decorados com milhares de luzes brancas e estrelinhas prateadas haviam sido instalados nos dois lados do salão de baile. As janelas, que iam do chão ao teto, não mostravam a neve fraca misturada com chuva fina que continuava a cair, e sim o holograma de uma paisagem nevada de sonho onde casais esquiavam juntos por um monte com suave declive, sobre reluzentes esquis vermelhos.

Apresentar algo com tantos detalhes assim só podia ser, realmente, coisa de Roarke.

— Oi, doçura. Você está sozinha no meio deste palácio?

Eve levantou uma sobrancelha quando sentiu a mão de alguém apertando-lhe o traseiro. Virou o rosto lentamente até ficar de cara com McNab.

Ele ficou vermelho, depois empalideceu por completo e, em seguida, tornou a enrubescer.

— Caraca!... Tenente... Isso é... senhora!

— Sua mão está na minha bunda, McNab. Não acho que você deseje que ela permaneça aqui.

Ele tirou a mão depressa, como se tivesse levado um choque.

— Caraca! Puxa, eu... Merda. Peço desculpas. Eu não reconheci a senhora, isto é... — Apertou a mão dela, torcendo para que Eve o deixasse com a mão inteira para ele poder enfiá-la no bolso. — Não sabia que era a senhora... A senhora parece tão... — As palavras lhe faltaram.

— Acho que o detetive McNab está tentando elogiá-la, Eve. — Roarke surgiu de repente e, como não dava para resistir, encarou fixamente os olhos apavorados de McNab. — Não foi isso, Ian?

— Sim. Isto é...

— Se eu suspeitasse que ele sabia que era a sua bunda que estava apertando, eu seria obrigado a matá-lo. Aqui mesmo... — Roarke estendeu a mão e ajeitou a chamativa gravata-borboleta vermelha de McNab — e neste instante.

— Ora, mas eu mesma já teria cuidado disso — interveio Eve, de forma seca. — Acho que você precisa de um drinque, detetive.

— Sim, senhora, preciso mesmo.

— Roarke, por que não toma conta dele? Mira acabou de chegar e eu quero falar com ela.

— Seria um prazer. — Roarke passou a mão sobre o ombro de McNab e o apertou com um pouco mais de força do que seria confortável.

Atravessar o salão até o outro lado levou mais tempo do que Eve planejara. Ela se sentia surpresa ao ver o quanto as pessoas gostavam de falar em festas. E sobre nenhum assunto em particular, diga-se de passagem. Isso a atrasou bastante, mas de repente avistou Peabody, que parecia muito diferente da policial que ela via todos os dias. Vestia roupa de gala, calças largas em tom de ouro fosco e uma jaqueta curta sem mangas. Seu braço estava pendurado de forma confortável no de Charles Monroe.

Eve decidiu que Mira podia esperar um pouco.

— Olá, Peabody.

— Oi, Dallas. Uau! Este lugar está lindo!

— Está sim. — Eve desviou um olhar zangado para Charles. — Como vai, sr. Monroe?

— Parabéns por sua casa fabulosa, tenente.

— Não me lembro de ter visto o seu nome na lista de convidados.

Peabody ficou vermelha de raiva e empinou o corpo, dizendo:

— O convite dizia que era permitido vir acompanhado.

— É isso então que está acontecendo? — perguntou Eve a Peabody, mantendo os olhos em Charles. — Ele é o seu acompanhante?

— Sim. — Charles baixou a voz, e um lampejo de mágoa surgiu em seus olhos. — Delia já sabe a respeito da minha profissão.

— E você vai oferecer a ela o desconto-padrão para policiais?

— Dallas! — Horrorizada, Peabody deu um passo à frente.

— Está tudo bem — acudiu Charles, puxando-a para trás. — Não estou aqui a trabalho, Dallas, e tinha a esperança de passar uma noite agradável junto de uma mulher cuja companhia me faz bem. A casa é sua. Se preferir que eu me retire, tudo bem. É você quem manda.

— Ela já é uma menina grandinha.

— Sim, ela é mesmo — murmurou Peabody. — Espere um minutinho, Charles — acrescentou, e então segurou Eve pelo braço e a puxou de lado.

— Ei! — reagiu Eve.

— Não, ei digo eu! — Com a voz borbulhando de fúria, Peabody levou Eve para um canto. — Não sou obrigada a informar a você a respeito do que faço em minhas horas vagas, nem sobre os meus relacionamentos, e você não tem o direito de me deixar envergonhada diante de meu acompanhante.

— Espere um instante...

— Ainda não acabei! — Mais tarde, Peabody ia lembrar o ar de choque no rosto de Eve, que ficara muda, mas naquele instante estava revoltada demais para notar a sua reação. — O que faço quando não estou de serviço não tem nada a ver com o trabalho. Se eu quiser subir na mesa de uma boate para dançar nas horas vagas é assunto meu. Se eu resolver pagar seis acompanhantes autorizados para treparem comigo todos os domingos é assunto meu. E se eu quiser sair com um homem interessante e atraente que, por algum motivo, também topa sair

comigo, também é assunto meu.

— Mas eu estava apenas...

— Ainda não acabei! — disse Peabody entre dentes. — No trabalho, você manda. Mas é só lá. Se não quiser me receber em sua casa com Charles, vamos embora.

Quando Peabody girou sobre os calcanhares, Eve a agarrou pelo pulso.

— Não quero que vocês vão embora. — Sua voz estava tranqüila, controlada e dura como uma tábua petrificada. — Peço desculpas por me intrometer em sua vida pessoal. Espero que isso não estrague a sua noite. Perdoe-me.

Magoada, terrivelmente magoada consigo mesma, Eve se afastou devagar. Seu estômago ainda estava dando voltas quando encontrou Mira.

— Não quero afastá-la da festa, doutora, mas preciso de alguns minutos do seu tempo. Em particular.

— Claro. — Preocupada ao ver o olhar sombrio e o rosto pálido da anfitriã, Mira lhe estendeu a mão. — O que aconteceu, Eve?

— É particular — repetiu ela, ordenando a si mesma que sepultasse os sentimentos enquanto mostrava o caminho à médica. — Podemos conversar na biblioteca?

— Oh! — No instante em que entrou, Mira levou as mãos à boca, com ar de puro prazer. — Que lugar maravilhoso! Que tesouros incríveis! Pouca gente aprecia a sensação e o aroma de um livro de verdade nas mãos. A delícia que é enroscar-se em uma poltrona com o calor de um livro tradicional em vez da fria eficiência de um arquivo de texto em disco.

— Roarke curte livros — explicou Eve, com simplicidade, e fechou a porta. — Quanto aos testes de Rudy, doutora... eu questiono algumas das suas conclusões.

— Sim, imaginei que o faria. — Mira circulou pelo aposento, admirando tudo, até que por fim se acomodou em uma poltrona de couro macio, alisando a saia de seu elegante conjunto rosa. — Ele não é o assassino que procura, Eve, nem o monstro que você quer que ele seja.

— Isso não tem nada a ver com o que eu quero.

— O relacionamento dele com a irmã incomoda você profundamente, em nível pessoal. Ela, porém, não é como você. Não é uma menina, nem é indefesa, e, apesar de eu achar que ele a controla em demasia, ela não está sendo forçada a nada.

— Ele a usa.

— Sim, e ela a ele. É mútuo. Concordo que ele é obsessivo com relação a ela. É sexualmente

imaturo. O detalhe que o elimina de sua lista, porém, Eve, é o fato de que eu acredito que ele é impotente com qualquer outra pessoa que não seja a sua irmã.

— Mas ele estava sendo chantageado, e o chantagista está morto. Um cliente estava dando em cima de sua irmã e também morreu.

— Sim, e admito que foi com esses dados em mente que eu me preparei para achá-lo capaz de cometer esses assassinatos. Mas ele não é. Apresenta algum potencial para violência física quando o provocam ou quando é ameaçado, mas é uma coisa rápida e momentânea. Não está no seu temperamento planejar, orquestrar e executar o tipo de assassinatos com os quais você está lidando.

— Então simplesmente o descartamos? — Eve se afastou. — Vamos deixá-lo escapar?

— Incesto é contra a lei, mas temos que provar que houve coerção. Não é o caso aqui. Compreendo a sua necessidade de puni-lo e também, na sua cabeça, de libertar a irmã do seu jugo.

— Isso não tem nada a ver comigo.

— Eu sei disso, Eve. — Como lhe doía o coração olhar para ela, Mira esticou o braço e pegou a mão de Eve, a fim de acalmá-la. — Não fique se punindo.

— Eu me foquei nele por causa disso. Sei que sim. — Sentindo-se subitamente cansada, Eve pareceu murchar ao lado de Mira. — Por ter agido desse modo, talvez tenha deixado de perceber alguma coisa, algum detalhe que poderia levar ao assassino.

— Você seguiu passo a passo os caminhos mais lógicos e concretos. Ele precisava ser eliminado da lista.

— Mas levei tempo demais para fazer isso. E sempre que a minha intuição dizia que eu estava olhando para o homem errado, a ignorava. Porque continuava a ver a mim mesma. Olhava para ela e imaginava, lá no fundo: e*la poderia ser eu. Se eu não tivesse matado aquele filho-da-mãe, eu hoje seria o que ela é.*

Ela abaixou a cabeça, colocou-a entre as mãos e em seguida passou os dedos pelos cabelos, desabafando:

— Nossa, eu estou estragando as coisas com todo mundo.

— Como assim?

— Não importa, não adianta tocar nesse assunto.

— Como assim? — insistiu Mira, acariciando o cabelo de Eve.

— Eu não consigo lidar nem mesmo com uma festividade absolutamente normal como o Natal. Só de pensar o que devo fazer, o que comprar e como agir já faz o meu estômago arder.

— Oh, Eve. — Rindo de leve, Mira balançou a cabeça. — Essa época de Natal leva quase todo mundo à loucura, e com esses mesmos problemas. É completamente normal.

— Não, para mim não é. Nunca precisei me preocupar com essas coisas antes. Não havia tantas pessoas na minha vida.

— Pois agora você as tem. — Mira sorriu, permitindo-se acariciar novamente a cabeça de Eve. — De quem, exatamente, você acha que quer se livrar?

— Acho que acabei de chutar Peabody para fora de campo. — Desgostosa consigo mesma, Eve tornou a se levantar. — Ela veio à festa com um acompanhante licenciado. Tudo bem que ele é uma pessoa legal, mas é um tremendo prostituto, embora seja também um cara extremamente atraente, elegante e divertido.

— Isso incomoda você — sugeriu Mira. — Você se incomoda com o fato de gostar dele, por um lado, e por outro desprezá-lo pela forma como ganha a vida.

— Não se trata de mim, trata-se de Peabody. Ele diz que quer um relacionamento sério; ela fica babando enquanto olha para ele e ficou mortalmente ofendida por eu ter reclamado disso.

— A vida é complicada mesmo, Eve, e eu acho que você conseguiu criar uma vida própria, com todos os conflitos, problemas e sentimentos de mágoas que isso implica. Se ela ficou zangada com você, é devido ao fato de não haver ninguém no mundo que ela admire ou respeite mais.

— Puxa vida!...

— Ser querido é uma responsabilidade pesada. Vocês vão acabar acertando os ponteiros porque ela é importante para você.

— Estou terrivelmente cercada de gente que é importante para mim.

O monitor instalado na biblioteca piscou e acendeu sozinho. O rosto incomodado de Summerset encheu a tela.

— Tenente, os seus convidados estão perguntando pela senhora.

— Ei, caia fora daí! — Eve sorriu de leve ao ver que Mira engoliu uma gargalhada. — Pelo menos existe uma pessoa com a qual eu não preciso me incomodar sobre saber lidar ou não. Eu não devia ter estragado a sua festa.

— Você não fez isso. Gosto muito quando conversamos.

— Bem... — Eve pensou em colocar as mãos nos bolsos, mas se lembrou de que não havia nenhum em sua roupa e suspirou. — A senhora se incomodaria de esperar por mim aqui só mais um instantinho? Tem algo que preciso pegar no escritório.

— Certamente. Posso dar uma olhada nos livros?

— Claro que sim, fique à vontade. — Como não queria perder tempo para sair e dar a volta, a fim de descer pelas escadas, Eve pegou o elevador. Voltou em menos de três minutos, mas Mira já estava bem instalada em uma poltrona com um livro nas mãos.

— *Jane Eyre*. — Suspirou, colocando o livro de lado. — Não o leio desde que era menina. É tão arrebatadoramente romântico...

— Pode pegá-lo emprestado, se quiser. Roarke não vai se incomodar.

— Eu tenho um exemplar. Só não tenho tempo de lê-lo. Obrigada mesmo assim.

— Queria lhe dar isto. Faltam dois dias para o Natal, mas... pode ser que eu não a veja pessoalmente. — Sentindo-se ridícula naquela situação, entregou-lhe uma caixa de presente elegantemente embrulhada.

— Ora, mas que gentileza a sua... — Com óbvia satisfação, Mira segurou a caixa. — Posso abri-lo agora mesmo?

— Claro, essa é a idéia, não é? — Ela se afastou meio de lado e girou os olhos para cima com impaciência ao ver Mira desfazer com todo o cuidado o laço elaborado e abrir o embrulho com delicadeza e calma, desdobrando os cantos do papel.

— Isso deixa a minha família louca também — disse, rindo. — Não consigo rasgar tudo; o pior é que eu guardo os papéis usados e os laços, como um ratinho de sótão. Tenho um armário cheio de papéis de presente dobrados, mas acabo não reaproveitando nada. Mas... — Emudeceu ao abrir a tampa da caixa e ver um frasco de perfume lá dentro. — Ora, mas isso é adorável, Eve. E tem o meu nome gravado no vidro.

— É um perfume personalizado. O cliente descreve para o perfumista as características físicas da pessoa, fala um pouco da sua personalidade e ele cria uma fragrância individual.

— Charlotte — murmurou Mira. — Não sabia que você conhecia o meu primeiro nome.

— Acho que ouvi em algum lugar.

— Foi muita consideração sua. — Mira piscou para conter as lágrimas, colocou o frasco de lado e se virou para abraçar Eve com força. — Obrigada.

Tomada de embaraço e afeto, Eve se deixou abraçar.

— Alegra-me muito que tenha gostado, doutora. Sou novata nesse tipo de coisa.

— Pois você se saiu muito bem. — Mira afastou-se, mas manteve o rosto de Eve entre as mãos. — Estou muito orgulhosa de você. Agora preciso ir ao toalete para retocar a maquiagem, porque uma das minhas tradições é chorar ao receber presentes de Natal. Pode deixar que eu sei onde é — acrescentou dando tapinhas carinhosos no rosto de Eve. — Vá dançar com o seu marido e exagere discretamente no champanhe. O mundo lá fora vai continuar no mesmo lugar amanhã.

— Preciso impedi-lo.

— E vai conseguir. Hoje, porém, você precisa curtir a vida. Vá procurar Roarke e aproveite a noite.

## CAPÍTULO DEZESSETE

Eve fez o que a médica ordenou. Até que não foi um mau conselho, decidiu, sentindo-se com a cabeça meio leve enquanto se balançava nos braços de Roarke ao som de uma música suave e romântica, em um salão cheio de cores, fragrâncias e luzes.

— Acho que consigo suportar — murmurou.

— Hein?

Ela sorriu e colocou os lábios perto do ouvido de Roarke.

— Acho que consigo suportar — repetiu, afastando-se para olhar para ele. — Estou falando dessa produção toda, típica de Roarke.

— Bem... — Suas mãos deslizaram pelas costas dela acima e depois tornaram a descer. — É bom saber disso.

— Você tem um monte de coisas bem produzidas, Roarke.

— Realmente eu tenho um monte de coisas bem produzidas. — E uma esposa, pensou, com um brilho divertido nos olhos, que estava de pilequinho.

— Às vezes isso me assusta. Mas não hoje. Isso está muito gostoso. — Suspirando, esfregou o rosto no dele. — Que tipo de música é essa?

— Você gosta?

— Sim. É sexy.

— Século vinte, basicamente década de 1940. Era um gênero conhecido como Big Band. Aquele holograma representa a orquestra de Tommy Dorsey interpretando este pequeno número. "Moonlight Serenade".

— Nossa, mas isso faz um milhão de anos que aconteceu.

— Quase.

— Como é que você sabe dessas coisas todas?

— Talvez eu tenha nascido na época errada.

— Não, você está no tempo certo. — Suspirou nos braços dele e sentiu a música aumentar de volume. Inclinou a cabeça no seu ombro para observar melhor o salão em volta. — Todos parecem felizes. Feeney está dançando com a mulher. Mavis está sentada no colo de Leonardo ali no canto, e lá está Mira com o marido. Estão todos rindo. McNab continua dando em cima

de todas as mulheres da festa, mas não afasta o olho de Peabody nem tira o bico do seu uísque escocês, Roarke.

Olhando descontraído, Roarke se virou para trás e levantou uma sobrancelha, avisando:

— Trina resolveu atacá-lo. Nossa, ela vai comer o menino vivo.

— Pois ele não me parece preocupado com isso. — Voltou a se encostar nele. — A festa está ótima.

A música mudou e, quando uma batida marcante começou a soar, o queixo de Eve caiu.

— Caramba, olhe só o maluco do Cabeção. O que ele está fazendo?

Rindo muito, Roarke enlaçou Eve pela cintura, colocando-se ao lado dela.

— Acho que o nome dessa dança é *jitterbug.*

Atordoada com a cena, Eve viu o chefe do laboratório rodar e circular com Nadine Furst por todo o salão, girando-a, atirando-a para cima e pegando-a de volta.

— Puxa, dá para entender o porquê desse nome agitado. Jamais consigo que ele se mexa assim tão depressa no laboratório. Uau! — Seus olhos se arregalaram quando Dickie pegou Nadine pelas pernas. Ela deu uma gargalhada quando seus pés voltaram ao chão e a multidão soltou gritos de aprovação.

— Parece divertido. — Eve se viu rindo, encostada de forma carinhosa em Roarke.

— Quer tentar?

— Não, não. — Mas ela riu mais e começou a mexer com os *i* pés, no compasso da música. — Só olhar já está bom.

— Isso não é mais que demais? — perguntou Mavis, trazendo Leonardo pela mão. — Quem diria que Nadine sabia dançar daquele jeito, hein? A festa está demais mesmo, Roarke. Dessa vez você se superou!

— Obrigado. Você está com uma aparência muito festiva, Mavis.

— Sim. É a minha indumentária alegre. — Riu e deu uma voltinha para exibir os pedaços de tecido multicolorido que a cobriam do busto até o tornozelo. Com o movimento do corpo eles se separavam, revelando parcialmente a pele coberta de tinta dourada, combinando com o cabelo, que parecia se lançar para o alto como se estivesse saindo de uma fonte a partir de um coque selvagem.

— Leonardo achou que o seu vestido deveria ser um pouco mais sofisticado — contou a Eve.

— Ninguém faz com que as minhas criações resplandeçam tanto quanto você e Mavis, Eve. — Com estatura muito mais elevada do que todos eles, Leonardo exibiu seu sorriso magnífico. — Feliz Natal, Dallas. — Inclinou-se para beijá-la no rosto. — Trouxemos uma coisinha para vocês. O presente é para os dois.

Pegou um pacote que trazia escondido atrás das costas e o colocou nas mãos de Eve.

— Mavis e eu vamos passar o nosso primeiro Natal juntos e devemos isso em grande parte a vocês dois. — Seus olhos em tom dourado brilharam rasos d'água.

Como não conseguiu pensar em nada para dizer, Eve colocou o pacote sobre uma das mesas dos convidados e começou a desembrulhá-lo.

Dentro havia uma caixa de madeira entalhada e polida com brilhantes dobradiças de cobre.

— É linda! — foi a reação de Eve.

— Abra — incentivou Mavis, quase pulando. — Diga a eles para que serve, Leonardo.

— A madeira representa a amizade, o metal representa o amor. — Esperou até Eve abrir a tampa para revelar dois compartimentos forrados de seda. — Um lado é para as suas lembranças. O outro é para os seus desejos.

— Foi Leonardo quem escolheu. — Mavis apertou a mão gigantesca do namorado. — Ele não é mais que demais?

— É. — Eve conseguiu concordar com a cabeça. — O presente é lindo, realmente lindo.

Como compreendia bem a própria mulher, Roarke tocou em seu ombro com uma das mãos e deu um passo à frente, a fim de estender a outra para Leonardo.

— É um presente encantador. Perfeito. Obrigado. — Com um sorriso, beijou Mavis. — Obrigado aos dois.

— Agora vocês vão poder fazer um pedido juntos na noite de Natal. — Deliciada, Mavis lançou os braços ao redor de Eve, abraçando-a com força, mas logo voltou para junto de Leonardo e propôs: — Vamos dançar?

— Assim eu vou acabar chorando — murmurou Eve quando seus amigos se afastaram.

— É a época certa para isso. — Levantando o queixo dela, ele sorriu ao ver seus olhos marejados. — Adoro ver você comovida.

Cheia de emoção, Eve passou a mão ao redor da nuca de Roarke e puxou a sua boca na direção da dela. Foi um beijo longo e quente que acalmou mais do que excitou.

Ela ainda sorria quando se afastou dele e anunciou:

— Essa é a primeira lembrança para a nossa caixa.

— Tenente!

Eve se virou, limpando a garganta ao se ver diante de Whitney. Sentiu-se embaraçada ao imaginar que ele a flagrara com os olhos úmidos e a boca amaciada pelo contato com a de Roarke.

— Sim, senhor.

— Desculpe por interromper — disse ele, lançando um ar de desculpas para Roarke. — Acabamos de ser informados que Piper Hoffman foi atacada.

— O senhor sabe onde ela está? — perguntou Eve, deixando a policial assumir o controle das emoções.

— Está a caminho do Hospital Hayes Memorial. Não sabemos das suas condições no momento. Tem um lugar reservado onde eu possa passar as informações que temos para você e para a sua equipe?

— O meu escritório.

— Pode deixar que eu levo o comandante até lá — ofereceu Roarke. — Reúna o seu pessoal.

— Ela foi atacada no próprio apartamento, no andar acima da Íntimo e Pessoal — começou Whitney. Pela força do hábito, ele se colocou atrás da mesa do escritório, mas não se sentou. — Achamos que ela estava sozinha quando o fato aconteceu. O policial que atendeu ao chamado relatou que, ao que parece, o irmão dela chegou em casa na hora do ataque. O atacante fugiu.

— A testemunha conseguiu fazer a identificação do agressor? — quis saber Eve.

— Ainda não. Ele está no hospital, acompanhando a irmã. A cena do crime foi preservada. Ordenei aos policiais que deixassem o lugar intocado até a sua chegada.

— Vou levar Feeney. Vamos ao hospital primeiro. — Percebendo o sobressalto de Peabody ao ouvir isso, Eve manteve os olhos em Whitney e completou: — Não quero revelar o disfarce de Peabody e McNab no momento. Prefiro que eles permaneçam aqui, mantendo contato, até eu chegar ao local do crime.

— Você é quem manda — disse Whitney, confirmando que estava de acordo com aquilo.

— Temos uma testemunha dessa vez e o assassino está procurando um lugar para se esconder. Ficou apavorado. Não tem certeza sobre ter sido ou não identificado. Se Piper sobreviver, vai ser a terceira falha dele. — Virou-se para a sua equipe e disse: — Preciso trocar esta roupa. Feeney, desço em cinco minutos. Peabody, entre em contato com o hospital e veja se descobre o estado da vítima. McNab, vou enviar os discos de segurança para você. Quero-os investigados antes de voltarmos.

— Dallas — disse Whitney enquanto caminhava ao lado dela rumo ao elevador —, vamos prender este canalha.

— Será que um dia eu ainda vou conseguir sair de uma das suas festas em companhia da minha mulher? — perguntou Feeney enquanto caminhavam pelo corredor do hospital.

— Alegre-se, Feeney. Talvez agora tenhamos a oportunidade de fechar este caso de uma vez, e você terá um Natal calmo e aconchegante.

— Sim, vamos torcer. — Alguém gemeu atrás de uma porta aberta bem na hora em que eles passaram e Feeney encolheu os ombros. — Tem muita gente quebrada por aqui para o meu gosto. Do jeito que as estradas estão cheias, provavelmente vai chegar gente acidentada a noite toda.

— Que pensamento alegre — zombou Eve. — Lá está Rudy. Eu o interrogo. Veja se consegue encontrar o médico responsável pelo caso para sabermos como ela está.

Um olhar de relance para o homem desabado em uma cadeira com a cabeça entre as mãos foi o suficiente para deixar Feeney feliz por sair dali.

— Ele é todo seu, garota.

Os dois se separaram, e Eve foi direto em frente até parar diante de Rudy.

Ele abaixou as mãos lentamente, olhando primeiro para as botas ela, para só então levantar bem devagar a cabeça, mostrando um sto triste com os olhos devastados.

— Ele a estuprou. Ele a estuprou e a feriu. Ele a amarrou. Ouvi s gritos dela. Ouvi quando ela chorou e implorou por sua vida.

— Quem era ele? — perguntou Eve, sentando-se ao lado dele.

— Não sei. Não o vi. Acho que... acho que ele me ouviu chegar. Deve ter ouvido. Corri para o quarto e a vi. Meu Deus, meu Deus, meu Deus!

— Pare! — Lançando a ordem com firmeza, ela o agarrou pelos ulsos e puxou suas mãos, impedindo-o de recolocá-las sobre o rosto. — Isso não vai ajudá-la. Você entrou em casa e a

ouviu gritar? Onde havia estado?

— Fui fazer compras. Compras de Natal. — Uma lágrima solitaria escorreu pela sua face. — Um dia desses ela tinha visto uma escultura da qual gostou muito, representando uma fada em um lago. Deixou pistas de que a queria de presente por todo o apartamento. Fez um pequeno desenho da peça e escreveu o endereço da galeria. Tudo tem estado tão confuso que eu não tive oportunidade de comprá-la, até esta noite. Jamais deveria tê-la deixado sozinha.

Seria possível confirmar com a galeria tanto a compra quanto a hora, pensou Eve, para ela se certificar de que o homem que fizera com que Piper acabasse no hospital não estava sentado ao seu lado. Ela sabia muito bem que não deveria abrir a porta para ninguém. Por que teria deixado o homem que a atacou entrar?

— A porta estava trancada quando você voltou para casa?

— Sim. Eu digitei o meu código para entrar. Foi quando a ouvi chorando e gritando. — Sua respiração ficou mais ofegante. Ele fechou os olhos e cerrou os punhos. — Eu a vi na cama. Estava nua. Com as mãos e os pés amarrados. Eu acho... não estou bem certo... mas acho que vi alguém com o rabo do olho. Um movimento. Talvez tenha apenas sentido. De repente alguém me empurrou, eu caí e bati com a cabeca.

De forma distraída, levantou a mão e a levou até a parte lateral da cabeça.

— Devo ter batido em algo, na plataforma dos pés da cama, talvez, não sei... Devo ter ficado inconsciente por alguns segundos. Não pode ter sido mais tempo, porque eu o ouvi indo embora. Não fui atrás dele. Deveria ter ido, mas ela estava deitada ali e eu não conseguia pensar em mais nada a não ser nela. Já não chorava mais. Eu pensei... pensei que ela estivesse morta.

— E então ligou para os paramédicos, chamou uma ambulância?

— Primeiro eu a desamarrei e a cobri. Tinha que fazer isso. Não podia agüentar... Só então chamei a ambulância. Não consegui acordá-la, não consegui... Ela não acordou. E agora eles não querem me deixar vê-la.

Dessa vez, quando ele cobriu o rosto com as mãos, Eve o deixou chorar. Vendo que Feeney vinha vindo, ela se levantou e foi até ele.

— Ela está em coma — informou ele. — Os médicos acham que é um caso de choque extremo, e não apenas físico. Ela foi estuprada e sodomizada. Os pulsos e os tornozelos estão lesionados. Apresenta algumas contusões. Fizeram um teste toxicológico. Ela foi sedada com a mesma substância vendida sem receita encontrada nas outras vítimas. A tatuagem está em sua coxa direita.

— Eles têm um prognóstico para o estado dela?

— Afirmaram que não podem fazer nada. Usaram um monte de termos médicos, mas, resumindo, ela se fechou dentro de si mesma. Vai acordar quando quiser e somente se quiser.

— Certo, então não temos mais nada a fazer por aqui. Vamos colocar um policial de guarda na porta e outro colado no irmão.

— Você ainda acha que foi ele, Dallas?

Ela olhou para trás e o viu soluçar. A onda de compaixão que sentiu a deixou surpresa.

— Não — respondeu. — Mesmo assim vamos deixar alguém de guarda junto dele.

Pegou o comunicador e começou a enviar ordens enquanto se encaminhavam para o elevador.

— O cara está completamente arrasado — comentou Feeney. — Fico me perguntando se está chorando pela irmã ou pela amante.

— Sim, é um mistério mesmo. — Ao entrar no elevador, Eve pediu o andar térreo. — E então, como foi que o nosso homem descobriu que ela estaria sozinha hoje à noite? Ele não a teria atacado se achasse que Rudy estava com ela, não é o seu estilo. Ele sabia que ela estava só.

— Pode ser alguém que ela conhecesse. Quem sabe estivesse vigiando o lugar. Talvez tenha ligado para se certificar.

— Sim, ele a conhecia — concordou Eve. — Conhecia os dois. E eu não acho que ela seja um dos verdadeiros amores dele. — Ao saltar no saguão, seguiu rumo à porta. — O caso dela é uma quebra de padrão. Piper não estava em nenhuma das listas de contatos da empresa. Ele a atacou para nos manter focados em Rudy. Só assim a coisa faz sentido para mim.

Eve parou de falar enquanto entravam no carro e sentou-se ao volante.

— Ele sabe que levamos Rudy para interrogatório e que eu suspeitava dele nos outros homicídios. Precisa compensar as duas vítimas que o atrasaram, já que não conseguiu atacar Cissy nem a bailarina. Mas é esperto o bastante para saber que se conseguisse eliminar Piper iríamos nos voltar para Rudy novamente. Isso faz sentido. Esse crime não aconteceu por amor, foi só para ele se garantir.

Feeney se recostou no banco do carro e levou a mão ao bolso para pegar o saquinho de amêndoas, e só então se lembrou de que sua mulher não o deixara carregá-lo para a festa. Bufou uma vez e disse:

— Ele a conhece, mas ela também o conhece. Talvez por isso é que tenha conseguido entrar.

— Ela não teria aberto a porta para um estranho, e muito menos para um sujeito vestido de Papai Noel. Precisamos que McNab analise todos os discos com as gravações da segurança.

— Sabe o que estou pensando, Dallas? Acho que não vamos encontrar disco nenhum.

Feeney acertou em cheio. O policial na cena do crime informou que as câmeras de segurança haviam sido desligadas a partir do controle principal às nove e cinqüenta da noite.

— Não há sinais de que alguém tenha forçado a entrada — disse Eve depois de examinar as fechaduras e as placas de identificação palmar. — Ela foi até a porta, olhou lá fora e viu um rosto familiar. Abriu-a na hora. Não vamos encontrar nenhum dos discos de segurança internos também.

Entrou no apartamento. Uma árvore branca enfeitada com bolas de cristal e festões estava bem diante das janelas que davam para a Quinta Avenida. Havia pilhas de presentes lindamente embrulhados embaixo dela, e uma solitária pomba branca servia de ponteira onde pessoas conservadoras teriam colocado uma estrela ou um anjo.

Havia sacolas de compras espalhadas a partir do lado de dentro da porta de entrada até o primeiro arco que saía da sala principal, à direita. Ela quase conseguia ver Rudy entrando, ouvindo a irmã e largando as compras pelo caminho enquanto corria para acudi-la. Seguindo a trilha, atravessou o macio carpete branco e foi em frente através de um segundo ambiente social, montado para servir de sala de vídeo.

Mais branco. Macias poltronas em linho cru e mesas com superfícies brilhantes na cor marfim. Tigelas e vasilhas claras transbordavam de flores brancas.

Era como passear em uma nuvem, pensou Eve.

Sufocante.

Depois da sala de vídeo havia um salão de ginástica, equipado com uma banheira de hidromassagem, pesos pressurizados, um tubo de relaxamento e uma esteira eletrônica multiestilo.

— Os quartos ficam lá no fundo — assinalou ela. — Mesmo correndo, Rudy levaria vários segundos para alcançá-los, a partir da porta da frente.

Eve virou e entrou no amplo quarto. A tela de privacidade estava baixada à frente da janela, permitindo que a noite entrasse ao mesmo tempo que impedia olhares curiosos.

Ao longo de uma das paredes havia uma enorme penteadeira onde uma infinidade de frascos coloridos, potes e garrafas havia sido arrumada. A rainha das vaidades, refletiu Eve, observando o espelho triplo rodeado de pequenas lâmpadas. Havia ainda duas cadeiras estofadas, notou, colocadas lado a lado.

Eles até mesmo se maquiavam juntos.

A cama tinha o formato de coração, o que fez Eve ter vontade de girar os olhos diante da frescura. Tubos cromados a contornavam, como se o móvel fosse um bolo com a borda confeítada. Grossas cordas pendiam de quatro pontos em volta da cama.

— Ele não levou os brinquedinhos com ele dessa vez. — Eve se agachou para examinar a caixa prateada que fora largada aberta no chão. — Temos de tudo aqui, Feeney. Olhe só... essa é a seringa de pressão. — Apontou ela, com a mão selada por spray. — Temos também os apetrechos para tatuagem, e isto aqui é muito especial.

Havia uma caixa dentro da outra. Imitação de madeira, com uns sessenta centímetros de comprimento. Quando abriu a tampa, três bandejas embutidas se lançaram para fora em níveis diferentes, exibindo uma linha completa de produtos Perfeição Natural.

— Eu não manjo muito desse troço, mas não parece coisa de consumidor comum não. Está me parecendo equipamento profissional.

— Ho-ho-ho. — Feeney se agachou e pegou uma barba postiça branca. — Talvez ele tenha trazido a fantasia, afinal.

— Acho que ele a deixou apagada e depois se fantasiou. Força do hábito. — Eve se balançou para a frente e para trás sobre os calcanhares. — Ele entrou e aplicou o tranqüilizante nela. Depois de trazê-la para cá e a amarrar, começou a se aprontar com toda a calma. Aplicou a tatuagem, maquiou o rosto dela do jeito que deseja e depois guardou tudo direitinho no lugar. Nada de bagunça. Quando ela acordou e tentou descobrir o que estava acontecendo...

Os olhos de Eve se apertaram ao olhar para a cama, recriando a cena em sua cabeca.

— Ela acordou — continuou. — Estava desorientada, meio confusa. Lutou para se soltar. Ela sabia quem ele era. Isso a deixou chocada e apavorada, porque sabia o que ele ia fazer em seguida. Talvez ele tenha até conversado com ela enquanto cortava as suas roupas.

— Isso aqui parece ser um pedaço de roupão. — Feeney levantou tiras de um material branco translúcido.

— Sim, ela estava em casa, vestida à vontade, pronta para se deitar. Provavelmente se sentia empolgada, pois sabia que o irmão saíra para lhe comprar o presente. Agora ela está ali, nua, aterrorizada, olhando fixamente para um rosto que conhecia bem. Não queria acreditar que aquilo estivesse acontecendo. A pessoa nunca quer acreditar.

Mas aconteceu, pensou, sentindo um suor pegajoso brotar da sua pele. Não pôde ser evitado.

— Então ele tirou as próprias roupas. Aposto que as dobrou com todo o cuidado. Tirou a barba também. Não precisava de disfarces para ela.

Desse modo ela poderia ver o seu rosto distorcido e seus olhos flamejantes.

— Ele ficou excitado. O fato de ela saber quem ele era o deixou ainda mais estimulado. Ele não precisava do disfarce, nem o queria. Talvez imaginasse que a amava de verdade a essa altura. Ela pertencia a ele. Estava indefesa. Ele tinha todo o poder nas mãos. Sentiu-se ainda mais poderoso quando ela o chamou pelo nome e implorou para ele parar. Mas ele não parou. Não queria parar. Seguiu em frente, lançando-se com força e impulsionando-se sobre ela, rasgando-a por dentro, forçando-se dentro dela sem parar.

— Ei, ei. — Abalado, Feeney se agachou e colocou as mãos sobre os ombros de Eve. Os olhos dela estavam vidrados e a sua respiração, pesada e irregular. — Vamos lá, garota.

— Desculpe. — Ela fechou os olhos.

— Tudo bem. — Deu umas palmadinhas no ombro de Eve, de forma desajeitada. Sabia o que acontecera com ela, em criança; sabia, porque Roarke lhe contara. Mas não tinha certeza se Eve tinha consciência de que ele sabia. Era melhor para ambos que ele fingisse não saber de nada. — É que às vezes você se envolve demais, só isso.

— Sim. — Ela teve de enxugar a boca com as costas da mão. Dava para sentir o cheiro rançoso de sexo, de suor. E, pensou Eve, de impotente terror feminino.

— Você quer, ahn... beber um pouco d'água?

— Não, Feeney, estou legal. É só que... odeio crimes sexuais como este. Vamos ensacar tudo e acabar de investigar. Quem sabe temos sorte e conseguimos achar alguma impressão digital por aqui? — Sentindo-se mais firme, levantou-se. — Vamos ver o que os peritos descobrem. Espere! — Abruptamente, colocou a mão no braço de Feeney. — Tem uma coisa faltando aqui.

— O quê?

— Cinco... cinco o que mesmo? — Ela repassou a letra da canção na cabeça. — Onde estão os cinco anéis de ouro?

Ela fez uma busca minuciosa em todos os cômodos, mas não achou nada que seguisse o padrão das jóias deixadas na cena do crime. O sangue de Eve gelou.

— Ele levou a jóia com ele. Precisa completar ainda o crime número 5. Mas não tem mais seus apetrechos. Vou verificar no salão de beleza, aqui embaixo, para ver se ele foi até lá se reabastecer. Você termina aqui e chama os peritos? — Sim. Tenha cuidado, Dallas. — Ele já foi embora, Feeney. Voltou para a toca. Mesmo assim tomou todo o cuidado enquanto descia para o andar onde funcionava o salão. Não viu nenhum sinal de arromba-mento nas elegantes portas de vidro. Lá dentro tudo estava escuro.

Seguindo os instintos, usou o cartão mestre para destrancar as portas e sacou a arma.

— Acender luzes! — ordenou ela, e piscou duas vezes diante da súbita claridade.

Quando seus olhos se ajustaram à luminosidade, reparou que a gaveta para dinheiro e fichas de crédito por trás do balcão estava aberta. E vazia.

— Ora, ora... Você deu uma passadinha aqui, então.

Revistou a recepção antes de tudo, com os olhos alertas e a arma em punho, e em seguida foi andando de lado em direção às vitrines. O vidro estava intacto, e ela não viu nenhum espaço vazio entre as ordenadas linhas de produtos. Movendo-se para a esquerda, foi em direção às salas de tratamento.

Todas estavam vazias e limpas como salas de cirurgia.

Usou o cartão mestre para abrir outra porta e entrou na sala dos funcionários, onde também ficavam os armários. Tudo estava, como nos outros lugares, escrupulosamente limpo, de forma quase obsessiva, reparou, sentindo o sangue começar a acelerar.

Examinou os armários por fora, desejando ter a habilidade de Roarke para lidar com cadeados manuais. Sua chave mestra não conseguia lhe dar acesso aos compartimentos. Ela ia precisar de um mandado para arrombá-los.

O lugar que vinha em seguida era um almoxarifado. Ali a rigorosa organização fora quebrada. As caixas de produtos estavam abertas, garrafas e tubos espalhados. Eve imaginou que ele passara correndo por ali, desesperado para se reabastecer e furioso por ter entrado em pânico, o que o levou a esquecer a caixa no andar de cima.

Ele abrira rapidamente as caixas, pegando o que queria e enfiando tudo em uma sacola ou em outra caixa.

Com mais rapidez agora, foi revistar a estação de trabalho de cada consultor. Apenas uma estava desarrumada e as gavetas do balcão branco brilhante haviam sido arrancadas e reviradas. Um pouco de líquido se derramara sobre o tampo e se espalhara em volta, até solidificar.

Embora já soubesse de quem era aquela estação de trabalho, Eve seguiu a rotina e procurou pelo registro do estilista, que devia estar à mostra em algum lugar junto do balcão. Quando o encontrou, estudou atentamente a foto.

— Não manteve a sua área de trabalho tão limpa dessa vez, não foi, Simon? E agora eu peguei você de jeito.

Pegou o comunicador, voltando com rapidez em direção às portas de entrada, e lacrou o local, a fim de resguardá-lo.

— Emergência, aqui fala a tenente Eve Dallas. Envie todos os carros disponíveis para a residência de Simon Lastrobe. O endereço é rua 63 Leste, número 4530, apartamento 35. O suspeito pode estar armado e é perigoso. Sua foto será transmitida de imediato. Prendam este

homem por estupros seguidos de homicídios em primeiro grau.

*Emergência. Mensagem recebida e autorização para ação concedida.*

— Feeney — chamou Eve pelo comunicador enquanto tornava a trancar as portas e interditava a cena do crime com uma etiqueta que pegara em seu estojo de serviço. — O local aqui está resguardado. Vou chamar Peabody para lidar com os peritos. Temos que correr.

— Então o nosso homem é um maquiador. Brincadeira, hein? — Feeney balançava a cabeça, desgostoso, enquanto Dallas fazia o carro correr como uma bala pelas ruas. — A que ponto chegamos, Dallas... por Deus!

— Sim, ele maquiava os rostos deles, tratava dos seus corpos, brincava com os seus cabelos, ouvia as suas histórias pessoais, aprendia tudo sobre as suas vidas, se apaixonava e os matava por isso.

— Você acha que ele tratou de todos eles no salão de beleza?

— Talvez, mas, se não fez pessoalmente, certamente os via por lá e os escolheu. Conseguia ter acesso às listas de contatos com facilidade e pegava os dados todos por ali.

— Mas isso não explica o fetiche com coisas de Natal.

— Isso vai aparecer depois que o prendermos. — Parou de repente, cantando os pneus, atrás de dois veículos de patrulha que bloqueavam a rua. Seu distintivo já estava na mão no instante em que saltou.

— Vocês já subiram lá? — gritou no meio do vento e da neve fina.

— Sim, senhora. Ninguém atendeu. Os homens estão colocados aqui e na saída dos fundos. As janelas estão às escuras. Não detectamos nenhum movimento.

— Feeney, o mandado para invadirmos já chegou?

— Ainda não.

— Vamos arrombar, que se dane o mandado. — Caminhou com determinação, empurrando as portas gradeadas do prédio.

— Você vai melar tudo se entrar lá sem mandado — lembrou-lhe Feeney, reclamando quando ela tomou as escadas em vez de esperar pelo elevador.

— Eu posso ter encontrado a porta destrancada — argumentou ela, lançando um olhar por cima do ombro na direção de Feeney, que corria atrás dela. — Não posso?

— Droga, Dallas, me dê pelo menos cinco minutos. Vou esquentar o rabo do pessoal que libera os mandados.

Ele mostrou-se um pouco ofegante ao chegar ao terceiro andar, e sua cara enrugada estava brilhante e rosada. Mas conseguiu ultrapassá-la e se lançou diante dela, na frente da porta do apartamento 35.

— Droga, Dallas, segure a sua onda! Vamos seguir os procedimentos. Você conhece as regras.

Ela tentou argumentar, queria ter a satisfação física de colocar a porta abaixo. Sentiu que estava levando a coisa para o lado pessoal e percebeu os ossos vibrando sob os músculos tensos.

Queria colocar as mãos nele, queria que ele se sentisse indefeso, queria que ele experimentasse o medo e a dor. Queria muito tudo aquilo, reconheceu, em um sobressalto doloroso.

— Certo. — Com muito esforço, ela se controlou. — Quando arrombarmos a porta, e se o encontrarmos, você é que deve imobilizá-lo, Feeney.

— Mas a detenção é sua, garota.

— Sim, mas é melhor você detê-lo. Não garanto que será um serviço limpo caso seja eu a fazê-lo.

Ele analisou o rosto dela, viu a tensão que se instalara ali e concordou:

— Tudo bem, eu o prendo então, Dallas. — Pegou o comunicador assim que ouviu um bipe. — Pronto, já temos o mandado eletrônico. Estamos autorizados a invadir. Prefere atacar por cima ou por baixo?

— Você sempre preferia atacar por cima nos velhos tempos. — Ela sorriu, embora sem humor.

— Continuo preferindo. Entrar por baixo acaba com os meus joelhos. — Os dois se viraram de frente para a porta ao mesmo tempo, como em um bale ensaiado, respirando depressa e no mesmo compasso, e então arrombaram a porta. Quando as dobradiças se soltaram, Eve já abaixara o corpo, agachando-se sob o braço de Feeney com a arma apontada para a frente.

Protegendo um ao outro, fizeram uma inspeção completa na sala fracamente iluminada pelas luzes da rua.

— Tudo arrumado como uma igreja — sussurrou Feeney. — E o cheiro é de hospital.

— É desinfetante. Vou mandar acender as luzes — sussurrou ela — e seguir pela esquerda.

— Pode ir em frente.

— Acender luzes! — ordenou em voz alta e se moveu para o lado esquerdo. — Simon? Aqui é a polícia. Estamos armados e temos ordem para prender você. Todas as saídas estão bloqueadas. — Gesticulou na direção de uma porta e recebeu o sinal de Feeney para ir em frente.

Com a arma a laser diante do corpo na ponta dos braços esticados ela entrou, empurrando a porta com força e fazendo-a bater na parede.

— Ele esteve aqui — disse a Feeney, observando o quarto em completa desordem. — Recolheu tudo o que conseguiu e tornou a sumir.

## CAPÍTULO DEZOITO

Vou fazer um resumo do que temos — começou Eve diante da equipe reunida no escritório de sua casa. — Ele é bom em disfarces. Podemos entregar sua foto para a mídia e pedir que a divulguem a cada meia hora, mas ele não vai nem se parecer com a foto. Suspeitamos que esteja com muito dinheiro, fichas de crédito avulsas e talvez uma identidade falsa para poder viajar livremente. Divulgaremos seus traços físicos, mas a probabilidade de o encontrarmos dessa forma é mínima.

Esfregou os olhos cansados e ingeriu mais cafeína.

— Quero um laudo de Mira, mas a minha opinião é que o fato de ele ter sido interrompido esta noite, depois do estupro, deve tê-lo deixado sexualmente frustrado, no limite, e muito abalado. É um indivíduo obsessivamente organizado, mas deixou o seu espaço de trabalho e a sua residência de cabeça para baixo na pressa de pegar as coisas de que precisava para fugir.

— Tenente... — Embora não tenha levantado o braço, a fim de pedir permissão para falar, Peabody sentiu como se devesse tê-lo feito. De uma policial para outra, apenas, sem outro envolvimento, ela perguntou, quando Eve olhou em sua direção: — A senhora acha que ele ainda está na cidade?

— Os dados que conseguimos levantar até o momento indicam que ele nasceu e foi criado aqui. Morou nesta cidade durante toda a sua vida e é pouco provável que vá procurar abrigo em outro lugar. O capitão Fee ney e o detetive McNab continuarão a busca por mais dados pessoais, mas no momento supomos que ele ainda está na área.

— Ele não possui veículo próprio — interveio Feeney — e nunca tirou carteira de motorista. Deve depender de transporte público para se movimentar.

— E transporte público, tanto dentro quanto fora e em torno da cidade, está caótico nessa época. — Isso foi lembrado por McNab, que mal levantava os olhos do computador. — O único modo de ele sair da cidade, caso não tenha reservado passagem, é abrir as asas e sair voando.

— Concordo. Além disso, os seus outros alvos estão aqui. Todas as vítimas anteriores foram na cidade. Assustado ou não, ele vai se sentir compelido a atacar a vítima número cinco. As festas de Natal servem para acioná-lo.

Eve foi até o telão.

— Executar o disco recolhido como prova, código Simon 1-H! — ordenou. — Confiscamos dezenas de discos de vídeo em seu apartamento, todos com temas natalinos — explicou ela quando a primeira cena apareceu na tela. — Esse aqui é antigo. Parece um filme do século 20.

— A *Felicidade Não se Compra* — reconheceu Roarke, encostado no portal. — Estrelando

James Stewart e Donna Reed. — Ele sorriu de forma simpática diante do olhar carrancudo de Eve. — Estou interrompendo...?

— Isso é assunto policial — avisou Eve. Puxa, o cara nunca dormia?

Ignorando o comentário da sua mulher, Roarke entrou, sentou-se no braço da cadeira de Peaobody e ofereceu:

— Vocês todos tiveram uma longa noite. Querem que eu lhes mande servir algo para comer?

— Roarke...

— Nossa, eu estou morrendo de fome — afirmou McNab, cortando as objeções que Eve ia fazer.

— Existem vários outros vídeos desse tipo — continuou, virando-se novamente em direção à tela quando Roarke se levantou e seguiu para a cozinha. — Ele os colecionava, bem como arquivos clássicos de texto, como *Um Conto de Natal*. Além disso, encontramos grande quantidade de material pornográfico, tanto impresso como em vídeo, todos abordando este tema. Executar o disco com código Simon 68-A para termos um exemplo — disse ela, de forma seca, fazendo a tela voltar a se iluminar.

Roarke voltou bem a tempo de ver uma mulher completamente nua, à exceção dos chifres que usava na cabeça e uma cauda presa à cintura. "Sou uma das renas... Meu nome é Dancer", apresentou-se ela, para logo em seguida meter na boca o pênis ereto de Papai Noel.

— Ora, isso é que é diversão — comentou Roarke.

— Há mais uns dez desses filmes e outros tantos em versão pirata de títulos antigos, não tão divertidos. Mas o vencedor é este aqui. Rodar disco com o código Simon 72!

Eve lançou um olhar para Roarke e depois se afastou.

Na tela, Marianna Hawley lutava desesperadamente para escapar das cordas que a prendiam. Sua cabeça se lançava para a direita e para a esquerda. Estava chorando. Simon entrou em cena, ainda usando a barba falsa e a roupa vermelha.

Olhou para a câmera e então sorriu para a mulher deitada na cama.

"Você se comportou bem este ano, garotinha?", perguntou.

*Fique quieta, garotinha.* O cheiro de bala em seu hálito misturado com o de bebida. *Papai vai lhe dar um presente.*

A voz veio à sua lembrança como um sussurro no ouvido. Mas Eve forçou as mãos a permanecerem firmes e manteve os olhos na tela.

"Ora, eu acho que você tem sido uma menina má, muito, muito má, mas mesmo assim vou lhe dar um presente legal."

Virou-se para a câmera e fez um striptease cheio de estilo. Deixou a peruca e a barba no lugar e começou a se acariciar.

"Hoje é o primeiro dia do Natal. Meu verdadeiro amor."

Ele a estuprou. Foi rápido e brutal. Enquanto os gritos dela ecoavam pela sala, Eve pegou um café. Embora o gosto fosse de algo amargo e sujo ao descer pela garganta, ela o engoliu.

Em seguida, ele a sodomizou. Ela parou de gritar e simplesmente choramingou como uma criança.

Os olhos dele estavam vidrados ao acabar e seu tórax musculoso se elevava e abaixava. Pegou algo na caixa de maquiagem e o engoliu.

— Acreditamos que ele ingere um comprimido de ervas e produtos químicos misturados com Exótica para manter a ereção. — A voz de Eve era sem expressão e seus olhos continuaram fixos na tela. Aquilo era uma responsabilidade diante das vítimas e um desafio diante de si mesma. Ela ia assistir a tudo e sobreviveria àquilo.

Marianna não lutou mais ao ser estuprada uma segunda vez. Estava longe dali, Eve sabia. Bem longe, em um lugar onde ele não podia mais machucá-la. Profundamente só, na escuridão de si mesma.

Ela não reagiu quando Simon começou a chorar e xingá-la de puta, ao mesmo tempo que envolvia o lindo festão em volta do seu pescoço e o apertava com força, até que arrebentou e ele teve de usar as mãos.

— Meu Deus!... — O sussurro entrecortado de McNab estava cheio de horror e pena. — Já não vimos o bastante?

— Agora ele a enfeita — continuou Eve, com a mesma voz monocórdica. — Maquia o seu rosto, penteia o seu cabelo e a cobre com o festão. Podem ver quando ele a levanta, nesta cena, que a tatuagem já foi aplicada. Ele deixa a câmera fixa no corpo dela. Gosta disso. Deseja poder rever esta cena repetidas vezes, quando estiver sozinho. Vê-la como ele a deixou. Como ele a criou.

A tela apagou.

— Ele não precisou registrar a limpeza. Esta gravação tem trinta e três minutos e doze segundos. Foi o tempo que ele levou para alcançar essa parte do seu objetivo. Existem outros discos com a gravação dos assassinatos subseqüentes. Todos seguem o mesmo padrão. Ele é um sujeito de hábitos rígidos e muita disciplina. Vai achar um lugar confortável na cidade, um lugar que ele já conheça e onde poderá se recuperar e se esconder. Não vai para uma

espelunca, mas para um bom hotel ou para outro apartamento.

— Reservar um quarto nesta época do ano não vai ser fácil — afirmou Feeney.

— Não, mas é onde precisamos procurar. Vamos começar pela parte norte da cidade. Perguntaremos aos seus amigos e colegas se eles sabem de algum lugar assim que chegarem para trabalhar amanhã. Talvez consigamos uma dica do lugar para onde ele foi. Peabody, encontre-me no salão às nove da manhã, uniformizada.

— Sim, senhora.

— O melhor a fazer é dormirmos um pouco neste resto de noite.

— Dallas, posso ficar aqui por mais uma hora. Aliás, se eu pudesse acampar por aqui esta noite, poderia voltar às pesquisas logo cedo.

— Tudo bem, McNab. Vamos parar por agora, então.

— Estou de acordo — disse Feeney, levantando-se. — Posso lhe dar uma carona para casa, Peabody.

— Não brinque com os meus aparelhinhos, McNab — acrescentou Eve ao sair do escritório. — Isso me deixa pau da vida.

— Você precisa de uma ajudinha para dormir — disse Roarke, tomando-a pelo braço a caminho do quarto.

— Não comece.

— Você não precisa de sonhos esta noite. Precisa se desligar por completo, durante algumas horas, se não por si mesma, pela mulher que vimos ser violentada.

— Consigo fazer o meu trabalho. — Eve começou a se despir no instante em que entraram no quarto, tirando as roupas com muita pressa. Precisava de uma ducha com a água escaldante para poder arrancar aquele fedor da pele.

Deixou a roupa amontoada no chão, entrou direto no boxe e ordenou que a água saísse pelando.

Ele simplesmente a esperou fora do banheiro. Ela precisava, sabia-o bem, lutar um pouco antes. Precisava lutar até mesmo contra ele e a sua oferta de conforto. A concha espinhenta e resistente com a qual ela se cobria era apenas um dos aspectos de Eve que o fascinava.

E sabia, como se estivesse dentro de sua cabeça e dentro do seu coração, o que ela passara ao assistir àquele vídeo.

Assim, no momento em que ela saiu, envolta em um roupão, com os olhos sombrios e o rosto pálido demais, ele simplesmente abriu os braços e a aconchegou.

— Ó Deus, meu Deus! — Ela o abraçou com força e os dedos apertaram-lhe as costas. — Dava para sentir o cheiro dele em cima de mim. Dava para sentir o cheiro dele.

Roarke se sentiu arrasado ao vê-la naquele estado, ao senti-la estremecer e ao sentir o seu coração disparado de encontro ao dele.

— Ele nunca mais vai poder atingir você, querida.

— Mas ele me atinge. — Ela enterrou o rosto no ombro de Roarke e se deixou envolver pelo seu cheiro. — Cada vez que entra em meus pensamentos, ele me atinge. Não consigo impedi-lo.

— Pois eu consigo. — Ele a pegou no colo, sentou-se na beira da cama e a embalou. — Não pense em mais nada agora, Eve. Apenas fique aqui, quietinha, me abraçando.

— Eu consigo fazer o meu trabalho.

— Eu sei. Mas a que preço? — perguntou-se ele, ninando-a como a uma criança.

— Não quero tomar nada para dormir. Quero só você. Você é o bastante para mim.

— Então durma. Deixe tudo de lado. — Virou a cabeça para beijarlhe o cabelo. — Durma.

— Não vá embora. — Ela se chegou mais para perto dele e deu um suspiro longo e profundo. — Preciso de você. Preciso demais.

— Demais não. Não pode ser demais.

Ela colocara uma recordação na caixa que eles ganharam, refletiu ele. Agora ele colocava um pedido ali. Por uma noite ou pelas poucas horas que ainda restavam, ela ia dormir em paz.

Assim, abraçou-a até sentir que ela deslizou para um sono sem sonhos.

E ainda a abraçava quando ela acordou.

Estavam agarrados um ao outro e a cabeça dela estava aninhada na curva do ombro dele. Em algum momento durante a noite ele se despira e deitara ao lado dela na cama.

Ela ficou ali sem se mover por alguns instantes, estudando o rosto dele. Parecia incrivelmente bonito à luz suave da madrugada. Linhas fortes, pestanas grossas e largas e a boca de poeta sonhador. Sentiu vontade de fazer-lhe um cafuné e sentir os seus cabelos pesados e sedosos, mas seus braços estavam presos.

Em vez disso, ela o beijou de leve, não só para lhe agradecer, mas também a fim de despertá-lo o suficiente para conseguir se soltar. Mas o abraço dele a apertou ainda mais.

— Humm... Só mais um minuto — pediu ele.

As sobrancelhas dela se ergueram. A voz dele estava espessa, pastosa, e seus olhos continuavam fechados.

— Você está cansado.

— Nossa, e como!

— Você nunca fica cansado — disse ela, apertando os lábios.

— Pois agora estou. Fique quietinha.

Aquilo a fez dar uma risada, pois sentiu uma pontinha de irritação sonolenta em seu tom de voz.

— Fique na cama mais um pouco — propôs ela.

— Vou ficar mesmo.

— Preciso me levantar. — Conseguindo libertar um dos braços, fez um carinho em seu cabelo. — Volte a dormir.

— Voltaria, se você calasse a boca.

Ela riu e conseguiu se livrar de vez.

— Roarke...?

— Ai, cacete! — Ele rolou para o lado com ar defensivo, enterrou o rosto no travesseiro e perguntou: — Que foi?!

— Eu amo você.

Ele virou a cabeça para olhar para ela, com os olhos ainda pesados entreabertos e com um brilho preguiçoso que começou a excitá-la. Essa, pensou Eve, era a magia dele. A capacidade de fazê-la pensar em sexo mesmo depois de ter visto o que vira e ter passado pelo que passara.

— Ora, então volte aqui. Talvez eu consiga me manter acordado pelo tempo suficiente.

— Mais tarde.

A resposta de Roarke foi um grunhido e ele tornou a enfiar a cara no travesseiro.

Decidida a não se sentir ofendida, ela se vestiu, ordenou café e colocou o coldre. Roarke não movera um músculo sequer quando ela deixou o quarto.

Decidiu verificar McNab antes de sair e o encontrou esparramado na poltrona reclinável do escritório com Galahad aninhado em torno da cabeça, como um gorro que lhe descia até as orelhas. Ambos roncavam.

Ao sentir a aproximação de Eve, o gato entreabriu um olho, lançoulhe um olhar entediado e lhe ofereceu um miado de irritação.

— McNab! — Como ele não respondeu, Eve girou os olhos com impaciência e deu-lhe uma sacudida no ombro. Ele simplesmente bufou e virou a cabeça de lado.

O movimento de sua cabeça fez o gato se inclinar, e a resposta do bichano a isso foi se segurar com as garras. McNab tornou a bufar e armou um sorriso afetado, dizendo:

— Cuidado com as unhas, gatinha.

— Ei! — Eve deu-lhe um soco no ombro. — Nada de sonhos eróticos na minha poltrona, meu chapa!

— Hein? Ah, qual é, gatinha. — Seus olhos se abriram, vitrificados e pesados, e então focalizaram Eve. — Ahn? Dallas? Que foi? Onde? — Levantou a mão, sentiu o peso nos ombros e, apalpando, segurou a cabeça de Galahad. — Quem?

— Você esqueceu do por quê, mas não precisa nem perguntar. Recomponha-se!

— Tá... Tá... Puxa... — Tornou a virar o rosto até ficar cara a cara com Galahad. — Esse gato é seu?

— Ele mora aqui. Está acordado o bastante para me dar uma atualização?

— Certo, claro. — Lutando para conseguir se sentar, passou a língua sobre os dentes. — Café! Estou implorando!

Como também era viciada em café, Eve foi até a cozinha, solícita, e ordenou uma dose dupla da bebida, bem forte e quente; em seguida, levou a caneca para ele.

O gato estava no colo de McNab quando ela voltou, apertando as suas coxas e olhando para ele como se o desafiasse a protestar. McNab pegou a caneca de café com as duas mãos e bebeu mais da metade de uma vez só.

— Obrigado. Uau! Sonhei que estava fora do planeta, em um resort, transando com uma mutante incrivelmente bonita que tinha pêlos em vez de pele. — Olhou para Galahad novamente e fez uma careta. — Nossa!

— Não perguntei por detalhes de suas fantasias libidinosas. O que conseguiu?

— Certo. Verifiquei em todos os hotéis cinco estrelas da cidade. Nenhum homem sozinho reservou quarto ontem à noite. Procurei nos hotéis de quatro e três estrelas e o resultado foi o mesmo. Consegui os dados pessoais dele. O disco está sobre a sua mesa, devidamente etiquetado.

— Informe os achados mais importantes — pediu ela, pegando o disco e guardando-o na bolsa.

— Nosso homem tem quarenta e sete anos, nasceu aqui na cidade de Nova York. Os pais se divorciaram quando ele tinha doze anos. A mãe ficou com a guarda do filho. — Abriu a boca em um bocejo tão grande que o maxilar estalou. — Desculpe. Ela jamais se casou. Trabalhou como atriz em produções baratas. Tem um histórico de problemas mentais. Esteve internada em clínicas psiquiátricas várias vezes, na maioria delas por depressão. O tratamento não funcionou porque ela se matou no ano passado. Adivinhe em que dia?

— No Natal.

— Acertou na mosca, tenente. Quanto a Simon, tem um bom nível de instrução e se especializou em duas áreas. Teatro e cosmetologia. Formou-se em ambas. Trabalhou algum tempo como maquiador em peças de teatro e shows. Assumiu o salão há dois anos. Nunca se casou e morou todo esse tempo com a mãe.

Fez uma pausa para tomar um pouco mais de café.

— Não está em dificuldades financeiras — continuou McNab —, mas o tratamento de sua mãe custou uma grana preta. Não tem ficha criminal. Quanto à sua saúde, não achei nada, a não ser exames de rotina e checkups; nenhum problema mental.

— Mande uma cópia dos dados pessoais para Mira e tente desencavar alguma informação sobre o pai. Continue a verificar as reservas dos hotéis. Ele tem que ter ido para algum lugar.

— Posso tomar o café-da-manhã aqui?

— Você sabe onde fica a cozinha. Vou para a rua. Mantenha-me atualizada.

— Certo. Ahn... Dallas, você e Peabody estão bem?

— E por que não estaríamos? — perguntou ela, erguendo as sobrancelhas.

— É que eu senti um clima estranho entre vocês.

— Mantenha-me atualizada — repetiu ela e o deixou bebendo café, acariciando as orelhas do gato e matutando sobre alguma coisa.

Eve decidiu que das duas, uma: ou a sua auxiliar dormira sobre uma tábua, ou passara goma demais no uniforme, pois estava dura e seca como uma torrada queimada.

Mas foi pontual. Trocando acenos de cabeça, em vez de palavras, caminharam juntas até a entrada do salão. Yvette já estava atrás do balcão e parecia muito ocupada, consultando a agenda do dia em seu monitor.

— A senhora está virando uma cliente assídua — disse a Eve. — Devia aproveitar e fazer suas unhas na manicure ou algo desse tipo.

— Tem alguma sala de tratamento que esteja vazia?

— Temos duas salas, mas nossos consultores só estarão livres depois das duas da tarde.

— Tire cinco minutos de folga, Yvette.

— Como assim?

— Quero cinco minutos do seu tempo. Precisamos conversar. Vamos usar uma das salas vazias.

— Olhe, tenente, eu realmente estou muito ocupada no momento.

— Pode ser aqui ou na Central de Polícia. Vamos.

— Ora, mas pelo amor de Deus! — Bufando de irritação, Yvette se levantou do banco alto em que trabalhava. — Deixe-me ligar uma andróide e colocá-la no meu lugar. Estamos sem funcionários disponíveis.

Ela foi até a ponta do balcão e digitou um código na porta de um armário alto. A andróide guardada lá dentro estava muito bem arrumada e penteada, vestia um colante elegante cor de pele que combinava com o tom dourado de sua pele e com os cabelos ruivos muito marcantes. Quando Yvette a ligou, a andróide abriu os olhos grandes e incrivelmente azuis, piscou duas vezes, balançando os cílios grossos e pesados, e sorriu, perguntando:

— Posso ajudá-la em alguma coisa?

— Assuma o balcão da recepção.

— Fico feliz em servi-la. Você está linda hoje.

— Tá legal. — Obviamente irritada, Yvette deu as costas para a atendente robótica. — Ela diria isso mesmo que eu tivesse a cara coberta de verrugas. Esse é o problema com os andróides. Espero que a conversa seja rápida, tenente — acrescentou saindo apressada em

direção aos fundos do salão. — Simon não gosta que deixemos nossos lugares, a não ser nos intervalos determinados.

— Ele não vai reclamar. — Eve entrou na sala de tratamento vazia e desejou que o lugar não se parecesse tanto com uma sala de autópsia. — Quando falou com Simon pela última vez.

— Ontem. — Já que estava ali, Yvette pegou uma luva massageadora, enfiou-a na mão e a ligou. O aparelho zumbiu baixinho e ela começou a massagear o pescoço e os ombros. — Tivemos um levantamento de busto às quatro da tarde e a sessão só acabou às seis. Se precisa falar com Simon, ele deve chegar a qualquer instante. Na verdade, ele já devia estar aqui desde a hora em que abrimos. É véspera de Natal e estamos atolados de clientes.

— Eu não o esperaria hoje se fosse você.

Yvette piscou, a luva massageadora pareceu engasgar e fez sua mão sacudir.

— Há algo errado com Simon? Ele sofreu algum acidente?

— Sim, há algo errado com Simon, mas ele não sofreu nenhum acidente. Simplesmente ele atacou Piper Hoffman ontem à noite.

— Atacou? Simon? — Yvette deu uma gargalhada. — A senhora deve estar com a cabeça fora de órbita, tenente.

— Ele assassinou quatro pessoas, estuprou-as e estrangulou-as, e quase fez o mesmo com Piper na noite passada. Agora desapareceu. Sabe para onde pode ter ido?

— Não, a senhora está enganada. — Yvette balançou a cabeça com determinação enquanto arrancava a luva massageadora. — Só pode estar errada. Simon é gentil e doce. Não poderia magoar alguém.

— Há quanto tempo você o conhece?

— Eu... faz uns dois anos, desde que ele assumiu o controle do salão. A senhora só pode estar enganada. — Yvette levantou as mãos e as colocou sobre as bochechas. — Piper? A senhora disse que Piper foi atacada? Ela está ferida? Onde ela está?

— Está em coma no hospital. Simon foi interrompido antes de acabar com ela e fugiu. Voltou ao seu apartamento, mas não está lá agora. Para onde pode ter ido?

— Não sei. Não consigo acreditar nessa história. A senhora tem certeza?

— Sim, tenho certeza. — Eve manteve os olhos fixos nela.

— Mas ele adorava Piper. Era o consultor de beleza pessoal dela, mas não só dela, de Rudy também. Fazia todos os tratamentos neles. Simon os chamava de Anjos Gêmeos.

— Com quem mais ele tem intimidade aqui? Com quem conversa a respeito da sua vida pessoal? Ou a respeito da sua mãe?

— Sua mãe? Ela faleceu no ano passado. Ele ficou arrasado. Ela sofreu um acidente fatal.

— Ele contou que a morte dela foi por acidente?

— Sim, parece que ela desmaiou ou algo assim dentro da banheira. Afogou-se. Foi horrível. Eles eram muito chegados, ela e o filho.

— Ele falou com você a respeito dela?

— Sim, trabalhávamos juntos, passávamos muitas horas em companhia um do outro aqui dentro. Éramos amigos. — Seus olhos se encheram d'água. — Não posso acreditar no que a senhora está me contando.

— Pois trate de acreditar, para sua própria segurança. Para onde ele iria, Yvette, se estivesse apavorado e não pudesse ir para casa? Deve haver um lugar onde ele pudesse se esconder.

— Não sei. Sua vida se resumia nisto aqui, no salão, especialmente depois que a sua mãe morreu. Acho que ele não tinha nenhum outro parente. Seu pai morreu quando ele era menino. Ele não ligou para mim ontem à noite. Juro que não ligou.

— Se ligar, quero que você entre em contato comigo imediatamente. Não se arrisque. Não vá se encontrar com ele. Não abra a porta de casa se ele aparecer lá. Agora eu preciso verificar o armário dele, e depois quero interrogar os outros funcionários.

— Certo. Vou providenciar isso. Ele não andava agindo de forma estranha nem nada. —Yvette enxugou uma lágrima presa nos cílios e se levantou. — Estava todo empolgado por causa do Natal. Ele é muito sentimental, entende? Perder a mãe foi uma nuvem negra nas festas do ano passado para ele.

— Sim. Bem, parece que ele está tirando o atraso neste ano. — Eve entrou na sala dos funcionários e olhou de relance para um consultor robusto que tomava um copo de bebida energética verde-hortelã.

— Ele trocou a senha — informou Yvette. — O armário está trancado. Não consigo abri-lo sem a nova senha.

— Quem é o responsável pelo sistema quando ele não está aqui?

— Sou eu — disse Yvette, soltando o ar dos pulmões com força.

Eve pegou a arma, inclinou a cabeça e disse:

— Posso abrir o armário com o auxílio disso aqui, mas você tem que me dar autorização para

arrombá-lo.

— Tudo bem, vá em frente. — Yvette fechou os olhos.

— Gravou o que ela disse, Peabody?

— Sim, senhora.

Eve ajustou a mira, apontou e disparou contra a fechadura. A arma soltou uma rajada rouca e emitiu faíscas. A fechadura de metal arrebentou e caiu no chão.

— Nossa, Yvette, mas que diabos está acontecendo? — quis saber uma voz atrás delas.

— Isso é assunto da polícia, Stevie. — Yvette abanou a mão para o consultor assustado. — Você tem uma sessão de relaxamento marcada para as nove e meia. Vá preparar a sala.

— Simon vai ficar pau da vida com essa história — avisou ele balancando a cabeça ao sair.

Dando um passo para o lado, a fim de permitir um ângulo melhor para Peabody gravar, Eve segurou o puxador da porta.

— Merda! — exclamou, puxando a mão de volta e assoprando-a depressa. — Está quente demais.

— Use isto. — Peabody pegou um lenço impecável, em seu bolso e o estendeu para Eve. Os olhos das duas se encontraram por um breve instante.

— Obrigada. — Usando o lenço, Eve cobriu o puxador com ele e abriu a porta do armário. — Ora, ora... Papai Noel saiu apressado — murmurou.

A roupa vermelha fora embolada e jogada dentro do armário. Botas altas pretas e brilhantes estavam em cima dela. Inclinando-se para baixo, Eve pegou uma lata de spray selante e cobriu as mãos com ele.

— Vamos ver o que mais encontramos por aqui.

Havia duas latas de desinfetante, meia caixa de sabonetes de ervas, tubos de creme protetor e um aparelhinho de venda livre que prometia matar todos os germes emitindo ondas sonoras de alta freqüência. Eve encontrou outra caixa de equipamento de tatuagem e também moldes para vários desenhos mais complicados.

— Isso o incrimina. — Eve pegou uma placa fina com letras estilizadas:

MEU VERDADEIRO AMOR

— Guarde tudo nas embalagens de provas, Peabody, e consiga alguém para levá-las. Quero isso no laboratório em uma hora, no máximo. Vou ficar na sala de tratamento vazia, interrogando o pessoal do salão.

Eve não conseguiu mais nenhuma informação da equipe. Simon era admirado e querido pelos funcionários. Eve ouviu até mesmo palavras como compassivo, generoso e solidário.

E se lembrou do horror e da dor que vira nos olhos de Marianna Hawley.

A viagem até o hospital, para verificar o estado de Piper, foi feita em silêncio. Embora o aquecimento do novo veículo fornecesse um calor constante, o ar parecia muito frio.

Tudo bem, pensou Eve. Por ela estava ótimo. Se Peabody queria ficar andando por aí com um cabo de vassoura espetado na bunda, era problema dela. Isso não afetaria o trabalho.

— Faça uma ligação para McNab — ordenou Eve ao entrar no elevador, sem olhar para o lado. — Veja se ele descobriu outros possíveis esconderijos para Simon. Depois verifique se Mira recebeu os dados pessoais.

— Sim, senhora.

— E se tornar a dizer "sim, senhora" com essa cara de quem comeu e não gostou eu vou lhe dar uma surra de cinto. — Dizendo isso, Eve marchou para fora do elevador e deixou Peabody fazendo caretas atrás dela.

— Quero saber o estado de Piper — disse Eve, colocando o distintivo com força sobre o balcão do posto de enfermagem.

— A paciente está sedada.

— Como assim, sedada? Ela já saiu do coma?

A enfermeira, que usava uma túnica colorida cheia de flores primaveris, expressou irritação e informou:

— A srta. Piper recuperou a consciência cerca de vinte minutos atrás.

— E por que não me comunicaram esse fato? A ordem estava claramente especificada em sua prancheta.

— Sim, realmente estava, tenente. Mas a paciente recobrou a consciência a plenos pulmões. Apresentou-se incoerente, histérica e violenta. Fomos forçados a imobilizá-la e, em seguida, lhe aplicamos um tranqüilizante, por ordens do médico e com autorização do parente mais próximo.

— E onde está o parente mais próximo?

— Está no quarto, ao lado dela, onde, aliás, passou a noite toda.

— Chame o médico que a atendeu e mande-o vir até aqui. — Girando o corpo, Eve saiu a passos largos pelo corredor em direção ao quarto de Piper.

Ela parecia uma fada adormecida. Pálida, loura e linda. Sombras delicadas estavam sob os seus olhos, e um leve tom rosado provocado pelos medicamentos realçava-lhe as maçãs do rosto.

Perto da cama, os monitores zumbiam suavemente. O quarto em si era decorado como a sala de visitas de uma suíte em hotel de classe. Os pacientes com boas condições financeiras podiam se curar cercados de sofisticação e conforto.

A primeira lembrança que Eve tinha de um tratamento médico era um quarto estreito e horrível onde se enfileiravam camas estreitas e horríveis em cima das quais mulheres e meninas gemiam de dor. As paredes eram cinza, as janelas, pretas, e o ar fedia a urina.

Tinha oito anos, estava destroçada e sozinha, e não tinha nem mesmo a lembrança do próprio nome para consolá-la.

Piper, porém, não enfrentaria nenhum desses desconfortos. Seu irmão estava ao lado de sua cama, segurando sua mão com carinho e delicadeza, para ela não se quebrar como vidro frágil, caso ele a pressionasse um pouco mais.

Havia ramalhetes e grandes braçadas de flores em cestas, recipientes diversos e vasos altos e elegantes. Uma música melodiosa e tranqüilizadora, executada por instrumentos de corda, tocava baixinho.

— Ela acordou gritando. — Ele não olhou para trás e manteve os olhos fundos no rosto da irmã. — Gritou pedindo a minha ajuda. Emitiu sons que nem mesmo pareciam humanos.

Levantou a mão estreita e comprida e a passou pelo próprio rosto.

— Ela não me reconheceu; tentou bater em mim e nas enfermeiras. Não sabia quem eu era nem onde estava. Ela pensou que ainda estivesse... Achou que ele ainda estava por perto.

— Ela disse alguma coisa, Rudy? Ela falou o nome dele?

— Ela guinchou o nome dele em uivos desesperados. — O rosto dele pareceu perder a textura e a cor no instante em que levantou a cabeça. Estava sem expressão, como se fosse de cera. — Sim, ela disse o seu nome. "Por favor, meu Deus", ela disse, "Simon, não, não faça isso não!...", e repetiu a mesma coisa sem parar.

Um sentimento de compaixão por ambos fez o coração de Eve se apertar.

— Rudy, eu tenho que conversar com ela.

— Ela precisa dormir. Precisa esquecer. — Levantou a outra mão e acariciou os cabelos de Piper. — Quando ela estiver melhor, quando estiver em condições, vou levá-la daqui. Vamos para algum lugar quente, ensolarado e cheio de flores. Ela vai se curar lá, longe de tudo isso. Sei muito bem o que a senhora pensa de mim. De nós. Eu não ligo.

— Não importa o que eu penso de vocês. É ela que importa. — Eve chegou mais perto, até ficar frente a frente com ele, do outro lado da cama. — Será que a cura não vai ser mais completa, Rudy, se ela souber que o homem que fez isso está preso? Preciso falar com ela.

— Piper não deve ser forçada a falar disso. A senhora não pode entender como ela vai se sentir nem o que isso vai representar para ela.

— Posso entender sim. Sei exatamente pelo que ela passou — disse Eve, marcando bem as palavras enquanto Rudy estudava o seu rosto. — Não vou feri-la mais. Quero agarrar esse homem, Rudy, antes que ele faça o mesmo que fez a ela e até pior a outra pessoa.

— Eu vou ficar aqui — disse ele depois de um longo silêncio. — Ela vai precisar de mim aqui... e do médico também. O médico vai ter que ficar. Se ela ficar muito agitada, quero que ele torne a lhe aplicar um sedativo.

— Tudo bem. Mas você vai ter que me deixar fazer o meu trabalho.

Ele assentiu com a cabeça e voltou os olhos para o rosto de Piper.

— Ela vai... Quanto tempo... Se a senhora sabe como ela está se sentindo, quanto tempo levará para ela esquecer?

Ó Deus, pensou Eve.

— Ela nunca esquecerá — disse Eve, sem expressão. — Mas vai conseguir viver com isso.

## CAPÍTULO DEZENOVE

Isto vai trazê-la de volta gradualmente. — O médico era jovem e tinha olhos que ainda exibiam compaixão e devoção à sua arte. Injetou pessoalmente a medicação ao soro em vez de delegar essa tarefa incômoda a uma enfermeira ou assistente. — Vou mantê-la um pouco abaixo da consciência total para que não se agite demais.

— Preciso que ela esteja consciente — avisou Eve, e o médico lançou um olhar suave, com olhos castanhos, para ela.

— Sei que precisa, tenente. Normalmente eu nem mesmo concordaria em diminuir o nível de sedação de uma paciente nessas condições. Mas compreendo a necessidade disso diante das circunstâncias. Agora eu quero que a senhora entenda que ela precisa se manter o mais calma possível.

Desviou a atenção para os monitores, ao mesmo tempo que mantinha os dedos sobre o pulso de Piper.

— Ela está estável — disse o médico, e então olhou novamente para Eve. — A recuperação tanto física quanto emocional, em um trauma desse tipo, é uma jornada muito difícil.

— O senhor conhece as enfermarias especializadas em caso de estupro em Alphabet City?

— Não há nenhuma enfermaria desse tipo naquela área.

— Mas tinha, até uns cinco anos atrás, quando o governo modificou as exigências para licenciamento e também tabelou os serviços para as acompanhantes licenciadas que trabalham nas ruas. Muitos dos pacientes nas enfermarias eram prostitutas e prostitutos de rua, e eram os mais jovens também. Rapazinhos e moças recém-chegados de regiões rurais que não sabiam lidar com clientes turbinados por Zeus e Exótica. Trabalhei lá durante seis meses miseráveis. Sei muito bem o que estou fazendo aqui.

O médico assentiu com a cabeça e levantou a pálpebra da paciente.

— Ela está acordando — informou. — Rudy, deixe que ela veja você primeiro. Converse com ela, tranqüilize-a. Mantenha a voz baixa e calma.

— Piper. — Rudy colocou no rosto uma fraca imitação de sorriso e se inclinou sobre a cama. — Querida, é o Rudy que está falando. Você está bem. Está comigo. Está completamente a salvo. Está comigo. Pode me ouvir?

— Rudy? — ela falou com a voz meio engrolada, mantendo os olhos fechados, mas virando o rosto na direção da voz. — Rudy, o que aconteceu? O que aconteceu? Onde você estava?

— Estou aqui agora. — Uma lágrima desceu lentamente pela sua face. — E vou ficar aqui com você.

— Simon, ele está me machucando. Não consigo me mexer.

— Ele já foi embora. Você está salva.

— Piper. — Eve percebeu o pânico que surgiu em seus olhos, apesar da medicação, assim que ela os abriu e piscou. — Você se lembra de mim?

— Polícia. A tenente. A senhora queria que eu dissesse coisas más sobre Rudy.

— Não, queria apenas que você me dissesse a verdade. Rudy está aqui. Vai ficar ao seu lado o tempo todo, enquanto você conversa comigo. Conte-me o que aconteceu com você. Fale-me de Simon.

— Simon. — As luzes do monitor se agitaram. — Onde está ele?

— Não está aqui. Ele não pode mais machucá-la. — De forma gentil, Eve pegou a mão que Piper estendeu, como para se defender de um golpe. — Ninguém vai machucá-la. Vou mantê-lo bem longe de você, mas precisa me ajudar. Tem que me dizer o que ele fez.

— Ele bateu na porta. — Os olhos dela se fecharam, mas Eve podia ver os movimentos rápidos por trás das pálpebras delicadas. — Fique feliz em vê-lo. Eu tinha um presente de Natal para ele, e ele trazia uma caixa embrulhada em papel prateado. Um presente. Simon trouxe um presente para mim e para Rudy, pensei. Então eu lhe disse que Rudy não estava. Ele já sabia... *Não, ele não está, você está sozinha. Sozinha comigo.* Ele sorriu para mim e... colocou a mão sobre o meu ombro.

"Então eu me senti tonta", murmurou. "Fiquei tão tonta que não conseguia mais enxergar direito. Tive que me deitar, me senti tão estranha... Eu o ouvia, ouvia quando ele falava comigo, mas não compreendia direito. Não conseguia me mover, não conseguia abrir os olhos. Não conseguia pensar."

— Lembra alguma coisa que ele tenha dito? Qualquer coisa?

— Disse que eu era linda. Disse que sabia como me tornar ainda mais bonita. Senti algo gelado na minha perna, fazendo cócegas na coxa, mas ele continuou falando comigo. Disse que me amava, apenas a mim. Era um amor verdadeiro e ele queria que eu fosse o seu verdadeiro amor. Eu não era, mas poderia ser. As outras não importavam. Apenas eu. Ele continuou falando, mas eu não conseguia mais responder. Todos os outros amores estavam mortos porque não eram verdadeiros. Não eram puros, não eram inocentes. Não! — De repente ela tirou a mão de Eve e tentou rolar para o lado.

— Está tudo bem. Você está a salvo. Sei que ele a machucou, Piper. Sei o quanto a machucou, e sei o quanto você teve medo. Mas não precisa mais ter medo. — Com firmeza, Eve segurou-lhe a mão. — Olhe para mim, fale comigo. Eu não vou mais deixá-lo machucá-la.

— Ele me amarrou. — Lágrimas começaram a lhe escorrer pela face. — Ele me amarrou na cama. Arrancou as minhas roupas. Implorei para que ele não fizesse aquilo. Ele era meu amigo. Ele se fantasiou. Foi horrível. Havia uma câmera. Ele posou na frente dela, sorriu e disse que eu tinha sido uma menina má. Seus olhos... havia alguma coisa errada com os seus olhos. Eu gritava, mas ninguém me ouvia. Onde está Rudy?

— Estou aqui. — Ele quase se engasgou com as palavras, beijou-lhe as sobrancelhas e a testa. — Estou aqui.

— Ele fez coisas comigo. Ele me estuprou, e doeu muito. Ele disse que eu era uma puta. Disse que a maioria das mulheres é puta, que são apenas atrizes que fingem ser diferentes, mas no fundo são apenas putas. Disse que a maioria dos homens as usa e depois as abandona. Disse que eu era uma puta e ele poderia fazer comigo o que bem quisesse. E fez, continuou me machucando. Rudy, eu chamava por você, pedindo para que o fizesse parar. Faça-o parar!

— Rudy chegou — disse-lhe Eve. — Rudy chegou e o fez parar.

— Rudy chegou?

— Sim, ele a ouviu, chegou e tomou conta de você.

— Ele parou. Sim, ele parou. — Tornou a fechar os olhos. — Houve gritos, barulhos e alguém começou a gritar muito alto, chamando pela mãe. Não me lembro de mais nada.

— OK. Você foi muito bem, Piper.

— A senhora não vai deixar que ele volte? — Seus dedos apertaram os de Eve. — Não vai deixar que ele me encontre?

— Não, não vou deixar que ele volte.

— Ele colocou alguma coisa na minha pele — lembrou Piper. — Passou um spray em todo o meu corpo. — Piper mordeu o lábio. — Dentro de mim também. Seu corpo estava todo depilado. Não havia um fio de cabelo sequer. Ele tem uma tatuagem no quadril.

Aquilo era novidade, refletiu Eve. Ele não tinha tatuagem alguma nos vídeos que ela investigara.

— Você se lembra de como era essa tatuagem?

— Estava escrito Meu *Verdadeiro Amor. E*le me mostrou a tatuagem, queria que eu a visse com atenção. Explicou que era nova, uma tatuagem permanente e não temporária. Disse que estava cansado de ser temporário para todos aqueles a quem amava. Eu estava chorando e lhe disse que jamais o magoara. Então ele chorou também. Afirmou que sabia disso, sentia muito e não sabia mais o que fazer.

— Consegue se lembrar de mais alguma coisa?

— Ele me disse que eu ia sempre amá-lo, porque ele seria o meu último homem. E que ele ia sempre se lembrar de mim, porque eu fora amiga dele. — O brilho desaparecera dos seus olhos. Agora eles pareciam simplesmente cansados. — Ele ia me matar. Não era mais Simon, tenente. O homem que fez isso comigo... eu não o conheço. Ele se transformou em outra pessoa naquele momento. Acho que isso o assustou quase tanto quanto assustou a mim.

— Não precisa mais ter medo, eu lhe asseguro. — Dando um passo para trás, Eve olhou para Rudy. — Vamos lá fora um minuto, deixe o médico examinar a sua irmã.

— Já volto. — Ele beijou os dedos de Piper. — Estou bem aqui na porta. Não quero deixá-la sozinha — disse a Eve assim que a porta do quarto se fechou atrás deles.

— Ela vai precisar falar com alguém.

— Já falou muito por hoje. Ela lhe contou tudo, tenente, pelo amor de Deus...

— Ela vai precisar de acompanhamento psicoterápico — interrompeu Eve. — Precisa de tratamento. Levá-la para longe daqui não vai ajudá-la a lidar com o que houve. Eu lhe dei um cartão, há alguns dias, um cartão meu com um nome e um numero atrás. Entre em contato com a dra. Mira, Rudy. Deixe que ela ajude a sua irmã.

Ele abriu a boca para falar alguma coisa, mas não disse nada. Pareceu estar fazendo um grande esforço para se controlar.

— A senhora foi muito gentil lá dentro, tenente. Muito boa. Quando ouvi Piper descrever o que lhe aconteceu, percebi por que a senhora não foi boa nem gentil comigo, pois acreditava que eu era o responsável pelo... pelo que aconteceu com os outros. Eu lhe sou grato, tenente.

— Deixe para ser grato quando eu o apanhar. — Ela se balançou para trás sobre os calcanhares. — Você o conhece bem, não conhece?

— Pensei que sim.

— Para onde ele iria? Há algum lugar ou alguém?

— Eu imaginava que ele procuraria por mim ou por Piper no caso de haver algum problema. Passávamos grande parte do tempo em companhia uns dos outros, em nível profissional e pessoal. — Fechou os olhos. — Isso explica a facilidade que ele teve para acessar as listas de contatos. Ninguém na empresa o questionaria se o visse fazendo isso. Se eu tivesse lhe contado isso, se eu tivesse aberto as portas para a senhora, em vez de tentar proteger a mim mesmo e a minha empresa, talvez tivesse evitado tudo isso.

— Pois abra essas portas agora. Fale-me dele, conte-me da sua mãe.

— Ela cometeu suicídio. Não sei se mais alguém sabe disso além de mim. — Em um gesto distraído, Rudy apertou a parte alta do nariz. — Certa noite ele estava transtornado e me contou tudo. Ela era uma mulher problemática, mentalmente instável. Ele culpava o pai por isso. O pai e a mãe se divorciaram quando ele ainda era criança, e a sua mãe nunca superou o problema. Tinha certeza de que o marido ia voltar um dia.

— O verdadeiro amor dela?

— Ó meu Deus. — Nesse momento ele cobriu o rosto. — Sim, sim, suponho que sim. Ela era uma atriz sem muito sucesso, embora Simon garantisse que ela era maravilhosa e estonteante de tão bela. Ele a idolatrava. Só que muitas vezes se preocupava com o seu comportamento. Ela se deixava enredar em períodos de depressão, e também havia homens. Ela usava os homens para fortalecer seu ânimo. Simon era o mais tolerante dos homens, mas com relação a isso ele tinha uma cabeça muito fechada. Achava que ela era mãe dele e não tinha o direito de se dar a ninguém sexualmente. Ele falou a respeito disso comigo apenas uma vez, logo após a morte da mãe, quando estava aturdido pela dor da perda. Ela se enforcou. Ele a encontrou na manhã de Natal.

— Tudo combina. — Peabody se sentou rigidamente no banco do carona enquanto Eve lutava com o tráfego. — Ele tem um complexo por causa da mãe e a está substituindo, punindo-a e amando-a cada vez que pega uma vítima. Os dois homens representam o pai ou a sua preferência sexual predominante.

— Obrigada pelo boletim — disse Eve de forma seca. Em seguida bateu com força no volante com a base da mão ao se ver presa novamente por todos os lados. — Essas porcarias de festejos natalinos! Não é de estranhar que os hospitais e clínicas de doenças mentais encham os bolsos nesta época do ano.

— Hoje é véspera de Natal.

— Sei muito bem que dia é hoje, droga. — Jogou o controle para a posição de ascensão vertical imediata, virou bruscamente para a esquerda e seguiu como um foguete por cima do mar de carros engarrafados.

— Ahn... cuidado com o maxiônibus — avisou Peabody.

— Eu tenho olhos! — Eve passou raspando pelo ônibus aéreo.

— Aquele táxi expresso vai... — Peabody se encolheu no banco e fechou os olhos ao ver que um taxista, obviamente com o mesmo humor de Eve, saiu subitamente da fila interminável, exatamente na frente delas.

Eve o xingou, deu um golpe de direção, bateu nele de leve e ligou a sirene do veículo no volume máximo.

— Aterrisse, seu filho-da-mãe! — Ela se inclinou, apertou-se entre dois veículos e parou o carro com duas rodas na pista e duas na calçada, diante da massa de pedestres irritados.

Eve bateu a porta com força e saiu a passos largos na direção do táxi. O taxista, por sua vez, bateu a porta do seu carro e saiu a passos largos na direção de Eve. Peabody poderia tê-lo avisado de que, se estava disposto a enfrentar uma tira cara a cara, escolhera a tira errada.

Por outro lado, pensou, enquanto saía do carro e abria caminho no meio da multidão, talvez dar uns chutes no traseiro de um motorista de táxi levantasse o seu astral.

— Eu fiz sinal de que ia subir. Tenho direito a pegar uma pista vertical tanto quanto a senhora, dona... Além do mais, as suas luzes não estavam ligadas, nem a sirene, não é verdade? Agora não é a prefeitura que vai pagar pelo amassado no pára-choque do meu carro, certo? Vocês, tiras, não são os donos da rua não, sabia? Eu é que não vou ficar no prejuízo, irmãzinha!

— Irmãzinha?

Peabody quase estremeceu ao ouvir o tom cortante de Eve. Atrás dela, balançou a cabeça com pena do motorista de táxi e pegou o seu codificador de infrações.

— Deixe que eu lhe explique uma coisa, meu *irmãozinho.* A primeira coisa que você deve fazer é dar um passo atrás e ficar pianinho, antes que eu o fiche por agressão a uma policial.

— Ei, mas eu nem encostei a mão em...

— Eu mandei dar um passo atrás! Vamos ver com que rapidez você cumpre a ordem que lhe dei.

— Puxa, foi só um amassãozinho de nada no pára-choque.

— Vai resistir à minha ordem?

— Não. — Resmungando baixinho, ele se virou, abriu as pernas e colocou as mãos sobre o teto do táxi. — Qual é, dona, é véspera de Natal. Vamos deixar esse jogo empatado, hein? O que me diz disso?

— Digo que é melhor você aprender a ter um pouco mais de respeito pelos tiras.

— Dona, eu tenho um primo que é tira da quadragésima primeira DP.

Com os dentes cerrados, Eve pegou o distintivo e só faltou esfregá-lo na cara do oponente.

— Então veja isto. Aqui diz tenente e não irmãzinha. Nem dona. Pode confirmar com o seu primo que é tira da quadragésima primeira DP.

— Brinkleman — murmurou ele. — Sargento Brinkleman.

— Pois então diga ao sargento Brinkleman da quadragésima primeira DP para ele entrar em contato com a tenente Dallas, do Departamento de Homicídios da Central de Polícia, a fim de explicar por que tem um primo tão babaca. Se ele conseguir explicar este fenômeno de forma aceitável, eu não apreendo a sua carteira nem conto que você cortou uma viatura da polícia em pleno ar. Sacou tudo o que eu disse?

— Sim, saquei... tenente.

— Agora tire o seu traseiro da minha frente.

Devidamente repreendido, o taxista entrou no seu carro, curvou-se sobre o volante e esperou pacientemente por uma brecha no tráfego para sair. Como continuava revoltada com tudo e com todos, Eve girou o corpo, levantou um dedo e quase o encostou no nariz de Peabody.

— Quanto a você, se quiser continuar a passear de carro comigo, é melhor tirar esse cabo de vassoura da bunda.

— Com todo o respeito, tenente, não reparei que havia algum objeto estranho nessa região da minha anatomia.

— Sua tentativa de fazer humor não foi apreciada, policial Peabody. Se não está satisfeita com a sua posição como minha assistente, pode solicitar transferência.

O coração de Peabody pareceu parar na garganta.

— Eu não desejo ser transferida, senhora. Não estou insatisfeita com a minha posição atual.

Mal conseguindo conter um grito de irritação, Eve virou para o outro lado e se lançou contra a massa de pedestres vindo em direção contrária, o que lhe valeu alguns empurrões e xingamentos, mas voltou logo em seguida.

— Mais uma coisa, Peabody: se você continuar usando esse tom formal ao falar comigo, a coisa vai piorar ainda mais.

— Você acabou de me dispensar, Dallas.

— Não fiz nada disso. Simplesmente lhe ofereci a opção de se transferir para outro lugar.

A voz de Peabody falhou e ela tentou controlá-la.

— É que eu senti... e ainda sinto, que você ultrapassou os limites ontem à noite, no que se refere ao meu relacionamento com Charles Monroe.

— Sim, você deixou isso bem claro na hora.

— Foi um comportamento inapropriado para uma oficial superior criticar a escolha do meu acompanhante. Isso é um assunto pessoal e eu...

— Você está certa, é um assunto pessoal. — Os olhos de Eve se tornaram sombrios, mas não de raiva, e, ao notar isso, Peabody ficou chocada. Havia tristeza neles. — Eu não estava falando como sua oficial superior na noite passada. Nem por um momento achei que estivesse conversando com a minha assistente. Pensei que estava falando com uma amiga.

Um sentimento de vergonha cobriu Peabody dos pés à cabeça.

— Dallas...

— Uma amiga — interrompeu ela —, que estava se derretendo toda para um acompanhante licenciado. O qual, por falar nisso, é suspeito em um caso ainda sob investigação.

— Mas Charles não...

— Ele está no final da lista — insistiu Eve —, mas ainda não saiu dela, já que teve ligação com uma das vítimas e também com um dos crimes.

— Você jamais considerou a idéia de que Charles pudesse ser o assassino.

— Não, eu acreditava que fosse Rudy e estava enganada. Poderia estar enganada a respeito de Charles Monroe também. — A possibilidade disso a incomodava. — Leve o carro de volta para a central. Coloque o capitão Feeney e o comandante Whitney a par dos últimos dados relacionados com o caso. Avise-os de que estou fazendo trabalho de campo, na rua.

— Mas...

— Leve a droga da viatura para a central! — repetiu Eve. — Isto é uma ordem de uma oficial superior para a sua auxiliar. — Virou-se e tornou a forçar passagem por entre a multidão. Dessa vez não voltou.

— Ai, merda! — Peabody se apoiou com as duas mãos no capo do carro, ignorando as buzinas mal-humoradas e a explosão de músicas natalinas que continuava a inundar a rua, vindo da loja no outro lado da calçada igualmente entulhada de gente. — Peabody, você é uma idiota.

Peabody fungou com força e levou a mão ao bolso para pegar seu lenço, e então se lembrou de que Eve não o devolvera. Limpando o nariz que escorria com as costas da mão, entrou no carro e se preparou para cumprir as ordens.

Quando Eve alcançou a esquina da rua 41, já havia se acalmado o suficiente para perceber que não poderia caminhar mais trinta quarteirões até o laboratório, a fim de apressar Dickie.

Uma olhada na quantidade de gente à sua volta se acotovelando por todo lado, inclusive nas passarelas aéreas, a convenceu de que tampouco daria para ir por cima.

Uma nova onda de pedestres a empurrou por trás e a foi carregando por mais meio quarteirão, antes que ela conseguisse abaixar a cabeça e empurrar o povo para conseguir passa. Quase se engasgou com a fumaça lançada pela carrocinha de cachorros-quentes de carne de soja e churrasquinhos que faturava como nunca naquela manhã. Piscando muito para se livrar das lágrimas que a fumaça lhe provocara, pegou o distintivo.

Conseguiu forçar a barra, chegou ao meio-fio e arriscou a própria vida ou, pelo menos, os braços e as pernas ao se lançar diretamente na rua e parar o primeiro táxi que apareceu, batendo com o distintivo no pára-brisa.

Entrando no veículo, tentou tirar a expressão estressada que a aventura dos últimos minutos através das ruas lhe colocara no rosto, mas acabou jogando as mãos no colo ao olhar para a frente e encarar os olhos arrasados do motorista pelo espelho retrovisor.

Reconhecendo o primo do detetive Brinkleman, da quadragésima primeira DP, soltou uma gargalhada ruidosa, afirmando:

— Só podia ser você, não é?

— Eu também comecei o dia com o pé esquerdo para fora da cama — resmungou ele de volta.

— Eu odeio o Natal.

— Eu também não estou curtindo nem um pouco neste momento.

— Leve-me até a rua 18. De lá eu sigo a pé.

— A pé a senhora vai chegar mais depressa.

Eve deu mais uma olhada para as calçadas apinhadas de gente.

— Pois pode colocar o pé na tábua. Se você for multado, eu converso com o pessoal do Departamento de Trânsito e eles retiram a multa.

— A senhora manda, tenente.

Ele deu a partida e saiu com a velocidade de um raio enquanto Eve fechava os olhos e, finalmente, admitia para si mesma que a dor de cabeça que já estava se espalhando para as têmporas não ia abandonar os recantos do seu cérebro sem o empurraozinho químico proporcionado por um analgésico.

— Você vai ter algum problema por causa do pára-choque amassado? — perguntou ela.

— Do jeito que os carros como o meu vivem batendo uns nos outros? Não, está limpo. — Ele virou na esquina da rua 18 — Eu não devia ter desrespeitado a senhora, tenente. É que esse tráfego enlouquecedor na época das festas de fim de ano me deixa muito estressado.

— É... — Pegando algumas fichas de crédito, passou-as para ele através da ranhura. — Vamos considerar o jogo empatado, como você sugeriu.

— Obrigado. De qualquer modo, um monstruoso feliz Natal para a senhora.

— Sim, o mesmo para você. — O riso de Eve já estava mais solto quando ela saiu do carro.

O número de pedestres era menor na parte da cidade onde ficavam o laboratório, o necrotério e a carceragem. Não havia nada para comprar por ali, refletiu, enquanto seguia a pé pelo meio quarteirão que faltava.

Entrou no feio prédio de aço que representava o conceito vivo de algum arquiteto idiota sobre baixos custos de construção *high-tech, c*ruzou o saguão sem encontrar viva alma e passou pelo portal da segurança.

O andróide de serviço acenou com a cabeça quando ela colocou a palma da mão na placa identificadora, recitou seu nome, posto, código e destino. Liberada, pegou a escada rolante que descia e franziu o cenho ao ver todas as salas e escritórios vazios. Aquele era um dia útil em meio de semana, no meio da tarde, pensou. Onde estava todo mundo?

Entrou na sala principal do laboratório. E encontrou uma festa rolando solta.

A música explodia acima das risadas selvagens. Alguém colocou um copo com um suspeito fluido verde na sua mão. Uma mulher vestida apenas com um guarda-pó e óculos especiais para microscópio passou dançando. Eve conseguiu agarrá-la pela manga e perguntou:

— Onde está Dickie?

— Sei lá! Deve estar por aí. Quero reabastecer meu copo.

— Tome. — Eve entregou-lhe o copo que tinha na mão e tentou forçar passagem entre as pessoas e o equipamento. Avistou Dickie sentado em cima de uma mesa para amostras, enfiando a mão por baixo da saia de uma técnica bêbada.

Pelo menos Eve imaginou que a mulher estivesse bêbada. De que outra forma ela poderia agüentar aqueles dedos esqueléticos entre as suas pernas?

— Venha, Dallas, entre nessa festa. Não é tão classuda quanto a que você ofereceu na noite passada, mas a gente faz o que pode.

— Onde está a droga do meu relatório? Onde estão os resultados que eu pedi? Que porra é essa acontecendo aqui dentro?

— Ei, é véspera de Natal. Vê se desencana e se anima um pouco. A mão dela voou na direção dele com raiva, agarrou-o pela gola e o arrancou de cima da mesa.

— Estou com quatro corpos no necrotério e uma mulher no hospital. Não me venha com esse papo de "se anime um pouco", seu vesgo filho-da-mãe. Quero os resultados dos meus testes de laboratório!

— O expediente acaba às duas da tarde na véspera de Natal. — Ele tentou afastar a mão dela, mas não conseguiu. — Isso é oficial. E já passa das três, sabichona.

— Pelo amor de Deus, Dickie, o cara está solto nas ruas! Você viu o que ele fez com as pessoas que atacou? Quer que eu lhe mostre a porra do vídeo que ele gravou enquanto cometia aquelas barbaridades? Quer acordar amanhã de manhã e descobrir que ele tornou a atacar porque você não fez o seu trabalho? Vai conseguir engolir o seu peru de Natal depois disso?

— Droga, Dallas. Não tenho quase nada para trabalhar. Me larga! — Com uma surpreendente dignidade, alisou a camisa quando Eve o soltou. — Vamos dar uma olhada no laboratório secundário. Não precisamos estragar a festa dos outros.

Ele se esgueirou através da multidão e destrancou a porta de um laboratório que ficava ao lado da sala principal.

— Porra, Feinstein, já falei que você não pode transar com ela aqui dentro! Leve-a para o depósito, como todo mundo faz.

Eve apertou os olhos doloridos com as pontas dos dedos enquanto um agitado casal que estava em plena transa se separou e começou a gaguejar enquanto agarrava as roupas espalhadas. Será que todo mundo pirava nesta época do ano?, perguntou a si mesma quando os dois saíram correndo dali, rindo como idiotas.

— Preparamos umas batidas espertas — explicou Dickie. — Usamos só substâncias legalizadas, mas a birita ficou turbinada. — Deixou o corpo cair diante do computador e abriu o arquivo.

— Conseguimos impressões digitais dessa vez, mas disso você já sabia. Não há dúvidas quanto à identificação. O mesmo desinfetan-te foi usado na cena desse último ataque. Os cosméticos deixados para trás batem com os das outras vítimas. A fantasia e os apetrechos que você mandou batem com as fibras identificadas anteriormente. Você pegou o cara, Dallas. Quando isso tudo for apresentado no tribunal, ele estará frito.

— E a perícia no local? Preciso de algo que me ajude a localizá-lo, Dickie.

— A perícia não mostrou nada além do esperado. A que foi feita no apartamento dele também não apresentou novidades. O cara é fanático por limpeza. Tudo foi lavado, escovado e aspirado. Mas encontramos algumas fibras que combinam com a fantasia, além de uns dois cabelos brancos que batem com os encontrados no último assassinato e com os da barba que ele abandonou na cena do crime ontem à noite. Agora é só pegá-lo e levá-lo a julgamento, porque tenho muita coisa para ajudá-la a mantê-lo preso. Isso é tudo o que posso lhe oferecer.

— Certo. Quero que você envie tudo isso para o meu computador na central, com cópia para Feeney.

Como ambos sabiam que aquilo já havia sido feito, Dickie simplesmente encolheu os ombros.

— Desculpe ter tirado você da festa.

— A cidade toda vai fechar as portas em mais uma ou duas horas, Eve. As pessoas precisam curtir o feriado. Elas têm esse direito.

— É... E eu tenho uma mulher que vai passar o Natal em uma cama de hospital. Ela tinha direito ao feriado também.

Saiu dali, deixou que o ar gelado lhe clareasse as idéias e se arrependeu por não ter pedido a Dickie algum analgésico potente o bastante para acabar com o latejar que sentia atrás dos olhos. A noite começava a cair, percebeu ela. Aquela era a temporada das noites mais longas do escuro mês de dezembro, quando a luz do dia mal aparecia no meio da manhã e tornava a desaparecer antes do fim da tarde.

Pegou o *tele-link* portátil e ligou para casa.

— Você está trabalhando — percebeu Eve assim que Roarke atendeu a linha privativa e ela viu um fax a laser vomitando papel atrás dele.

— Só mais um pouquinho.

— Ainda tenho algumas coisas para resolver. Acho que só vou poder ir para casa daqui a umas duas horas.

— Para onde está indo agora? — perguntou Roarke, percebendo a dor de cabeça que ela sentia.

— Quero dar mais uma olhada no apartamento de Simon. Não vistoriei o local pessoalmente. Talvez a equipe tenha deixado passar alguma coisa. Preciso ir lá olhar, Roarke.

— Eu sei.

— Escute, eu dispensei Peabody e o carro, mas o apartamento dele é pertinho aí de casa. Você poderia mandar um carro para me apanhar lá ou algo assim?

— Claro.

— Obrigada. Pode deixar que eu ligo quando tiver acabado, para você saber que já estou chegando.

— Faça o que tiver que fazer, mas tome um remédio para essa dor de cabeça, Eve.

— Não estou com dor de cabeça. — Ela riu para ele. — Vamos beber litros de vinho depois que eu chegar em casa, combinado? E fazer amor como dois animais.

— Bem, eu havia planejado uma noite sossegada, jogando xadrez em 3-D, mas se é isso o que você realmente quer fazer...

Ela se sentia maravilhosamente bem, pensou Eve ao desligar. Seria ótimo rir um pouco, de verdade.

Não se surpreendeu ao ver não apenas um carro à sua espera ao chegar ao apartamento de Simon, mas Roarke em pessoa.

— Você poderia ter mandado um andróide para me apanhar aqui.

— E você achou que eu faria isso?

— Não. — Ela passou a mão pelo cabelo. — E aposto que você não vai concordar com a idéia de me esperar aqui no carro até eu acabar lá em cima.

— Viu só como nós nos conhecemos bem? — Ele colocou a mão no bolso do seu elegante casaco longo, pegou uma caixinha esmaltada e tirou lá de dentro uma minúscula pílula azul. — Abra a boca.

Quando a viu franzir o cenho e apertar a boca com pirraça, levantou uma sobrancelha.

— É apenas um analgésico, Eve. Você vai conseguir raciocinar melhor sem a dor de cabeça.

— Nenhum troço estranho?

— Nenhum. Abra a boca. — Ele segurou-lhe o queixo no instante em que ela abriu a boca e usou a mão para tornar a fechá-la depois de jogar a pílula lá dentro. — Engula! Pronto, boa garota.

— Isso, pode pegar no meu pé, seu mané...

— Querida, não pensei em outra coisa o dia todo. Trouxe o seu kit reserva de serviço.

— Bem, pelo menos um de nós dois está pensando com clareza. Obrigada — agradeceu quando ele o pegou no carro. — Simon está no papo — acrescentou quando se dirigiam à entrada do prédio. — Consegui provas físicas, testemunhas, motivos, oportunidade, tudo o que ele tem direito.

— Pode acrescentar o fato de que a caixa de maquiagem que ele deixou no apartamento de Piper Hoffman é personalizada. Ele a comprou por encomenda. — Roarke passou a mão na nuca de Eve, massageando-a de leve para ajudar o analgésico a fazer efeito mais depressa. — Minha companhia oferece essa opção para esteticistas profissionais.

— Ótimo! Agora tudo o que eu tenho a fazer é encontrá-lo.

— Ele não se hospedou em nenhum hotel — disse Roarke, sorrindo para ela. — McNab anda mais ocupado do que nunca. Nenhum hotel, nem pousada, nem pensão. Pelo menos nenhuma na qual tenha conseguido vaga em um dia em que ninguém quer trabalhar.

— Eu que o diga. Acabei de dar de cara com uma orgia rolando no laboratório.

— E nem nos convidaram? Isso é insultante.

— Tenho o pressentimento de que um convite desses ia incluir o raro bônus de ver Cabeção pelado. — Pegou o cartão mestre e digitou um código para passar pelo bloqueio eletrônico que a perícia deixara na porta do apartamento 35. — Ver aquele cara nu é uma coisa que eu não desejo para o Natal. Você vai ter que passar spray selante se for entrar comigo.

Roarke olhou para a lata de spray e deu um longo suspiro.

— O seu departamento não poderia usar um produto com cheiro mais agradável? — Mesmo assim cobriu as mãos e os sapatos e esperou enquanto Eve fazia o mesmo.

— Gravador ligado. Aqui é a tenente Eve Dallas entrando na residência do suspeito Simon Lastrobe no dia 24 de dezembro, às dezoito horas e doze minutos. A investigadora oficial do caso está acompanhada por Roarke, civil designado como auxiliar temporário.

Ela entrou, ordenou que as luzes se acendessem e então ficou simplesmente ali, em pé, analisando a sala. Já não estava tão arrumada. O Departamento de Pesquisa Informatizada terminara o trabalho ali e deixara uma fina camada brilhante nas superfícies, em busca de impressões digitais e provas. Os peritos que vieram em seguida haviam deixado toda a mobília fora do lugar, em seguida reviraram os almofadões dos estofados e, por fim, retiraram todos os quadros das paredes. O *tele-link* fora desconectado e levado para análise.

— Já que você está aqui — disse Eve para Roarke —, dê uma olhada por aí. Se achar alguma coisa estranha, me chame. Vou até o quarto.

Ela mal começara a revistar o closet quando Roarke entrou segurando um disco entre o polegar e o indicador.

— Isso me pareceu estranho, tenente.

— Onde encontrou esse troço? Eles deviam ter levado todos os discos para análise.

— Esse pessoal contratado para trabalhar apenas na época de festas é meio descuidado. O disco estava lacrado atrás da moldura de um holograma. Imagino que a mulher retratada seja a mãe dele. Pareceu-me o lugar ideal para guardar lembranças de valor sentimental.

— Não tenho como rodar isso para ver o que tem dentro. Eles carregaram todos os aparelhos

eletrônicos. Vou precisar ir até a central para...

Parou de falar de repente ao ver que Roarke pegava uma caixa preta em seu bolso, levantava a tampa e revelava uma tela portátil.

— Brinquedinho novo — explicou ele ao vê-la franzir o cenho. — Não conseguimos resolver todos os *bugs* a tempo de lançar para o Natal, mas vai estar pronto para venda no feriado do Dia do Presidente.

— Isso é seguro? Não posso correr o risco de danificar o disco.

— Eu trabalhei pessoalmente neste aparelho. É uma pequena jóia. — Enfiou o disco na ranhura e levantou novamente a sobrancelha. — Posso?

— Sim, vamos ver o que tem aí.

## CAPÍTULO VINTE

O arquivo era uma espécie de diário confuso e triste. Documentava um ano na vida de um homem a partir do momento em que sua vida se despedaçara e se desviara muito do rumo.

Eve imaginava que Mira nomearia aquilo: "pedido de socorro".

Ele se referia à mãe mais de dez vezes em várias tomadas de vídeo. Ela era o seu verdadeiro amor, a quem ele canonizava, para transformá-la em vilã na tomada seguinte.

Ela era uma santa. Ela era uma prostituta.

A única coisa certa de que Eve tinha certeza no fim de tudo é que ela fora um fardo do qual Simon jamais se esquivou, mas nunca compreendeu.

A cada Natal ela tornava a embrulhar o bracelete que comprara para o marido, onde mandara gravar as palavras *Meu Verdadeiro Amor,* e em seguida o colocava sob a árvore, para o homem que abandonara a ela e o filho pequeno. E a cada ano garantia ao filho que o seu pai estaria ali na manhã de Natal.

Por muito tempo ele acreditou nela.

Por mais tempo ainda ele deixou que ela acreditasse naquilo.

Então, na véspera do Natal do ano anterior, cansado daquilo e revoltado pelos homens que ela deixava que a usassem, ele amassara a caixa e destruíra a sua ilusão.

E ela se enforcara com o lindo festão que seu filho usara para enfeitar a árvore.

— Não é uma história natalina das mais alegres — murmurou Roarke. — Pobre infeliz.

— Uma infância trágica não é desculpa para estuprar e assassinar.

— Não, não é, mas é uma raiz. Criamos o nosso próprio caminho, Eve, e uma escolha leva a outra.

— Mas somos responsáveis pelas escolhas que fazemos. — Pegou um saco próprio para guardar provas e o abriu. Depois de um instante, Roarke ejetou o disco e o colocou ali dentro.

Pegando o comunicador, Eve ligou para McNab.

— Não consegui descobrir a toca dele, Dallas. Rastreei o paradeiro do pai. Ele se mudou para a estação espacial Nexus quase trinta anos atrás. Casou-se novamente, tem dois filhos e netos. Estou com os dados dele, caso você queira contatá-lo.

— De que vai adiantar? — murmurou. — Achei um diário gravado no apartamento de Simon.

Os técnicos que vistoriaram o lugar comeram mosca, e os peritos também. Vou transmitir a gravação para o Departamento de Detecção Eletrônica. Vá até lá e arquive a prova, certo, McNab? Depois pode se considerar dispensado por hoje. Transmita a mesma ordem para Peabody. Vocês dois devem permanecer em alerta enquanto o suspeito estiver à solta.

— Positivo, tenente. Olhe, ele vai ter que sair do esconderijo em algum momento, Dallas, e então poderemos agarrá-lo.

— É isso aí... Vá colocar o seu sapatinho na janela, McNab. Vamos torcer para que todos nós consigamos o que pedimos de Natal. Dallas desligando.

Roarke a viu guardar o comunicador.

— Você é muito dura consigo mesma, Eve.

— Ele vai ter que fazer algum movimento esta noite. Ele vai ter que se mexer, mas é o único que sabe onde atacar. E quem. — Voltou ao closet. — Ele tem as roupas todas organizadas... por cor e por tecido. A obsessão dele com isso é maior até do que a sua.

— Não considero uma obsessão organizar o guarda-roupa.

— Tá... especialmente sabendo que você tem duzentas camisas pretas de seda. Não vai querer vestir a errada e dar mancada na hora de se apresentar.

— Acho que isso significa que você não comprou uma camisa preta de seda para me dar no Natal.

— Acho que meti os pés pelas mãos nessa história de compras de Natal — disse ela olhando por cima do ombro e fazendo uma careta. — Não entendi como era o lance até Feeney comentar que a pessoa deve comprar um monte de presentes de Natal para o marido ou para a mulher. Eu comprei só uma coisinha.

— E vai me dar uma dica do que é? — perguntou ele, colocando a língua na bochecha.

— Não, você é muito bom em matar charadas. — Olhou de volta para o closet. — Tente decifrar esta... Temos camisas e calças aqui, das brancas até o areia, ou sei lá que cor é essa.

— Eu diria que é gelo.

— Certo. Depois temos roupas azuis e verdes. Todas elas penduradas em ordem, por cor. De repente temos um espaço vazio, e em seguida continuamos com marrom e cinza até o preto. Qual a cor que você acha que está faltando?

— Meu palpite é vermelho.

— Adivinhão. Não temos vermelho aqui. Talvez ele use vermelho apenas em ocasiões

especiais. Ele tinha uma roupa de Papai Noel de reserva, mas a levou com ele. E tem mais uma coisa que os peritos não acharam. O resto das jóias. Na canção, o presente seguinte são seis gansos e assim por diante. Ele já os tem. Deve estar pronto para começar o show. Mas onde foi que ele enfiou tudo isso? Onde está escondendo essas coisas?... E se escondendo?

"Não há volta para ele agora", continuou Eve, circulando pelo quarto. "Ele sabe disso. Arriscou-se a voltar aqui porque precisa terminar o que começou, e não pode terminar sem as suas ferramentas, a fantasia e os apetrechos. Só que ele é esperto demais, organizado demais e centrado demais em si mesmo para não ter um lugar para onde ir."

— A vida dele era aqui, com a mãe e as lembranças — assinalou Roarke. — Aqui e no seu trabalho.

— Minha nossa! — Eve fechou os olhos, e a ficha caiu. — Ele voltou ao prédio onde ficam a agência e o salão. Ele está naquele prédio.

— Então vamos até lá pegá-lo.

O tráfego estava terrível e perigoso, com as ruas cobertas por uma fina camada de gelo que a massa de pedestres reduzira a filetes molhados. As pessoas quase corriam pelas calçadas, com pressa de chegar em casa ou na casa de amigos. Os atrasados, desesperados por um presente de última hora, entulhavam as poucas lojas ainda abertas.

As luzes da rua piscavam e se refletiam em mil poças luminosas. Eve olhou para um outdoor onde um Papai Noel em animação digital voava com o seu trenó e desejava feliz Natal para todos.

E começou a cair uma geada.

Perfeito.

Quando Roarke estacionou junto ao meio-fio, Eve saltou correndo, pegou o cartão mestre e, então, hesitou. Depois de um breve debate interno se agachou e pegou uma arma no coldre do tornozelo.

— Fique com a minha arma-reserva só para garantir.

Eles enfrentaram o frio intenso rumo às luzes da segurança do prédio.

— Houve gente entrando e saindo do salão de beleza, das lojas e das academias o dia inteiro. Ele ia precisar de privacidade. Deve haver salas vazias e podemos verificar isso logo de cara para ganhar tempo, mas meu palpite é que ele foi para o apartamento de Piper. Deve saber que ela está no hospital, e sabe também que Rudy não sairia do lado dela nem para ir até em casa. Lá é um lugar seguro e tranqüilo. Não há razão para a polícia voltar depois da liberação pela

perícia.

Apertando o botão do elevador, xingou.

— Está desligado.

— Gostaria que eu o reativasse para você, tenente?

— Não se meta a espertinho.

— Vou tomar isso como um sim. — Guardando a arma, pegou um pequeno jogo de ferramentas no bolso. — Vai levar só um segundinho. — Removendo a placa, Roarke pressionou alguns botões na placa-mãe com os dedos ágeis. Ouviu-se um zumbido baixo e logo as luzes das portas de vidro se acenderam.

— Trabalhinho brilhante... para um homem de negócios.

— Obrigado. — Ele gesticulou de forma cavalheiresca e entrou na cabine logo atrás dela. — Apartamento dos Hoffman.

*Sinto muito. Este andar só é possível de ser acessado através de uma chave eletrônica ou de uma autorização especial.*

Eve rangeu os dentes e começou a procurar novamente o cartão mestre, mas Roarke já retirara a placa dos controles.

— Desse jeito é mais rápido — explicou e, em segundos, anulou o bloqueio.

O elevador subiu de modo rápido e suave. Quando começou a desacelerar, Eve virou o corpo meio de lado, posicionando-se entre a porta e Roarke.

Ele estreitou os olhos, atrás dela, e esperou. Assim que as portas se abriram, ele a empurrou de lado, saiu do elevador girando o corpo e vasculhou o saguão com a arma.

— Nunca mais faça isso! — exclamou ela, entre dentes, pulando para lhe dar cobertura.

— E você nunca mais use o próprio corpo para servir de escudo para mim. Eu diria que aqui o campo está limpo. Pronta para ir até a porta?

Eve ainda estava tremendo de raiva. Aquilo era algo que ela ia ter que resolver com ele mais tarde.

— Eu vou por baixo — murmurou ela, abrindo a fechadura. — É o jeito que eu prefiro.

— Certo. No três, então. Um... dois... — Eles empurraram a porta ao mesmo tempo, como se tivessem treinado o movimento.

Lá dentro as luzes estavam acesas e o sistema de som tocava agitadas melodias natalinas. Embora as telas de privacidade estivessem descidas sobre as janelas, a árvore de Natal brilhava diante do vidro.

Eve apontou para a esquerda. A caminho do quarto, notou pequenas coisas. As manchas e a sujeira que os peritos deviam ter deixado para trás haviam sido limpas e tudo brilhava. O ar cheirava a flores e a desinfetante.

Havia uma suave névoa sobre a banheira de hidromassagem; e a água ainda estava morna.

O quarto se mostrou impecável. A cama estava feita e os respingos que haviam caído, enxutos.

Eve levantou a ponta da colcha e xingou baixinho.

— Ele trocou os lençóis. O canalha dormiu na mesma cama em que a estuprou. — Com uma fúria crescente que lhe subiu pelo estômago, escancarou o closet. Ali, em meio às roupas leves que Rudy e Piper preferiam, várias camisas e calças estavam penduradas.

— Ele se instalou como se estivesse em sua própria casa. — Eve se agachou e abriu a mala preta que estava no chão do closet. — Aqui estão os seus outros apetrechos. — Com o coração martelando, procurou entre as jóias, murmurando os números e a letra da canção. — Todos os que faltam estão aqui, até o doze... este prendedor de cabelos com doze sujeitos tocando tambor. Estão todos aqui, Roarke, com exceção do número 5. Ele o levou. — Eve se levantou. — O canalha tomou um banho relaxante, vestiu a sua fantasia, guardou o equipamento e saiu. Mas planeja voltar.

— Então esperamos por ele.

Eve quis concordar. Mais do que conseguia admitir, queria ser aquela que ia prendê-lo e olhar para ele cara a cara nesse momento. Queria saber que vencera a ele e aquela parte de si mesma que enfrentava nos pesadelos.

— Vou dar o alarme. Tem sempre uns pobres coitados que ficam de plantão na véspera de Natal. Vou precisar de alguns homens em volta do prédio e de alguns no lado de dentro. Vai levar uma hora, mais ou menos, para organizar tudo, e depois vamos para casa.

— Você no fundo não está querendo transferir o desfecho do caso para alguém, está, Eve?

— Não, não estou. Talvez exatamente por isso eu deva fazê-lo. E... — Virando-se para ele, Eve lembrou as palavras de Mira. — Eu tenho o direito de curtir a vida que comecei a montar a partir de mim mesma. Com você.

— Então dê o alarme. — Ele esticou a mão e tocou o rosto dela. — Depois vamos para casa.

Peabody acabou de preencher a papelada, soltou um longo suspiro de autocompaixão e de repente viu McNab parado na porta.

— O que foi?

— Estava só passando. Já avisei você de que Dallas a dispensou por hoje.

— Só vou ser dispensada quando todos os meus relatórios estiverem prontos e arquivados.

Ele sorriu de leve ao ouvir o sinal do computador, avisando que o arquivo estava completo.

— Pronto, acho que agora está dispensada. Vai ter um encontro quente com o Sr. Gostosão?

— Você é mesmo um ignorante, sabia, McNab? — Peabody se afastou da mesa. — Ninguém passa a véspera de Natal com alguém que só viu uma vez. — Além do mais, pensou, Charles já estava agendado para passar a noite com outra pessoa.

— Sua família não é daqui, é?

— Não. — Tentando escapar dele e ao mesmo tempo torcendo para que fosse embora, ela começou a arrumar coisas sobre a mesa.

— Não conseguiu folga para ir visitá-los no Natal?

— Este ano não.

— Eu também não. Esse caso está acabando com a minha vida social. Estou sem planos para hoje à noite também. — Enganchou os polegares nos bolsos da calça. — Peabody, o que me diz de fazermos uma trégua, tipo assim um indulto de Natal

— Não estou em guerra com você. — Ela se virou para pegar o casaco da farda em um cabide.

— Você parece meio pra baixo.

— É que hoje foi um dia puxado.

— Bem, se não vai passar a véspera de Natal com o Sr. Gostosão, por que não passa com um colega de trabalho? É uma noite péssima para passar sozinha. Deixe-me convidá-la para um drinque ou um jantar.

Ela manteve a cabeça baixa enquanto acabava de abotoar o casaco. Passar a véspera de Natal sozinha ou algumas horas em companhia de McNab? Nenhuma das duas opções era muito atraente, mas ela chegou à conclusão de que sozinha seria pior.

— Não gosto de você o bastante para aceitar que me pague um jantar. — Levantou os olhos e encolheu os ombros. — Mas, se me deixar pagar a minha parte, eu topo.

— Combinado.

Ela não esperava curtir tanto a noite, mas depois de uns dois drinques Noel Especial decidiu que estava até gostando muito. Pelo menos conversar sobre o trabalho era uma forma de passar algumas horas.

Provou alguns nuggets de frango, embora soubesse que eles iam se acomodar direto no seu traseiro. Ah, a dieta que fosse para o inferno.

— Como é que você consegue comer desse jeito? — perguntou a McNab, observando com ódio, e inveja, o jeito com que ele atacava uma pizza família com beirada crocante e cobertura completa, com tudo a que tinha direito. — Como é que você não é gordo como um porco?

— Metabolismo — disse ele com a boca cheia. — O meu está sempre a todo vapor. Quer um pouquinho?

Ela sabia que não devia. Lutar contra os pneuzinhos era uma batalha pessoal constante. Mesmo assim, pegou meia fatia e curtiu sem culpa.

— Você e Dallas já acertaram os ponteiros?

— Ela falou alguma coisa com você a respeito disso? — perguntou Peabody, engolindo com dificuldade e olhando para ele com raiva.

— Ei, sou um detetive. Eu saco as coisas.

Os dois drinques destravaram a sua língua e ela confirmou:

— Dallas está muito pau da vida comigo.

— Foi você quem pisou na bola?

— Acho que sim. Mas ela também — disse Peabody, franzindo o cenho. — Só que eu acho que a minha pisada foi pior. Não sei se vou conseguir acertar as coisas.

— Quando a gente tem alguém capaz de enfrentar um tiroteio por nós e você pisa na bola, vai lá depois e conserta tudo. Na minha família a gente grita, se xinga, depois matuta muito a respeito do assunto e pede desculpas.

— Isso não é família.

Ele riu.

— É claro que é! — Sorriu para ela. — Você vai comer todos esses nuggets?

Ela sentiu alguma coisa afrouxar em volta do coração. O cara podia ser um pé no saco, pensou, mas quando tinha razão tinha mesmo.

— Troco seis nuggets por outra fatia de pizza — propôs ela.

Eve fez um esforço para tirar da cabeça a operação de tocaia que organizara. Colocara policiais experientes e confiáveis no lugar, e câmeras de varredura eletrônicas tinham sido instaladas em um raio de quatro quarteirões. No instante em que Simon entrasse no perímetro, seria pego.

Ela não podia ficar imaginando ou questionando onde ele poderia estar, nem o que estaria fazendo, ou se mais alguém iria morrer. Eram coisas que estavam fora do seu controle.

Antes de a noite acabar eles colocariam as mãos nele. O caso era sólido e ele ia direto para a cadeia. Para nunca mais sair. A certeza disso teria que bastar para ela.

— Você comentou alguma coisa a respeito de vinho — disse Roarke.

— Sim, comentei. — Sorrir estava sendo mais fácil do que ela esperava, e pegar o cálice que Roarke lhe ofereceu foi ainda mais tranqüilo.

— Falou também sobre fazermos amor como dois animais.

— Sim, acho que me lembro de ter sugerido isso.

E foi mais simples do que nunca deixar o vinho de lado e pular em cima dele.

Peabody ficou mais tempo do que planejara e curtiu mais do que imaginara. É claro, pensou, enquanto subia os degraus para o seu apartamento com jeito claudicante, que aquilo era provavelmente o resultado da bebida e não da companhia.

Embora fosse obrigada a admitir que McNab não tinha sido tão babaca quanto normalmente.

Agora que já estava devidamente calibrada, pensava apenas em se enfiar no seu roupão velho, ligar as luzes da árvore de Natal e se encolher toda na cama para assistir a algum especial ou filme natalino antigo e tolo. Quando batesse meia-noite, ligaria para seus pais e se permitiria ser boba e sentimental.

Afinal, até que fora uma véspera de Natal quase decente.

Ao chegar ao topo da escada, cantarolou alguma coisa e seguiu em direção à porta.

Papai Noel apareceu no canto do corredor, carregando uma imensa caixa de presente embrulhada em papel prateado e sorrindo com olhos esbugalhados.

— Olá, garotinha! Você chegou tarde. Estava com medo de que não recebesse o seu presente de Natal.

Ai, pensou Peabody, que sufoco! Ela tinha um décimo de segundo para fazer alguma coisa. Correr ou ficar ali. Sua arma de atordoar estava no bolso de dentro do casaco, que ainda por cima estava abotoado. O comunicador, porém, estava no bolso externo, ao alcance da mão.

Ela optou por ficar. Esforçando-se para sorrir, deixou a mão deslizar para o bolso, bem devagar, e ligou o aparelho.

— Uau! Papai Noel! Nunca esperei que fosse encontrar o senhor bem na porta do meu apartamento! Trazendo um presente ainda por cima!... E olhe que eu nem tenho chaminé.

Ele jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

Eve gemeu baixinho, virou de lado e esticou o corpo. Eles não haviam conseguido chegar à cama e tinham arrancado as roupas um do outro no chão mesmo. Ela se sentia doída, consumida e fabulosa.

— Isso foi muito bom como preliminar.

Ao lado dela, Roarke deu uma risada e fez deslizar a ponta de um dedo por um dos seus seios quentes e ainda úmidos.

— Eu estava pensando a mesma coisa, querida. Mas, antes, quero abrir o meu presente de Natal.

— Ué, não foi isso que acabamos de fazer? — Ela riu, se sentou e passou as mãos pelo cabelo. — Prometo que no ano que vem...

Parou de falar ao ouvir a voz de Peabody, que vinha de um monte de roupas largadas:

*Uau! Papai Noel! Nunca esperei que fosse encontrar o senhor bem na porta do meu apartamento!*

— Meu Deus, ó meu Deus! — Ela já estava em pé, pegando as roupas e enfiando as calças. — Alerta geral, alerta geral! Policial precisa de ajuda! Meu Deus, Roarke.

Ele estava enfiando a calça com uma das mãos e pegando o *tele-link* portátil com a outra.

— Vamos embora! Rápido! Confirmamos o chamado pelo caminho!

— Eu estava esperando por você — disse-lhe Simon. — Tenho um presente muito especial.

Enrole um pouco, enrole, enrole.

— O senhor pode me dar uma dica?

— Alguém que ama você escolheu algo só para lhe dar. — Ele foi em direção a ela, e Peabody tentou manter o sorriso no rosto ao mesmo tempo que tentava, freneticamente, abrir os botões do casaco.

— É mesmo? — perguntou ela. — E quem é que me ama?

— Papai Noel ama você, Delia. Linda Delia.

Peabody viu o braço dele subir e vislumbrou a seringa de pressão na palma de sua mão. Girando o corpo, levantou o cotovelo para bloqueá-lo, enquanto continuava apalpando a lã do casaco em busca da arma.

— Menina levada! — A respiração dele ficou ofegante quando ele a empurrou contra a parede. Ela contra-atacou, dando-lhe um soco, mas acertou na caixa. Então sentiu que a arma estava presa entre o seu corpo e a parede.

— Saia de cima de mim, seu filho-da-mãe! — Esquivou-se e colocou o pé atrás do tornozelo dele, tentando empurrá-lo para trás e se xingando por ter bebido aquele último drinque. Sentiu a rápida picada no pescoço ao mesmo tempo que o viu tombar de costas no chão.

— Droga, droga! — ela conseguiu dizer enquanto dava dois passos para o lado e sentiu-se escorregar pela parede como se não tivesse osso algum.

— Veja o que você fez! Veja só isso! — Ralhando com ela, ele abriu a sua bolsa em busca do cartão para abrir a porta. — Você pode ter quebrado alguma coisa. Vou ficar muito zangado se você tiver quebrado alguma das minhas coisas. Agora seja uma boa menina e vamos entrar.

Ele a pegou do chão, arrastou-a até a porta, abriu a fechadura e simplesmente a deixou tombar.

Peabody sentiu o baque, mas era uma sensação distante, como se o seu corpo estivesse envolto por uma camada de espuma. Sua mente gritava para que ela se movesse e a mensagem era tão alta dentro de sua cabeça que ela se imaginava saltando como uma mola, mas na verdade nem sentia as pernas.

Ouviu, como se fosse a distância, quando ele entrou e fechou a porta.

— Agora vou levar você para a cama. Tenho muito trabalho pela frente. Já está quase na hora do Natal, sabia? Meu amor... — murmurou e carregou-a para o quarto como se ela fosse uma

boneca de pano.

— Não quero nem saber dessa história de pouca gente de plantão nem de veículos indisponíveis — berrou Eve no *tele-link.* — A policial Peabody está em perigo! Em perigo, sua andróide de merda!

*Palavrões são inaceitáveis nesta freqüência, tenente Eve Dallas. Esta ofensa está registrada. As viaturas vão ser enviadas para o local. Tempo estimado de chegada: doze minutos.*

— Ela não tem doze minutos! Se ela ficar ferida, sua babaca metálica, eu vou pessoalmente até aí para arrancar cada um dos seus circuitos. — Bateu com força no *tele-link.* — Andróides! Eles colocaram andróides para atender as emergências, e também na recepção, e em toda parte, por causa do Natal. Meu Deus, Roarke, você não consegue que isso aqui voe mais depressa não?

Ele já estava a cento e oitenta por hora, zunindo através da cerrada cortina de geada. Mesmo assim, acelerou ainda mais.

— Estamos quase lá, Eve. Vamos chegar a tempo.

Ela estava sofrendo uma agonia terrível, ouvindo a voz de Simon pelo comunicador. Conseguia imaginar a cena claramente.

Ele estava amarrando-a e cortando com todo o cuidado as suas roupas.

A boca de Eve ficou seca.

Ele estava passando spray no corpo dela para deixá-la limpa e perfeita.

Eve saiu do carro antes mesmo de ele parar de todo. Suas botas escorregaram no piso gelado e ela patinou de leve, mas retomou o equilíbrio de imediato e correu para o portão. Como suas mãos estavam tremendo, precisou de duas tentativas para abrir a fechadura.

Quando subiu as escadas correndo, Roarke estava ao lado dela.

Finalmente, a distância, ouviu o barulho das sirenes.

Eve enfiou o cartão mestre na fechadura e empurrou a porta.

— Polícia! — Com a arma na mão, correu para o quarto.

Os olhos de Peabody estavam arregalados, mas ela parecia tonta. Nua e amarrada, tremia violentamente com o ar gelado que entrava pela janela aberta.

— Ele fugiu pela escada de incêndio — avisou ela. — Escapou pela janela. Eu estou bem.

Eve hesitou por um décimo de segundo, e então correu para a janela.

— Fique com ela — gritou para Roarke.

— Não, não! — Balançando a cabeça freneticamente, Peabody tentou se soltar das cordas. — Ela vai matá-lo, Roarke. Ela está a fim de matá-lo. Tente impedi-la.

— Agüente firme aí. — Roarke pegou um cobertor no chão, atirou-o em cima de Peabody e saiu pela janela atrás de Eve.

Seus tornozelos doeram quando ela saltou os dois últimos degraus da escada e seus pés escorregaram no chão liso. Ela caiu em cima de um dos joelhos, mas se levantou depressa. Podia vê-lo correndo para leste, meio desengonçado, com a roupa vermelha brilhando na noite como um farol.

— Polícia! Pare onde está! — Mas Eve já estava correndo atrás dele, sabendo que dar aquela ordem era perda de tempo.

Havia milhares de abelhas zunindo em seus ouvidos e muitas delas lhe pinicavam a pele. Em sua barriga girava uma bola de ódio tão dura e amarga que chegava a doer. Em um movimento deliberado, prendeu a arma no cinto. Queria derrubá-lo com as próprias mãos.

Pulou sobre ele como um tigre em plena caça, lançou-o no chão com força, de barriga para baixo, e fez o rosto dele arrastar na calçada enquanto escorregava.

Então começou a socá-lo violentamente, em golpes constantes, embora nem conseguisse sentí-los. Xingava-o em meio a rugidos roucos que também não podia ouvir.

E de repente, colocando-o de costas no chão, pegou a arma e a encostou em sua garganta.

— Eve. — Roarke parou onde estava, a meio metro dela, e manteve a voz calma.

— Eu lhe disse para cuidar dela. Fique fora disso! — Olhou para o rosto ensangüentado e choroso que estava a centímetros do seu. E que Deus a ajudasse, pois o rosto que viu foi o de seu pai.

Sua arma de atordoar estava regulada para carga máxima... não letal. A não ser que ela pressionasse o gatilho continuamente. Ela encostou o cano com mais força ainda junto da garganta dele. Queria apertar, ansiava por isso.

— Você o venceu. Você o impediu. — Sofrendo com ela, Roarke chegou bem devagar, agachou-se ao seu lado e olhou para os seus olhos. — Fazer o que pretende não é o seu estilo.

Você não é assim.

Seu dedo tremeu no gatilho. Pequenos filetes gelados se quebravam do chão congelado e lhe furavam a pele.

— Mas poderia ser — disse ela.

— Não. — Ele passou a mão com carinho sobre o cabelo dela. — Não mais.

— Não — ela estremeceu e desviou a arma. — Não mais.

Enquanto o homem embaixo dela chorava chamando pela mãe, ela se levantou. Na calçada, Simon curvou o corpo e se colocou em posição fetal. Lágrimas quentes lhe escorriam pelo rosto muito pintado.

E o tornavam digno de pena.

Arrasado, pensou Eve. Destruído. Acabado.

— Preciso que você vá buscar um policial — disse a Roarke. — Não estou com as minhas algemas.

— Eu estou com as minhas — disse Feeney, pisando na calçada com cuidado para não escorregar. — Mantive o meu comunicador ligado na freqüência de Peabody e de McNab. O garoto e eu chegamos aqui logo depois de vocês. — Olhou fixamente para ela por um momento. — Bom trabalho, Dallas. Pode deixar que eu o levo. Vá cuidar da sua auxiliar.

— Sim, está bem. — Ela enxugou sangue do rosto, sem saber ao certo se era de Simon ou dela mesma. — Obrigada, Feeney.

Roarke passou o braço sobre o seu ombro. Nenhum dos dois se lembrara de vestir um casaco. A blusa de Eve estava encharcada e ela começou a tiritar de frio.

— Vamos para a frente do prédio ou voltamos pela escada de incêndio? — perguntou Roarke.

— Pela escada. — Eve olhou para o alto, para os degraus de ferro que estavam bem acima de sua cabeça. — É mais rápido. Você me dá um empurrãozinho e eu puxo você depois.

Ele uniu as mãos, levantou-a assim que ela pisou no degrau de ferro e ficou olhando quando ela impulsionou o corpo com agilidade e alcançou a pequena plataforma.

— Vou esperar por você na entrada — disse-lhe ele. — Você deve estar querendo um momento a sós com ela.

— Sim, estou mesmo. — Eve ficou ali ajoelhada, ao vento. Seu nariz estava começando a escorrer por causa do frio e do turbilhão de emoções que continuavam a agitá-la por dentro. —

Não consegui apertar o gatilho, Roarke. Me perguntava o tempo todo se conseguiria. Temia que conseguisse, mas na hora H não pude fazê-lo.

— Eu sei. Você cresceu ao seu modo, Eve. — Ele esticou o braço e apertou com força a mão que ela lhe estendia. — Agora entre que você está congelando. Vou esperar no carro.

Fora mais fácil, percebeu Eve, sair pela janela do que se convencer a voltar por ela. Teve de respirar fundo duas vezes, mas levantou a esquadria e passou a perna por sobre o peitoril.

Peabody estava sentada na cama, enrolada no cobertor e com o braço de McNab, que estava branco como papel, em volta do ombro.

— Ela está bem — avisou ele depressa. — Ele não conseguiu... Ela está apenas abalada. Mandei os policiais ficarem ali fora.

— Ótimo! Está tudo sob controle aqui, McNab. Vá para casa e descanse um pouco.

— Eu... eu posso dormir no sofá, se você quiser — disse a Peabody.

— Não. Obrigada. Sério, eu estou bem.

— Então eu vou... — Ele não tinha a mínima idéia do que fazer nem de como fazê-lo, e se levantou de forma desajeitada. — Devo me apresentar só amanhã cedo, então, para fazer o relatório?

— Pode deixar para depois de amanhã. Curta o seu Natal, McNab. Você merece.

Ele conseguiu dar um sorriso curto para Eve.

— Sim — concordou. — Acho que todos nós merecemos. Vejo vocês depois de amanhã, então.

— Ele foi muito legal comigo. — Peabody soltou um longo suspiro depois que ele saiu do quarto. — Manteve todo mundo lá fora, me soltou e me ajudou a sentar. Depois fechou a janela porque estava frio. Muito frio. Nossa! — Cobriu o rosto com as mãos.

— Você quer que eu a leve a um hospital?

— Não, estou legal. Só um pouco zonza ainda. O pior foi eu ter tomado alguns drinques antes de vir para casa. Você o pegou, não pegou?

— Sim, eu o peguei.

Peabody deixou as mãos caírem no colo. Fez um esforço para manter o rosto sem expressão e calmo, mas seus olhos pareciam muito sérios.

— Ele está vivo?

— Sim.

— Que bom. Eu achei que...

— Eu também. Mas não fiz isso.

Subitamente, as lágrimas começaram a descer pelo rosto de Peabody.

— Droga, puxa vida! Vai começar a choradeira — disse, olhando para Eve.

— Pode chorar. — Eve se sentou ao seu lado na cama, abraçou-a e a manteve junto de si enquanto as lágrimas desciam.

— Eu fiquei tão apavorada, tão apavorada! Não imaginei que ele fosse tão forte. Não consegui sacar a minha arma.

— Devia ter fugido.

— Você teria feito isso? — Ela prendeu o ar por um momento, ainda soluçando, e o soltou em seguida. Elas duas sabiam a resposta para aquela pergunta. — Eu sabia que você vinha correndo para me salvar, mas quando voltei a mim vi que estava amarrada e... pensei que você não fosse chegar a tempo.

— Você agiu muito bem. Puxou assunto com ele, o atrasou por tempo suficiente. — Eve queria continuar abraçando Peabody, agarrando-se àquela força que ela desprendia. Em vez disso se levantou.

— Quer um calmante ou algo assim? Você pode tomar um indutor de sono, se quiser. Ele só usa calmantes leves.

— Não, é melhor não. Álcool misturado com calmantes já faz um estrago suficiente e não quero piorar as coisas com um remédio para dormir.

— Vou liberar os guardas que estão na sua porta. Quer que eu chame alguém para lhe fazer companhia durante a noite?

— Não. — A distância entre elas já estava se formando novamente, notou Peabody. Pouco a pouco. — Dallas, eu sinto muito pelo que aconteceu ontem à noite.

— Essa não é uma boa hora para conversarmos a respeito disso.

Peabody manteve-se firme e balançou o cobertor, abrindo-o e fechando-o.

— Não estou de farda, portanto não é a ajudante que está falando com a oficial superior. Isso

significa que eu posso dizer o que bem entender. Não gostei das coisas que você disse, Dallas. Continuo não gostando. Mas fico feliz por você se importar tanto comigo a ponto de dizê-las. Não estou arrependida por ter reclamado na hora, mas sinto muito o fato de não ter visto aquilo como a preocupação de uma amiga.

Eve esperou um instante e disse:

— Tudo bem, mas se um dia você contratar doze acompanhantes licenciados e transar até ficar vesga, vou querer saber dos detalhes.

Peabody fungou e conseguiu exibir um sorriso aguado.

— Essa é apenas uma pequena fantasia minha. Não ganho tanto para contratar doze de uma vez só. Mas a minha outra pequena fantasia foi realizada esta noite. Roarke me viu nua.

— Eu, hein, Peabody! — Dando uma risada trêmula, Eve a abraçou novamente, e dessa vez manteve o abraço. — Está tudo bem agora.

Ela parecia tão firme, pensou Roarke ao vê-la sair. Tão responsável e com o controle de tudo enquanto ficava ali parada em meio ao vento gélido com a blusa empapada, sem casaco, dando ordens aos policiais na porta do edifício.

Havia sangue em suas mãos. Ele duvidava muito que ela tivesse consciência disso.

Uma onda de amor o atingiu em cheio no instante em que ela passou uma das mãos manchadas pelo cabelo e começou a caminhar em direção ao carro.

— Você quer ficar aqui com ela?

— Não, ela está bem — disse Eve, acomodando-se no calor do carro. — É uma boa tira.

— Você também é. — Ele levantou-lhe o rosto e levou os lábios até os dela em um beijo suave, doce e comovente.

Ela piscou e colocou a mão sobre a dele, perguntando:

— Que horas são?

— Quase meia-noite.

— Então torne a me beijar. — Ela juntou a sua boca à dele, acomodou-se e suspirou de leve, dizendo:

— Esta é mais uma lembrança para colocarmos na nossa caixa... e o começo de uma tradição.

Feliz Natal!